«José Milhazes viu a URSS dar lugar à Rússia, chegou com Brejnev e saiu com Putin.» **NUNO PACHECO, PÚBLICO**

«Como leitor estou-lhe profundamente agradecido.»
JAIME GAMA

A MAIS BREVE HISTÓRIA *da* RÚSSIA

DOS ESLAVOS A PUTIN

José Milhazes

Ficha Técnica

Título: A Mais Breve História da Rússia – Dos Eslavos a Putin
Autor: José Milhazes
Tradução do poema de Fiódor Tiútchev: Vladimir Pliassov e João Paulo Moreira, Centro de Estudos Russos – Universidade de Coimbra
Edição: Duarte Bárbara
Revisão: Margarida Campos
ISBN: 9789722074353

Publicações Dom Quixote
uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2021, José Milhazes e Publicações Dom Quixote
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.dquixote.leya.com
www.leya.pt

Este livro segue a grafia anterior ao acordo ortográfico de 1990.

Índice

Capa

Ficha Técnica

Cronologia

Preâmbulo – Rússia: país ou continente?

1. RUS – O INÍCIO DA RÚSSIA (século vi a.C.-1147)

2. O GRÃO-DUCADO DE MOSCÓVIA – ESTADO RUSSO (1147-1721)

3. IMPÉRIO RUSSO (1721-1917)

4. UNIÃO SOVIÉTICA (1917/1922-1991)

5. FEDERAÇÃO DA RÚSSIA (1991-actualidade)

Créditos fotográficos

Bibliografia aconselhada

JOSÉ MILHAZES

A MAIS BREVE HISTÓRIA DA RÚSSIA

DOS ESLAVOS A PUTIN

Não se pode com a mente a Rússia alcançar,
Nem dela com régua uma ideia fazer:
Porque não tem no mundo par –
Na Rússia apenas se pode crer.
Fiódor Ivánovitch Tiútchev

CRONOLOGIA

RUS – O INÍCIO DA RÚSSIA
(século VI a.C.-1147)

Séc. VI a.C. – Primeira menção do povo ros/rusy
862 – Ano do reconhecimento de Riurik senhor da Rus
944 – Tratado do príncipe Igor com Bizâncio
957 – Visita da princesa Olga a Constantinopla
988 – Início do baptismo da Rus
1116 – Publicação de *Crónica dos Anos Passados*
1147 – Primeira menção de Moscovo nas crónicas russas

O GRÃO-DUCADO DE MOSCÓVIA – ESTADO RUSSO (1147-1721)

1188 – Ano da publicação de *A Gesta do Príncipe Igor*
1223 – Batalha do Rio Kalka
1240 – Tártaro-mongóis conquistam Kiev
1242 – «Matança no Gelo»
1243 – Formação da Horda de Ouro
1360/70 – Nasce o pintor russo Andrei Rublov
1367 – Edificação da muralha de pedra do Kremlin em Moscovo
1380 – Batalha de Kulikov
1428 – Morte de Andrei Rublov
1480 – Fim do domínio tártaro-mongol
1547 – Coroação de Ivan, *o Terrível*
1552 – Conquista de Kazan aos tártaros
1555-61 – Edificação da Catedral de São Basílio
1558-83 – Guerra da Livónia
1565-72 – Opritchniki
1569 – Criação da união Rzeczpospolita

1580 – Yermak Timofeyevich inicia a conquista russa do Canato da Sibéria
1589 – Instituição do Patriarcado em Moscovo
1598 – Morte de Fiodor Ivanovitch e fim da dinastia dos Rurikovitch
1604 – Invasão da Rússia por tropas polacas
1612 – Conquista de Moscovo pelas tropas russas
1613 – Eleição do czar Mikhail Romanov e início da dinastia homónima
1639 – Os russos chegam ao Pacífico
1652 – Nikon nomeado patriarca de Moscovo
1654 – Unificação da Rússia e da Ucrânia
1670-71 – Guerra camponesa dirigida por Stepan Razin
1682 – Revolta dos arqueiros em Moscovo
1696 – Início do reinado de Pedro I
1697-98 – Primeira viagem de Pedro I pela Europa Ocidental
1700-21 – Guerra do Norte entre a Rússia e a Suécia
1709 – Batalha de Poltava
1710 – Batalha de Narva
1721 – Assinatura de tratado de paz entre a Rússia e a Suécia

IMPÉRIO RUSSO (1721-1917)

1721 – Pedro I é proclamado imperador
1725 – Morte de Pedro I
1727 – Morte de Catarina I
1730 – Morte de Pedro II
1740 – Morte de Ivan V. Golpe palaciano que termina com a coroação de Anna Leopoldovna
1741 – Golpe palaciano que leva ao trono Elizaveta Petrovna, filha de Pedro, *o Grande*
1755 – Fundação da Universidade de Moscovo
1762 – Assassinato de Pedro III e entronização de Catarina II
1773-75 – Primeira divisão da Polónia
1773-75 – Revolta de Emilian Pugatchov
1783 – Conquista da Crimeia pela Rússia
1788-90 – Guerra Russo-Sueca
1793 – Segunda divisão da Polónia

1795 – Terceira divisão da Polónia
1796 – Morte de Catarina II
1801 – Golpe palaciano: Paulo I é assassinado e sucede-lhe o filho Alexandre
1805 – Batalha de Austerlitz
1807 – Paz de Tilzit
1812 – Invasão da Rússia pelas tropas napoleónicas
1812 – Batalha de Borodino
1814 – Entrada das tropas russas em Paris
1814-15 – Congresso de Viena
1825 – Revolta dos Dezembristas em São Petesburgo
1853-56 – Guerra da Crimeia
1861 – Abolição da servidão
1874 – Primeira «ida para o meio do povo» pelos populistas
1877-78 – Guerra Russo-Turca
1881 – Alexandre II é assassinado
1896 – Entronização de Nicolau II. Tragédia de Khodynka.
1898 – I Congresso do Partido Social-Democrata Operário da Rússia
1904-05 – Guerra russo-nipónica
1905 – «Domingo sangrento»
1905 – Formação do Primeiro Soviete
1905 – Revolta no couraçado «Potemkin»
1905 – Manifesto de Outubro de Nicolau II
1906 – Início da reforma agrária de Piotr Stolypin
1914 – Início da Primeira Guerra Mundial
1916 – Assassinato de Rasputin
1917 – Revolução de Fevereiro e Fim da Monarquia na Rússia. Formação do Governo Provisório
1917 – I Congresso dos Sovietes de Operários e Soldados de Toda a Rússia
1917 – Golpe de Estado dos bolcheviques e derrube do Governo Provisório

UNIÃO SOVIÉTICA (1917/1922-1991)

1917 – Decretos dos Sovietes sobre a Paz e a Terra. «Declaração dos Direitos dos Povos da Rússia»
1917 – Eleições para a Assembleia Constituinte
1917 – Criação da Comissão Extraordinária para a Luta Contra a Contra-Revolução (TCHEKA)
1918-22 – Guerra civil no território do antigo Império Russo
1918 – Dissolução da Assembleia Constituinte
1918 – Assinatura da Paz de Brest
1920 – Fim do bloqueio da *Entente* à Rússia Soviética
1921 – Revolta de Kronstadt
1921 – X Congresso do PCR (b). Aprovação da «Nova Política Económica»
1922 – Formação da URSS
1924 – Lenine morre
1928 – Aprovação do Primeiro Quinquénio. Início da industrialização na URSS
1930 – Início da colectivização total
1939 – Assinatura do Pacto Molotov-Ribbentrop
1939 – Início da Segunda Guerra Mundial
1939-40 – Guerra Soviético-Finlandesa
1940 – Ocupação soviética da Letónia, Lituânia e Estónia
1941 – Invasão da URSS pela Alemanha nazi. Início da Grande Guerra Patriótica
1945 – Assinatura da rendição total da Alemanha
1945-46 – Processo de Nuremberga
1949 – Primeiro ensaio da bomba atómica na URSS
1953 – Estaline morre
1955 – Criação da Organização do Tratado de Varsóvia
1956 – XX Congresso do PCUS. Início da destalinização na URSS
1956 – Revolução Húngara é reprimida
1957 – Lançamento do primeiro satélite artificial da Terra pela URSS
1961 – Viagem do primeiro cosmonauta, Iúri Gagarin, ao Espaço
1968 – Primavera de Praga. Invasão da Checoslováquia por tropas do Pacto de Varsóvia
1972 – Assinatura em Moscovo do acordo «Bases das Relações entre a URSS e EUA». Início da política de desanuviamento

1974 – Expulsão de Alexandre Soljenitzin da URSS
1975 – Conferência de Helsínquia sobre segurança e cooperação na Europa
1979 – Início da intervenção militar soviética no Afeganistão
1980 – Jogos Olímpicos de Moscovo
1985 – Eleição de Mikhail Gorbatchov para o cargo de secretário-geral do PCUS
1985 – Encontro de Mikhail Gorbatchov com Donald Reagan em Genebra
1986 – Catástrofe nuclear na Central Atómica de Chernobyl
1987 – Início da «Perestroika» na URSS
1989 – I Congresso de Deputados da URSS, eleitos em escrutínio mais ou menos livre
1990 – Aprovação da Declaração de Independência da Rússia
1991 – Eleição de Boris Ieltsin presidente da Rússia
1991 – Tentativa de golpe de Estado para derrubar M. Gorbatchov

FEDERAÇÃO DA RÚSSIA (1991-actualidade)

1991 – Fim da URSS e formação da Comunidade de Estados Independentes
1992 – Declaração russo-americana sobre o fim da Guerra Fria
1993 – Distúrbios em Moscovo. Ocupação do edifício do Soviete Supremo da Rússia
1994-96 – Primeira Guerra da Chechénia
1997 – Retirada das tropas russas da Chechénia
1998 – Crise financeira
1999-2009 – Segunda Guerra da Chechénia
1999 – Boris Ieltsin renuncia ao cargo de presidente da Rússia e nomeia Vladimir Putin presidente interino
2000 – Vladimir Putin eleito presidente da Rússia
2000 – Explosão no submarino nuclear *Kursk*
2000 – Rússia ratifica o tratado russo-americano SALT-2
2000 – Actos terroristas em várias regiões da Rússia
2005 – Rússia testa com êxito o míssil Topol-M
2006 – Tropas russas liquidam Chamil Bassaev, um dos principais líderes da guerrilha chechena

2007 – Vladimir Putin pronunciou o «Discurso de Munique», que deu início a uma nova política externa russa
2008 – Eleição de Dmitri Medvedev presidente da Rússia. Putin passa a ocupar o cargo de primeiro-ministro
2008 – Tropas russas invadem a Geórgia e ocupam as repúblicas separatistas da Ossétia do Sul e da Abcásia
2008 – Início da crise financeira mundial
2009 – «Guerra do gás» entre Rússia e Ucrânia
2011 – Manifestações contra a falsificação da eleição da Duma Estatal em Moscovo e noutras cidades russas
2012 – Putin e Medvedev trocam de cargos
2012 – Manifestação em Moscovo termina em confrontos e detenções
2012 – Rússia adere à Organização Mundial do Comércio
2013 – Manifestações de protesto na Ucrânia contra o presidente Viktor Ianukovitch
2014 – Viktor Ianukovitch foge de Kiev e o poder muda para as forças políticas pró-ocidentais
2014 – Rússia anexa a Península da Crimeia.
2014 – Avião de passageiros malaio é abatido nos céus de Donetsk
2015 – Assassinato do político liberal Boris Nemtsov em Moscovo
2015 – Rússia envia tropas para a Síria
2018 – Putin é reeleito pela quarta vez presidente da Rússia
2020 – Referendo sobre emendas constitucionais, que, entre outras coisas, permite a Vladimir Putin ficar no poder até à morte
2020 – Tentativa de envenenamento de Alexei Navalny
2024 – Termo do quarto mandato presidencial de Putin

PREÂMBULO
Rússia: país ou continente?

A Rússia dos nossos dias abrange um enorme território com uma área aproximada de 17 milhões de km^2, atravessado por mais de dez fusos horários, com terras eternamente congeladas, densas florestas e infindas estepes, extensos rios e lagos, fazendo fronteira com 16 países. Foi palco de inúmeros acontecimentos e conflitos, de expansões e invasões, de conquistas e derrotas, mas soube preservar o seu principal núcleo, uma civilização com um papel de charneira entre a Europa e a Ásia, detentora de uma cultura rica e de uma massa humana que se distingue em muitos domínios do conhecimento e das artes. A extensão e diversidade deste enorme território, que alcança os limites geográficos da Eurásia, torna a Rússia, aos olhos de muitos, difícil de ser entendida como um país, mas a uniformidade das suas características civilizacionais desaconselha a que se tenha dela visões redutoras.

Foi difícil escrever este livro, pois uma breve história implica uma selecção dos factos mais importantes, o que lhe dá um cunho muito pessoal e subjectivo. Mas o seu objectivo é meritório, pretende dar ao leitor uma ferramenta útil para a compreensão da vida passada e presente do maior país do mundo. Saber como surgiu e se desenvolveu um país que ao longo da sua história teve vários nomes – Rus, Moscóvia, Império Russo, União Soviética, Federação da Rússia –, conhecer como nesse território coexistiram, e ainda coexistem, cerca de 160 povos com culturas muito diversas, indagar sobre as personagens, acontecimentos e feitos mais marcantes da história do povo russo. São estes e outros temas o que o leitor encontrará em *A Mais Breve História da Rússia*.

Após a leitura do livro o leitor poderá decidir com qual das opiniões dos escritores clássicos russos se identifica mais, sendo que elas não são necessariamente conflituantes entre si:

*

Um problema difícil apresenta-se incessantemente ao russo: o dilema de organizar o seu vasto território. A imensidão da Rússia e a ausência de limites ficou gravada na estrutura da alma russa. O panorama da alma russa corresponde ao panorama da Rússia, a mesma falta de limites, falta de formas, alcançando a infinidade.

Nikolai Berdiáev, filósofo

*

Estou longe de admirar tudo o que vejo a meu redor... Mas juro por minha honra que por nada no mundo eu gostaria de trocar a minha pátria ou de ter qualquer história diferente daquela de nossos ancestrais, como Deus nos deu.

Alexandre Puchkin

*

É a nossa apatia russa: não sentir as responsabilidades advindas dos nossos direitos e consequentemente negá-las.

Lev Tolstói

1.

RUS – O INÍCIO DA RÚSSIA
(século VI a.C.-1147)

QUAL A ORIGEM DOS ESLAVOS?

Em tempos remotos, que alguns situam como sendo anteriores a Cristo, tribos predominantemente guerreiras povoavam a Europa Oriental. Eram os chamados povos eslavos, nos quais os russos têm as suas raízes, destacando-se actualmente como o mais numeroso povo entre os Eslavos, contando com mais de 140 milhões de almas. Por isso, antes de nos debruçarmos sobre a História da Rússia, é necessário saber um pouco mais sobre esses antepassados dos russos.

Os Eslavos constituem o maior grupo linguístico da Europa actual, com línguas diversas que têm em comum uma mesma origem. Do ponto de vista geográfico, das regiões onde essas comunidades se estabeleceram e também das suas afinidades linguísticas, podemos identificar três ramos distintos: os eslavos ocidentais (polacos, checos, eslovacos, cassubianos e lusácios); os meridionais (búlgaros, sérvios, croatas, bósnios, macedónios, eslovenos e montenegrinos) e os orientais (bielorrussos, russos, ucranianos, russinos).

São numerosas as teses sobre a etimologia da palavra «eslavo» [«славяне» (slaviane)]. Uma delas refere que eslavo terá origem em «slovo» («слово»), que significa «palavra», ou seja, os eslavos seriam pessoas com o dom da palavra, ao contrário de outros povos, que se exprimiam numa linguagem pobre e pouco articulada, emitindo por vezes sons incompreensíveis. Uma outra tese sustenta que «eslavo» estará ligado às tribos dos vénedos citadas por autores latinos e é lido como sla + vene (ou seja, os embaixadores dos vénedos). Por outro lado, há ainda quem defenda que a etimologia da palavra terá origem na raiz indo-europeia «kleu», que, entre outras coisas, quer dizer «slava», com o sentido de popular, conhecido, famoso. Diz ainda uma outra explicação que a palavra

estará associada ao nome de rios que correm nas terras em que se instalaram os antigos eslavos: Slavutitch (nome lendário do rio Dniepre), o Sluya, na Rússia, e o Slavnitsa, na Sérvia. Por fim, alguns mantêm que terá origem na palavra indo-europeia «slauos», que significa povo.

Pensa-se que os antepassados dos eslavos habitavam a região setentrional das montanhas dos Cárpatos e que, do século VI a.C. em diante, se expandiram para sul, até à península dos Balcãs; para norte e leste ocuparam a planície europeia oriental; para ocidente atingiram a região intermédia do rio Danúbio e a região entre os rios Oder e Elba. A norte, tinham como vizinhos os bálticos e os alemães; a leste, os citas e os sármatas, que eram povos de tribos iranianas; a sul, os ilírios e os trácios; e finalmente a oeste, os celtas.

Nas suas obras, autores clássicos como Plínio, o Velho, e Ptolomeu mencionam a tribo dos vénedos na Germânia, estabelecida nas proximidades do rio Vístula. Tácito, na sua obra *Germânia* (98 d.C.), fala deles a leste dos rios Reno, Elba e Oder, e a oeste do rio Vístula:

> Realmente, alguns deles não vestem nem sequer camisas ou capas, mas usam as suas calças para que as suas partes íntimas estejam escondidas quando combatem com os seus adversários... São todos excepcionalmente altos e vigorosos, enquanto os seus corpos e cabelos não são nem totalmente claros ou louros, nem de facto tendem inteiramente para o tipo escuro, mas são todos levemente avermelhados na cor.

Os eslavos, sob o nome de vénedos, antas ou esclavenos, aparecem em fontes bizantinas do início do século VI. O termo bizantino «sklavinoi» passou para a língua árabe como «sagaliba» para designar mercenários e escravos, tendo entrado no português e noutras línguas europeias como «escravo».

Os povos eslavos eram pagãos, politeístas, e, mais tarde, devido a diversas vicissitudes históricas, converteram-se ao cristianismo ortodoxo, ao catolicismo ou ao islão.

Os eslavos adorando os seus deuses.

RUS: A NASCENTE DA RÚSSIA (862-1125)

A origem dos nomes «Rússia» e «russos» continua a provocar discussões entre os académicos. É relativamente consensual que os russos, os ucranianos e os bielorrussos tenham na sua génese a união de treze tribos de eslavos orientais que passaram a habitar a região do rio Dniepre e do lago Ilmen. É provável que esse processo possa ter ocorrido no século VI, quando houve uma grande vaga de colonização da Europa do Leste por tribos eslavas.

Entre essas tribos, destacam-se, pelo número e pela força, os polianos. No território que ocupavam nas margens do Dniepre vivia um povo: os rus, que tinham como núcleo urbano principal a cidade de Kiev. Esse povo foi assimilado, mas deixou como herança o seu próprio nome, que veio, mais tarde, a dar origem às palavras «Rus», «russkie» (russos) e «Rossya» (Rússia).

A agricultura e a pastorícia eram as principais ocupações dessas tribos. Porém, nos séculos VIII e IX, o desenvolvimento do artesanato e do comércio levou à construção de cidades situadas principalmente nas margens e locais de afluência de rios, a principal via de comunicação da altura. A rota comercial mais conhecida era a «dos varegues [*vickings*] até aos gregos», que tinha a norte a cidade de Novgorod e, a sul, a de Kiev.

A formação do primeiro Estado russo estende-se por décadas. Segundo a chamada teoria normanda sobre a origem do antigo Estado russo, os

habitantes de Novgorod, em 862, não encontrando entre eles alguém que pudesse pôr ordem na cidade, decidiram convidar o «knyaz» (príncipe) Riurik para os governar. Este chefe militar não era eslavo, mas normando, «varegue», que no russo antigo significava estrangeiro, estranho.

Os varegues não constituíam propriamente uma nacionalidade, antes se assumiam como um povo ligado por interesses guerreiros. Entre eles havia homens de diferentes grupos étnicos, embora prevalecessem os escandinavos. Os varegues juntavam-se em esquadrões para fazer expedições de pilhagem um pouco por toda a Europa. Riurik era chefe de um desses esquadrões. No seio destes havia uma hierarquia, cuja cúpula irá dar origem a uma casta com características de nobreza. À medida que o poder do príncipe se consolidava, os esquadrões serviam para defender as fronteiras do Estado, alargar os seus territórios, lutar contra o separatismo de príncipes locais e boiardos (nobres), bem como para esmagar os levantamentos dos camponeses.

Após a morte de Riurik, em 879, o poder em Novgorod passou para as mãos do irmão, o príncipe Oleg, que conquistou Kiev e transferiu para essa cidade a capital da Rus. Em 907, organizou com êxito uma expedição militar contra Bizâncio, tendo recebido tributo e assinado um tratado comercial vantajoso.

O seu sucessor foi Igor (reinou de 912 a 945), filho de Riurik, que submeteu ao seu poder as tribos dos eslavos orientais. Em 945 foi assassinado pelos drevelianos, quando lhes tentou cobrar novamente impostos. A sua mulher, a princesa Olga, para vingar a sua morte tornou essa cobrança fixa.

O convite dos Varegues: Riurik e irmãos chegam a Staraia Ladoga.

Desconhece-se o ano exacto do nascimento de Olga, algures entre 920 e 925, mas não há dúvida quanto ao lugar onde nasceu: a aldeia de Vybuty na região de Pskov. Olga tinha origens humildes, e Igor apaixonara-se por ela quando caçava nos arredores de Pskov.

Quando os drevelianos lhe mataram o marido, o seu filho Sviatoslav, que veio a reinar entre 945 e 972, tinha apenas três anos. Por isso, a princesa teve de assumir o poder enquanto o príncipe herdeiro não atingia a maioridade.

Olga começou por se vingar da morte do marido. Logo a seguir ao assassinato de Igor, os drevelianos enviaram uma embaixada para convencer a princesa a desposar o seu chefe, o príncipe Mala, no intuito de unir as duas coroas e formar assim o maior e mais poderoso Estado da época.

A princesa Olga ordenou que fossem enterrados vivos para que ninguém duvidasse de que a morte deles fora ainda mais horrível do que a do marido. Depois, comunicou a Mala achar-se digna de que os pretendentes ao matrimónio fossem os drevelianos mais fortes. O príncipe aceitou a proposta, mas Olga veio a queimá-los vivos por ocasião de um banho russo quando se preparavam para o encontro com ela. Mais tarde,

acompanhada de um pequeno esquadrão, dirigiu-se à terra dos drevelianos, para, segundo a tradição, organizar um banquete junto do túmulo do marido. Depois de conseguir embebedar os guerreiros drevelianos, ordenou aos seus soldados que os matassem. Segundo os registos da época, terão sido assassinados cinco mil drevelianos.

Na sequência desses confrontos, em 946 Olga invadiu o território dos drevelianos, cercou-lhes a capital e lançou contra ela aves com substâncias incendiárias presas nas pernas. Como a maioria das casas era de madeira, a cidade ardeu completamente. Os drevelianos, derrotados, viram-se obrigados a pagar o tributo à Rus.

Uma vez que o seu filho Sviatoslav passava a maior parte do tempo em campanhas militares, a princesa continuou a governar e a realizar uma série de reformas importantes com vista a cobrar impostos de forma regular e definida. Percebendo que as fortalezas e casas de madeira ardiam facilmente, Olga deu início à construção de edifícios de pedra na Rus, o primeiro dos quais foi o seu palácio.

Mais tarde, em 955, Olga converteu-se ao cristianismo. Segundo algumas fontes, terá ido a Constantinopla, onde foi baptizada pelo próprio imperador Constantino VII. Regressada a Kiev, tentou converter o filho, mas sem êxito. Porém, mandou construir dezenas de templos cristãos e apoiou a conversão do seu povo, até então pagão.

Olga, primeira santa ortodoxa russa.

A nobreza não recebeu bem a religião cristã, o que impediu Olga de a tornar a religião do Estado, mas a princesa, à revelia do filho e dos nobres, transmitiu a sua fé aos netos, Iaropolk e Vladimir.

A princesa entregou o poder ao filho Sviatoslav em 960 e faleceu nove anos depois. Foi canonizada em 1547. É venerada não só entre cristãos ortodoxos, mas também entre católicos.

O BAPTISMO DA RUS

Ao regressar a Kiev depois de uma expedição militar malsucedida contra Bizâncio (971), Sviatoslav foi assassinado pelos pechenegues, povo nómada das estepes da Ásia Central, de língua turca. À sua morte seguiu-se uma guerra entre os filhos pelo trono, de que saiu vencedor Vladimir (970-1015), que passou a dirigir a Rus.

Anos mais tarde, em 988, Vladimir fez-se baptizar e impôs o cristianismo ortodoxo em todos os seus territórios. Esta decisão teve como objectivo reforçar o poder central e consolidar a sociedade através do monoteísmo, uma fé comum num só Deus. Além disso, Vladimir sabia que o paganismo dificultava a afirmação do país no estrangeiro e os contactos internacionais porque em toda a Europa já se tinha estabelecido o cristianismo. Esse «baptismo da Rus» foi também importante do ponto de vista cultural, pois serviu como canal de transmissão da cultura bizantina. É desde então que começam a ser escritos registos históricos, de que é exemplo *A Crónica dos Anos Passados*, e obras de carácter religioso. Em resultado desses desenvolvimentos, na segunda metade do século IX, dois monges ortodoxos, Cirilo (827-869) e Metódio (815-885), criam um alfabeto que ainda hoje é utilizado por vários povos eslavos, incluindo os russos.

O «Direito Russo»

O príncipe Vladimir deixou numerosa descendência, que, após a morte do pai, começou a disputar o trono de Kiev. O filho mais velho, Sviatopolk, ocupou o trono de Kiev e matou três dos seus irmãos: Boris, Gleb e Sviatoslav. Iaroslav, um outro filho, a fim de vingar os irmãos, declarou guerra a Sviatopolk; esta guerra prolongou-se de 1015 a 1019 e terminou com a derrota deste último e consequente fuga para a Polónia.

Porém, até 1036, Iaroslav teve de dividir o país com outro dos seus irmãos, Mstislav. O primeiro ficou a governar os territórios a ocidente do Dniepre e o segundo as terras a oriente desse rio. Só depois da morte de Mstislav é que Iaroslav voltou a controlar toda a Rus.

O reinado de Iaroslav, *o Sábio* (1019-1054), constituiu sem dúvida o período áureo da Rus de Kiev. Transformou a capital numa das maiores cidades europeias, construiu templos, fundou bibliotecas e a ele se deve o primeiro código de leis entre os eslavos orientais: «O Direito Russo». Com o triunfo do cristianismo no país, o príncipe considerou importante a existência de sacerdotes e bispos que falassem o seu idioma para que a religião se tornasse mais acessível. No entanto, como Bizâncio não os pôde fornecer, organizou uma Igreja nacional, com clero autónomo.

No campo da política externa, Iaroslav realizou várias campanhas militares contra lituanos, polacos e finlandeses a fim de reforçar as

fronteiras do seu país a oeste e a norte, conseguindo derrotar os cumanos, povo nómada turcomano que ameaçava as fronteiras da Rus. Combateu também contra Bizâncio, mas sem grande êxito. Porém, conseguiu casar o seu filho Vsevolod com a filha do imperador bizantino Constantino Monómaco (Monamakh em russo), o que irá ter importantes consequências políticas e ideológicas no futuro do país. Iaroslav tentou também reforçar o papel internacional do principado, casando as suas filhas com monarcas europeus: Isabel casou-se com Harald III, rei da Noruega, Anastácia com André I da Hungria e Ana com o rei Henrique I de França, tendo sido rainha consorte desse país.

Desintegração da Rus de Kiev

Antes de morrer, em 1054, Iaroslav decidiu repartir o território do seu país pelos numerosos filhos: Izyaslav, o mais velho, ficou a governar Kiev; a Sviatoslav coube Thernigov; a Vsevolod foi entregue Pereiaslav; a Igor calhou Vladimir-Volysnki e Viatcheslav recebeu Smolensk. Os irmãos mais novos geriam as parcelas de território que herdaram de forma autónoma, mas deviam vassalagem ao mais velho, que, entre outros assuntos, tinha de resolver os diferendos entre estes.

Porém, os planos de Iaroslav falharam porque o príncipe Vseslav, filho do seu irmão mais velho, imiscuiu-se na luta para lhe suceder. O príncipe Izyaslav sucedeu-lhe no trono em conformidade com o sistema copiado de Bizâncio, segundo o qual os filhos herdavam os bens do pai mas, de acordo com a tradição russa, o trono devia passar não para o filho, mas para o irmão mais velho. Por isso, Vseslav defendia ter mais direito ao trono de Kiev do que qualquer outro.

Três dos filhos de Iaroslav juntaram então as suas tropas, derrotaram o primo e prenderam-no numa das masmorras de Kiev.

Em 1067, Izyaslav foi derrotado pelos cumanos e os habitantes de Kiev exigiram protecção, que lhes foi recusada pelo príncipe. Considerando a recusa um sinal de cobardia, os locais revoltaram-se, libertaram Vseslav e proclamaram-no príncipe. Porém, Izyaslav voltou a conquistar o trono com a ajuda de tropas polacas. Morreu num dos numerosos combates entre os senhores feudais da Rus em que se viu envolvido.

O Estado da Rus conheceu um novo período de prosperidade, embora de curta duração. Coincidiu com o reinado de Vladimir Monómaco (1113-

1125). Filho do príncipe Vsevolod e neto de Iaroslav, *o Sábio*, e do imperador bizantino Constantino IX, Vladimir foi escolhido pelos habitantes de Kiev para travar o declínio e a desintegração do país. Depois de chegar a acordo com a esmagadora maioria dos príncipes russos no designado Congresso de Dolobskoe, ainda conseguiu reforçar o poder central e pôr fim às guerras constantes entre eles, além de defender as fronteiras do país dos ataques dos cumanos.

No campo social, Vladimir aprovou várias adendas ao Direito Russo com vista a proteger os camponeses das arbitrariedades dos senhores feudais, proibindo-os de submeter à escravatura os trabalhadores do campo que lhes arrendavam as terras e recebiam emprestadas sementes para as colheitas. Autorizou os trabalhadores do campo a pagarem as dívidas com o seu trabalho, mas sempre enquanto pessoas livres. Proibiu também que houvesse empréstimos de dinheiro com juros altos.

Vladimir Monómaco, grão-príncipe da Rus de Kiev entre 1113 e 1125.

1.

RUS – O INÍCIO DA RÚSSIA
(século VI a.C.-1147)

QUAL A ORIGEM DOS ESLAVOS?

Em tempos remotos, que alguns situam como sendo anteriores a Cristo, tribos predominantemente guerreiras povoavam a Europa Oriental. Eram os chamados povos eslavos, nos quais os russos têm as suas raízes, destacando-se actualmente como o mais numeroso povo entre os Eslavos, contando com mais de 140 milhões de almas. Por isso, antes de nos debruçarmos sobre a História da Rússia, é necessário saber um pouco mais sobre esses antepassados dos russos.

Os Eslavos constituem o maior grupo linguístico da Europa actual, com línguas diversas que têm em comum uma mesma origem. Do ponto de vista geográfico, das regiões onde essas comunidades se estabeleceram e também das suas afinidades linguísticas, podemos identificar três ramos distintos: os eslavos ocidentais (polacos, checos, eslovacos, cassubianos e lusácios); os meridionais (búlgaros, sérvios, croatas, bósnios, macedónios, eslovenos e montenegrinos) e os orientais (bielorrussos, russos, ucranianos, russinos).

São numerosas as teses sobre a etimologia da palavra «eslavo» [«славяне» (slaviane)]. Uma delas refere que eslavo terá origem em «slovo» («слово»), que significa «palavra», ou seja, os eslavos seriam pessoas com o dom da palavra, ao contrário de outros povos, que se exprimiam numa linguagem pobre e pouco articulada, emitindo por vezes sons incompreensíveis. Uma outra tese sustenta que «eslavo» estará ligado às tribos dos vénedos citadas por autores latinos e é lido como sla + vene (ou seja, os embaixadores dos vénedos). Por outro lado, há ainda quem defenda que a etimologia da palavra terá origem na raiz indo-europeia «kleu», que, entre outras coisas, quer dizer «slava», com o sentido de popular, conhecido, famoso. Diz ainda uma outra explicação que a palavra

estará associada ao nome de rios que correm nas terras em que se instalaram os antigos eslavos: Slavutitch (nome lendário do rio Dniepre), o Sluya, na Rússia, e o Slavnitsa, na Sérvia. Por fim, alguns mantêm que terá origem na palavra indo-europeia «slauos», que significa povo.

Pensa-se que os antepassados dos eslavos habitavam a região setentrional das montanhas dos Cárpatos e que, do século VI a.C. em diante, se expandiram para sul, até à península dos Balcãs; para norte e leste ocuparam a planície europeia oriental; para ocidente atingiram a região intermédia do rio Danúbio e a região entre os rios Oder e Elba. A norte, tinham como vizinhos os bálticos e os alemães; a leste, os citas e os sármatas, que eram povos de tribos iranianas; a sul, os ilírios e os trácios; e finalmente a oeste, os celtas.

Nas suas obras, autores clássicos como Plínio, o Velho, e Ptolomeu mencionam a tribo dos vénedos na Germânia, estabelecida nas proximidades do rio Vístula. Tácito, na sua obra *Germânia* (98 d.C.), fala deles a leste dos rios Reno, Elba e Oder, e a oeste do rio Vístula:

> Realmente, alguns deles não vestem nem sequer camisas ou capas, mas usam as suas calças para que as suas partes íntimas estejam escondidas quando combatem com os seus adversários... São todos excepcionalmente altos e vigorosos, enquanto os seus corpos e cabelos não são nem totalmente claros ou louros, nem de facto tendem inteiramente para o tipo escuro, mas são todos levemente avermelhados na cor.

Os eslavos, sob o nome de vénedos, antas ou esclavenos, aparecem em fontes bizantinas do início do século VI. O termo bizantino «sklavinoi» passou para a língua árabe como «sagaliba» para designar mercenários e escravos, tendo entrado no português e noutras línguas europeias como «escravo».

Os povos eslavos eram pagãos, politeístas, e, mais tarde, devido a diversas vicissitudes históricas, converteram-se ao cristianismo ortodoxo, ao catolicismo ou ao islão.

Os eslavos adorando os seus deuses.

RUS: A NASCENTE DA RÚSSIA (862-1125)

A origem dos nomes «Rússia» e «russos» continua a provocar discussões entre os académicos. É relativamente consensual que os russos, os ucranianos e os bielorrussos tenham na sua génese a união de treze tribos de eslavos orientais que passaram a habitar a região do rio Dniepre e do lago Ilmen. É provável que esse processo possa ter ocorrido no século VI, quando houve uma grande vaga de colonização da Europa do Leste por tribos eslavas.

Entre essas tribos, destacam-se, pelo número e pela força, os polianos. No território que ocupavam nas margens do Dniepre vivia um povo: os rus, que tinham como núcleo urbano principal a cidade de Kiev. Esse povo foi assimilado, mas deixou como herança o seu próprio nome, que veio, mais tarde, a dar origem às palavras «Rus», «russkie» (russos) e «Rossya» (Rússia).

A agricultura e a pastorícia eram as principais ocupações dessas tribos. Porém, nos séculos VIII e IX, o desenvolvimento do artesanato e do comércio levou à construção de cidades situadas principalmente nas margens e locais de afluência de rios, a principal via de comunicação da altura. A rota comercial mais conhecida era a «dos varegues [*vickings*] até aos gregos», que tinha a norte a cidade de Novgorod e, a sul, a de Kiev.

A formação do primeiro Estado russo estende-se por décadas. Segundo a chamada teoria normanda sobre a origem do antigo Estado russo, os

habitantes de Novgorod, em 862, não encontrando entre eles alguém que pudesse pôr ordem na cidade, decidiram convidar o «knyaz» (príncipe) Riurik para os governar. Este chefe militar não era eslavo, mas normando, «varegue», que no russo antigo significava estrangeiro, estranho.

Os varegues não constituíam propriamente uma nacionalidade, antes se assumiam como um povo ligado por interesses guerreiros. Entre eles havia homens de diferentes grupos étnicos, embora prevalecessem os escandinavos. Os varegues juntavam-se em esquadrões para fazer expedições de pilhagem um pouco por toda a Europa. Riurik era chefe de um desses esquadrões. No seio destes havia uma hierarquia, cuja cúpula irá dar origem a uma casta com características de nobreza. À medida que o poder do príncipe se consolidava, os esquadrões serviam para defender as fronteiras do Estado, alargar os seus territórios, lutar contra o separatismo de príncipes locais e boiardos (nobres), bem como para esmagar os levantamentos dos camponeses.

Após a morte de Riurik, em 879, o poder em Novgorod passou para as mãos do irmão, o príncipe Oleg, que conquistou Kiev e transferiu para essa cidade a capital da Rus. Em 907, organizou com êxito uma expedição militar contra Bizâncio, tendo recebido tributo e assinado um tratado comercial vantajoso.

O seu sucessor foi Igor (reinou de 912 a 945), filho de Riurik, que submeteu ao seu poder as tribos dos eslavos orientais. Em 945 foi assassinado pelos drevelianos, quando lhes tentou cobrar novamente impostos. A sua mulher, a princesa Olga, para vingar a sua morte tornou essa cobrança fixa.

O convite dos Varegues: Riurik e irmãos chegam a Staraia Ladoga.

Desconhece-se o ano exacto do nascimento de Olga, algures entre 920 e 925, mas não há dúvida quanto ao lugar onde nasceu: a aldeia de Vybuty na região de Pskov. Olga tinha origens humildes, e Igor apaixonara-se por ela quando caçava nos arredores de Pskov.

Quando os drevelianos lhe mataram o marido, o seu filho Sviatoslav, que veio a reinar entre 945 e 972, tinha apenas três anos. Por isso, a princesa teve de assumir o poder enquanto o príncipe herdeiro não atingia a maioridade.

Olga começou por se vingar da morte do marido. Logo a seguir ao assassinato de Igor, os drevelianos enviaram uma embaixada para convencer a princesa a desposar o seu chefe, o príncipe Mala, no intuito de unir as duas coroas e formar assim o maior e mais poderoso Estado da época.

A princesa Olga ordenou que fossem enterrados vivos para que ninguém duvidasse de que a morte deles fora ainda mais horrível do que a do marido. Depois, comunicou a Mala achar-se digna de que os pretendentes ao matrimónio fossem os drevelianos mais fortes. O príncipe aceitou a proposta, mas Olga veio a queimá-los vivos por ocasião de um banho russo quando se preparavam para o encontro com ela. Mais tarde,

acompanhada de um pequeno esquadrão, dirigiu-se à terra dos drevelianos, para, segundo a tradição, organizar um banquete junto do túmulo do marido. Depois de conseguir embebedar os guerreiros drevelianos, ordenou aos seus soldados que os matassem. Segundo os registos da época, terão sido assassinados cinco mil drevelianos.

Na sequência desses confrontos, em 946 Olga invadiu o território dos drevelianos, cercou-lhes a capital e lançou contra ela aves com substâncias incendiárias presas nas pernas. Como a maioria das casas era de madeira, a cidade ardeu completamente. Os drevelianos, derrotados, viram-se obrigados a pagar o tributo à Rus.

Uma vez que o seu filho Sviatoslav passava a maior parte do tempo em campanhas militares, a princesa continuou a governar e a realizar uma série de reformas importantes com vista a cobrar impostos de forma regular e definida. Percebendo que as fortalezas e casas de madeira ardiam facilmente, Olga deu início à construção de edifícios de pedra na Rus, o primeiro dos quais foi o seu palácio.

Mais tarde, em 955, Olga converteu-se ao cristianismo. Segundo algumas fontes, terá ido a Constantinopla, onde foi baptizada pelo próprio imperador Constantino VII. Regressada a Kiev, tentou converter o filho, mas sem êxito. Porém, mandou construir dezenas de templos cristãos e apoiou a conversão do seu povo, até então pagão.

Olga, primeira santa ortodoxa russa.

A nobreza não recebeu bem a religião cristã, o que impediu Olga de a tornar a religião do Estado, mas a princesa, à revelia do filho e dos nobres, transmitiu a sua fé aos netos, Iaropolk e Vladimir.

A princesa entregou o poder ao filho Sviatoslav em 960 e faleceu nove anos depois. Foi canonizada em 1547. É venerada não só entre cristãos ortodoxos, mas também entre católicos.

O BAPTISMO DA RUS

Ao regressar a Kiev depois de uma expedição militar malsucedida contra Bizâncio (971), Sviatoslav foi assassinado pelos pechenegues, povo nómada das estepes da Ásia Central, de língua turca. À sua morte seguiu-se uma guerra entre os filhos pelo trono, de que saiu vencedor Vladimir (970-1015), que passou a dirigir a Rus.

Anos mais tarde, em 988, Vladimir fez-se baptizar e impôs o cristianismo ortodoxo em todos os seus territórios. Esta decisão teve como objectivo reforçar o poder central e consolidar a sociedade através do monoteísmo, uma fé comum num só Deus. Além disso, Vladimir sabia que o paganismo dificultava a afirmação do país no estrangeiro e os contactos internacionais porque em toda a Europa já se tinha estabelecido o cristianismo. Esse «baptismo da Rus» foi também importante do ponto de vista cultural, pois serviu como canal de transmissão da cultura bizantina. É desde então que começam a ser escritos registos históricos, de que é exemplo *A Crónica dos Anos Passados*, e obras de carácter religioso. Em resultado desses desenvolvimentos, na segunda metade do século IX, dois monges ortodoxos, Cirilo (827-869) e Metódio (815-885), criam um alfabeto que ainda hoje é utilizado por vários povos eslavos, incluindo os russos.

O «Direito Russo»

O príncipe Vladimir deixou numerosa descendência, que, após a morte do pai, começou a disputar o trono de Kiev. O filho mais velho, Sviatopolk, ocupou o trono de Kiev e matou três dos seus irmãos: Boris, Gleb e Sviatoslav. Iaroslav, um outro filho, a fim de vingar os irmãos, declarou guerra a Sviatopolk; esta guerra prolongou-se de 1015 a 1019 e terminou com a derrota deste último e consequente fuga para a Polónia.

Porém, até 1036, Iaroslav teve de dividir o país com outro dos seus irmãos, Mstislav. O primeiro ficou a governar os territórios a ocidente do Dniepre e o segundo as terras a oriente desse rio. Só depois da morte de Mstislav é que Iaroslav voltou a controlar toda a Rus.

O reinado de Iaroslav, *o Sábio* (1019-1054), constituiu sem dúvida o período áureo da Rus de Kiev. Transformou a capital numa das maiores cidades europeias, construiu templos, fundou bibliotecas e a ele se deve o primeiro código de leis entre os eslavos orientais: «O Direito Russo». Com o triunfo do cristianismo no país, o príncipe considerou importante a existência de sacerdotes e bispos que falassem o seu idioma para que a religião se tornasse mais acessível. No entanto, como Bizâncio não os pôde fornecer, organizou uma Igreja nacional, com clero autónomo.

No campo da política externa, Iaroslav realizou várias campanhas militares contra lituanos, polacos e finlandeses a fim de reforçar as

fronteiras do seu país a oeste e a norte, conseguindo derrotar os cumanos, povo nómada turcomano que ameaçava as fronteiras da Rus. Combateu também contra Bizâncio, mas sem grande êxito. Porém, conseguiu casar o seu filho Vsevolod com a filha do imperador bizantino Constantino Monómaco (Monamakh em russo), o que irá ter importantes consequências políticas e ideológicas no futuro do país. Iaroslav tentou também reforçar o papel internacional do principado, casando as suas filhas com monarcas europeus: Isabel casou-se com Harald III, rei da Noruega, Anastácia com André I da Hungria e Ana com o rei Henrique I de França, tendo sido rainha consorte desse país.

Desintegração da Rus de Kiev

Antes de morrer, em 1054, Iaroslav decidiu repartir o território do seu país pelos numerosos filhos: Izyaslav, o mais velho, ficou a governar Kiev; a Sviatoslav coube Thernigov; a Vsevolod foi entregue Pereiaslav; a Igor calhou Vladimir-Volysnki e Viatcheslav recebeu Smolensk. Os irmãos mais novos geriam as parcelas de território que herdaram de forma autónoma, mas deviam vassalagem ao mais velho, que, entre outros assuntos, tinha de resolver os diferendos entre estes.

Porém, os planos de Iaroslav falharam porque o príncipe Vseslav, filho do seu irmão mais velho, imiscuiu-se na luta para lhe suceder. O príncipe Izyaslav sucedeu-lhe no trono em conformidade com o sistema copiado de Bizâncio, segundo o qual os filhos herdavam os bens do pai mas, de acordo com a tradição russa, o trono devia passar não para o filho, mas para o irmão mais velho. Por isso, Vseslav defendia ter mais direito ao trono de Kiev do que qualquer outro.

Três dos filhos de Iaroslav juntaram então as suas tropas, derrotaram o primo e prenderam-no numa das masmorras de Kiev.

Em 1067, Izyaslav foi derrotado pelos cumanos e os habitantes de Kiev exigiram protecção, que lhes foi recusada pelo príncipe. Considerando a recusa um sinal de cobardia, os locais revoltaram-se, libertaram Vseslav e proclamaram-no príncipe. Porém, Izyaslav voltou a conquistar o trono com a ajuda de tropas polacas. Morreu num dos numerosos combates entre os senhores feudais da Rus em que se viu envolvido.

O Estado da Rus conheceu um novo período de prosperidade, embora de curta duração. Coincidiu com o reinado de Vladimir Monómaco (1113-

1125). Filho do príncipe Vsevolod e neto de Iaroslav, *o Sábio*, e do imperador bizantino Constantino IX, Vladimir foi escolhido pelos habitantes de Kiev para travar o declínio e a desintegração do país. Depois de chegar a acordo com a esmagadora maioria dos príncipes russos no designado Congresso de Dolobskoe, ainda conseguiu reforçar o poder central e pôr fim às guerras constantes entre eles, além de defender as fronteiras do país dos ataques dos cumanos.

No campo social, Vladimir aprovou várias adendas ao Direito Russo com vista a proteger os camponeses das arbitrariedades dos senhores feudais, proibindo-os de submeter à escravatura os trabalhadores do campo que lhes arrendavam as terras e recebiam emprestadas sementes para as colheitas. Autorizou os trabalhadores do campo a pagarem as dívidas com o seu trabalho, mas sempre enquanto pessoas livres. Proibiu também que houvesse empréstimos de dinheiro com juros altos.

Vladimir Monómaco, grão-príncipe da Rus de Kiev entre 1113 e 1125.

Coroa de Monómaco

A projecção das vitórias militares de Monómaco e dos seus filhos contra os países vizinhos levou Bizâncio a não hostilizar Kiev. Segundo uma lenda surgida alguns séculos mais tarde, o imperador bizantino, receando uma invasão, teria enviado preciosas prendas a Vladimir, nomeadamente um chapéu feito de peles, semelhante aos usados pelos cãs da Ásia Central,

que depois foi ornamentado por uma coroa de ouro de oito ângulos unidos em cone, decorada com pérolas, safiras, esmeraldas e rubis, com a base ornamentada por pele de marta. Esta coroa foi usada nas entronizações dos czares, desde Dmitri Donskoy, príncipe de Moscóvia no século XVI, até ao czar Pedro, *o Grande*, no século XVIII. Actualmente pode ser admirada num dos museus do Kremlin de Moscovo.

O brotar da cultura na Rus de Kiev

Com o cristianismo que veio de Bizâncio chegou a escrita e, com ela, materializaram-se as primeiras obras literárias na Rus. Inicialmente eram traduções de obras religiosas e laicas bizantinas, mas, depois, a criatividade nacional começou também a ser gravada nos pergaminhos. Não foram muitas as obras literárias que chegaram até nós dessa longínqua época, mas as que sobreviveram ao tempo e às guerras, aos incêndios e à incúria são suficientes para vermos que os talentos na Rus não eram inferiores aos dos outros países europeus da época.

Basta recordar obras como *A Crónica dos Anos Passados*, do monge Nestor, escrita entre 1112 e 1113. O cronista traça como objectivo explicar o nascimento da Rus, integrando-a na história da salvação da humanidade. Segundo Nestor, a história da Rus, que é apresentada através do prisma religioso, é uma luta entre o bem e o mal, entre o bem eterno da alma humana e a tentação demoníaca das forças do mal.

No contexto da literatura medieval da Rus, não é possível passar ao lado de *A Gesta do Príncipe Igor*, texto épico que relata uma expedição realizada em 1181 pelo príncipe de Novgorod-Seversk, Igor Sviatoslavitch, contra os cumanos. Alguns estudiosos puseram em dúvida que a gesta tivesse sido escrita no século XII, mas estudos posteriores confirmaram a sua origem medieval. Seja como for, trata-se de uma obra de beleza rara, destacando-se, por exemplo, o pranto de Iaroslavna, mulher de Igor: «Embala, senhor, o meu amado até mim, para que não tenha de lhe enviar o meu choro de madrugada pelo mar.»

Crónica dos Anos Passados: campanha de Oleg de Novgorod contra Constantinopla durante a Guerra Rus'-Bizantina de 907 (iluminura retirada da *Crónica de Radziwill*).

A civilização da Rus de Kiev brilhou também no campo da arquitectura e da pintura religiosas. São obras-primas dessa época o Templo de Santa Sofia e a Lavra do Mosteiro das Catacumbas em Kiev, a Catedral do Redentor de Tchernigov, a Igreja do Manto da Virgem no Nerl, na confluência dos rios Kliasma e Nerl, e os frescos do Mosteiro Mirojiski em Pskov e do Templo de Santa Sofia em Kiev.

Disputas feudais e declínio da Rus de Kiev

Depois da morte de Vladimir Monómaco, o país dividiu-se em cerca de 15 estados feudais e, com o passar do tempo, chegaram a ser 200. No meio da desordem instalada, em 1136 os habitantes de Novgorod revoltaram-se contra a opressão dos senhores feudais e proclamaram uma república, que se estendia do mar Báltico aos montes Urais.

Igreja da Intercessão da Virgem Santa no rio Nerl.

Kiev perdeu a importância política, mas continuou um símbolo cobiçado pelos senhores feudais. Por isso, as lutas por essa cidade eram uma constante na Idade Média. Em meados do século XII, Iúri Dolgorrukiy (*Braço Comprido*, assim cognominado por ir longe na conquista de novos territórios), príncipe de Vladimir e Suzdal, conquistou Kiev. Em 1147, convidou o seu rival, o príncipe Sviatoslav, para conversações em Moscovo, nessa altura uma minúscula cidade do seu principado. Foi então que ficou pela primeira vez registado nas crónicas o nome do futuro núcleo de centralização do poder e da que viria a ser a capital da Rússia.

Rus de Kiev, c. 1094
Fronteira da Rus
Territórios Rus
Mar Branco
Finlandeses
Novgorod
Estónios
Rostov
Suzdal
Rio Volga
Murom
Riazan
Mar Báltico
Polotsk
Smolensk
Rio Dniepre
Rio Don
PRINCIPADO DE KIEV
Chernigov
Kiev
Pereiaslav
Galícia
Mar de Azov
Quersoneso
Rio Danúbio
Mar Negro
0
200 km

O príncipe Andrei Bogoliubsky (Amado de Deus) pilhou Kiev em 1169, e transferiu a capital da Rus para a cidade de Vladimir, por ele dirigida. A sua política de centralização do poder levou os boiardos (a velha nobreza) a organizar uma conjura para o assassinar, o que veio a ocorrer em 1174.

JUGO TÁRTARO-MONGOL? (1237-1480)

Entretanto, atendendo à desordem reinante na Rus, alguns dos povos seus vizinhos decidiram aproveitar a ocasião para a conquistar. Os mais perigosos eram os mongóis, populações de tribos nómadas originárias da Ásia Central e do Sul da Sibéria. Em 1206, formaram o seu primeiro estado, que foi dirigido por Genghis Khan (1155-1227). Este criou uma poderosa cavalaria e começou a subjugar as tribos a que os mongóis chamavam tártaros, daí a expressão tártaro-mongóis.

Consolidado o seu poderio bélico, os tártaro-mongóis invadiram o Norte da China em 1211 e, quatro anos depois, ocuparam Pequim. Mais tarde, em 1219, Genghis Khan decidiu dirigir o seu olhar de conquistador para ocidente, ocupando a Ásia Central, o Irão, o Cáucaso e a Crimeia, regressando posteriormente às estepes da Ásia Central. Já em 1236, os tártaro-mongóis avançaram para a Europa, sob o comando de Batu (1227-1255), sobrinho de Genghis Khan. Após submeterem tribos nómadas da Sibéria, atacaram a cidade de Riazan. O príncipe Iúri, que dirigia esse território da Rus, pediu ajuda a outros príncipes russos, mas o seu apelo não encontrou eco. Os cavaleiros mongóis conquistaram nessa região todos os principados, excepto o território da República de Novgorod. Depois de atravessar a Polónia e a Hungria, Batu dirigiu-se para Viena, mas alguma escassez de recursos bélicos e de mantimentos tê-lo-á obrigado a recuar e a fixar-se no Baixo Volga, onde criou o Canato da Horda de Ouro, com a capital em Sarai.

As terras da Rus viriam então a ser subjugadas pela Horda de Ouro, mas com algumas particularidades. Nesses territórios não havia administração tártaro-mongol, os príncipes locais por ela nomeados tinham de participar com as suas tropas nas expedições militares e na cobrança de impostos. Em caso de incumprimento ou de revoltas populares, o cã enviava expedições punitivas.

Entre os historiadores russos não existe unanimidade quanto ao papel do domínio tártaro-mongol e à sua influência na posterior história da Rússia. A maioria dos estudiosos considera que o jugo tártaro-mongol trouxe destruição e declínio. Defendem que o domínio da Horda fez retardar o desenvolvimento dos principados, tornando-se a principal causa do atraso da Rus em relação aos países europeus. O académico soviético Boris Rybakov assinalou, a propósito: «A Rus recuou vários séculos; enquanto a indústria das corporações no Ocidente transitava para a época da acumulação primitiva do capital, a indústria artesanal russa teve de repetir o percurso histórico já realizado até Batu.»

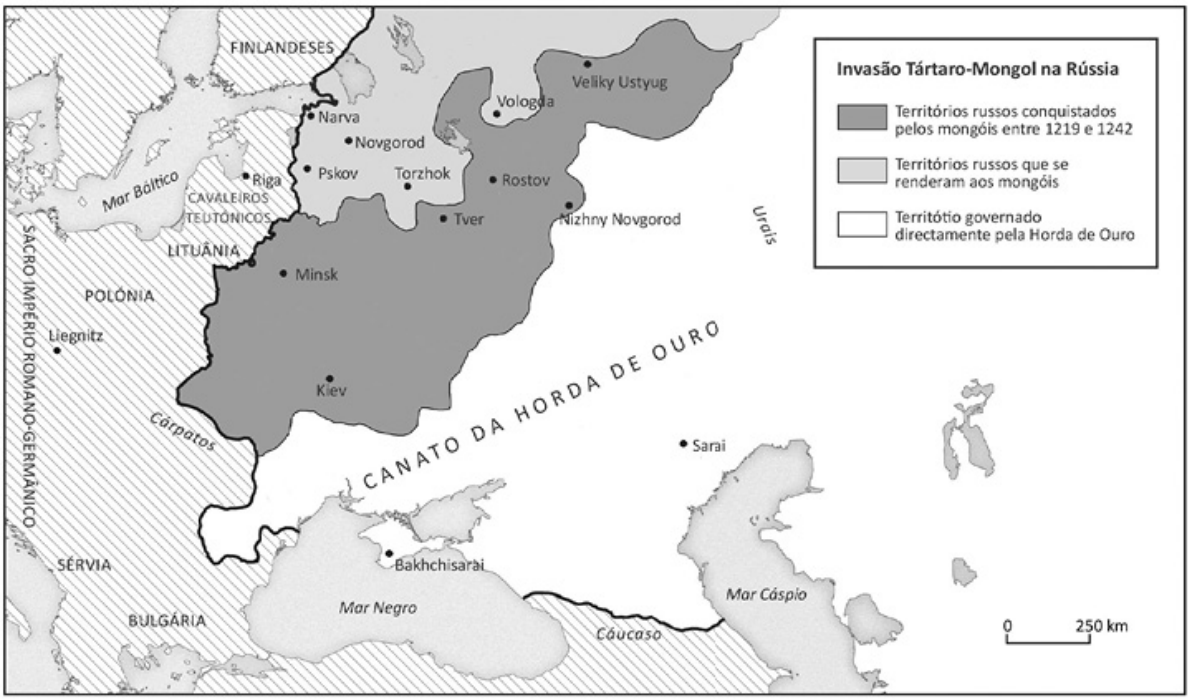
O historiador russo Boris Sapunov frisou também: «Os tártaros exterminaram cerca de um terço de toda a população da Rus Antiga. Se considerarmos que na Rus de então viviam entre seis e oito milhões de pessoas, terão sido assassinadas entre dois milhões e dois milhões e meio. Os estrangeiros que passavam pelas regiões meridionais do país escreviam que a Rus se tinha praticamente transformado num deserto sem vida, e que semelhante Estado já não existia no mapa da Europa.»

Outros estudiosos, porém, sustentam que o jugo tártaro-mongol desempenhou um importante papel na evolução do Estado russo. Nikolai Karamzin, um dos maiores historiadores de finais do século XVIII e princípios do século XIX, realçou que à Horda se deveu a ascensão do Principado da Moscóvia. Vladimir Kliutchevsk, outro grande historiador russo do século XIX, vai mais longe e escreve que a Horda evitou guerras civis sangrentas na Rus: «O jugo mongol, não obstante ter sido uma desgraça extrema para o povo russo, foi uma escola dura onde se temperaram o Estado da Moscóvia e a autocracia russa: escola onde a nação russa tomou consciência de si própria e adquiriu os traços do carácter que lhe facilitou a posterior luta pela sobrevivência.»

Os defensores da teoria do eurasismo, como Gueorgui Vernadski e Piotr Savitski, não negavam a crueldade do domínio mongol, mas faziam um balanço positivo da presença da Horda na Rus. Sublinhavam a tolerância religiosa dos mongóis, contrapondo-a à agressão católica da Europa Ocidental, e viam no Império Mongol o antecessor geopolítico do Império Russo. Mais tarde, o eurasista Lev Gumilov foi mais radical no desenvolvimento dessa posição. Segundo ele, o declínio da Rus de Kiev começou antes das invasões tártaro-mongóis e teve causas internas, já que

as relações político-militares com a Horda foram vantajosas, antes de mais, para a Rus. Gumilov definia as relações entre a Rus e a Horda como uma «simbiose»: «A Grande Rússia uniu-se voluntariamente à Horda graças aos esforços de Alexandre Nevsky, que se tornou filho adoptivo de Batu.» Quanto a ele, essa união voluntária deu origem a uma simbiose da Rus com os povos da Grande Estepe, do Volga até ao Oceano Pacífico, e foi dessa simbiose que nasceu precisamente a etnia grã-russa: «a mistura de eslavos, fino-úgricos, alanos e turcos fundiu-se na nacionalidade grã-russa.»

O historiador é da opinião de que, antes das invasões tártaro-mongóis, os numerosos principados de origem *viking* situados nas bacias dos rios que desaguam nos mares Báltico e Negro, só teoricamente reconheciam o poder do príncipe de Kiev, isto é, não constituíam um Estado único, logo, às populações que aí viviam não se poderia chamar «povo russo». Sob a pressão do domínio mongol, esses principados e essas tribos fundiram-se numa única entidade: Reino da Moscóvia e, depois, Império Russo. É certo que a organização da Rússia foi empreendida pelos conquistadores asiáticos não para ajudar o povo, mas porque era mais fácil governar um território de tamanha extensão. Não era admissível que pequenos principados estivessem em lutas constantes e, por isso, apoiavam a formação do poder forte do grão-príncipe de Moscovo.



Invasão Tártaro-Mongol na Rússia.

ALEXANDRE NEVSKY: SANTO HERÓI OU TRAIDOR?

Alexandre nasceu na cidade de Pereslav, em 1221. Vigésimo quarto filho do príncipe Iaroslav Vsevolodovich, tinha por isso muito poucas probabilidades de vir a ocupar o trono de Vladimir. Em 1236, foi convocado pelos habitantes de Novgorod para governar e defender as suas terras de invasores suecos e alemães. Anos mais tarde, após o desembarque do exército sueco na confluência dos rios Ijora e Neva, Alexandre e as suas reduzidas tropas atacaram de surpresa e, em 15 de Julho de 1240, derrotaram os suecos. É a esta vitória que ele deve o seu cognome «Nevsky» (do Neva).

Ícone de Alexandre Nevsky.

Os boiardos recearam que essa proeza reforçasse em demasia o poder de Alexandre e obrigaram-no a abandonar Novgorod. Porém, foi novamente chamado quando os Cavaleiros Teutónicos atacaram os territórios pertencentes àquela república feudal, tendo sido derrotados na batalha que ficou conhecida por «Matança no Gelo», por ter ocorrido na superfície gelada do lago Tchudskoe.

A fama das vitórias de Alexandre chegou a Roma, o que levou o Papa Inocêncio IV a enviar embaixadores a Novgorod. Na bula a ele dirigida, o Sumo Pontífice pedia-lhe que seguisse o exemplo de seu pai – que à beira da morte teria aceitado obedecer à Santa Sé – e propunha a coordenação de acções com os cavaleiros da Ordem Teutónica. Na segunda bula enviada a Alexandre, o Papa recordava-lhe que ele aceitara converter-se ao catolicismo e construir um templo católico na cidade de Pskov. Porém, Alexandre Nevsky recusou essas propostas, preferindo chegar a acordo com os tártaros-mongóis e pagar-lhes tributo. Quando o seu filho Vassili e os habitantes de Novgorod se revoltaram no momento em que embaixadores tártaro-mongóis chegaram à cidade com vista a fazer um recenseamento da população para o pagamento de impostos, Alexandre travou a revolta e substituiu Vassili por um outro seu filho à frente de Novgorod. Quando outras cidades se levantaram contra o pagamento de impostos, ele foi ter com o cã e, em troca de muito ouro e prata, travou a vingança dos tártaro-mongóis.

É sintomático que a política externa desta ilustre figura da história russa continue a ser alvo de acesas discussões, precisamente no contexto das relações entre a Rússia e a Europa. O historiador russo Nikolai Borissov escreveu, a propósito:

*

> Os que gostam de destruir mitos procuram comprometer constantemente Alexandre Nevsky, tentam provar que ele traiu o irmão, trouxe os tártaros para solo russo e não entendem como é que o consideram um grande cabo-de-guerra. Semelhante desacreditação de Alexandre Nevsky encontra-se permanentemente na literatura. Quem era ele, na realidade? As fontes não permitem dar uma resposta cabal a essa pergunta.

*

Sinteticamente, existem três abordagens à vida e obra de Nevsky. Numa primeira, a que poderíamos chamar «versão canónica», o príncipe é visto como um santo, uma das maiores figuras da História. No século XIII, a Rus foi atacada por três lados: pelo Ocidente católico, pelos tártaros-mongóis e

pela Lituânia, mas Nevsky nunca sofreu uma só derrota, revelou grande talento de guerreiro e diplomata, assinando a paz com o inimigo mais poderoso, a Horda de Ouro, e rechaçando os ataques dos cruzados católicos.

Esta abordagem tem sido aproveitada por quase todos os regimes políticos na Rússia, bem como pela Igreja Ortodoxa. A idealização desta personagem histórica foi particularmente incentivada há alguns anos, durante e após a Segunda Guerra Mundial, quando Estaline teve de recorrer até a santos ortodoxos para mobilizar os povos da URSS na luta contra a Alemanha nazi. Basta recordar o filme *Alexandre Nevsky* do realizador Serguei Eisenstein. Actualmente, com a chegada de Vladimir Putin ao Kremlin, volta a empolar-se o papel desta figura, em particular no âmbito das campanhas de propaganda contra o chamado Ocidente.

A segunda abordagem é feita pelo historiador eurasista Lev Gumilov, que viu em Alexandre Nevsky o arquitecto da aliança entre a Rus e a Horda. Gumilov considera que as relações de amizade entre o grão-príncipe russo e o cã Batu contribuíram para a síntese das culturas dos eslavos orientais e dos tártaro-mongóis.

Um terceiro grupo de historiadores concorda com o facto de estarmos perante um político pragmático, mas defende que ele desempenhou um papel negativo na história da Rússia. Considera que a imagem tradicional de Nevsky – comandante genial e patriota destemido – é claramente exagerada, chamando por outro lado a atenção para a sua crueldade e o seu despotismo. Põe em dúvida as dimensões do perigo da Livónia e a importância dos combates no rio Neva e no lago Tchudskoe. Segundo estes historiadores, os Cavaleiros Teutónicos não constituíam uma séria ameaça e a «Matança no Gelo» não passou de uma pequena batalha. Além disso, sustentam, tendo em conta o exemplo da Lituânia, para o lado da qual passaram vários príncipes com vista a evitar o domínio tártaro-mongol, a resistência à Horda era possível, mas Nevsky optou por se aliar aos mongóis para reforçar o seu poder pessoal. Culpam-no ainda de estar na origem da formação do poder despótico na Rus. O conhecido académico russo Valentin Ianin sublinha: «Ao fazer uma aliança com a Horda, Alexandre Nevsky submeteu Novgorod à influência dela. Alargou o poder tártaro a Novgorod, que nunca tinha sido conquistada pelos tártaros.»

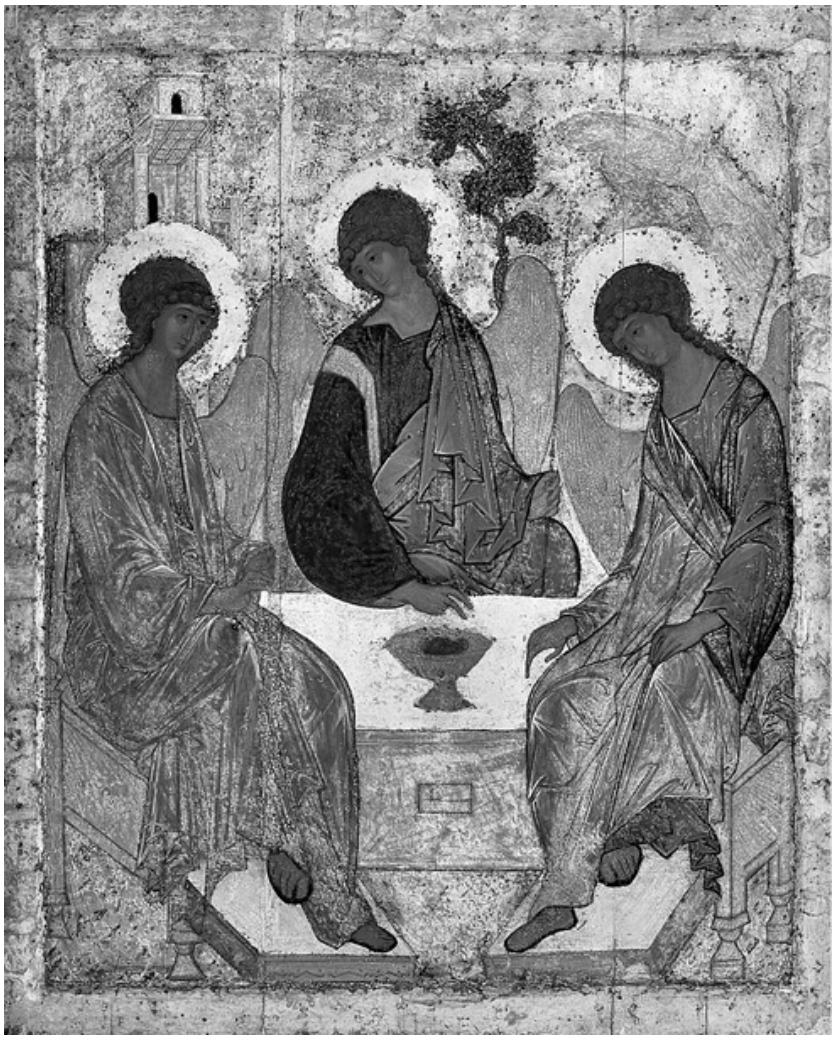
2.

O GRÃO-DUCADO DE MOSCÓVIA – ESTADO RUSSO (1147-1721)

MOSCÓVIA: CENTRO DE REUNIFICAÇÃO DAS TERRAS RUSSAS

O século XIV começa com a superação do separatismo feudal e a concentração das terras russas em torno do principado de Moscovo, geograficamente mais bem situado. As regiões do Sudoeste da Rus eram alvo de ataques frequentes dos tártaro-mongóis, que necessitavam de novas pastagens para alimentar o gado. As pessoas procuraram refúgio nas densas florestas do Nordeste, construindo aí novas cidades, desenvolvendo a agricultura e o artesanato. Além disso, Moscovo estava situada nas margens do rio homónimo, que era navegável e se transformou numa importante rota comercial. Foram essas as principais razões que fizeram dela uma grande e estratégica cidade, ao ponto de se tornar o centro de um principado cada vez mais forte. Daniil (1276-1303), filho de Alexandre Nevsky, fundou a dinastia dos príncipes moscovitas.

Ivan, *o Bolsa* (Kalita, em russo, significa o que distribui esmolas pelos pobres), um dos numerosos netos de Alexandre, depois de vários confrontos internos, tornou-se o senhor de Moscovo, tendo recebido dos mongóis o título de grão-príncipe. Durante os anos do seu reinado (1325-1340), o principado de Moscovo viveu em paz, pois Ivan gozava da confiança dos tártaro-mongóis, recolhia os impostos nos principados vizinhos e participava no esmagamento de revoltas contra a Horda de Ouro. É também importante assinalar que foi ele quem transferiu a cadeira do metropolita da Igreja Ortodoxa de Vladimir para Moscovo, o que fez aumentar o prestígio da cidade.



Santíssima Trindade, de Andrei Rublov (1411 ou 1425-1427).

RUBLOV: O GÉNIO DA ICONOGRAFIA ORTODOXA

É pouca a informação que existe sobre a vida deste monge e pintor ortodoxo, mas as suas obras que chegaram até aos nossos dias permitem considerá-lo o maior mestre russo pintor de ícones, frescos e miniaturas para iluminuras. Andrei Rublov terá nascido entre 1360 e 1370 no Principado de Moscovo ou em Novgorod. O seu apelido, que em russo significa «tábua serrilhada para trabalhar couro», mostra que poderia ser originário de uma família de artesãos. A primeira menção à sua obra que se conhece data de 1405, quando participou na pintura de ícones e frescos da Catedral da Anunciação no Kremlin de Moscovo, sob a direcção de Teófanes, dito *o Grego*, bizantino e um dos maiores pintores de ícones da Moscóvia. Três anos depois, foi um dos mestres que pintaram os frescos do Templo da Assunção em Vladimir.

Porém, a sua obra mais conhecida é o ícone *Santíssima Trindade*, que se encontra na Galeria Tretyakov de Moscovo. Na arte de Rublov combinam-se duas tradições: o mais puro ascetismo e a harmonia clássica da escola bizantina. As personagens das suas obras reflectem sempre uma postura calma e pacífica. A sua arte tornou-se o exemplo ideal da pintura

religiosa ortodoxa. Rublov faleceu em Moscovo, em 1428, vítima de um surto de peste. Em 1988, foi canonizado pela Igreja Ortodoxa Russa.

A batalha de Kulikov e o fim do domínio tártaro-mongol

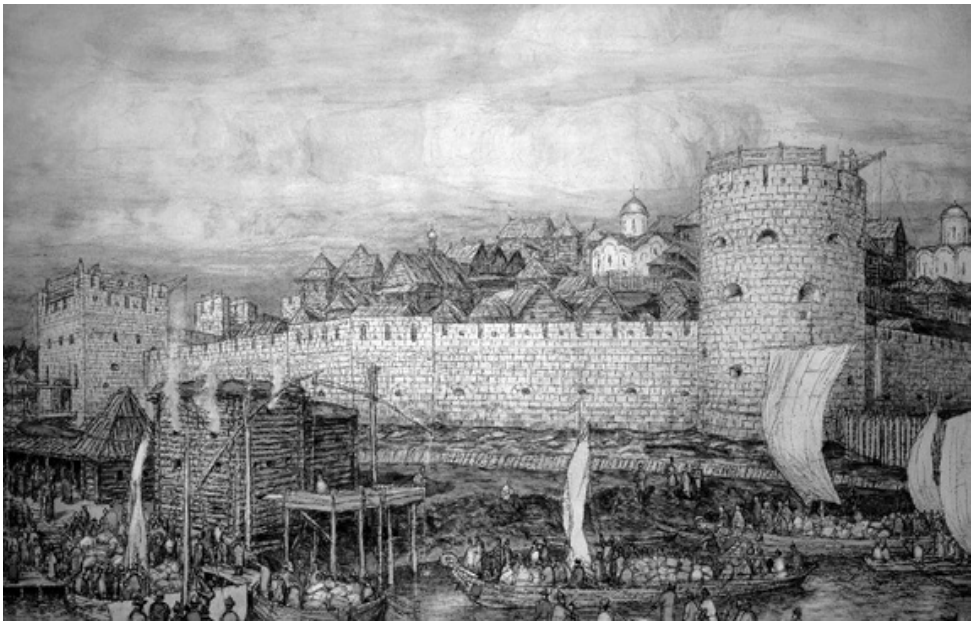
A centralização do poder e das terras em redor de Moscovo começou a preocupar os cãs tártaro-mongóis. Em 1380, Mamay, cã da Horda de Ouro, reuniu um enorme exército e decidiu repetir a expedição militar de Batu contra a Rus. Do outro lado, o grão-príncipe Dmitri (1363-1389) também conseguiu reunir guerreiros de numerosos principados. Em 8 de Setembro de 1380, nas margens do rio Don, numa planície conhecida pelo nome de campo de Kulikov, dá-se o combate decisivo. Segundo fontes históricas, participaram na batalha cerca de 200 mil combatentes. Os tártaros-mongóis foram derrotados, tendo este confronto sido o primeiro em que tropas russas venceram a Horda de Ouro. Por isso, Dmitri recebeu o cognome de Donskoy (do Don).

O padre Serguei Radonezhsky abençoa Dmitri Donskoy antes da Batalha de Kulikov.

A Batalha de Kulikov não pôs fim ao jugo tártaro-mongol, mas constituiu um passo decisivo nesse sentido. Foi preciso mais um século para que esse objectivo fosse conseguido. Ivan III, *o Grande* (1462-1505),

depois de anexar a república feudal de Novgorod ao principado de Moscovo, passou a denominar-se «Senhor de toda a Rus» e deixou de prestar homenagem à Horda de Ouro. O cã Ahmat, em 1480, invadiu as terras russas com poderosas forças militares, mas viu-se obrigado a parar junto das margens do rio Ugra ao ser confrontado com um numeroso exército moscovita, já equipado com fuzis e canhões. Depois de vários dias de frente a frente, Ahmat decidiu recuar sem combate.

O Reino da Moscóvia tornou-se num dos maiores estados da Europa, Ivan III transformou os príncipes em boiardos e, em 1497, fez aprovar um Código (Sudebnik), que estabeleceu leis únicas para todo o território nacional. O novo «Senhor de toda a Rus» – numa demonstração de poder e autoridade – mandou construir o Templo da Assunção, as muralhas e as torres em tijolo do Kremlin de Moscovo.



O Kremlin durante o reinado de Dmitri Donskoy (1359-89).

ORTODOXOS E CATÓLICOS: A UNIÃO IMPOSSÍVEL?

Em 1054, os chefes das igrejas cristãs do Oriente e do Ocidente, o patriarca de Constantinopla e o papa de Roma, excomungaram-se mutuamente, dando origem ao chamado Grande Cisma. Quase logo a seguir à queda de Roma às mãos dos bárbaros, as relações entre o Oriente e o Ocidente complicaram-se devido a disputas eclesiásticas e teológicas, sendo as fundamentais sobre a fonte do Espírito Santo (*Filioque*), se se devia usar pão fermentado ou não fermentado na eucaristia e sobre a primazia do papa de Roma. Os católicos defendem que o Espírito Santo procede do Filho e do Pai, enquanto os ortodoxos acreditam que procede

apenas do Pai. Na Igreja Ortodoxa, o pão da comunhão é fermentado e não se reconhece a primazia do papa.

Foram feitas várias tentativas para superar esta fractura. A primeira no Concílio de Lyon, em 1274, e a segunda no Concílio de Florença, em 1439. Neste, Isidoro, metropolita de toda a Rus, apoiou a união entre católicos e ortodoxos e recebeu o título de cardeal das mãos do Papa Eugénio, mas logo que chegou à Moscóvia foi imediatamente preso e encerrado num mosteiro por ter tomado essa posição. Conseguiu fugir da prisão e refugiar-se em Roma. As mútuas excomunhões só foram levantadas a 7 de Dezembro de 1965, pelo Papa Paulo VI e pelo patriarca de Constantinopla Atenágoras I, com vista a reiniciar o processo de aproximação das duas igrejas. A 12 de Fevereiro de 2016, o Papa Francisco concretizou um encontro histórico com Kirill, Patriarca da Igreja Ortodoxa Russa, em Cuba, dando início a um diálogo que se perspectiva poder ser muito longo.

Moscovo – Terceira Roma

No ano da conquista de Constantinopla pelos turcos, em 1453, Moscovo já constituía o centro religioso dos territórios russos, o metropolita passara a residir nessa cidade e a ser eleito pelos bispos russos, o que tornou independente a Igreja Ortodoxa Russa. É também por essa altura que começa a surgir a ideia de Moscovo como sucessora de Bizâncio. Em 1472, Ivan III, *o Grande*, casou-se com a sobrinha do último imperador bizantino: Sofia Paleóloga. O grão-príncipe de Moscovo começou a chamar a si os títulos de «autocrata» e «czar» e a usar a águia bicéfala de Bizâncio.

Ideologicamente, esta primeira pretensão universalista de Moscovo foi justificada pelo monge Filoteu de Pskov em algumas cartas dirigidas ao czar Vassili III, em 1510: «Digamos algumas palavras sobre o actual reinado glorioso do Nosso Senhor mais iluminado e mais poderoso, que, em toda a Terra, é o único czar dos cristãos e o soberano de todos os tronos Divinos, da santa igreja apostólica universal que nasceu no lugar das de Roma e de Constantinopla e que existe na cidade por Deus salva de Moscovo, a igreja da santa e gloriosa Assunção da Virgem Mãe de Deus, que só ela no universo reluz com maior beleza do que o Sol. Fica a saber, abençoado por Deus e por Cristo, que todos os reinos cristãos chegaram ao fim e juntaram-se num único reino do Nosso Senhor, segundo os livros dos profetas, o reino romano: porque duas Romas caíram, a terceira está de pé e a quarta não virá.»

O reforço do poderio dos senhores da Moscóvia levou a diplomacia europeia a tentar integrá-la no sistema de relações internacionais do

continente. Em 1486, Nicolau Poppel, um cavaleiro originário da Silésia, chegou acidentalmente a Moscovo através da Lituânia. Quando regressou à pátria, começou a difundir informações sobre a Rus de Moscovo, a riqueza e o poderio do senhor dessas paragens. Três anos depois regressou a Moscovo, mas já na qualidade de agente oficial do imperador germânico e, numa audiência secreta com Ivan III, propõe os seus serviços para interceder junto do imperador para que concedesse o título de rei ao grão-príncipe. Este recusou porque dizia já ser «Senhor na minha terra por vontade de Deus» e, na carta dirigida ao imperador, denominava-se «Grão-Senhor de toda a Rus por vontade de Deus».

Expansão territorial do Grão-Ducado de Moscóvia (1300-1533).

Ivan III foi o primeiro monarca russo a intitular-se «czar», embora raramente, e nas relações com Estados de menor importância. O seu filho Vassili III utilizou esse título, em 1518, numa mensagem enviada ao imperador alemão, e Ivan IV, *o Terrível*, foi o primeiro a ser entronizado como czar, definindo assim o papel do seu país nas relações internacionais da época.

A diplomacia europeia via também no Reino da Moscóvia um sério aliado contra o avanço turco, principalmente depois da tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453. A expansão turca ameaçava os interesses das repúblicas italianas e do Papado no Mediterrâneo. Por isso, nos anos 70 do século XV, Roma e Veneza apoiaram o casamento do grão-príncipe russo Ivan III com Sofia Paleóloga. Todavia, as tentativas de incutir no monarca russo a ideia de que tinha o direito à herança dos imperadores de Bizâncio, que fora conquistada pelo «inimigo de todos os cristãos», ou seja, pelo sultão turco, não surtiram os efeitos desejados, pois a corte de Moscovo tinha outros planos. Ivan III considerava prioritário reconquistar as terras anteriormente pertencentes à Rus de Kiev e que se encontravam sob o domínio do Reino da Polónia e do Grão-Ducado da Lituânia. Além disso, Moscovo pretendia manter relações de paz com o Império Otomano a fim de desenvolver o comércio através do mar Negro.

A disputa com a Lituânia levou Ivan III a uma estreita aproximação ao cã da Crimeia Mengli Heray I (1445-1515). Os tártaros da Crimeia faziam autênticas razias no interior daquele país, enfraquecendo a sua capacidade de defesa. A união entre Ivan III e Mengli contribuiu também para a destruição da Horda de Ouro. Aos moscovitas e tártaros da Crimeia juntaram-se os tártaros nogaios e siberianos na luta contra a Horda, tendo esta sido definitivamente derrotada em 1502 pelas tropas de Mengli, o que significa que o czar moscovita se aproveitou da guerra no seio dos tártaros para se libertar em absoluto daquele domínio.

Foi também durante o reinado de Ivan III que se começou a traçar uma das orientações de maior alcance estratégico da política externa russa: o acesso ao mar Báltico. Sem esse meio de comunicação com a Europa, o Reino da Moscóvia arriscava transformar-se num país fraco e periférico. Além de ser uma via estratégica para o comércio com o Ocidente, o mar

Báltico seria também uma porta de entrada de tecnologias e mestres europeus, essenciais à modernização do país. Porém, Ivan III não conseguiu afirmar o seu poder nas costas do Báltico, tarefa que viria a ser resolvida bastante mais tarde, no reinado de Pedro, *o Grande*.

O apogeu e declínio dos Riurikovitch

Depois da morte de Vassili III, em 1533, o poder passou para o filho Ivan IV (1530-1584), mas, como tinha apenas três anos, a regência ficou nas mãos da mãe, Elena Glinskaya. Foi mais um período de luta cruel pelo poder entre os clãs de boiardos.

O terceiro czar russo mostrou ser um homem muito instruído e culto para a época, decidido a lançar as bases de uma organização estatal mais moderna. Em 1549, Ivan convocou um conselho de representantes de diversas regiões e diferentes grupos sociais da população: *Zemsky Sobor* (Conselho de Terras, instituição semelhante às cortes medievais na Europa Ocidental). Nos séculos XVI e XVII, os seus membros participaram na tomada de decisões importantes para os destinos do país, nomeadamente na modernização do Código de Leis. Foram também instituídos os primeiros ministérios *(Prikaz)* e criado um novo exército regular, constituído por arqueiros equipados e fardados de forma igual. Depois do fim do jugo tártaro-mongol, no país voltaram a manifestar-se as forças separatistas. Numerosos príncipes e boiardos (a velha nobreza) estavam contra a concentração de poderes nas mãos do czar. Ivan IV não confiava neles e receava a qualquer momento actos de traição. Por isso, começou a rodear-se de pessoas que o apoiavam incondicionalmente. Em troca, oferecia-lhes terras e camponeses. Este estado social denominado *dvorianstvo* (da palavra russa *dvor*, que significa casal, e que passou a designar a nova nobreza) dependia completamente do czar, que estava disposto a combater os boiardos separatistas.

Com receio de conjuras e levantamentos dos boiardos, Ivan IV refugiou-se em Alexandrov, região situada a 120 quilómetros de Moscovo. A fim de esmagar a oposição e reforçar o seu poder autocrático, criou uma nova ordem administrativa: a Oprítchnina (no russo antigo significa à parte, à excepção de). Em 1565, decretou a divisão do seu reino em dois territórios: a Zémschina, que conservava a antiga administração do czar, e a Oprítchnina, em que Ivan tinha o poder absoluto. Na mesma altura, Ivan

IV criou uma tropa de elite: os *opritchniki*, cujos soldados lhe obedeciam cegamente. Vestidos de negro e com um crânio de cão e uma vassoura como insígnia, os novos soldados tinham como lema «Varrer a Rússia e morder a traição». O poder na Moscóvia passou a evoluir para uma monarquia absoluta.

Os soldados *opritchnik* instalaram um regime de terror no país, arrasando a cidade de Novgorod e matando milhares de russos, incluindo mulheres e crianças. Quando o cã da Crimeia Deblet-Guirei arrasou Moscovo e pilhou as terras vizinhas, os *opritchniki* não conseguiram travar a ofensiva. O czar, deixando de confiar nos chefes desse corpo militar, mandou que fossem assassinados e dissolveu-o.

Ivan, *o Terrível*, ajoelhado e com um punhal, rodeado por opritchniki, momentos antes de matar o boiardo Ivan Fedórov.

No campo da política externa, Ivan IV tentou de novo instalar-se nas costas do mar Báltico, mas, antes, virou-se para o Oriente e anexou o Canato de Kazan em 1552, obrigou o cã da Sibéria a prestar-lhe vassalagem em 1555, e obteve a rendição de Astracã no ano seguinte. Isto permitiu ao czar estabelecer relações com o Norte do Cáucaso e a Geórgia, um reino cristão ortodoxo comprimido entre turcos e persas, bem

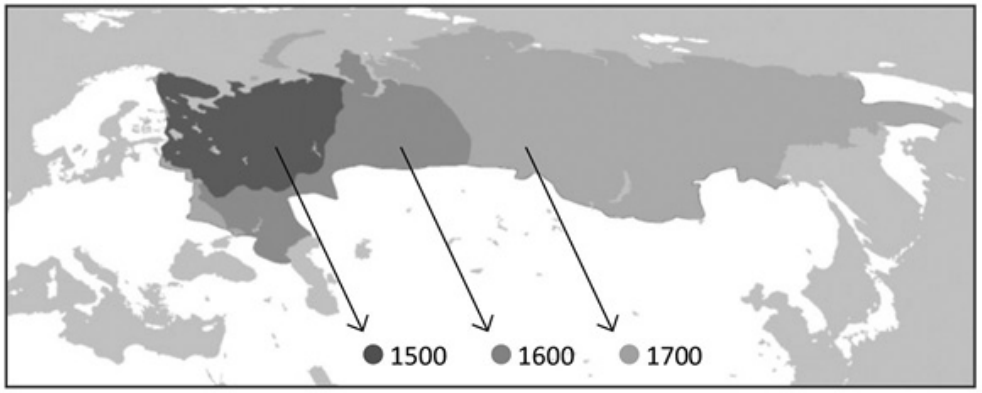
como com reinos e principados das costas do mar Cáspio e da Ásia Central.

Todavia, o Ocidente foi o principal vector da política externa russa. O novo reino centralizado de Moscovo precisava de incentivar as relações com a Europa e atrair especialistas, mas, para isso, era necessário romper o bloqueio da Polónia, da Lituânia e da Ordem Livónica para aceder ao mar Báltico. Os russos receberam bem a instauração de trocas comerciais com Inglaterra através do mar do Norte depois de 1553 mas, naquela altura, tratava-se de uma rota aberta apenas durante alguns meses por ano devido às difíceis condições climáticas. Por conseguinte, era imprescindível abrir caminho para o Báltico.

Mas não era só a Rússia que pretendia aquela região estratégica e, por isso, estados como a Lituânia, a Polónia, a Suécia, a Dinamarca e o Império Romano tentaram travar a expansão moscovita. Apoiados pela diplomacia polaco-lituana, os tártaros da Crimeia e o sultão turco tentaram aproveitar-se da situação criada para reconquistar Kazan e Astracã. Em 1569, nobres da Lituânia e da Polónia acordaram unir-se no Estado federativo a que chamaram «Rzeczpospolita» para reforçar a sua defesa. Numa situação tão delicada, Ivan, *o Terrível*, lançou-se numa actividade diplomática frenética: manteve relações de amizade com a Dinamarca, renunciou à ofensiva no Cáucaso para ganhar as boas graças da Turquia, apresentou a candidatura ao trono polaco e iniciou conversações com o imperador germânico sobre a divisão da Rzeczpospolita: a coroa polaca passaria para o filho do imperador e Ivan IV ficaria a controlar a Lituânia e a Livónia. Porém, após 24 anos de guerras no terreno e na diplomacia, a Rússia viu-se extenuada e obrigada a renunciar aos grandes planos para as costas do Báltico. Em 1582, o czar russo assinou um acordo de paz com a Rzeczpospolita, tendo o Papado como intermediário, pelo qual renunciou a todas as conquistas.

Conquista da Sibéria por Yermak Timofeyevich, do pintor Vasily Surikov.

Foi também no reinado de Ivan IV que os russos deram início à exploração e conquista da Sibéria, epopeia semelhante aos Descobrimentos Portugueses, mas com uma particularidade: Moscovo anexou territórios adjacentes até ao Extremo Oriente, enquanto Lisboa se apoderou de terras ultramarinas.



Expansão da Rússia: anos 1500, 1600 e 1700.

Ivan IV é uma das figuras mais controversas na história da Rússia, tendo a sua política provocado acesas polémicas. Normalmente, é visto como um estadista sensato e benigno até à criação da *Oprítchnina*. Porém, a desconfiança e o desequilíbrio mental levaram-no a cometer crimes e punições ao ponto de receber o cognome de *o Terrível*. Depois de, por motivos fúteis, ter espancado a nora, então grávida, provocando o aborto

do que seria o futuro neto, Ivan enfrentou o filho, que se indignara com a brutalidade do pai exercida contra a sua mulher. O resultado foi Ivan ter assassinado o seu próprio filho e herdeiro do trono.

Catedral de S. Basílio no centro da Praça Vermelha. À sua direita, o Kremlin, 1801.

A JÓIA ARQUITECTÓNICA DO RENASCIMENTO RUSSO

A Catedral de São Basílio (igualmente chamada Templo do Manto da Mãe de Deus) tem tanto de belo como de lendário. Sabe-se que foi construída entre 1555 e 1561 por ordem de Ivan, *o Terrível*, para assinalar a conquista de Kazan e Astracã aos tártaros.

O edifício original, conhecido como Templo da Trindade, era composto por onze igrejas laterais dispostas em redor do edifício central, tendo a última delas sido erguida em 1588 sobre o túmulo do santo conhecido por Vassili, um «Louco de Deus». Nos séculos XVI e XVII, a catedral, considerada o símbolo terreno da «Cidade Celestial», era popularmente conhecida como «Jerusalém» e constituía uma alegoria ao Templo de Jerusalém no desfile de Domingo de Ramos, foi benzida com a presença do patriarca de Moscovo e do czar. Erigida no centro da cidade, na Praça Vermelha (Krasnaya Ploshchad em russo, que deveria ser traduzido por Praça Bela), o templo pretendia ser mais um símbolo de «Moscovo – Terceira Roma». O edifício, cujo topo sugere a forma de uma chama subindo para o céu, não tem equivalentes na arquitectura russa, o que é razão para até hoje se discutir quem foram os arquitectos que o conceberam. Segundo alguns, o projecto foi realizado por mestres russos, outros defendem que poderiam ter sido italianos, que antes haviam construído as muralhas do Kremlin. Esta última versão é explicada por o templo ser uma combinação da arte tradicional russa com a arquitectura do Renascimento europeu-ocidental. No domínio das lendas, nada existe que sustente a crença de que Ivan IV, não obstante a sua crueldade, tenha mandado arrancar os olhos aos arquitectos ou prendê-los numa masmorra para não virem a construir um edifício ainda mais belo. Quanto a São Basílio, sabe-se que era um «Louco de

Deus» que mendigava pelas ruas de Moscovo. Segundo uma das lendas correntes, antes de morrer, teria entregado todas as esmolas recolhidas a Ivan IV, para este último edificar o templo que hoje é conhecido pelo seu nome.

«O Tempo das Perturbações» (1584-1613)

A Oprítchnina fez graves estragos no seio da oposição dos boiardos, mas não acabou com ela. Em finais do século XVI e no início do século XVII, a Rússia mergulhou novamente numa trágica luta pelo poder. Após a morte de Ivan, *o Terrível*, em 1584, o trono coube ao seu filho mais velho Fiodor, que estava mentalmente incapacitado para governar o país. Por isso, o poder real transitou para as mãos do boiardo Boris Godunov e, depois da morte do czar Fiodor, em 1598, o Conselho de Terras elegeu-o para lhe suceder.

O czar Boris revelou-se um governante inteligente e capaz, pois empreendeu uma série de medidas como a reforma do sistema judicial, o envio de estudantes para serem educados na Europa Ocidental, e a permissão da construção de templos luteranos na Rússia, para que, por exemplo, os estrangeiros que trabalhavam no país pudessem frequentá-los. No campo externo, recuperou a saída para o mar Báltico depois de mais uma guerra contra a Suécia.

Num esforço para reduzir o poder das famílias dos que se lhe opunham, Boris baniu os membros da família Romanov e outros; ele também instituiu um extenso sistema de espionagem e perseguiu impiedosamente aqueles de que tinha suspeitas de traição. Essas medidas, no entanto, só aumentaram a animosidade dos boiardos em relação a ele, e quando os seus esforços para aliviar o sofrimento causado pela fome (1601-1603) e pelas epidemias se mostraram ineficazes, a insatisfação popular também aumentou. Assim, quando um pretendente que afirmava ser o príncipe Dmitri (ou seja, o filho mais novo de Ivan, *o Terrível*, que morreu em circunstâncias pouco claras em 1591) liderou um exército de cossacos e aventureiros polacos no Sul da Rússia (em Outubro de 1604), obteve apoio substancial entre a população. O exército do czar impediu o avanço do falso Dmitri em direcção a Moscovo, mas com a morte súbita de Boris, a resistência desmoronou-se e o país mergulhou num período de caos caracterizado por mudanças rápidas e violentas de regime, guerras civis, intervenção estrangeira e desordem social. O «Tempo das Perturbações»,

assim se chama esse período da história russa, terminou em 3 de Março de 1613, quando o Conselho de Terras elegeu Mikhail Romanov para o cargo de czar, dando assim origem à segunda e última dinastia do país.

A ascensão dos Romanov

Reza uma lenda familiar que os Romanov seriam originários da Prússia e teriam chegado à Rus no início do século XIV, mas alguns historiadores defendem que as suas raízes estão em Novgorod.

Mikhail, fundador da dinastia Romanov.

Na época de Ivan, *o Terrível*, os Romanov eram já uma família muito influente na corte russa, estando ligada ao czar por laços familiares. No Tempo das Perturbações, Fiodor Romanov, pai do primeiro czar da dinastia homónima, envolveu-se na luta pelo trono, mas acabou por ser

derrotado e encerrado num mosteiro com a sua mulher, passando a ter o nome de monge Filaret.

Este homem, formoso e erudito, fez uma carreira atribulada no seio da Igreja Ortodoxa Russa. Num período tão conturbado, nem sempre conseguiu afirmar-se da melhor forma. Em 1610, recusando-se a aceitar a eleição de um príncipe polaco, Sigismundo, para czar da Rússia, o rei da Polónia mandou-o prender e só seria libertado em 1619, quando o seu filho Mikhail já governava o país. Após ser libertado, passou a ocupar a cadeira de patriarca de Moscovo e de toda a Rússia. Enquanto membro do alto clero, não podia ter filhos, mas Mikhail era fruto de um casamento legítimo antes de o pai ter sido sujeito às regras monásticas. Verificando-se que o filho estava mal preparado para governar o país, pois era jovem e mal sabia escrever, coube à mãe e aos parentes mais próximos realizar essa tarefa.

*

> Perto do czar não havia pessoas inteligentes e enérgicas, apenas toda uma mediocridade ordinária. A anterior história triste da sociedade russa dava os seus frutos. As obsessões de Ivan, *o Terrível*, o reinado sangrento de Boris e, por fim, as convulsões e o colapso total de todas as ligações administrativas deram origem a uma geração miserável, mesquinha, de pessoas estúpidas e limitadas que eram pouco capazes de se porem acima dos interesses quotidianos... O próprio Mikhail era bondoso por natureza, mas de feitio melancólico, sem brilhantes capacidades, mas não privado de inteligência; no entanto não recebeu qualquer educação e, como dizem, chegou ao trono mal sabendo ler.
>
> Nikolai Kostomarov, historiador russo

*

Depois de Filaret ter sido libertado, foi ele quem, em boa verdade, dirigiu os destinos da Rússia. Não se pode dizer que o primeiro governo dos Romanov tenha sido um êxito, mas pelo menos conseguiu estabilizar a situação no país.

No campo da política externa, o czar firmou o acordo de paz de Stolbovo de 1617, que permitiu a Moscovo reaver alguns territórios, perdendo contudo a saída para o mar Báltico. Com a Rzeczpospolita, o acordo de Polianov, de 1634, deu-lhe o domínio de terras russas a oeste e a norte, ao mesmo tempo que o grão-príncipe lituano Vladislav IV renunciava à coroa russa.

Mikhail conseguiu estabelecer um sólido poder centralizado em todo o território da Rússia, passando a nomear dirigentes militares e civis locais; ordenou um cadastro das terras a fim de regularizar o pagamento de

impostos; anexou territórios da Sibéria e do Extremo Oriente até ao oceano Pacífico; criou o chamado Bairro Alemão em Moscovo, onde podiam viver engenheiros e especialistas militares estrangeiros; no seu reinado surgiu a pintura executada por leigos, retirando à Igreja Ortodoxa a exclusividade da autoria artística nesse domínio.

Primeiros «concursos de beleza»

Não foi tarefa fácil casar o primeiro dos Romanov, sobretudo tendo em conta os interesses contraditórios do amor e do Estado.

Quando Mikhail fez 20 anos, em 1616, a sua mãe e os boiardos decidiram convidar uma série de jovens meninas para que o novo czar pudesse entre elas escolher a futura mulher. Claro que a mãe de Mikhail já tinha decidido que o filho devia escolher uma donzela da família dos boiardos Saltikov, mas Mikhail não lhe deu ouvidos e escolheu Maria Khlopova, também de uma família nobre. Pouco tempo depois, a noiva adoeceu e o pai da candidata preterida, Mikhail Saltikov, convenceu o czar de que a doença era incurável, ao mesmo tempo que a mãe de Mikhail se apressou a enviar para o exílio a eleita do filho e a família. Ivan Khlopov, pai de Maria, declarou, durante um Conselho de Terras, que a filha tinha estado enferma, mas já estava recuperada. Porém, como os boiardos sabiam que a czarina-mãe estava contra o casamento, apoiaram-na quanto à sua decisão.

Mikhail continuava a interessar-se por Maria, e quando Filaret foi libertado da prisão ordenou um novo exame à saúde de Maria, embora, quando os médicos a encontraram de boa saúde, não tenha insistido para que o filho se casasse com ela. Tendo em conta a situação ruinosa do Estado, tentou casá-lo com princesas de nacionalidade lituana, dinamarquesa e sueca, mas sem êxito.

Falhadas estas tentativas, Mikhail voltou a falar do desejo de se casar com Maria, mas a oposição da mãe prevaleceu e ele aceitou casar-se com Maria Dolgorrukaya, descendente dos Riurikovitch. Todavia, esta adoeceu e faleceu cinco meses depois. Segundo um registo russo, essa morte teria sido um castigo de Deus por terem insultado a inocente Maria Khlopova.

Como Milkhail não tinha descendentes, foi organizado um novo desfile de 60 jovens nobres para que ele pudesse escolher uma outra noiva. A eleita foi a nobre Evdokia Strechneva. Desta vez a história acabou bem. Após a cerimónia nupcial conduzida por Filaret, Mikhail e Evdokia foram muito felizes e tiveram dez filhos.

Cossacos: cavaleiros e aventureiros

A questão da origem dos cossacos continua a provocar alguma controvérsia e ainda hoje se discute se os cossacos eram um estrato social ou uma etnia. O conhecido historiador russo Nikolai Karamzin escreveu: «Não se sabe ao certo qual a origem dos cossacos, mas, em todo o caso, apareceram antes da invasão de Batu em 1237. Estes cavaleiros viviam em comunidades, não reconhecendo nem o poder dos polacos, nem dos russos, nem dos tártaros.»

Os cossacos, palavra de origem turca que significa aventureiro ou homem livre, eram descendentes de camponeses que fugiam aos seus senhores, de nobres pobres e marginais que se instalaram nas fronteiras do Sudeste da Rússia. A maior comunidade formou-se nas margens do rio Don. Inicialmente sobreviviam com recurso à caça, à pesca e à recolha de frutos silvestres, e não eram dados a constituir família. As vestes e armas eram conseguidas à custa da pilhagem de tártaros e turcos ou a assaltos a caravanas comerciais que navegavam nos rios Don e Volga. Gradualmente, os cossacos foram-se transformando numa força armada organizada, com a sua própria hierarquia, sendo o denominado «hetman» o seu comandante militar máximo. Os czares começaram a utilizá-los não só na protecção das fronteiras, mas como corpos militares regulares, participando, por exemplo, na tomada de Kazan em 1552. Os cossacos do Don foram os primeiros a prestar juramento a Alexei Romanov em 1671, e no final do reinado de Pedro, *o Grande* já todas as comunidades estavam integradas no Ministério da Defesa do Império Russo.

Posteriormente, as forças cossacas desempenharam um papel importante na história militar russa, tendo-se distinguido principalmente na Guerra Patriótica de 1812, contra as tropas napoleónicas. «Nos cossacos está instalado o próprio diabo», disse Napoleão Bonaparte.

Revoltas do sal e do cobre

O reinado de Alexei Romanov (1645-1676), sucessor de Mikhail, foi longo e atribulado. O reforço do poder absoluto e as tentativas de aumento dos impostos estiveram na origem do descontentamento da população e provocaram várias revoltas. A 1 de Junho de 1648, o czar anunciou o aumento do imposto sobre o sal, o que desencadeou um levantamento do povo em Moscovo tão forte, que ele entregou à multidão furiosa o autor da ideia e desterrou para o estrangeiro o seu mestre, o boiardo Boris Morozov. O czar teve de recuar.

Devido à falta de meios do tesouro público, provocada pelas longas guerras que a Rússia conduzia, Alexei Romanov decidiu cunhar moeda, não de prata, mas de cobre, o que ocasionou uma pesada desvalorização do dinheiro. Os mercadores recusaram-se a aceitar a nova moeda e o exército deixou de receber salários. Em Julho de 1662, os revoltosos dirigiram-se para o palácio onde se encontrava o czar, mas foram

violentamente reprimidos pelos soldados fiéis a Alexei. No entanto, este suspendeu a circulação de moedas de cobre.

Mais complicado foi dominar a revolta do cossaco Stepan Razin. Nascido numa próspera família cossaca do Don, cresceu entre as tensões originadas pelos movimentos migratórios camponeses e não lhes foi indiferente. No início de 1670, depois de reunir forte apoio de povos do Volga (tártaros, mordovianos, etc.) e de camponeses russos que tinham sido reduzidos a servos da gleba, Razin liderou uma sublevação que, no entanto, não apelava ao derrube do czar – pelo menos nas palavras –, mas que se manifestava contra os funcionários do Estado, acusando-os de traição. O exército reunido por Razin ocupou várias fortalezas importantes do Sul da Rússia: Astracã, Tzaritzin, Saratov e Samara, mas não conseguiu conquistar Simbirski. Em finais de 1670, o czar enviou 60 mil soldados para esmagar a revolta, e as tropas do chefe dos revoltosos foram derrotadas, tendo Razin sido gravemente ferido. Salvo pelos cossacos que lhe mantiveram lealdade, foi traído por outros que receavam uma repressão generalizada.

Depois de barbaramente torturado, foi esquartejado na Praça Vermelha em Moscovo.

A execução de Stepan Razin, em 1671.

SERVIDÃO DA GLEBA

A servidão não é um fenómeno puramente russo, é também uma característica importante da Europa feudal. Porém, na Rússia, foi a base do sistema socioeconómico durante muitos séculos e travou o desenvolvimento e a modernização do país.

A chamada servidão da gleba era uma complexa teia de vínculos que ligava os camponeses a um pedaço de terra e os deixava na dependência directa dos proprietários, o que se traduziu na privação da liberdade pessoal dos camponeses. Até ao ano de 1497, entre os proprietários das terras (a nobreza e o clero) e os camponeses era feito um contrato que regulava os deveres e direitos de cada uma das partes. O camponês arrendava um pedaço de terra e devia pagar uma renda depois das colheitas. Cumprido o contrato, os agricultores podiam mudar de local de residência.

Porém, os latifundiários – o principal dos quais era o próprio czar – necessitavam de mão-de-obra e, por isso, foi decidido que os camponeses podiam fazer contas com os donos das terras e desligar-se deles apenas num dia do ano: 26 de Novembro. Em 1581, o Estado proibiu, nalguns anos, os camponeses de se desligarem dos latifundiários até nesse dia e, finalmente, em 1649, o novo Código de Leis fixou definitivamente o camponês à terra que trabalhava. Se até então os senhores tinham cinco ou dez anos para capturar os camponeses fugitivos, agora poderiam procurá-los durante toda a vida. Os nobres foram autorizados a vender os servos sem terra. A diferença entre a servidão da gleba e a escravatura consistia apenas em que, no primeiro caso, o senhor tinha de garantir um pedaço de terra ao camponês comprado, bem como alfaias e habitação.

Catarina, *a Grande*, considerada por alguns historiadores ocidentais como uma seguidora dos enciclopedistas franceses, decretou leis ainda mais favoráveis à nobreza. Ao mesmo tempo que se correspondia com Diderot e Voltaire, aprovou legislação que autorizava os senhores a condenar os servos a trabalhos forçados pelos motivos mais insignificantes, proibindo os camponeses de apresentar queixas contra os seus senhores.

A servidão da gleba na Rússia foi abolida em 19 de Fevereiro de 1861.

Os barqueiros no Volga, do pintor Ilya Repin.

Cisma na Igreja Ortodoxa Russa

No século XVII, a Igreja Ortodoxa Russa sofreu a sua primeira profunda cisão, provocada pelas reformas da liturgia e da emenda dos livros religiosos. Porém, a sua essência é mais profunda, pois tratou-se igualmente de uma luta entre o czar e o patriarca pela primazia na hierarquia de poderes.

O Concílio da Igreja Ortodoxa Russa elegeu em 1652 um novo patriarca: Nikon. Mas este queria mais poderes e só aceitou o cargo depois de o czar Alexei Romanov lhe ter pedido de joelhos que concordasse com aquela decisão do alto clero russo.

Nikon e os seus seguidores consideravam necessário aproximar as práticas religiosas russas ao rito grego oriental, mais disciplinado e organizado do que o russo. Por isso, com o aval do czar, o patriarca deu início a uma série de reformas. Estas transformações pareciam ser mais uma questão de forma do que de conteúdo: por exemplo, na persignação usar três dedos em vez de dois, na liturgia cantar três vezes «Aleluia» em vez de duas, nas procissões deveriam desfilar contra o Sol e não a favor, como acontecia antes.

Nikon ordenou também que fossem revistos os livros sagrados russos para que ficassem em conformidade com os gregos. Os ícones e livros que se afastavam dos cânones gregos foram queimados. Todos os crentes que não aceitaram essas decisões foram considerados «cismáticos» e hereges e começaram a ser perseguidos. Eles próprios passaram a chamar-se «velhos crentes» (*staroobriadzy*). Um dos dirigentes da oposição às reformas, o padre Avvakum, foi desterrado para a Sibéria e mais tarde, em 1682, queimado numa fogueira com muitos dos seus apoiantes.

O patriarca reformador tinha claramente intenções de submeter o poder político ao religioso, passando a ter o título de «Veliky Gossudar» (grande soberano), mas em 1658 o czar fez-lhe chegar a mensagem de que se deveria comportar com maior humildade. Nikon decidiu arriscar tudo, escreveu uma carta ao czar apresentando a renúncia ao cargo de patriarca. Porém, o senhor autocrático da Rússia não se lhe foi ajoelhar novamente aos pés, tendo sido convocado um concílio, em 1666, que destituiu Nikon do cargo, mas aprovou todas as reformas por ele realizadas.

Quanto aos velhos crentes, refugiaram-se em regiões remotas do país ou emigraram para o estrangeiro a fim de escapar a perseguições e discriminações. Porém, alguns membros dessa comunidade tornaram-se, mais tarde, grandes empresários capitalistas.

A divisão na Igreja Ortodoxa Russa continua até hoje.

Formação dos povos ucranianos e bielorrussos

Depois da desintegração da Rus de Kiev, as partes ocidentais e meridionais do principado viram o seu destino afastado do núcleo formado em torno da Moscóvia. Começaram por ser pilhadas pelos tártaro-mongóis e depois encontraram-se sob o domínio lituano. Mas a própria Lituânia, a partir da segunda metade do século XIV, tornou-se cada vez mais dependente da Polónia católica. Foi então que começaram a empregar-se os termos Ucrânia (Ukraina, em russo, significa terra no extremo, na fronteira) e Bielorrússia (Belaya Rus significa Rússia Branca) para definir os territórios do Sudoeste. Separados do Nordeste da Rus e, depois, da Rússia, aí se formaram os grupos étnicos dos ucranianos e dos bielorrussos. Entre os séculos XIV e XVI tomaram forma as particularidades da língua, da vida e da cultura desses dois povos eslavos.

Nos meados do século XVII, a Rzeczpospolita atravessava uma profunda crise, abrindo excelentes perspectivas para Moscovo. Na Ucrânia, o «hetman» cossaco Bogdan Khmelnitzki conseguiu importantes êxitos militares na luta contra a Polónia e, em Janeiro de 1654, juntou-se à Rússia através do Acordo de Pereiaslav. Segundo esse acordo, a Ucrânia conservava o direito à autogestão e ao estabelecimento de relações com os Estados amigos da Rússia. O poder supremo continuava nas mãos do «hetman» eleito pela Rada (Parlamento).

Em 1667, perante a ameaça da Turquia, russos e polacos assinaram o armistício de Andrussovo, que previa a passagem de toda a parte oriental da Ucrânia e da cidade de Kiev para a Rússia.

Quanto à Bielorrússia, em 1654, uma campanha das tropas russas contra a Rzeczpospolita ocupou parte significativa do território da Bielorrússia. O czar Alexei passou a ter o título de «Senhor de Toda a Rússia Grande, Pequena e Branca».

A união entre a Polónia e a Lituânia terminou em 1795, com a divisão da Polónia entre o Império Russo, a Prússia e a Áustria. O Grão-Ducado da Lituânia, de que fazia parte a Bielorrússia, passou a fazer parte da Rússia.

3.

IMPÉRIO RUSSO
(1721-1917)

O despertar do Império

Fiodor III sucedeu a Alexei Romanov, mas o seu reinado foi de apenas seis anos (1676-1682). Não tendo Fiodor deixado descendência, surgiu a questão de qual dos filhos de Alexei deveria ocupar o trono. Com o apoio do patriarca Ioakim, os familiares e apoiantes de Pedro (1672-1725) proclamaram-no czar, pois o outro irmão mais velho, Ivan, tinha graves doenças mentais. Porém, os parentes e familiares deste último, dirigidos pela princesa Sofia, irmã de ambos, consideraram que se tratava de uma usurpação do poder. Com o apoio dos arqueiros, impuseram a seguinte fórmula: Ivan passava a ser o primeiro czar, Pedro o segundo. Como ambos eram menores, Sofia foi nomeada regente. Porém, após afastar a irmã do poder e de a encerrar num dos mosteiros de Moscovo, Pedro passou a governar a partir de 1689.

Nessa altura, a Rússia era uma enorme potência terrestre, mas não tinha saídas para os mares Báltico e Negro. Tinha alguns portos no Norte do país que ficavam inacessíveis durante o Inverno. O mar Báltico era controlado pela Suécia e o mar Negro pela Turquia. A Rússia tinha relações complicadas com esses vizinhos, o que não lhe permitia ter a sua própria frota militar e comercial e manter relações comerciais estáveis com os Estados europeus. Alguns desses Estados tinham alcançado um grande desenvolvimento económico e, por isso, o jovem czar necessitava de abrir uma janela para a Europa. No entanto, para conseguir objectivo tão difícil, era necessário fazer profundas reformas militares, industriais e administrativas.

Pedro, *o Grande*.

Aprender com os outros

Nos anos de 1697 e de 1698, Pedro I realizou uma longa viagem pela Alemanha, Holanda e Inglaterra a fim de encontrar aliados na luta contra a Turquia e, ao mesmo tempo, estudar os êxitos científicos e tecnológicos dos europeus e contratar especialistas estrangeiros para o ajudarem na modernização do seu país. Entre estes havia dois judeus portugueses: António de Vieira e João da Costa.

Os Estados europeus não estavam preparados para apoiar Moscovo na luta contra a Turquia, mas alguns prometeram ajuda para enfrentar a Suécia.

O czar russo teve de interromper a viagem pelo estrangeiro quando recebeu a notícia de um novo levantamento dos arqueiros. Quando chegou a Moscovo, a revolta já tinha sido esmagada, mas ele tomou medidas duras para que tal não se repetisse. Mandou executar mais de 800 arqueiros, encerrou a sua irmã Sofia num convento, fazendo o mesmo a Edvokia, a mulher com quem a mãe o obrigara a casar-se. Restabelecida a ordem, era preciso dar início aos grandes desígnios traçados por Pedro.

Janela para a Europa

Durante os primeiros anos do seu reinado, o czar russo virou-se completamente para o Sul. Conseguiu alguns êxitos com a conquista da cidade de Azov e a construção da fortaleza de Taganrog, que lhe deram o controlo do mar de Azov, mas o estreito de Kertch, que permitia acesso ao mar Negro, continuava nas mãos dos turcos.

Em 1699, a Rússia entra em guerra com a Suécia a fim de se afirmar nas costas do mar Báltico. Este conflito, que durou até 1721, recebeu o nome de Guerra do Norte. Inicialmente, as coisas não correram a favor dos russos, o que levou Pedro I a concluir que não conseguiria vitórias sem antes realizar profundas reformas.

O czar desmontou todo o corpo militar antiquado, incluindo as tropas de arqueiros, substituindo-o por tropas regulares; organizou escolas militares para formar oficiais entre a nobreza e introduziu uma hierarquia militar definida. No final do seu reinado, os exércitos russos eram constituídos por 220 mil soldados e oficiais, a marinha militar tinha 530 navios.

Foram edificadas grandes fábricas, mais de cem, para fundir metal, produzir armas, munições e fardas. Falta de mão-de-obra não se fazia sentir porque naquelas trabalham servos que pertenciam ao Estado. Foram criados novos impostos para financiar a Guerra do Norte.

Os resultados não se fizeram esperar muito. Entre 1702 e 1704, os exércitos russos obtiveram várias vitórias e passaram a controlar parte da costa do mar Báltico. Em 1703, o czar fundou a cidade de São Petersburgo na foz do rio Neva e fez dela a sua nova capital, em contraposição à tradicionalista Moscovo. Em 27 de Junho de 1709, as tropas suecas sofreram uma pesada derrota na Batalha de Poltava, que mudou o rumo da guerra a favor da Rússia. Mas só em 1721 é assinado o acordo de paz com a Suécia, segundo o qual a Rússia passava a dominar os territórios da costa do Báltico, incluindo a Estónia, bem como várias ilhas. Esta vitória transformou o país numa forte potência europeia e Pedro recebeu o cognome de *o Grande*.

O PORTUGUÊS FAVORITO DE PEDRO, O GRANDE

António Manuel Luís Vieira foi um dos numerosos judeus portugueses que, no final do século XVII, fugiram à Inquisição e encontraram refúgio noutros cantos mais tolerantes da Europa. Não sendo rico e tendo perdido o pai cedo, alistou-se como grumete na marinha, não estando precisamente determinado se na inglesa ou na holandesa. Mas o facto é que o czar russo Pedro I, que, em 1697, andava pela Europa para conhecer novos mundos e estudar

técnicas inovadoras, apreciou o trabalho do jovem judeu de origem portuguesa e levou-o para a Rússia, onde chegou a ocupar cargos de destaque na corte de São Petersburgo. António Manuel Luís Vieira, conhecido na Rússia por Антон Мануилович Девиер ou Дивьеръ (Anton Manuilovitch Devier), deu início a uma dinastia que marcou a História da Rússia. Chegou à Rússia e começou a fazer uma brilhante carreira. Em 27 de Maio de 1718, o português foi promovido a brigadeiro e nomeado general-chefe da polícia de São Petersburgo. Vieira cumpria com mão de ferro as instruções do czar russo, devendo também organizar a vida social e cultural da alta sociedade da nova capital russa.

Os senhores da Rússia compensavam abundantemente os bons serviços prestados por António Vieira. Em 6 (17)[1] de Janeiro de 1725, Pedro, *o Grande*, concedeu-lhe o título de «Cavaleiro da Ordem de Alexandre Nevsky», a mais alta condecoração russa da época. Em 18 (29) de Fevereiro de 1726, Catarina I fê-lo senador e conde. Isto tornou-o um dos homens mais fortes da corte de São Petersburgo, pô-lo entre aqueles políticos russos que ajudaram Pedro I a reformar o seu país e que, por isso, entraram na história como «as crias do ninho de Pedro, *o Grande*». Caído em desgraça, foi desterrado para a Sibéria. Em Abril de 1737, a imperatriz Anna Ioanovna (1730-1740), sobrinha de Pedro, *o Grande*, lembrou-se de Vieira e nomeou-o comandante do Porto de Okhotsk, então em construção no Extremo Oriente da Rússia e uma das primeiras portas para o oceano Pacífico. As notícias da obra do português desterrado iam chegando a São Petersburgo e a imperatriz e czarina Elizaveta Petrovna (1741-1762), filha de Pedro, lembrou-se de António Vieira, «que sofreu injustamente» e, em 1743, mandou-o regressar da Sibéria, devolveu-lhe o cargo de general-tenente, o título de conde, a Ordem de Alexandre Nevsky. Além disso, a czarina ofereceu-lhe os mil e oitocentos servos que, antes, tinham pertencido ao seu cunhado Alexandre, que, entretanto, vira seus bens confiscados e fora desterrado devido a exageradas ambições políticas.

Todavia, as honras e mercês não puderam compensar a perda de saúde de Vieira, seriamente abalada pelos frios gélidos da Sibéria, que veio a falecer dois anos após a sua reabilitação, em 27 de Julho (7 Agosto) de 1745, tendo sido sepultado no Cemitério de Alexandre Nevsky, em São Petersburgo, última morada para muitos dos heróis e ilustres da História da Rússia.

António de Vieira, conhecido na Rússia por Anton Devier.

De czar a imperador

O czar empreendeu numerosas medidas para consolidar a classe dirigente da Rússia. Desapareceu o estrato social dos boiardos e todos passaram a chamar-se *dvoriany*, ou seja, nobres. Estes passaram a ter de prestar serviço civil ou militar na máquina do Estado. Promulgou, em 1722, uma Tabela de Patentes (*Tabel o rangakh*) civis e militares que visava definir as regras de promoção nos postos governamentais. A ideia era criar uma carreira com elementos de meritocracia que obrigasse os nobres do império a prestar serviços ao Estado, concorrendo também com pessoas não nobres. A Tabela, com modificações introduzidas pelos czares posteriores, vigorou até à Revolução de 1917. Segundo essas regras, todos os filhos dos nobres deviam estudar, inclusivamente no estrangeiro.

A reforma administrativa modernizou o sistema de ministérios herdados do passado (*prikazy*) e criou colégios com deveres mais bem definidos. Por exemplo, o exército passou a estar a cargo do Colégio Militar e a marinha do Almirantado. O czar concentrou nas suas mãos os poderes legislativo, executivo, judicial, militar e até religioso. Foi extinto o cargo de patriarca da Igreja Ortodoxa Russa, passando esta a ser dirigida pelo Santo Sínodo, colégio chefiado por um leigo da confiança de Pedro. Deste

modo, na Rússia instituiu-se o sistema de monarquia absoluta e, em 1721, Pedro passou a designar-se Imperador da Rússia.

Pedro, *o Grande*, incentivou o desenvolvimento da ciência e da cultura ao criar escolas de medicina, engenharia, navegação. Em 1724, decretou a formação da Academia das Ciências do Império Russo.

As reformas fizeram-se também sentir nos hábitos tradicionais dos russos. As tradicionais barbas longas passaram a ser objecto de imposto: todos os nobres e mercadores que ostentassem semelhantes barbas teriam de pagar 100 rublos; todos os restantes teriam de pagar 1 kopek. Os tradicionais trajes de influência oriental foram alvo de mudança. À entrada das cidades, eram afixados trajes de corte francês que passaram a ser o tipo de roupa exigida aos nobres e homens abastados. A quem quisesse entrar na cidade sem tal traje, os soldados mandavam ajoelhar e cortavam a parte do traje que ficava abaixo do joelho; como alternativa, podia-se pagar uma taxa. Apesar dos óbvios protestos populares dos cidadãos mais tradicionais, os mais jovens adaptaram-se facilmente aos novos costumes.

Se é verdade que o imperador realizou um trabalho gigantesco para modernizar a Rússia, também não se pode esquecer que não olhou a meios, mesmo aos mais cruéis, para atingir os seus objectivos. Alexei, filho e herdeiro do trono, não escondia a sua oposição às reformas de Pedro, ao ponto de ter fugido para a Áustria a fim de encontrar apoio para derrubar o pai. Em 1717, uma delegação russa conseguiu convencê-lo a regressar ao país, onde foi julgado e condenado à morte, tendo morrido de forma misteriosa pouco tempo antes da data da sua execução.

A ÉPOCA DOS GOLPES PALACIANOS

Depois da morte de Pedro, *o Grande*, a Rússia atravessou uma época de relativa acalmia, a sociedade russa parecia pretender descansar do ritmo abismal das reformas do seu primeiro imperador. Por outro lado, as lutas pelo poder no interior da corte tornaram-se constantes. Entre 1725 e 1762, pelo trono russo passaram sete imperadores e imperatrizes: Catarina I, Pedro II, Anna Ioanovna, Ivan VI, Anna Leopoldovna, Elizaveta Petrovna e Pedro III. No entanto, essas sucessivas alterações na chefia do país mais não eram do que golpes palacianos, que pouca influência tinham na vida das pessoas e, por isso, não deparavam com grandes obstáculos na sua realização.

Por paradoxal que pareça, esses golpes palacianos tiveram as suas raízes na política de Pedro, *o Grande*. Ao assinar o «*Ukaz* [Decreto] sobre o Herdeiro da Coroa», aumentou significativamente o número de potenciais candidatos ao trono. O imperador reinante podia nomear seu herdeiro quem quisesse. Se não o fizesse, deixava em aberto essa questão, o que foi utilizado pelos vários grupos políticos existentes na corte russa. O mais importante era conquistar a simpatia e o apoio das tropas.

No campo da política interna, não se realizaram reformas significativas, mas também não assistimos a uma espécie de contra-reforma relativamente ao legado de Pedro I.

Na política externa, a Rússia afirmou-se definitivamente no Báltico, mostrou ser uma potência militar europeia em crescimento, alargou o território com o controlo do Cazaquistão e do Extremo Oriente, e a Turquia e a Pérsia reconheceram como «territórios discutíveis» a região do mar de Azov e parte do Cáucaso.

Porém, os senhores da Rússia não conseguiram conquistar qualquer saída para o mar Negro nem ocupar totalmente a Ucrânia e a Bielorrússia.

O GRANDE ENCICLOPEDISTA RUSSO

Mikhail Lomonossov (1711-1765) foi, sem dúvida, um dos maiores cientistas da sua época. Filho de um pescador pobre, foi a pé de Arkhangelsk para Moscovo, superando uma distância de mais de mil quilómetros, para estudar. Após frequentar a Academia Eslavo-Greco-Latina, foi nomeado membro da Academia das Ciências da Rússia devido ao seu trabalho científico em diferentes áreas. Continuou os estudos na Alemanha durante vários anos.

Regressado ao seu país, dedicou-se à investigação em áreas tão diversas como geografia, geologia, física, química, biologia, astronomia, literatura e filologia.

Entre os seus mais destacados trabalhos, deve citar-se a experiência de calcinar metais em recipientes fechados, realizada em 1760, que seria repetida por Antoine Lavoisier treze anos depois, servindo de base para a descoberta da Lei da Conservação da Massa. Com base no Terramoto de Lisboa de 1755, avançou hipóteses sobre as causas de catástrofes naturais semelhantes, que mais tarde vieram a ser confirmadas na prática.

Mikhail Lomonossov conhecia *Os Lusíadas* de Luís de Camões. Na sua obra *Breve Guia de Retórica* (1748), publicou partes do grande poema português por ele traduzidas. A ele se deve também a fundação da primeira escola de ensino superior da Rússia em 1755: a Universidade de Moscovo, que tem o seu nome.

A MAIS RUSSA DAS ALEMÃS

Seria difícil imaginar – à época e hoje também – que uma estrangeira se pudesse tornar imperatriz e senhora da Rússia, mas o facto é que Catarina II conseguiu realizar essa façanha e de tal forma que recebeu o cognome de *a Grande.*

Sofia Frederica Augusta de Anhalt-Zerbst-Dornburg nasceu em 1729 no seio de uma família nobre alemã. Escolhida pela imperatriz russa Elizaveta Petrovna para noiva do grão-príncipe Pedro, herdeiro da coroa russa, Sofia teve de converter-se à ortodoxia religiosa e recebeu por baptismo o nome de Catarina.

Chegada a São Petersburgo, dedicou-se afincadamente ao estudo da história, cultura e língua da sua nova pátria, que acrescentou a uma boa bagagem cultural europeia.

Catarina casou-se com Pedro em 1745, mas o matrimónio não trouxe a felicidade a nenhum deles. A princesa tinha como principais passatempos os bailes e as caçadas. Em 1754, deu à luz o filho Paulo, que lhe foi retirado imediatamente pela imperatriz Elizaveta. Nem Catarina nem Pedro escondiam publicamente ter amantes, por isso ela não se livrou do boato de o futuro herdeiro do trono russo ser filho de um dos seus numerosos favoritos.

Após a morte de Elizaveta, Pedro III é proclamado imperador em Janeiro de 1762, mas o seu reinado é muito curto. Pouco inteligente e rude, gerou contra si uma forte oposição na corte russa, que via em Catarina uma boa alternativa. As excentricidades e políticas do novo czar, profundo admirador de Frederico II da Prússia, enfureceram uma parte significativa da nobreza russa. No fim da Guerra dos Sete Anos (1756-1763), embora as tropas russas tenham ocupado Berlim, Pedro II decidiu devolver ao rei prussiano parte das terras conquistadas.

Aproveitando a ausência do marido na Finlândia, e com o apoio de unidades da guarda, Catarina derrubou-o e, pouco tempo depois, Pedro morreu de forma ainda hoje por esclarecer.

Quando chegou ao poder, a nova imperatriz, que reinou entre 1762-1796, assumiu-se como uma seguidora das ideias dos iluministas franceses. Por exemplo, a Proclamação, escrita por ela para reunir e modernizar o Código de Leis, estava cheia de boas ideias intenções, mas Catarina II, tal como os seus antecessores, estava atenta para que o seu poder não fosse beliscado pelas ideias vindas de fora. Apresentando-se

como uma discípula dos enciclopedistas franceses, só buscava neles a inspiração para as ideias que lhe convinham. Baseou-se nas obras do filósofo francês Montesquieu para mostrar que as grandes dimensões do império russo e a dureza e hostilidade do seu clima ditavam a necessidade da autocracia na Rússia. Correspondeu-se com Diderot e Voltaire, mas, ao contrário destes – que defendiam que os homens nascem livres e iguais e que apelavam para o fim das formas despóticas de governo –, Catarina aumentou o grau de submissão dos servos da gleba em relação à nobreza russa, concedendo-lhe ainda maiores privilégios. Nomeadamente, libertando os nobres da obrigatoriedade de trabalhar para o Estado e de pagar impostos. A Ucrânia passou também a conhecer a servidão. O medo de irritar os nobres e de perder o poder era bem mais forte do que os princípios filosóficos, o que se torna ainda mais notório depois da guerra camponesa de 1773-1775 e da Revolução Francesa de 1789. A imperatriz mandou encerrar as lojas maçónicas e lançou uma campanha de perseguição contra os escritores e editores que ousavam defender as ideias do Iluminismo no país.

Catarina II visita Mikhail Lomonosov em 1764, pintura de Ivan Feodorov.

Catarina, *a Grande*, teve mais êxito na política externa. As tarefas iniciadas por Pedro, *o Grande*, nesse campo foram concluídas durante o reinado da imperatriz Catarina II, que consolidou as posições de Pedro I no Báltico, anexou metade da Polónia e se impôs definitivamente na costa do mar Negro com a conquista da Crimeia. O Império Russo afirmava-se cada vez mais no Cáucaso, integrando neste a Geórgia. Estas circunstâncias deram à Rússia uma voz decisiva na Europa e trouxeram também uma nova orientação para a política externa russa que iria ser importante durante todo o século XIX: o avanço rumo aos Balcãs e ao mar Mediterrâneo.

É durante o reinado de Catarina que se estabelecem relações diplomáticas entre Portugal e a Rússia, em 1779.

Quantos amantes tinha Catarina II?

Era muito frequente nas cortes a existência de favoritos e amantes. Catarina II não era excepção, mas os seus apetites sexuais criaram lendas. Alguns falam em dezenas de casos se contados não só aqueles que foram relações durante algum tempo, mas também os encontros fugazes. Porém, limitemo-nos aos mais conhecidos e importantes.

Pedro III não se interessava pela mulher. Em vez da companhia dela preferia brincar ao «jogo dos soldadinhos», em que estes não eram brinquedos, mas pessoas reais, e dedicava maior atenção aos cães e às caçadas. Além disso, tinha as suas amantes e favoritas, algumas delas aias da imperatriz.

Catarina retribuía-lhe na mesma moeda. Depois de um curto período de vida conjunta, ela encontrou, entre outros, Serguei Saltykov, camareiro do marido, com quem manteve uma relação amorosa entre 1752 e 1754. Separaram-se pouco antes do nascimento do filho dela, o que provocou boatos, também incentivados por Catarina, de que Paulo não seria filho do marido legítimo.

Catarina apaixonou-se mais tarde pelo conde polaco Stanislav Poniatowski, mas as coisas não correram muito bem para este. Quando aos ouvidos de Pedro III chegaram murmúrios sobre o novo amante da mulher, atirou simplesmente o polaco por umas escadas abaixo, fazendo-o regressar apressadamente à sua pátria. Deste amor nasceu uma filha.

O terceiro a aparecer na lista é Grigori Orlov, jovem e belo oficial da guarda, com quem Catarina manteve uma relação amorosa durante 12 anos. Foi um dos organizadores e executantes do assassinato de Pedro III, e uma das razões que o levaram a fazê-lo foi a ameaça do imperador de que encerraria Catarina num mosteiro e se casaria com uma das suas amantes. A nova imperatriz tencionava mesmo casar-se com Orlov, mas foi desaconselhada por «razões de Estado». Desta relação nasceu um filho.

A relação pessoal mais estreita e mais estável de Catarina terá sido com Gregori Potemkin, que durou até 1791, quando ele faleceu. Foi também uma relação amorosa longa, mas, a determinava altura, a imperatriz passou a preferir amantes mais jovens e Potemkin dispôs-se a arranjá-los. Mas mesmo durante esta fase amorosa – a maioria dos historiadores considera que eles se chegaram a casar secretamente em 1774 ou 1775 – a czarina teve outros amantes e Potemkin viveu abertamente com as sobrinhas dele. Em 1776 terminou a fase ardente deste romance de alcova, mas Gregori continuou a ter acesso aos aposentos de Catarina e forneceu-lhe, pelo menos, seis amantes. Entre eles estava Alexandre Lanskoi, 29 anos mais novo do que Catarina. Diz-se que o jovem morreu devido ao abuso de afrodisíacos. A imperatriz chorou a morte do seu amado, mas, aos 60 anos, apaixonou-se por Platon Zubov, que tinha 22. Este viveu com ela até à morte, tornando-se o favorito que mais tempo a acompanhou.

Verdade seja dita, a imperatriz recompensou sempre bem os seus amantes e favoritos, oferecendo-lhes terras, servos, cargos e dinheiro. Os historiadores soviéticos calcularam que ela gastou com eles cerca de 100 milhões de rublos, quantia equivalente à dívida externa russa no final do seu reinado.

> Para sair do meu quarto, o conde Poniatowski, normalmente, enfiava uma peruca loira e uma capa; e quando os guardas lhe perguntavam quem vem aí, ele respondia: um músico do grão-príncipe.
>
> Catarina II, *Memórias*

*

> Essa da Rússia imperatriz famosa,
> Que inda há pouco morreu (diz a Gazeta)
> Entre mil porras expirou vaidosa:
>
> *
>
> Todas no mundo dão a sua greta:
> Não fiques pois, ó Nize, duvidosa
> Que isso de virgo e honra é tudo peta

O MÉDICO DOS «MALES DO AMOR»

António Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783) nasceu em Penamacor, mas teve de fugir para o estrangeiro para escapar à Inquisição. Por indicação de Boerhaave, seu mestre holandês e um dos mais eminentes médicos do seu tempo, foi trabalhar para a Rússia, onde passou dezoito anos (1731-1749).

Ribeiro Sanches deixou as melhores recordações na Rússia principalmente graças à sua actividade no campo da medicina. Quando já exercia as funções de médico da corte de São Petersburgo, o iluminista luso salvou da morte a noiva do grão-príncipe Pedro e futura imperatriz da Rússia, Catarina II, *a Grande*. Por isso, em 1782, o seu filho e sucessor no trono, Paulo, exprimiu-lhe publicamente gratidão em Paris. Isso valeu-lhe também uma pensão vitalícia da corte russa.

Já depois de ter abandonado a Rússia, acusado de não ter renunciado ao judaísmo, Ribeiro Sanches nunca se recusou a prestar assistência médica aos nobres russos que o procuravam na capital francesa. É de sublinhar que o médico era, na época, considerado um mestre incomparável no tratamento de doenças venéreas, o que vinha muito a propósito: os jovens nobres russos (e não só jovens) que visitavam Paris sofriam frequentemente desses «males do amor».

O cientista luso continuou a corresponder-se com colegas seus na Rússia, bem como a dar consultas por correspondência a altos dignitários russos. Mas claro que tanto na Rússia como em França, os contactos entre Ribeiro Sanches e os russos não se limitavam a temas de medicina. Por exemplo, quando se encontrava a viver em São Petersburgo, não só tratava da família real como também fornecia aos seus membros livros para leitura, incluindo à duquesa Ana de Macklenburgo, futura regente do trono russo.

O médico português mantinha contactos estreitos com o mundo científico russo, contribuindo para o estabelecimento de relações entre cientistas russos e sábios de outros países da Europa e do mundo. Por sua iniciativa, em 1735, dá-se início à troca de cartas e de livros entre a Academia de Ciências de São Petersburgo (de que Ribeiro Sanches se tornou mais tarde membro) e a Academia Portuguesa de História. É também ele quem está na origem dos contactos entre São Petersburgo e Pequim, onde as sociedades científicas eram dirigidas por jesuítas portugueses.

Os contactos de Ribeiro Sanches não se restringiram a Portugal e à diáspora portuguesa no estrangeiro. Quando se encontrava na Rússia, e depois quando foi para Paris, correspondeu-se com cientistas de todo o mundo.

Respondia com prazer e saber aos colegas europeus que lhe faziam perguntas sobre a história da Rússia. Por exemplo, as informações que prestou ao famoso naturalista francês Buffon sobre os peixes da Rússia e que ele incluiu nas suas obras.

Aquando da eleição de novos membros estrangeiros, os dirigentes da Academia de Ciências de São Petersburgo tinham em boa conta a opinião de Sanches.

O iluminista português dava a conhecer aos seus interlocutores a situação sociopolítica e económica na Rússia. Nos anos 70 do século XVIII, informava-os das reformas da imperatriz Catarina II. Por outro lado, de Paris comunicava para a capital russa as transformações que ocorriam nos vários Estados europeus. Da pena deste ilustre sábio luso saíram numerosas obras sobre a Rússia.

É impressionante a amplitude de interesses científicos de Ribeiro Sanches. Entre as suas cartas manuscritas e as obras de significativa dimensão intelectual, há escritos etnográficos

sobre alguns povos do Sul da Rússia, que ele conheceu durante a campanha militar da Crimeia (nos anos 30 do século XVIII), em que exercia funções de médico militar. Nomeadamente, redigiu em manuscrito o único dicionário da língua dos tártaros de Kuban, povo hoje desaparecido.

Ribeiro Sanches deixou igualmente escritos sobre cossacos, ucranianos, povos do Báltico, etc. Todavia, dedicou maior atenção aos russos, aos seus costumes, às suas tradições, vida económica e agricultura. Na sua conhecida obra *Memória Sobre os Banhos de Vapor da Rússia,* Ribeiro Sanches analisa o tema não só enquanto médico, mas também como economista. Ele via nos populares banhos russos um meio universal de tratamento de doenças quando não era possível o acesso a outras terapias e recomendou-o aos seus leitores ocidentais.

Quando se encontrava há já vários anos na capital francesa, Ribeiro Sanches tornou-se conselheiro de diversos estadistas russos, principalmente no campo da pedagogia e da economia. Ivan Betskoi, um dos grandes reformadores russos do sistema de ensino no reino de Catarina II, reconheceu que se orientava frequentemente pelas recomendações enviadas pelo sábio luso.

Ao abordar, por exemplo, as reformas na Rússia no campo agrário, não ia ao ponto de sugerir a abolição da servidão da gleba, mas defendia mudanças significativas nesse sistema. Baseando-se nas reformas do czar Pedro I, o ilustre estrangeirado português aconselhou o marquês de Pombal na sua tarefa de modernização de Portugal.

Ribeiro Sanches tinha uma visão filosófica das ciências sociais e considerava que a auto-suficiência agrícola era fundamental para qualquer país, insistindo, para isso, no incremento das culturas cerealíferas. Nesse aspecto tinha uma visão proteccionista e gostava de discorrer sobre os problemas da agricultura, mesmo quando lhe colocavam questões completamente diferentes. Quando um seu interlocutor russo lhe perguntou «Como introduzir as belas-artes na Rússia?», ele respondeu que primeiro era preciso ter camponeses minimamente alimentados e com algum nível de autonomia na sua actividade económica. As belas-artes viriam depois.

O SOFT-POWER DA CORTE RUSSA

Catarina II foi, sem dúvida, a imperatriz que mais soube fazer propaganda a seu favor, preocupando-se muito com a sua imagem, principalmente no estrangeiro.

António Ribeiro Sanches.

Em São Petersburgo, em 1765, a Sociedade Económica Livre decidiu anunciar um concurso sobre a melhor forma de resolver a condição dos camponeses. Em dois anos, foram enviadas 162 propostas, 155 das quais do estrangeiro. O primeiro prémio coube ao jornalista francês Bearde de l'Abbaye, que enviou uma proposta muito ponderada, na qual propunha que Catarina II não se precipitasse a abolir a servidão, nem a atribuir terra aos camponeses, preparando-os primeiro para a vivência da liberdade. Voltaire, que também acreditava na sinceridade da sua imperial interlocutora, também enviou a sua opinião, que mereceu apenas uma menção honrosa. Não obstante o impacto do concurso na Europa, as obras apresentadas foram mantidas em segredo e nenhuma das propostas progressistas foi tida em conta.

O *Nakaz* [Decreto] de 1766 foi discutido numa Comissão Legislativa, composta por 600 deputados, e especialmente criada para o efeito. Depois de ano e meio de trabalho, foi dissolvida sem que houvesse uma decisão. Por outro lado, o *Nakaz* teve sete edições na Rússia e foi traduzido para várias línguas estrangeiras.

Ainda hoje se discute se as chamadas aldeias de Potemkin – falsas construções com a aparência de verdadeiras – são ou não um mito. A situação em que são referidas pode ter sido exagerada por alguns

estrangeiros, mas a verdade é que Catarina II deu razões para isso. Em 1787, ela e a sua corte, acompanhadas por numerosos estrangeiros (cerca de 3000 pessoas), partiram de São Petersburgo para celebrar as vitórias da Rússia sobre o Império Otomano. Em algumas cidades, foram construídos edifícios para albergar aquela numerosa comitiva, as fachadas dos que já existiam foram pintadas e a população foi obrigada a vestir as melhores roupas durante a passagem dos visitantes. Em Moscovo, os pedintes foram todos expulsos das ruas da cidade. Em Kherson, na Crimeia, Catarina foi recebida com um dístico onde se lia: «Caminho para Constantinopla.» Esta jornada real ocorreu numa altura em que na Rússia a seca se fazia sentir e a fome batia às portas.

Catarina, *a Grande* visita uma Aldeia Potemkin.

Nas cartas que enviava aos interlocutores estrangeiros (Voltaire, Diderot, Grimm, etc.), a czarina não se cansava de elogiar a sua política. Dirigindo-se a Grimm, escrevia que na Rússia não havia pessoas magras, só anafadas. Numa missiva a uma tal senhora Belike, frisava: «Houve

tempos em que, quando atravessavas uma aldeia, vias rapazinhos que vestiam apenas uma camisa e corriam descalços pela neve; mas hoje não há nenhum que não ande de casaco, sobretudo e botas. As casas continuam a ser de madeira, mas maiores, grande parte já tem segundo piso.» Noutra carta, quando uma epidemia de peste já grassava em Moscovo, Catarina II desafiava a mesma senhora: «Chame mentiroso ao que afirme que em Moscovo há peste...»

O INÍCIO DE UM GRANDE MUSEU

Actualmente, o Museu Hermitage é um conjunto de dez edifícios que alberga uma vasta colecção de obras de arte de quase todas as épocas, estilos e continentes. Tendo como edifício central o Palácio de Inverno, residência oficial da família real russa até 1917, esse museu deve o seu início a Catarina II, ou melhor, à sua vontade de ferir o amor-próprio de Frederico II da Prússia. O rei, que já possuía uma invejável colecção de pintura francesa da época, encomendou ao negociante Johann Ernst Gotzkowsky a aquisição de novos quadros para a sua colecção. Este conseguiu reunir 225 quadros de pintores flamengos, holandeses e italianos. Porém, devido à Guerra dos Sete Anos, Frederico renunciou à compra. Gotzkowsky, que se viu numa situação financeira apertada e tinha dívidas ao Estado russo, propôs os quadros a Catarina II, que, não obstante os seus cofres não estarem em melhor situação do que os dos prussianos, aceitou comprá-los para mostrar que se superiorizara a Frederico II não apenas no campo de batalha.

Esta colecção foi a base da criação do Museu Hermitage, que foi aberto ao público pelo neto da imperatriz, Alexandre I, mas já com um número maior e mais valioso de obras, que incluía telas de pintores como Rembrandt, Rubens, Canova e Claude Lorrain.

Hoje, o museu tem 365 salas e cerca de três milhões de obras de arte, sendo o sexto mais visitado do mundo.

Vista do Dique do Palácio, de Karl Beggrov. O Palácio de Inverno fica no meio da pintura.

Catarina II e o «rouxinol de Setúbal»

Dos portugueses que passaram por São Petersburgo, foi a cantora de ópera Luísa Todi quem deixou maior rasto na história da cultura da cidade. No auge da sua carreira, aquela que ficou conhecida por «rouxinol de Setúbal» lançou-se na aventura de actuar na Rússia, país que, nos finais do século XVIII, era considerado «distante» e «bárbaro» pelos europeus do Ocidente.

A sua voz permitiu-lhe não só cativar o coração de muitos russos como enfrentar e defender os seus interesses perante Catarina, *a Grande*.

A correspondência de Catarina II com Friedrich Grimm, conhecido crítico literário e enciclopedista de língua francesa, permite-nos acompanhar as peripécias de Luísa Todi na distante e enigmática Rússia, desde a sua chegada em 27 de Maio de 1784 até à sua partida em finais de 1786.

Grimm escreveu que a vontade da cantora de actuar perante a imperatriz russa era tão grande que teria decidido partir para São Petersburgo sem qualquer tipo de contrato. Ao anunciar o envio da bagagem de Luísa Todi para a Rússia, o crítico escreve: «Acreditei poder chamar a mim esse serviço a uma cantora tão célebre, que o desejo de contemplar a glória de Catartina conduz a São Petersburgo, e que recusou todas as ofertas que lhe foram feitas aqui para ficar, a fim de seguir a voz do senhor de Bibikov [director dos teatros russos], que a convidou para ir, prometendo que ela seria perfeitamente bem tratada, mas sem ter assinado um contrato com ela, sem que ele lhe tivesse mesmo concedido dinheiro para a viagem.»

A carta de recomendação de Grimm não podia ser mais elogiosa. Escreveu a Catarina II: «A senhora Todi obteve êxitos estrondosos em França, Inglaterra, Alemanha, Itália. Ela é portuguesa, possui, além de um raro talento para a música, que Vossa Majestade ama com paixão, as qualidades de uma honestidade e mulher amável, feita para viver em boa companhia.»

A czarina russa decidiu convidar a cantora portuguesa em Agosto de 1873. Escreveu então a Grimm: «O senhor de Bibikov perdeu a direcção dos teatros, à frente da qual está o senhor Olsoufief... Eu recomendar-lhe-ei a Senhora Todi.» Esta tarda a chegar e Catarina II escreve no mês seguinte: «Enquanto a Senhora Todi se encontra doente em Potsdam, pode-se desesperar de a ver.» Em Abril de 1784, constata: «a Senhora Todi ainda está para vir» e, em 10 de Maio, volta a escrever a Grimm: «Que eu saiba, a Senhora Todi ainda não chegou.» Luísa Todi chega a São Petersburgo em 27 de Maio de 1784 e actua perante Catarina II no dia 30. Alexandre Lanskoi, moço de câmara da czarina russa, escreveu a Friedrich Grimm: «A nossa graciosa Soberana ficou tão satisfeita com ela que ofereceu à dita Todi um soberbo par de braceletes guarnecidas com brilhantes.» A cantora portuguesa respondeu à «generosidade imperial» escrevendo o libreto da opereta *Pollinia*, que dedicou a Catarina II.

Mas os atritos entre Luísa Todi e a imperatriz não tardaram a aparecer. A razão foi o dinheiro. Em 22 de Abril de 1785, Catarina escreve a Friedrich Grimm: «A senhora Todi só receberá a remuneração depois de regressar de Moscovo, onde ganhou muito dinheiro, que se diz que o senhor seu marido perdeu no jogo: assim, o que traz a flauta leva o tambor.»

Em Agosto do mesmo ano, a imperatriz russa retratou assim a Grimm as suas relações com a cantora lusa: «A Senhora Todi encontra-se aqui, onde se passeia tanto quanto pode com o seu querido esposo; muito frequentemente, encontramo-nos frente a frente, sempre sem nos tocar. Eu digo-lhe: "Bom dia ou boa noite, senhora Todi, como está?", e ela beija-me a mão e eu a sua face; os nossos cães cheiram-se; ela pega o seu marido pelo braço, eu chamo os meus cães e cada uma continua o seu caminho.»

A czarina russa só esquece os atritos com Luísa Todi quando a ouve cantar. No dia 24 de Setembro de 1786 escreve: «*Castor e Pollux* é um espectáculo soberbo; a Todi e Marcezini [cantor italiano] encantaram ao fazer desmaiar os amadores e os conhecedores; para os fazedores de comédia, uma grande ópera é um pouco dura para digestão.»

Em 23 de Abril de 1787, Luísa Todi dá o seu último espectáculo na Rússia, em Moscovo, desempenhando o papel principal na opereta *Pollinia*, cujo libreto ela própria escrevera (quanto à música, persiste a dúvida: será do italiano Saccini ou do marido da cantora portuguesa?)

A ruptura entre Luísa Todi e Catarina II deu-se quando a cantora começou a exigir somas exageradas para permanecer na Rússia, pois tanto ela como o marido não olhavam a despesas. Em Janeiro de 1787, a czarina russa queixava-se a Grimm: «o director [dos teatros] faz muito bem em não chamar a si mais despesas, porque eles estão endividados em oitenta mil rublos, que eu não pagarei nem através do director, nem da direcção, e são também inadmissíveis as suas condições de ser paga pelo público sem querer aparecer perante ele.»

Existe outra versão desta ruptura, quase uma lenda sob a forma de diálogo. Luísa Todi terá pedido uma remuneração tão grande a Catarina II pelas suas actuações que ela exclamou: «Mas eu nem sequer aos meus marechais pago tanto!». E a portuguesa terá respondido: «Então os marechais que cantem para Vossa Alteza.»

O certo é que Luísa Todi partiu da Rússia sem se despedir de Catarina II. Esta escreve a Grimm: «diz-se em Petersburgo que a senhora Todi foi para Berlim... Em boa hora...»

No ano seguinte, porém, já a imperatriz tinha saudades. Em Abril de 1788, depois de ter assistido a uma ópera cómica, desabafou numa missiva a Grimm: «havia cantores detestáveis; os bons partiram todos. A senhora Todi encontra-se em Berlim.»

Grão-Mestre da Ordem de Malta no trono russo

Durante muito tempo, Paulo I, sucessor de Catarina II, era considerado desprezível e as suas capacidades intelectuais, e até a sua filiação, eram postas em causa. Não se livrou do boato de ser fruto de uma ligação adúltera de sua mãe com um dos numerosos amantes. As medidas contraditórias por ele tomadas contribuíram para que fosse olhado como um louco, no pior dos casos, ou como o «Hamlet russo», no melhor. Porém, é possível encontrar lógica na sua acção.

Paulo só chegou ao poder quando já tinha 42 anos. As relações entre o filho, que tinha todo o direito à coroa, e a mãe, que reinava sem ter qualquer legitimidade para isso, eram cada vez mais azedas. Nos últimos anos de vida, Catarina não escondia a intenção de privar o filho do trono e substituí-lo pelo neto, Alexandre. Porém, não deixou esta intenção em testamento.

Durante o primeiro ano do reinado, em 1797, o imperador, querendo impedir a repetição de golpes palacianos, decretou as Leis Paulinas, que definiam que o trono seria sempre transmitido pela linhagem masculina, salvo quando não existissem homens para o ocupar. Indo contra a acção da mãe, autorizou o escritor Alexandre Radischev, acusado de jacobinismo e o mais forte crítico de Catarina II, a regressar do exílio na Sibéria; libertou o jornalista e editor Nikolay Novikov da prisão, e deixou sair para os Estados Unidos Tadeusz Kościuszko, dirigente de uma revolta polaca contra o Império Russo em 1794.

Paulo considerava a nobreza russa decadente e corrupta e estava determinado a limitar os seus privilégios e a transformá-la numa disciplinada e leal casta, à imagem das ordens de cavalaria medievais. Mais tarde, ainda em 1797, ordenou a todos os nobres que se apresentassem nos quartéis onde prestavam serviço, mesmo que por mera formalidade (alguns não o podiam sequer fazer por serem demasiado jovens). Em 1799, foram impedidos de se transferir do serviço militar para o civil sem autorização, procedimento de que muitos se serviam para subir rapidamente na carreira, e em 1800 obrigou os nobres a prestar serviço nas estruturas de Estado.

Paulo I tomou algumas medidas para melhorar a vida dos camponeses. Por exemplo, em 1797 aconselhou os latifundiários a não exigirem para si mais de três dias de trabalho por semana aos camponeses servos; proibiu

que estes fossem vendidos em leilões; e que os servos ucranianos fossem vendidos sem uma parcela de terra.

Nos finais desse ano, o «Senhor da Rússia» deu um passo totalmente incompreensível aos olhos de todos os russos ao tomar sob a sua protecção a Ordem de Malta, perseguida por Napoleão, e ao tornar-se seu grão-mestre. O imperador ortodoxo pareceu ter-se esquecido de que se tratava de uma organização católica que dependia do Papa de Roma. Ao contrário do seu antepassado Pedro, *o Grande*, Paulo I considerava que a Europa tinha a aprender com a Rússia e não o contrário, que o seu país tinha sido o menos contaminado pelas ideias da Revolução Francesa, e por isso defendia a criação de uma coligação das coroas europeias contra esses ideários, e via no espírito da cavalaria medieval uma alternativa aos desígnios de «Liberdade, Igualdade e Fraternidade». Tal como o cavaleiro aglutinava em si o guerreiro e o monge, Paulo I pretendeu reunir numa só figura os poderes laico e religioso.

Surpreendente foi também a forma como foi recebida a sua política externa entre as camadas abastadas da Rússia. Tendo começado o reinado como inimigo de Napoleão Bonaparte, de forma rápida e súbita aproximou-se da França e rompeu as relações com a Inglaterra, o que provocou sérias perdas económicas ao comércio russo. A guerra na Europa era inevitável e punha a corte russa perante uma alternativa: ou um conflito armado contra Napoleão, ou um confronto militar com a Inglaterra no Báltico e no Extremo Oriente. Paulo I considerou estar em melhores condições para enfrentar os britânicos.

A mudança brusca na política externa e a reorientação do comércio russo na Europa, os ataques contra os privilégios dos nobres e as ideias de cavalaria medieval provocavam a indignação de parte da elite russa que apoiava Alexandre, filho de Paulo I e sucessor no trono. Não se sabe se este estava ou não ao corrente do plano homicida, mas o certo é que um grupo de nobres assassinou Paulo I em Março de 1801.

As oportunidades perdidas

O século XIX foi a era da Revolução Industrial em vários países da Europa e da América do Norte. Esse processo foi muito mais lento na Rússia, envolvida nas teias do feudalismo, da servidão e da autocracia.

No início desse século, a Rússia continuava a ser uma sociedade tradicionalista. Estendendo-se entre o Báltico e o Pacífico, com uma população de cerca de 40 milhões de habitantes, era um país agrário típico. Nele havia 100 mil aldeias, onde vivia mais de 90% da população, tendo 415 cidades com um total de 2,3 milhões de moradores. Apenas São Petersburgo e Moscovo tinham mais de 200 mil habitantes.

O campesinato, que constituía 94% da população, era a classe social mais oprimida e o seu modo de vida continuava a ser comunitário e tradicional. As Comunidades (*obshchina*) tinham de fornecer soldados ao Estado e pagar impostos. Cerca de 50% dos camponeses eram propriedade do Estado (mas considerados livres) e 46% eram servos de particulares.

O país quase não tinha estradas transitáveis, as mercadorias eram transportadas através dos rios no Verão e em trenós no Inverno; o sector agrário constituía ainda a base da economia; existiam empresas industriais, mas a maioria eram manufacturas sem máquinas, propriedade do Estado e viradas para as necessidades das forças armadas. Os principais ramos da indústria eram o mineiro, o metalúrgico e o têxtil. Segundo a maioria dos principais parâmetros económicos, o país ficava muito aquém dos estados industrializados.

Quanto ao sistema político russo, continuava a ser uma monarquia absoluta, o que constituía mais um travão à modernização da Rússia.

Imperador e monge?

Alexandre I, que reinou entre 1801 e 1825, foi, talvez, um dos mais enigmáticos e contraditórios dirigentes da História da Rússia. Tendo em conta que o pai fora assassinado, o filho teve de reinar de forma cautelosa, manobrando entre os vários grupos existentes na corte russa. A primeira medida que tomou foi a publicação de um Manifesto, no qual prometia governar segundo as leis de Catarina II. Depois, anulou todas as leis de Paulo I que limitavam os poderes da nobreza. Nos primeiros anos do seu reinado foram criados dois órgãos de poder judicial consultivo. Um deles, o Comité Permanente, era composto por 12 membros da corte de Catarina II, entre os quais se encontravam os assassinos do anterior imperador. Mais tarde, estes foram substituídos por pessoas mais próximas de Alexandre. O segundo órgão, denominado Comité Íntimo, foi formado por «jovens amigos» do imperador e os seus membros tinham grandes planos,

entre os quais se contavam a reorganização do aparelho de Estado, a libertação gradual dos servos, a instituição de princípios constitucionais, a proclamação das liberdades democráticas e a limitação legislativa da autocracia. O Senado, que tinha perdido grande parte da sua influência, passou a ser o órgão mais poderoso do Império depois de Alexandre I. Além de ser o garante do cumprimento das leis, a suprema instância judicial e o controlador da administração do Estado, o Senado passou a ter a prerrogativa de verificar a legalidade das leis aprovadas.

Consciente de que o trabalho servo era menos produtivo do que o livre, o imperador suspendeu a oferta a privados de terras do Estado com camponeses, evitando assim o aumento do número de camponeses servos e permitiu que os servos pudessem comprar a sua liberdade desde que os senhores estivessem de acordo. No reinado de Alexandre I, quase 50 mil camponeses aproveitaram esta lei para se tornarem agricultores livres. Na Estónia e na Letónia, os camponeses passaram a herdar e ser donos das terras até então arrendadas aos latifundiários.

As reformas poderiam receber um novo impulso se o czar desse ouvidos ao secretário de Estado Mikhail Speranski. Em 1809, este apresentou um plano que previa a divisão de poderes: a Duma Estatal (Parlamento) seria o órgão legislativo máximo; o imperador ficaria com o poder executivo supremo, tendo a seu lado um órgão consultivo: o Conselho de Estado. O Senado passaria a ser o órgão judicial máximo do Império. Este projecto não podia ser considerado ainda uma Constituição, mas era o primeiro passo para limitar o poder absoluto do monarca. Em 1812, Speranski foi acusado de «espionagem a favor de França», preso e deportado para a cidade de Nijni Novgorod.

A guerra contra os franceses (1812-1815) suspendeu a realização das reformas, mas, depois da vitória sobre Napoleão, Alexandre entregou o poder ao ministro Alexei Araktcheev, uma das figuras mais reaccionárias do século XIX na Rússia. Esta decisão do imperador deveu-se a circunstâncias tanto internas como externas. Entre 1820 e 1823 eclodiram revoluções liberais em Portugal e Espanha, enquanto no mesmo período a Grécia começava a lutar pela sua independência, e a Santa Aliança (Império Russo, Império Austríaco e Reino da Prússia), encabeçada por São Petersburgo, mostrava ser incapaz de manter a estabilidade política na Europa, tendo os aliados passado a tomar decisões anti-russas no plano

internacional. A Rússia também fervilhava, as ideias liberais ganhavam terreno na sociedade, e formavam-se sociedades secretas de civis e militares com o objectivo de derrubar a monarquia absoluta; o levantamento no Regimento da Guarda Semionovski (1820) foi esmagado.

Araktcheev impôs uma política de despotismo, de repressão, de censura.

Um dos membros do Comité Íntimo, Adam Jerzy Czartoryski, considerou que «Ele [Alexandre] estava pronto a concordar com todos os que podiam ser livres se eles executassem o que ele queria.»

Segundo a versão oficial, o imperador russo faleceu em Taganrog, no Nordeste do mar de Azov, vítima de malária, aos 47 anos. Porém, logo a seguir ao seu falecimento, surgiu a lenda de que encenara a sua morte e se tornara eremita, sob o nome de Fiodor Kuzmitch, vindo a falecer na Sibéria em 1864. Desse modo, teria tentado expiar os seus pecados.

O RUSSO QUE SALVOU A COROA PORTUGUESA

No dia 3 de Novembro de 1807, a esquadra do almirante russo Dmitri Seniavin entrou na foz do Tejo para fugir a uma forte tempestade no mar, mas ficou ali retida durante quase um ano devido à conturbada situação internacional. Anteriormente, em 7 de Julho desse ano, a Rússia e a França de Napoleão tinham assinado um Tratado de Paz e Amizade, em Tilzit, e a corte de São Petersburgo rompera as relações diplomáticas com Londres. Neste contexto que lhe era adverso, o oficial russo, não obstante as pressões francesas, evitou impedir a partida, que se preparava, de D. Maria I e de D. João VI rumo ao Brasil.

Já no dia 17 de Novembro, a armada inglesa fechou a barra do Tejo não só aos navios franceses, mas também aos dos aliados de Paris.

O almirante Seniavin viu-se numa situação muito complicada. Por um lado, não podia deixar de cumprir as ordens do czar Alexandre I, mas, por outro lado, as suas simpatias estavam do lado dos ingleses e dos portugueses. No entanto, o almirante Seniavin conseguiu desempenhar a preceito a difícil tarefa de não perturbar a partida da família real portuguesa. Compreendeu rapidamente que o general Junot, que havia ocupado Portugal, iria tentar a todo o custo cumprir a vontade de Napoleão, ou seja, provocar a guerra entre a Rússia e a Inglaterra a pretexto da postura do comandante da esquadra russa.

Mas o facto é que, não obstante o corte de relações com Londres, o czar Alexandre não pretendia verdadeiramente entrar em conflito aberto com os ingleses. Napoleão tenta que o almirante deixe de receber ordens de São Petersburgo e passe a cumprir ordens do conde Tolstoi, embaixador russo em Paris, que funcionaria como um canal de transmissão seu.

A pressão sobre o almirante Seniavin aumenta com uma determinação oficial da corte russa, enviada no início de 1808, recebida por Andrei Dubatchevski, representante diplomático russo em Lisboa, e dirigida a todos os militares russos: «Em relação ao governo que irá existir em Portugal, é necessário que os vossos actos correspondam em tudo à disposição amiga actualmente existente entre a Rússia e a França.»

E, por fim, em 1 de Março do mesmo ano, Alexandre I envia uma ordem aos três comandantes de esquadras russas que se encontravam no estrangeiro, entre as quais estava a

comandada por Seniavin: «o cumprimento indiscutivelmente mais preciso de todas as ordens que vos forem dadas por Sua Alteza, o Imperador Napoleão.»

A entrada em acção da esquadra russa ancorada em Lisboa contra os ingleses seria um sinal para todos aqueles que consideravam a aliança russo-francesa uma utopia. Mas o comandante russo não estava disposto a sacrificar a vida dos seus homens e os seus navios em nome da defesa dos interesses franceses em Portugal e, por isso, recorreu a um subterfúgio para tentar adiar ou mesmo evitar totalmente o cumprimento daquelas ordens de Napoleão: alegou falta de armamento e de homens.

O imperador francês ordenou ao almirante russo que contactasse com Junot para que este recrutasse marinheiros suecos ou outros que se encontrassem em Lisboa. Além disso, se faltassem munições, pólvora ou quaisquer outros materiais, deveria conseguir obter tudo isso em Lisboa.

Seniavin recorria a todos os artifícios para não se juntar aos franceses, alegando ser inútil fazer desembarcar os seus homens, não só por serem menos de mil, mas também por os russos não compreenderem português.

Depois da retirada dos franceses de Lisboa, a esquadra russa acabou por ser conduzida para o porto inglês de Portsmouth e, em 1809, os oficiais e marinheiros russos regressaram ao seu país, deixando os navios em Inglaterra, tal como exigiram as autoridades de Londres. E não obstante o Governo de Londres ter, em 1812, devolvido alguns dos navios e pago por aqueles que ficaram em Inglaterra, o czar russo acusou o almirante de ter entregue a esquadra ao inimigo. Caído em desgraça, o almirante Seniavin, em 1820, vê-se obrigado a dar explicações às autoridades sobre os boatos de que pertenceria a uma sociedade secreta. Em Novembro desse mesmo ano, Dmitri Seniavin vai a casa do ministro do Interior da Rússia, Victor Kotchubei, para esclarecer a situação.

O ministro respondeu que «não esconde do almirante» ter ouvido falar dessa tal sociedade, mas não o acusava, pois «não podia imaginar que semelhante iniciativa tonta, vil e hedionda pudesse caber na cabeça de um nobre russo».

A Grande Guerra Pátria (1812-1815)

Após a morte de Paulo I, o filho Alexandre I pôs fim à aliança com Napoleão. Tendo-se aliado à Inglaterra e ao Império Austríaco em 1805, participou na Terceira Coligação contra os franceses, mas as forças russo-austríacas sofreram uma pesada derrota em Austerlitz. Em 1806 e 1807, integrou a Quarta Coligação, mas Bonaparte venceu uma vez mais, na Batalha de Friedland, e Alexandre I assinou com ele o Tratado de Tilsit. O artigo 2.º deste documento determinava: «Cessarão de existir as dinastias dos Bourbon em Espanha e dos Bragança em Portugal: um príncipe da família do Imperador Napoleão será revestido da Coroa destes Reinos.» Este artigo abriu caminho às Invasões Francesas na Península Ibérica. Além do mais, a Rússia juntou-se ao Bloqueio Continental francês contra Inglaterra. Tendo como base a região da Prússia Ocidental, foi criado o ducado da Polónia, dirigido pelo imperador gaulês. Este território foi a

base de apoio da posterior invasão do território russo pelas tropas francesas em 1812.

No dia 24 de Abril de 1812, 420 mil soldados comandados por Napoleão atravessaram o rio Neman e invadiram o Império Russo, que possuía um exército de 320 mil homens. No início, Bonaparte não tencionava ocupar e submeter a Rússia, mas assinar, depois de tomar as cidades de Minsk ou de Smolensk, um tratado de paz vantajoso para a França. No entanto, a ambição foi aumentando ao ponto de conduzir a uma catástrofe. Mikhail Kutuzov, prestigiado militar com provas dadas na luta contra o Império Otomano e nas guerras contra os turcos, foi nomeado comandante das tropas russas. Começou então a preparar-se para um embate frontal com os franceses, que veio a ocorrer na Batalha de Borodino, perto de Moscovo, a 7 de Setembro, naquela que viria a ser descrita como a maior batalha da História até então. Ainda hoje se discute quem saiu vencedor; os franceses perderam 30 mil homens e os russos 40 mil. O resultado do confronto parecia ser favorável a Napoleão, não tivesse ele caído na armadilha de avançar para Moscovo. Encurralado numa cidade destruída pelos incêndios ateados pelos próprios russos e sem mantimentos para as tropas, o imperador gaulês tentou, em Outubro, abrir caminho pela estrada de Kaluga, mas sem êxito. O Grande Exército francês (os franceses chamavam-lhe *La Grande Armée*) recuou até às fronteiras ocidentais da Rússia pela estrada de Smolensk, perseguido e dizimado pelos homens de Kutuzov. A guerra terminou em 1815 com a entrada triunfal dos russos em Paris.

Para os russos, esta guerra chama-se Pátria ou Patriótica, porque constituiu um gigantesco esforço de todo um povo para derrotar o invasor francês. Todavia, os seus resultados são contraditórios: se, por um lado, a Rússia se apresentou na Europa como uma grande potência, por outro, os custos materiais foram gigantescos e as reformas económicas e sociais de que o país tanto necessitava ficaram adiadas.

Napoleão abandona Moscovo, 19 de Outubro de 1812.

O cabo-de-guerra que bateu Napoleão

Mikhail Kutuzov (1745-1813) é um dos maiores nomes da história militar russa. Mesmo antes de enfrentar Napoleão, já tinha realizado tantos combates, intercalando vitórias e derrotas, que seriam suficientes para que o seu nome chegasse coroado de glória aos nossos dias. Mas foi na Grande Guerra Patriótica que confirmou as suas enormes qualidades na condução de importantes conflitos armados. Durante as batalhas contra o Grande Exército, foi adepto da estratégia bélica da «terra queimada», o que impedia os franceses de usarem recursos locais, evitando também os grandes confrontos. Depois da Batalha de Borodino, Kutuzov veio a expulsar Napoleão, perseguindo as suas tropas e enfrentando-as em combates de menor dimensão. Em resultado de todos estes confrontos, o imperador francês regressou ao seu país apenas com 120 mil soldados.

Não obstante ser contra o avanço das tropas russas em território estrangeiro, por não querer a derrota total de Napoleão e, por conseguinte, o reforço de Inglaterra na Europa, Kutuzov continuou à frente do exército russo. Não chegou a Paris com os seus soldados, pois faleceu em 1813 em Bunzlau, actualmente território polaco. Foi agraciado com o título de Sua Serena Alteza, Príncipe de Smolensky. Entre os seus descendentes directos encontra-se Olga de Cadaval.

Dezembristas

A primeira sociedade secreta, organizada à semelhança da Maçonaria, foi a União da Salvação fundada por nobres oficiais do exército e da marinha, em 1816. Mais tarde, foram criadas duas células: a Sociedade do Norte em São Petersburgo e a Sociedade do Sul, na Ucrânia. Influenciados pelas ideias liberais vindas de França, Espanha, Portugal e outros países

europeus, os seus programas continham numerosas medidas: a abolição da autocracia; a formação de um governo provisório; a liberdade de imprensa; a tolerância e o pluralismo religioso; a abolição do sistema feudal de privilégios da nobreza e do clero; a substituição de tribunais militares por tribunais civis; o fim dos julgamentos secretos e a implementação do tribunal de júri; a possibilidade de todos terem acesso a cargos militares e clericais; a liberdade na aquisição de propriedades e na realização de contratos; o fim do monopólio estatal sobre o sal e o álcool; o fim do recrutamento militar forçado e das colónias militares; a instituição de um modelo federalista para a administração das regiões do Império e a eleição de uma Assembleia Geral do povo russo para a determinação da forma do futuro governo em substituição da autocracia.

Quando faleceu, o imperador Alexandre I não tinha filhos e, seguindo a ordem dinástica, o trono deveria passar para o seu irmão Constantino. Todavia, por razões pessoais, este teve de abdicar, em sigilo, a favor do irmão mais novo, Nicolau I (1796-1855). Aproveitando alguma confusão reinante, oficiais descontentes trouxeram tropas para o centro de São Petersburgo no dia 14 de Dezembro de 1825, por isso entraram para a História com o nome de Dezembristas. Nicolau reagiu imediatamente e, apoiando-se nas tropas fiéis, esmagou a revolta e reprimiu severamente os participantes do levantamento liberal: cinco oficiais foram enforcados e dezenas deportados para a Sibéria.

As causas do fracasso desta revolta radicaram verosimilmente em vários factores: a descoordenação de acções entre os revoltosos e a sua passividade no terreno; a deficiente propaganda e mobilização e uma diminuta base social de apoio. Por outro lado, uma fraca organização conspirativa, que não evitou terem chegado aos ouvidos de Nicolau I informações sobre os preparativos do levantamento.

Nicolau I: «Polícia da Europa»

O sucessor de Alexandre I ficou conhecido pelo nome de «Polícia da Europa». Para isso muito contribuiu o esmagamento da Revolta da Polónia de 1830 pelas tropas russas. Além do mais, não é possível menorizar a influência na opinião pública europeia da obra do marquês de Custine, Astholphe-Louis-Léonor, *A Rússia em 1839*, na qual o viajante

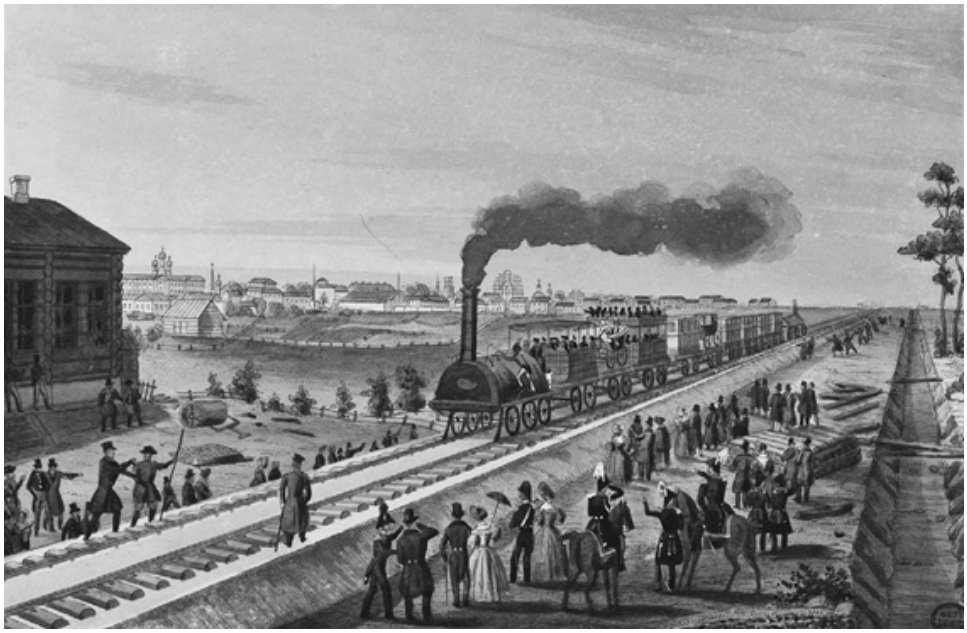
francês retrata um país «bárbaro», onde a população «colabora com a sua própria opressão».

Uma nova onda de russofobia atravessou a Europa devido à ingerência da Rússia nos assuntos internos dos Habsburgo, ao esmagamento da Revolução Húngara de 1848 e às enormes ambições territoriais em relação à Turquia, que previam, nomeadamente, a sua repartição entre várias potências europeias.

A Revolta dos Dezembristas deixou profundas marcas na forma de reinar de Nicolau I. Por um lado, estudou as reformas propostas pelos insurgentes liberais para tentar realizar algumas, mas, por outro, receava levantamentos sociais e nacionalistas tanto na Rússia como na Europa.

Os primeiros passos do imperador foram bastante liberais: autorizou o poeta Alexandre Puchkin a regressar do exílio, e para o cargo de ministro do Tesouro nomeou Pavel Kissiliov, adversário da servidão da gleba. Criou toda uma série de comités com vista à preparação da libertação dos camponeses, ordenou a compilação e publicação em 15 volumes das leis vigentes no país. A Nicolau I se deve a construção das primeiras vias férreas no país e a utilização do telégrafo. Em contrapartida, não permitia que o seu poder absoluto fosse sequer beliscado. A sua política interna baseava-se em três postulados: «Autocracia, Ortodoxia e Espírito do Povo». A autocracia era a base da solidez do Estado Russo, que lhe garantia grandeza e poder. A ortodoxia constituía o fundamento da vida espiritual da nação, e por espírito do povo entendia-se a inexistência, na sociedade russa, de causas de conflitos sociais, a unidade firme e multissecular do povo com o czar. Isto significava que a sua política não visava verdadeiramente cria algo novo, mas conservar e melhorar a ordem existente. Para a realização destas políticas criou uma enorme máquina burocrática, impôs rigorosa censura e instituiu uma polícia política: a Terceira Chancelaria.

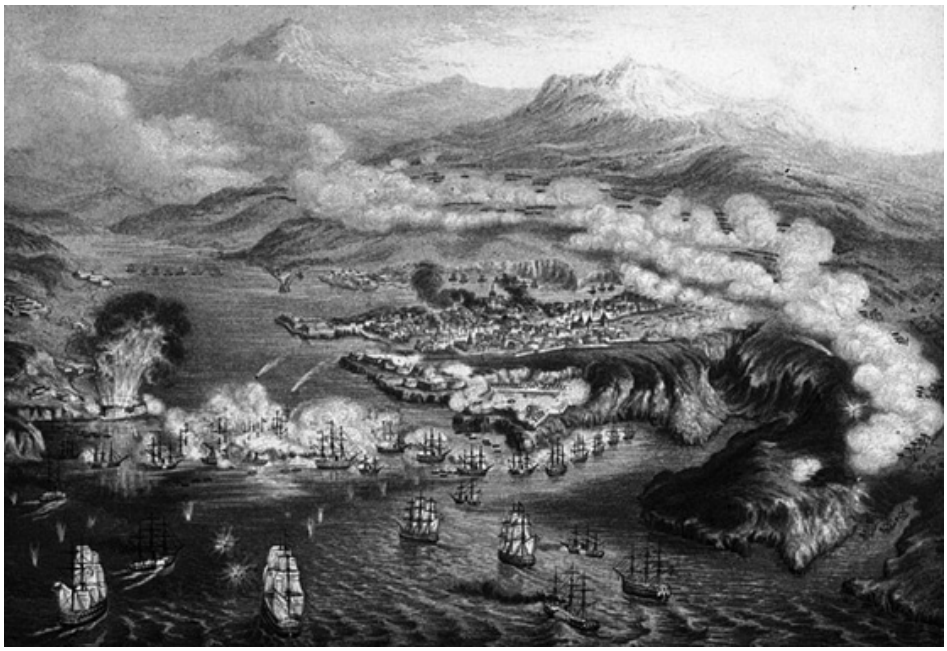
Nicolau I faleceu em 1855 durante a Guerra da Crimeia (1854-1856), conflito que veio mostrar o estado de atraso e subdesenvolvimento do Império Russo em comparação com outras potências europeias.



A linha de comboio de Tsarskoye Selo, inaugurada em Outubro de 1837, foi a primeira do Império Russo.

A Guerra da Crimeia: o desastre no mar Negro (1853-1856)

No início dos anos de 1850, os dirigentes russos consideraram que tinham força e meios militares suficientes para resolver a chamada «questão oriental», que consistia na divisão entre as grandes potências europeias dos domínios do Império Otomano: Balcãs, Norte de África, ilhas do mar Mediterrâneo. Baseando-se na opinião da sua diplomacia, Nicolau I considerou ter chegado a hora de conquistar os estreitos do Bósforo e de Dardanelos e afirmar-se nos Balcãs. Além disso, calculou que a Inglaterra, a França e a Áustria não iriam interferir no embate entre a Rússia e a Turquia. A corte russa julgou ter equacionado tudo o que estava em causa, mas esqueceu-se do principal: as potências europeias jamais permitiriam uma violação tão clara do *statu quo* continental, que se traduzisse no reforço político e estratégico da Rússia. Por isso, quando os exércitos russos avançaram, tiveram de enfrentar as forças conjuntas da Turquia, da França e da Inglaterra.



Cerco de Sebastopol pelas forças navais aliadas, 1853-54.

A Guerra da Crimeia constituiu uma desastrosa derrota para o sistema criado por Nicolau I. Metade das tropas russas não puderam ser utilizadas porque deviam proteger os latifundiários da insatisfação camponesa e guardar as fronteiras extensas do Império. No início da guerra, o país perdeu a sua marinha de guerra porque os navios de vela não podiam concorrer com embarcações movidas a vapor. As tropas terrestres ofereceram maior resistência, mas não conseguiram enfrentar um adversário mais bem armado. De nada valeu o heroísmo dos soldados russos no Cerco de Sebastopol, que durou cerca de um ano. Alexandre II, que sucedeu a Nicolau I, foi obrigado a reconhecer a derrota, o mar Negro passou a ser neutro, as fortalezas russas na região tiveram de ser destruídas e a marinha foi reduzida ao mínimo.

O NASCIMENTO DA MODERNA LÍNGUA LITERÁRIA RUSSA

Alexandre Puchkin (1799-1837) é considerado não só o criador da moderna língua literária russa, mas também o maior dos poetas do seu país. Está na origem de um período áureo das letras russas, que se estendeu até 1917. Indo buscar formas literárias à Europa, Puchkin e, sob a sua influência, diversos literatos, como Nikolai Gogol (1809-1852) ou

Ivan Turgueniev (1818-1883), introduziram na literatura do seu país temas e personagens profundamente tradicionais, típicas da vida russa.

Alexandre Puchkin.

Puchkin publicou o seu primeiro poema aos quinze anos e passou a ser reconhecido nos meios literários antes de terminar o Liceu Imperial, a escola média para os filhos da nobreza. Foi autor de uma vastíssima obra em verso e em prosa, de poemas, novelas e peças teatrais.

Devido às suas ideias progressistas e às amizades que manteve com alguns dos mais importantes Dezembristas, foi desterrado para o Sul da Rússia. Os locais por onde viajou serviram-lhe também de cenário para poemas como «O Prisioneiro do Cáucaso», «A Fonte de Bakhtchissarai» ou «Os Ciganos». É também nessa época que escreve uma das suas famosas tragédias: *Boris Godunov*, que o compositor Modest Mussorgsky transformou numa das óperas mais caracteristicamente russas. Não se pode também deixar de lembrar o romance em verso *Evgueni Oneguin*, musicado por Tchaikovsky.

Regressado do exílio em 1826, casou-se, uns anos mais tarde, com Natália Gontcharova. Durante a cerimónia religiosa, quando Natália e Alexandre iam trocar alianças, a do poeta caiu ao chão. Depois, a vela que

segurava apagou-se. «São tudo maus sinais!», exclamou então. O casal tornou-se visita frequente da corte e de salões nobres. Em São Petersburgo, para onde foi viver, eram cada vez mais frequentes os boatos sobre um escandaloso caso extraconjugal da sua mulher com Georges d'Anthès. Puchkin desafiou-o para um duelo, em que acabou mortalmente ferido.

Eslavófilos e ocidentalistas

A complexidade das relações entre a Rússia e a Europa no século XIX e as vias de desenvolvimento pelas quais aquela teria de optar levaram ao aparecimento de duas correntes fundamentais na história do pensamento político e filosófico: o eslavofilismo e o ocidentalismo, com o primeiro grupo a englobar pan-eslavistas e nacionalistas russos.

Entre os pensadores da primeira corrente destacam-se, entre muitos, Mikhail Katkov (1817-1887), Ivan Aksakov (1823-1886), Nikolai Danilevsky (1822-1885) e Fiódor Dostoiévski (1821-1881). Demarcavam-se da matriz europeia, considerando-a estranha à via russa de desenvolvimento. Segundo eles, a cultura europeia-ocidental e os seus valores não passavam de ilusões, eram fonte de declínio moral e espiritual, enquanto a Rússia, que se apoiava na fé ortodoxa e na verdade nacional, deveria encontrar em si forças para a modernização e tornar-se, por conseguinte, um exemplo para o Ocidente. Viam, precisamente nesse movimento da Rússia para a Europa, a garantia da sua sanidade política e espiritual.

O mundialmente famoso escritor russo Fiódor Dostoiévski escreveu: «A Europa também é nossa mãe, como a Rússia, a nossa segunda mãe; fomos buscar muito a ela e voltaremos a ir, e não queremos ser ingratos para com ela... No que nos cabe, nós próprios fizemos da Europa uma espécie de Egipto espiritual. Não chegou a hora de nos preocuparmos com o êxodo, deixando de ser escravos e bajuladores?

Não chegou a hora de pensar, de nos concentrarmos, de viver segundo os nossos próprios interesses?»

Nikolai Danilevsky vai ainda mais longe: «A Europa não é um conceito geográfico, mas civilizacional, domínio da civilização germano-românica e, neste sentido, a Rússia não faz parte dela. Nada tem que ver nem com o bem europeu, nem com o mal europeu. Nem a verdadeira humildade, nem

o verdadeiro orgulho prometem à Rússia considerar-se Europa. Não mereceu essa honra, e só arrogantes, que não sabem nem o que é a humildade nem o orgulho nobre, entram nesse grupo por eles considerado superior. As pessoas que compreendem a sua dignidade permanecem no seu círculo. Para a Europa, a Rússia é um obstáculo insuperável à difusão da civilização europeia. Daí a simpatia para com tudo o que se inclina para o enfraquecimento da semente russa nas periferias da Rússia; enfraquecer a Rússia significa sacrificar uma vítima no altar da Europa. Por isso, do ponto de vista do europeu, o patriotismo é possível em qualquer país, mas proibido para a Rússia. Porque se a Rússia sonha com a europeização, deve renunciar ao patriotismo político, à ideia da solidez do seu organismo estatal.»

Entre os ocidentalistas destaca-se a figura de Piotr Chaadaev (1794-1856). Segundo este filósofo, a Rússia trilhara um trajecto histórico errado, a começar por ter adoptado o cristianismo ortodoxo da «miserável Bizâncio», o que acabou por isolá-la da florescente civilização europeia. Por isso, criticava a Igreja Ortodoxa Russa e defendia o catolicismo. Escreveu que o abandono pela Igreja Ortodoxa da «irmandade universal», durante o Grande Cisma (de 1054), teve as mais funestas consequências para a Rússia: «Enganámo-nos sobre o verdadeiro espírito da religião, não ocupámos a parte puramente histórica, o início renovador social, que é uma qualidade interior do cristianismo verdadeiro e, por conseguinte, não colhemos todos os seus frutos, embora obedecêssemos à sua lei... No nosso sangue há algo adverso a qualquer verdadeiro progresso, pois estamos fora do movimento geral onde se desenvolveu e formou a ideia social do cristianismo.»

Chaadaev pagou um pesado preço por estas ideias: as suas obras foram proibidas na Rússia e ele foi considerado louco.

Esta luta foi também evidente no seio do movimento socialista russo. Sendo uma doutrina política com origem na Europa Ocidental, alguns pensadores russos tentaram criar a versão nacional de socialismo. Alexandre Herzen (1812-1870), ao deparar-se com a carnificina produzida pela fracassada Revolução de 1848 e o subsequente endurecimento do regime, sofreu um profundo impacto. Não imaginara que os seus ideais de revolução, que julgara belos, necessários e urgentes, dessem aquele resultado. O choque perante a brutalidade da tentativa de realização da

utopia política, da qual era um crente entusiasta e um intelectual activo, fez dele um céptico, um pessimista e, sob certo aspecto, um reformista que, se antes defendia a conquista das «liberdades» pela revolução violenta, depois passou a escrever cartas no jornal *Kolokol* (Sino), endereçadas ao czar Alexandre II, pedindo a emancipação dos servos.

Dado que à época quase não existia um proletariado na Rússia, Herzen estava convencido de que, graças às comunidades camponesas, seria possível passar directamente do regime de servidão para o socialismo, evitando o capitalismo.

Estas ideias, igualmente desenvolvidas pelos populistas (*narodniky*) russos, foram fortemente contestadas por adeptos do socialismo europeu (do marxismo) como Gueorgui Plekhanov (1856-1918) e Vladimir Lenine (1870-1924). Este escreve no seu habitual tom peremptório: «Na realidade, nesta doutrina de Herzen, bem como em todo o populismo russo – até ao desbotado populismo dos "socialistas-revolucionários" actuais – não há nem um grão de socialismo. É a mesma frase duma bela alma, o mesmo bondoso sonho, que reveste o espírito revolucionário da democracia camponesa burguesa na Rússia, tal como as diversas formas de "socialismo" no Ocidente.»

MORTE DE INÊS DE CASTRO

Karl Briullov (1799-1852) foi um dos primeiros pintores russos que receberam reconhecimento internacional, sendo considerado o artista de transição entre o neoclassicismo russo e o realismo. Estudou na Academia Imperial de Artes, de 1809 até 1821, mas mesmo assim não se interessou pelo estilo clássico. Depois de terminar os estudos, foi para Roma onde trabalhou até 1835 como retratista e também pintor de género, mas apenas se tornou um artista renomado quando passou a fazer pinturas históricas. Em 1834, pintou o quadro *Morte de Inês de Castro* (talvez sob a influência da leitura de *Os Lusíadas* de Luís de Camões), mas a sua obra mais conhecida é *O Último Dia de Pompeia*. Em 1849 e 1850, viveu na Madeira para se tratar de doença pulmonar. Aí pintou vários quadros sobre o quotidiano regional, como *Forte do Pico* e *Passeio na Madeira*, e também retratos de russos famosos que nessa altura se encontravam na ilha portuguesa. Com o seu grande talento conseguiu conquistar lugar entre os melhores pintores de toda a Europa da época.

A Morte de Inês de Castro, de Karl Briullov.

FINALMENTE A EMANCIPAÇÃO DOS CAMPONESES (1861)

Alexandre II ocupou o trono quando a Rússia se encontrava em guerra com as grandes potências europeias. Por isso, primeiramente era preciso pôr fim a um conflito desastroso para os russos e só depois pensar em reformas.

Durante a Guerra da Crimeia, a classe dirigente russa pôde constatar as vantagens da economia capitalista e que o atraso do seu país em relação a Inglaterra ou França era cada vez maior. A sociedade russa sentia igualmente a necessidade de mudanças e, mais concretamente, os camponeses não podiam suportar a sua situação de servos sem direitos.

A elite dividia-se em três grupos. Os dos que se mantinham agarrados aos valores tradicionais, considerando que estes, se tinham passado o teste do tempo, eram os melhores para o povo. Outros sentiam a necessidade de reformas e transformações para que o país não ficasse ainda mais atrasado no seu desenvolvimento. Os terceiros olhavam com desconfiança para as inovações, mas também compreendiam que a estagnação era um mal ainda maior.

A própria posição do imperador perante a questão camponesa era contraditória: em princípio estava contra a emancipação dos servos, mas

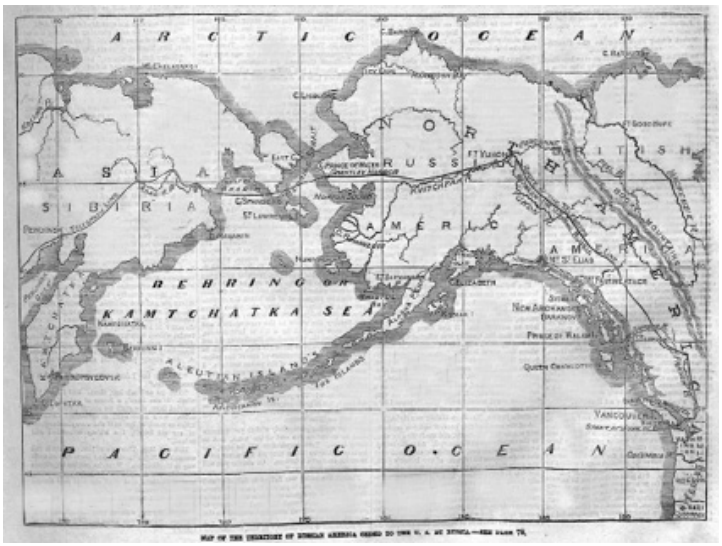
considerava que naquele momento era necessário terminar com a servidão «a partir de cima» para que não se chegasse ao ponto de ter de acabar com ela «a partir de baixo» com consequências imprevisíveis. A maioria dos latifundiários estava contra a emancipação, mas Alexandre II teve de avançar, embora com muito cuidado.

No dia 19 de Fevereiro de 1861, o imperador tornou público o «Manifesto da Emancipação» e uma série de decretos que puseram fim à servidão na Rússia. Mais de 23 milhões de camponeses passaram a ser cidadãos livres e a ter o direito de vender e comprar propriedades. Os poderes que antes os senhores tinham sobre os servos passaram para as mãos das comunidades agrárias, formadas pelos próprios camponeses. Porém, as terras continuaram a ser propriedade dos latifundiários, tendo os agricultores apenas direito à casa e ao quintal onde viviam. Se quisessem terras para cultivo, tinham de as alugar e pagar ao senhorio com dinheiro, produtos ou dias de trabalho.

Tratando-se de uma reforma importante, não resolveu no entanto a questão da propriedade da terra, apenas adiou a sua solução, somando novos problemas aos já existentes.

Além desse ousado passo, o czar Alexandre II, que entrou na história com o cognome de *Libertador*, realizou uma série de reformas: a financeira (1863), que, nomeadamente, levou à criação do Banco Central da Rússia; a que criou o poder autárquico (*Zemstvo*) (1864); a militar, com vista à modernização das tropas russas (1874), e as que facilitaram a movimentação da população judaica no interior do Império Russo (1859-1880).

A onda reformista de Alexandre II foi travada no dia 13 de Março de 1881, quando o czar foi assassinado num atentado à bomba perpetrado pela organização revolucionária populista Vontade Popular.



Mapa do território da América russa cedido aos EUA pela Rússia, publicado em Abril de 1867.

Quando a Rússia tinha território a mais

No início da Primavera de 1867, no dia 30 de Março, a corte de São Petersburgo assinou um acordo com os Estados Unidos da América sobre a concessão do Alasca por um prazo de 90 anos. Descoberto por navegadores russos em 1732, esse território de 519 mil quilómetros quadrados foi considerado território impossível de defender e de explorar num futuro próximo. Por isso, o czar Alexandre II decidiu vendê-lo. Segundo o tratado assinado entre russos e norte-americanos, os primeiros receberam 7,2 milhões de dólares, ou seja, cerca de 4,74 dólares por quilómetro quadrado. Rapidamente se arrependeram, pois o Alasca mostrou ser rico em ouro, mas o negócio já estava fechado. Ainda hoje, há alguns russos que exigem a devolução de um território com grandes reservas de petróleo e de metais.

«Ir para o meio do povo» ou «Recorrer ao machado»

A forma como foi concretizado o Manifesto da Emancipação não agradou nem aos conservadores de direita nem aos radicais de esquerda. Estes começaram a juntar-se em diversas organizações de um movimento que entrou na história com o nome de *raznotchintzi* (cidadãos de diversos estratos sociais) ou *narodnitchestvo* (populismo, ir para o meio do povo). O escritor Nikolai Tchernychevsky, um dos principais ideólogos dos radicais, defendia o derrube do czarismo através de uma revolução popular, apelava à Rússia para «recorrer ao machado». Ao contrário dos Dezembristas, considerava que o capitalismo não tinha futuro no país, apostando no «socialismo camponês».

Os revolucionários criaram organizações secretas: Terra e Vontade, Vontade Popular, Redistribuição Negra. Resumidamente, entre eles formaram-se três correntes. Mikhail Bakunin, pai do anarquismo russo, apelava a um levantamento imediato e à destruição de qualquer forma de poder. Piotr Tkatchov lançou-se numa conjura com vista a derrubar o czar. Piotr Lavrov dedicou mais atenção à propaganda dos ideais socialistas e à preparação da revolução camponesa. Respondendo ao apelo deste, centenas de intelectuais foram «para o meio do povo», o que deu o nome de *narodniki* a este movimento, com vista a preparar as gentes para o derrube do regime, mas, vendo o falhanço da sua actividade, viraram-se cada vez mais para o terrorismo. Entre 1879 e 1881, os membros da organização Vontade Popular falharam sete tentativas de assassinar Alexandre II, mas conseguiram eliminar o imperador à oitava.

O ROSTO FEMININO DO TERRORISMO

Sofia Perovskaia (1853-1881) nasceu na família do nobre Lev Perovski, que ocupou o cargo de governador de Petersburgo e que, depois, foi membro do Conselho do Ministério do Interior. Aos 16 anos Sofia ingressou numa escola de ensino intermédio onde privou com colegas interessadas nos movimentos populistas. Em 1870 recusou-se a dar ouvidos ao pai, que exigia que se afastasse de «indivíduos suspeitos», saiu de casa e foi viver para casa de amigas. Quando Lev Perovski recorreu à polícia para a encontrar, fugiu para Kiev, regressando apenas quando o pai prometeu dar-lhe um passaporte, principal documento de identificação da altura.

Em 1871, ela criou um círculo de populistas que acabou por se juntar a outros. Após receber os diplomas de professora primária e enfermeira no ano seguinte, foi «para o meio do povo», dedicando-se ao trabalho numa escola. Em 1873, residia já em São Petersburgo, onde vivia num apartamento clandestino e dava aulas a operários. Em 1874, esteve presa durante alguns meses na Fortaleza de São Pedro e São Paulo, na capital russa, por actividades subversivas. Depois de passar pela Crimeia, onde trabalhou num hospital, foi detida juntamente com centenas de membros de organizações populistas, tendo sido levada ao «Julgamento dos 193». Sofia foi considerada inocente em 1878. Nesse mesmo ano, foi novamente

detida e desterrada, mas conseguiu fugir quando os guardas que a acompanhavam adormeceram.

Sofia Perovskaia dirigiu e participou no ataque terrorista que assassinou o czar Alexandre II.

Em 1879 esteve no congresso da organização Vontade Popular, que decidiu, entre outras coisas, assassinar o imperador Alexandre II. Perovskaia participou em duas tentativas falhadas, mas foi ela a organizar e dirigir o acto terrorista que acabou por vitimar o czar. Com o objectivo de libertar os terroristas detidos, ficou em São Petersburgo, onde foi detida e julgada. Em 3 de Abril de 1881, juntamente com mais quatro camaradas, foi enforcada.

> Nós demos início a uma grande causa. Talvez duas gerações morram por ela, mas é preciso levá-la até ao fim.
>
> Sofia Perovskaia

ALEXANDRE III – PAZ COM OS VIZINHOS, REACÇÃO NA RÚSSIA

Poucas horas antes de ter sido assassinado, Alexandre II assinou um decreto que determinava a formação de uma comissão consultiva com

poderes para o aconselhar. No entanto, assim que chegou ao trono, o seu filho Alexandre III, que reinou entre 1881 e 1894, não permitiu a publicação desse documento, sinal evidente de que a autocracia era para continuar. Todas as reformas liberais realizadas pelo pai foram revertidas, voltando a apostar nos três pilares: «Autocracia, Ortodoxia e Espírito do Povo». Para ele o ideal era um país composto por uma nacionalidade, língua e religião comuns, bem como uma forma única de administração. Entre as medidas para alcançar os seus objectivos, são de destacar a lei do ensino obrigatório do russo em todo o império e a da perseguição dos judeus, restringindo-lhes os locais de residência e as profissões a que se podiam dedicar.

Coroação de Alexandre III.

Este czar enfraqueceu seriamente as competências das assembleias locais e regionais (*Zemstvo)* e sujeitou as comunidades camponesas à supervisão de latifundiários nomeados para esse efeito, aumentando ainda as propinas, o que limitava o acesso ao ensino dos estratos sociais mais baixos. Por outro lado, a fim de melhorar a situação dos camponeses, baixou os juros bancários para a compra de parcelas de terras e criou um banco que concedia créditos favoráveis para a aquisição de terrenos.

A polícia política (*Okhranka*) passou a ter maiores poderes e a não se sujeitar aos tribunais: podia discricionariamente deportar adversários políticos, fechar escolas, jornais e empresas. Esta repressão levou a uma quebra da actividade revolucionária. Porém, a organização terrorista Vontade Popular não foi completamente desmantelada após o assassinato de Alexandre II e começou a planear mais um regicídio. Dessa vez a polícia antecipou-se e deteve cinco conspiradores, entre os quais Alexandre Ulianov, irmão mais velho de Lenine, futuro dirigente do golpe de Estado comunista de 1917. Foram presos e enforcados em 1887.

Em 29 de Dezembro do mesmo ano, o comboio imperial descarrilou em Borki. Quando se deu o acidente, a família real encontrava-se na carruagem-restaurante. O tecto ruiu e Alexandre segurou-o até que os seus filhos pudessem salvar-se. É possível que este esforço brutal tenha sido a causa da doença renal que acabou por levar à morte o imperador, em 1894.

No campo da política externa, este imperador recebeu o cognome de *Pacífico*, porque, durante o seu reinado, a Rússia não entrou em guerra com os vizinhos. A aliança do imperador com a França republicana permitiu impedir que a Alemanha e a Áustria se lançassem em aventuras na cena internacional.

O SÉCULO DOS GÉNIOS DA LITERATURA E DA MÚSICA

A segunda metade do século XIX é o período mais rico da cultura russa em várias áreas. Na literatura, basta citar Fiódor Dostoiévski (1821-1881), Lev Tolstoi (1828-1910), Ivan Turgueniev (1818-1883), Anton Tchekhov (1860-1904).

Dostoiévski

Formado em engenharia, Dostoiévski desde cedo se dedicou às letras, mas foi depois do desterro e trabalhos forçados na Sibéria que se revelou toda a sua genialidade na análise da natureza humana. Na Primavera de 1847, o escritor aderiu a uma organização política: o Círculo de Petrachevski, no qual se discutiam questões prementes da actualidade, nomeadamente o derrube do czarismo. As autoridades consideraram que se tratava de um grupo terrorista, prenderam os seus membros e condenaram à morte alguns deles, entre os quais estava Dostoiévski. A

pena foi comutada no momento em que os condenados estavam já prontos para serem fuzilados, acabando depois desterrados.

É depois deste trágico episódio que o escritor revê muitos dos seus princípios políticos e religiosos, evolução essa que se reflecte em obras suas como *Recordações da Casa dos Mortos*, *Crime e Castigo*, *Humilhados e Ofendidos*, *O Idiota* e *Os Possessos*. Mas já foi perto da morte que publicou o romance que o colocou entre os maiores escritores de todos os tempos: *Os Irmãos Karamazov*.

Todavia, nem todos apreciavam o estilo de Dostoiévski. Máximo Gorki, outro clássico da literatura russa e soviética escreveu: «Dostoiévski é certamente um génio, mas um génio malvado. Ele sentiu, entendeu e retratou com prazer duas doenças do russo alimentadas pela nossa feia história... a violência sádica de um niilista que perdeu a fé em tudo, e o masoquismo de uma criatura oprimida... mas isto não é tudo o que temos, existe algo além de bestas e ladrões dentro de nós! E Dostoiévski viu apenas isto.»

Alguns também não gostam da sua escrita, mas reconhecem-lhe outras qualidades. Ernest Hemingway assinalou: «Como pode um homem escrever tão mal, tão incrivelmente mal, e despertar sentimentos tão profundos?»

Tolstoi

Lev Tolstoi nasceu numa família nobre. Estudou nas Faculdades de Orientalística e de Direito da Universidade de Kazan, mas não terminou qualquer curso, decidindo ir combater no Cáucaso contra as tribos locais (1851-1853). Esta experiência reflectiu-se depois em novelas e contos. Uma das razões que o levaram a sair de Moscovo foram as dívidas de jogo. Tal como Dostoiévski, Tolstoi era um viciado em jogos de azar. Quando deflagrou a Guerra da Crimeia, ofereceu-se como voluntário e participou no Cerco de Sebastopol. Findo o conflito, viajou pela Europa e, após o regresso, prestou serviço na Administração do Distrito de Tula. Em 1861, pediu uma licença e foi viver na sua quinta de Iasnaya Poliana (Prado Claro), no mesmo distrito. Aí escreveu as suas mais conhecidas obras literárias: *Guerra e Paz*, *Anna Karenina*, *Ressureição*, bem como numerosas novelas, contos e obras dramáticas. O escritor criou um

panorama multifacetado da vida russa e analisou a luta entre o bem e o mal na alma humana.

Tolstoi atravessou uma crise existencial nos anos de 1870. Para ele, a morte irreversível torna tudo o resto insignificante. Pouco a pouco, Tolstoi radicalizou as suas posições na crítica constante contra as normas de moral e as bases sociais existentes, não poupando o poder civil e a Igreja Ortodoxa Russa. Esta respondeu-lhe, em 1901, com a excomunhão. O escritor chegou ao ponto de negar a importância das artes e das ciências e de defender a abolição da propriedade privada. Segundo ele, a organização da humanidade deveria basear-se no amor ao próximo, no não emprego da violência no combate ao mal, na misericórdia e no desinteresse material. Considerado um dos ideólogos do socialismo cristão, as suas ideias estiveram na base da criação de comunidades que se espalharam por todo o mundo.

> Nós temos dois czares: Nicolau II e Lev Tolstoi. Qual deles é o mais forte? Nicolau II nada pode fazer contra Tolstoi, abalar o seu trono; enquanto Tolstoi, sem dúvida, abala o trono de Nicolau e da sua dinastia.
>
> A. Suvorin, escritor e crítico literário

Turgueniev

Oriundo de uma família aristocrática, Ivan Turgueniev estudou em Moscovo e São Petersburgo, tendo depois partido para Berlim, onde frequentou cursos de Filosofia, Letras e História. É com a colectânea de contos *Memórias de Um Caçador* (1852) que se afirma como um grande escritor russo, mas foi o romance *Pais e Filhos* (1862) que o tornou mundialmente conhecido. Abalado pela polémica que a sua obra suscitou na Rússia – acusada de incitar o niilismo –, o autor estabeleceu-se definitivamente em França.

Outra das razões do exílio foi a relação entre Turgueniev e a bailarina franco-espanhola Pauline Viardot, que, com o consentimento do marido desta, durou até ao fim da vida do escritor. Continua a ser um mistério que tipo de amor existiu entre eles, pois Pauline queimou toda a correspondência com Ivan depois da morte dele.

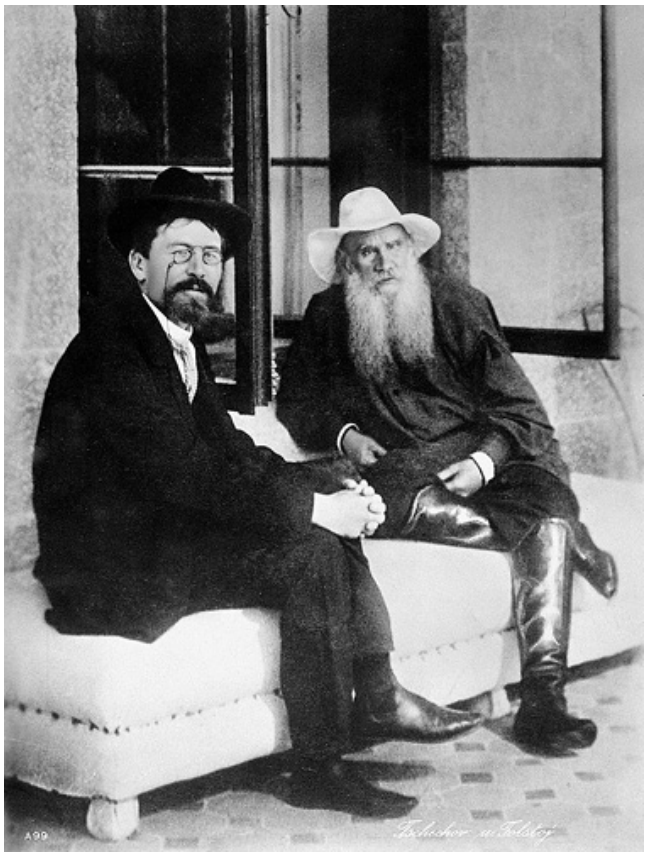
Romancista, poeta, escritor de contos e novelas, dramaturgo, Turgueniev deixou um valioso espólio literário, no qual se destacam: *Diário de Um Homem Supérfluo*, *Ássia*, *Ninho de Fidalgos*, *Rúdin* e *O Primeiro Amor*.

Tchekhov

Bastariam obras como *Ivanov*, *O Tio Vânia*, *A Gaivota*, *As Três Irmãs* e *O Ginjal* para que Anton Pavlovitch Tchekhov fosse considerado um dos maiores dramaturgos da história, mas ele não escreveu apenas peças de teatro, deixando-nos também novelas e contos: *Estepe*, *Fogo*s, *Enfermaria N.º 6*, *A Dama com o Cãozinho*, *Duelo*.

Tchekhov começou por escrever devido às fortes dificuldades financeiras que a família atravessava, publicando pequenos textos satíricos na imprensa. Depois de se formar em Medicina, dedicava muito tempo à profissão de médico, mas não esquecia a criação literária.

Todavia, a carreira literária não foi fácil. A estreia de *A Gaivota* em São Petersburgo (1896) foi um falhanço, a reacção negativa do público e dos críticos fez Tchekhov pensar em renunciar ao teatro. Todavia, a peça cativou os dramaturgos Vladimir Nemirovitch-Dantchenko e Konstantin Stanislavski, que a levaram ao palco com enorme êxito. Além dessa iniciativa, encomendaram outras peças ao escritor.



Tchekhov e Tolstoi, Ialta, 1900.

Tal como Dostoiévski e Tolstoi, Tchekhov recorre ao fluxo da consciência, técnica literária em que se procura transcrever o complexo processo de pensamento de um personagem, com o raciocínio lógico entremeado com impressões pessoais momentâneas e exibindo os processos de associação de ideias.

A tuberculose perseguiu o dramaturgo durante grande parte da vida, tendo sido a causa da sua morte na Alemanha.

*

> Pela primeira vez na vida, ele próprio pediu para chamar o doutor. Depois, ordenou que lhe servissem champanhe. Anton Pavlovitch sentou-se e, com gravidade, disse em voz alta ao doutor em alemão (ele sabia muito pouco falar alemão): «Ich sterbe». Depois, repetiu para o estudante e para mim em russo: «Vou morrer». Pegou no cálice, virou o rosto para mim e disse com o seu extraordinário sorriso: «Há muito tempo que não bebia champanhe...». Bebeu-o calmamente até ao fim, deitou-se lentamente para o lado esquerdo e, pouco tempo depois, calou-se para sempre.
>
> Olga Knipper, actriz e mulher do escritor

Primeiros acordes clássicos e o Poderoso Grupinho

Foi Mikhail Glinka (1804-1857) quem lançou os alicerces da escola de composição de música clássica na Rússia. Tal como na literatura, vai buscar formas musicais à Europa, neste caso à ópera, e enche-as de conteúdo profundamente russo: *A Vida pelo Czar* (1836) e *Ruslan e Lyudmila* (1842). Depois de passar por Espanha em 1845, onde estudou a cultura tradicional, a língua castelhana, compôs duas aberturas sinfónicas: *Jota Aragonesa* e *Noite em Madrid*. Glinka deixou-nos também notáveis romanças russas.

A tarefa de recuperação das raízes tradicionais russas para a música clássica foi continuada pelo chamado Poderoso Grupinho, que integrava Modest Mussorgsky, César Cui, Nikolai Rimski-Korsakov, Mily Balakirev e Aleksandr Borodin. Mas o maior dos compositores russos e mundiais é Piotr Tchaikovsky, autor de obras conhecidas como os bailados *O Quebra-Nozes*, *O Lago dos Cisnes*, *A Bela Adormecida*, as óperas *Evgueni Oneguin* e *A Dama de Espadas*, as peças sinfónicas *Abertura 1812* e *Concerto para Piano e Orquestra N.º 1*. Não se pode esquecer também o seu contributo para a música religiosa ortodoxa. Tchaikovsky operou uma autêntica revolução na música pós-romântica na Europa.

Elenco original de *A Bela Adormecida*, de Tchaikovsky. São Petersburgo, 1890.

O MARXISMO CHEGA À RÚSSIA

O marxismo chega à Rússia

Depois da abolição da servidão da gleba, o capitalismo começou a instalar-se no país a um ritmo mais acelerado. Foram construídas inúmeras grandes empresas industriais, que iam buscar a mão-de-obra aos milhares de camponeses que ficavam sem terra. A situação do operariado era extremamente difícil, pois não havia qualquer tipo de legislação laboral, os salários eram muito baixos e o horário de trabalho chegava às 14 ou 16 horas diárias. A contestação não se fez esperar e as greves tornaram-se uma das principais formas de luta.

Parte dos populistas concluiu que a força motora da futura revolução seria a classe operária e não o campesinato, e nem sequer foi necessário elaborar uma nova teoria de luta, pois, nessa altura, o marxismo começava a ser popular na Europa. A sua divulgação na Rússia deveu-se a um ex-populista, Gueorgui Plekhanov (1856-1921), que, em 1883, criou em Genebra a primeira organização marxista russa: Grupo de Libertação do Trabalho. Este grupo, constituído apenas por intelectuais, traduziu e publicou em língua russa obras de Karl Marx e Friedrich Engels, que foram depois distribuídas clandestinamente nos centros industriais do país. Mas essa organização encontrava-se fora da Rússia e tinha dificuldade em criar uma verdadeira força política, tarefa que veio a ser realizada por Vladimir Ulianov (Lenine), nascido em 1870. Em 1895, reuniu cerca de 20 grupos marxistas na organização União da Luta pela Libertação da Classe Operária. Porém, Lenine não participou no I Congresso do Partido Social-democrata Operário da Rússia (PSDOR) por se encontrar exilado na Sibéria. Esta nova força política não conseguiu fazer aprovar o seu programa porque a polícia deteve todos os delegados.

No II Congresso, em Londres, em 1903, Lenine, que se exilara na Europa, apresentou um projecto de programa, constituído por duas partes: um programa mínimo e um programa máximo. O primeiro previa as medidas que deveriam ser imediatamente concretizadas na Rússia: fim da monarquia e dos latifundiários, dia de trabalho de oito horas e direito dos povos à autodeterminação até à separação e criação de Estados independentes. Estas seriam as tarefas da «revolução democrático-

burguesa». Depois de concretizadas, deveria passar-se à revolução socialista e à ditadura do proletariado.

Gueorgui Plekhanov.

A discussão mostrou que quase todos os 53 delegados estavam de acordo com a primeira parte, mas as opiniões dividiram-se quanto à segunda. Muitos participantes do congresso consideravam desnecessárias a revolução socialista e a ditadura do proletariado. Porém, a maioria apoiou Lenine, levando a que esse grupo tenha sido denominado «bolchevique» (maioria, em russo). Os opositores ficaram em minoria e esse bloco passou a ser conhecido por «menchevique» (minoria, em russo).

A Rússia no limiar dos séculos XIX e XX

Nos anos de 1890, a Rússia conheceu um tão acentuado crescimento industrial, que ficou entre as maiores potências industriais do mundo. A construção de caminhos-de-ferro foi o mais importante dos geradores do desenvolvimento económico do país. Nos meados desse decénio, a Rússia tinha uma das maiores redes ferroviárias, ocupando o segundo lugar no mundo depois dos Estados Unidos. Em 1891, começou a construção da Linha Transiberiana, com mais de sete mil quilómetros de carris. A

construção durou 15 anos, a uma média de cerca de 600 quilómetros por ano. O aparecimento de meios de transporte modernos deu um forte impulso ao desenvolvimento do comércio e da indústria, e fez aumentar o número de cidades no Império Russo. Porém, a situação dos trabalhadores industriais continuava a ser dura. As leis aprovadas para limitar o trabalho infantil e feminino, para reduzir os horários de trabalho e melhorar as condições de vida do operariado não eram respeitadas pelos industriais. Por isso, não obstante a lei de 1886, que proibia as greves, estas eram cada vez mais frequentes.

Jornaleiros em frente a uma agência de emprego em Moscovo, anos 1890.

Apesar do grande nível de industrialização, a Rússia continuava a ser um país agrário. 77% da população do país vivia no campo e o sector agrícola produzia 51% da riqueza nacional. A Rússia era o maior produtor e exportador de cereais. Todavia, na agricultura a tradição continuava a ser muito forte e as estruturas da economia de mercado eram ainda pouco sólidas. Muitos latifundiários, prisioneiros da mentalidade feudal, viam na terra um meio de subsistência e não uma forma de obter lucro. Os

subsídios concedidos não eram utilizados na modernização das explorações agrícolas, mas depositados nos bancos e, depois, gastos. Por outro lado, os camponeses continuavam a sentir o peso de serem os maiores pagadores de impostos, recebiam cada vez menos pelo que produziam e pagavam mais pelo arrendamento da terra. Além disso, a comunidade camponesa travava o desenvolvimento capitalista no campo, pois continuava a determinar as normas de redistribuição das terras entre os seus membros, o calendário dos trabalhos agrícolas, e a decidir se o camponês podia ou não abandonar a comunidade.

Nicolau II: o mais incompetente e o último dos Romanov

Depois da morte do czar Alexandre III, a coroa do Império Russo passou para as mãos do filho Nicolau em 1896. O início e o fim deste reinado ficaram manchados de sangue.

Alexandre III esperava viver por muito tempo e não se preocupou demasiado em preparar o filho para governar. Nascido em Maio de 1868, Nicolau começou a receber instrução militar ainda em criança, apenas aos 20 anos integrou sessões do Conselho de Estado e do Conselho de Ministros para se familiarizar com as futuras funções, visitou o Extremo Oriente do Império e vários países. No Japão, foi alvo de um atentado.

No entanto, Alexandre morreu prematuramente aos 49 anos, em Novembro de 1894, e Nicolau sentiu que ainda não estava preparado para ocupar o trono. Numa conversa com um seu segundo tio, o grão-duque Alexandre Romanov, comentou banhado em lágrimas: «Sandro [diminuitivo de Alexandre], que irei fazer! O que acontecerá agora à Rússia? Eu não estou pronto para ser czar! Não conseguirei governar o império! Não sei sequer como devo falar com os ministros.»

Ainda em Novembro de 1894 casou-se com a princesa alemã Alice de Hesse e Reno, que teve de se converter à ortodoxia e recebeu o nome de Alexandra Fiodorovna. No dia da coroação, realizada em 26 de Maio de 1896, dá-se a chamada Tragédia de Khodynka. Em Moscovo, no campo de Khodynka, durante um banquete para o povo, foi lançado o rumor de que as ofertas e a cerveja não chegariam para todos, o que provocou empurrões e pânico entre a multidão. A polícia não conseguiu restabelecer a ordem, calcula-se que morreram 1429 pessoas e ficaram feridas muitos milhares.

O reinado de Nicolau II decorreu num ambiente em que o movimento revolucionário se intensificava tal como a deterioração da situação no campo da política externa e interna: a Guerra Russo-Nipónica de 1904-1905, o Domingo Sangrento e a Revolução de 1905-1907, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Revolução de Fevereiro de 1917.

O conflito mundial foi fatal para a carreira política do czar. Os insucessos das tropas russas nas frentes de combate e a degradação da situação social, económica e política levaram a uma enorme vaga de descontentamento contra a política de Nicolau II, que culminou com a abdicação do czar em 15 de Março de 1917. O Governo Provisório saído da Revolução de Fevereiro decidiu prender o czar e a sua família. No ano seguinte, os bolcheviques, que se tinham apoderado do poder em Novembro de 1917, assassinaram toda a família real e as pessoas que a acompanhavam. Em 2000, a Igreja Ortodoxa Russa canonizou Nicolau, a esposa e os filhos, uma decisão longe de ser consensual.

Os Protocolos do Sião

Entre outros acontecimentos, o reinado de Nicolau II ficou marcado pelo anti-semitismo e pelos *pogroms*. Mesmo as reformas mais moderadas, com vista a melhorar a situação dos milhões de judeus no Império Russo, eram recusadas pelo czar, com os mais incríveis pretextos. Quando o primeiro-ministro Piotr Stolypin lhe propôs que os judeus fossem autorizados nas zonas rurais a participar em sociedades anónimas proprietárias de terrenos, Nicolau respondeu: «Não obstante os mais convincentes argumentos a favor da aprovação dessas medidas, a voz interior diz-me insistentemente que não chame a mim essas decisões.» Por outro lado, o último czar russo e a sua polícia política não poupavam meios no financiamento da União do Povo Russo, um partido de extrema-direita xenófoba.

A Rússia do início do século XX era o terreno ideal para o aparecimento de uma obra como *Os Protocolos dos Sábios do Sião*, uma espécie de bíblia do anti-semitismo. Foi publicado em 1903 e seria presumivelmente um relatório sobre um congresso realizado por judeus e maçons em 1898, na cidade de Basileia, na Suíça, para estruturar um esquema de domínio mundial através da destruição do mundo ocidental; aí teriam sido formulados planos que conjecturavam usar um país europeu como exemplo para os demais que ousassem interpor-se no caminho desse projecto, que delineavam estratégias de controlo do ouro e das pedras preciosas, que arquitectavam criar uma moeda amplamente aceite que estivesse sob seu comando, com a intenção de confundir os «não-escolhidos» através de dados económicos e financeiros e, principalmente, criar caos e pânico capazes de fazer com que os países criassem uma organização supranacional pronta a interferir em países rebeldes.

O livro causou forte impressão ao czar, e o seu regime utilizou-o contra os judeus quando já era claro que se tratava de uma falsificação. Segundo muitos estudos, os protocolos não passam de um plágio do *Diálogo no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu*, um livro de sátira política escrito pelo advogado francês Maurice Joly. Porém, foi amplamente utilizado por Adolf Hitler para justificar o extermínio dos judeus.

A discriminação dos judeus no Império Russo foi uma das razões que levaram muitos membros desta comunidade a aderir a partidos radicais, como os bolcheviques ou os socialistas revolucionários.

*

Não são os Protocolos que geram anti-semitismo; é a profunda necessidade das pessoas de isolarem um inimigo que as leva a acreditar nos Protocolos.

Umberto Eco

DESASTRE MILITAR RUSSO NO EXTREMO ORIENTE

A Guerra Russo-Nipónica (1904-1905) foi provocada pelo conflito de interesses da Rússia e do Japão no Extremo Oriente. A modernização do Japão, conhecida como Restauração Meiji, foi acompanhada por uma forte onda nacionalista – pois era grande o receio dos japoneses de que o seu país fosse alvo de intervenção estrangeira, nomeadamente da China – à custa da qual Tóquio veio a tentar conquistar novos territórios, novos mercados e fontes de matérias-primas para a indústria. Na primeira guerra sino-nipónica (1894-1895), os japoneses saíram vitoriosos e impuseram pesadas condições aos chineses: a entrega da Península de Liaodong, com Port Arthur e a ilha Formosa. Porém, devido às pressões da Alemanha, França e Rússia, Liaodong continuou a pertencer à China.

O Governo de Nicolau II assinou, em 1896, um acordo de amizade com Pequim, em que os chineses autorizavam a construção de uma linha férrea através do Norte da Manchúria (território chinês) até Vladivostoque e arrendavam Liaodong aos russos por 25 anos. Este acordo provocou descontentamento em Tóquio, mas sem consequências. Quando as tropas russas entraram na Manchúria em 1902, os japoneses estavam dispostos a aceitar a situação em troca do reconhecimento do seu domínio na Coreia, mas a corte de São Petersburgo não considerou a proposta do Japão e nem sequer iniciou conversações.

Depois de obter o apoio da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, o Japão, em Janeiro de 1904, rompeu as relações diplomáticas com a Rússia e lançou um ataque contra os navios de guerra russos que se encontravam em Port Arthur. Nicolau II começou a deslocar tropas para o Extremo Oriente, mas com enorme lentidão. O conflito, que durou 18 meses e terminou com uma pesada derrota russa, mostrou que o Japão possuía um exército, tácticas e armamento mais modernos. Além disso, a Rússia

mergulhou numa profunda crise económica, política e social que levou o regime de Nicolau II ao limiar do abismo. Nestas circunstâncias, o czar viu-se na necessidade de assinar o Tratado de Portsmouth, que determinou o fim dos interesses russos nos territórios disputados.

O PRIMEIRO AVISO DE PERIGO

A Revolução de 1905-7, que Vladimir Lenine considerou o «principal ensaio» do golpe de Estado bolchevique de Novembro de 1917, teve origem nos graves problemas políticos, económicos e sociais, cuja solução vinha sendo adiada: a falta de liberdades políticas no Império Russo; a difícil situação dos camponeses, que, não obstante O Manifesto da Emancipação dos Servos, de 1861, continuavam a ver a terra nas mãos de uns poucos; as desumanas condições de trabalho na indústria; a derrota na Guerra Russo-Nipónica; a não solução da questão nacional, que se prendia com os problemas de coabitação entre a grande variedade de povos. A Rússia era um país multinacional e os direitos de muitos povos eram espezinhados. Ou seja, o barril de pólvora estava pronto para explodir e o rastilho foi aceso pelo chamado Domingo Sangrento: no dia 9 de Janeiro de 1905, o padre ortodoxo Gregori Gapon organizou uma manifestação pacífica que se dirigiu para o Palácio de Inverno no intuito de entregar ao czar um documento com uma série de reivindicações. Nicolau II respondeu com a força, tendo as tropas cossacas, e outras, matado e ferido centenas de pessoas. Foram muitos os que perderam a ilusão quanto à figura do «czar bom» cercado por maus conselheiros.

A resposta da sociedade civil traduziu-se numa onda de protestos e greves em todo o país. Em São Petersburgo começaram a formar-se os Conselhos (Sovietes) dos Deputados Operários; na cidade de Lódz, na Polónia, registou-se um levantamento operário que tinha não só reivindicações económicas – melhoramento das condições de trabalho – mas também políticas: mais direitos para os polacos e paragem da russificação do seu país; a região de Ivanovo-Voznessenky ficou paralisada por uma greve na indústria têxtil; os marinheiros do couraçado *Potemkin* revoltaram-se contra os oficiais e ocuparam o navio de guerra. À medida que os acontecimentos se sucediam, as reivindicações da sociedade eram mais radicais. No início, os manifestantes não punham em

causa o poder do czar, mas não tardou a ouvir-se: «Abaixo a autocracia!» e «Viva a república democrática!»

Vendo o seu poder em perigo, Nicolau II publicou o Manifesto de Agosto, que criou a Duma de Estado (Parlamento), órgão legislativo e consultivo do czar. A agitação social não acalmou e ele voltou a recuar anunciando o Manifesto de Outubro, que proclamava liberdades como a integridade pessoal, as liberdades de consciência, de religião, de expressão, de criação de partidos e organizações sociais.

No dia 8 de Abril de 1906, começaram os trabalhos da primeira Duma, que foi rapidamente dissolvida por ser demasiadamente radical, no entendimento do czar. O mesmo aconteceu à segunda Duma. Em 1907, o governo aprovou uma nova lei eleitoral que atribuía privilégios aos latifundiários e membros de estratos sociais abastados. Isso levou a que o Parlamento tenha sido dominado por monárquicos e liberais moderados e tenha chegado ao fim do seu mandato em 1912, o mesmo acontecendo com a quarta Duma, que se aguentou até 1917.

Além do mais, o governo czarista não tinha pressa em pôr em prática as suas parcas promessas de melhorar a situação dos operários, resolver a questão agrária e respeitar as liberdades.

> Elas [as causas da revolução] são a violação do equilíbrio entre os anseios ideológicos da sociedade pensante e os actuais formatos da sua vida. A Rússia deixou de caber no sistema existente. Quer um novo regime baseado na sociedade de direito, nas liberdades civis.
>
> Serguei Witte, ministro das Finanças da Rússia

O nascimento dos Sovietes

No dia 8 de Março de 1905, em plena onda revolucionária, nasce o primeiro Soviete (Conselho) de Operários da Rússia, na cidade de Alapaevski, nos Urais. Porém, a implantação dessa nova organização só chegou a uma empresa. No mês de Maio, os operários da indústria têxtil de Ivanovo-Voznessenki criam outro Soviete, que se alarga a toda a cidade. No fundo, era como se fosse um conselho que dirigia a luta grevista. No Outono de 1905, foram criados Sovietes de deputados operários, soldados, cossacos, marinheiros, camponeses em numerosas cidades e vilas. Eram eleitos nas fábricas e assembleias de aldeia. Quando

os revoltosos venciam nalguma localidade, os Sovietes transformavam-se no poder revolucionário. O mais importante foi, sem dúvida, o Soviete de São Petersburgo, dirigido por Lev Trotski, que então ainda não fazia parte do partido bolchevique. A nova organização era controlada por mencheviques e socialistas revolucionários. Inicialmente, os bolcheviques consideravam-nos órgãos da revolução dispersos e desorganizados. Porém, mais tarde, Lenine recuperou a ideia dos Sovietes como forma de organização política dos operários na luta pela revolução proletária.

Durante a primeira revolução russa foram criados 62 Sovietes de operários e de camponeses. O Soviete de São Petersburgo durou 52 dias.

Piotr Stolypin: o político que poderia ter mudado os destinos da Rússia

Quando rebentou a Revolução de 1905, Piotr Stolypin era governador da região de Saratov, no Sul da Rússia. É lá que Nicolau II o vai buscar para tentar travar as convulsões sociais e políticas no país. O imperador convidou-o para primeiro-ministro e ministro do Interior, responsável por quase tudo: manutenção da ordem pública, funcionamento dos correios e telégrafo, fiabilidade das estatísticas, fornecimento de alimentos à população, construção de obras públicas, bombeiros e tribunais locais. Depois de ter assistido à revolução e ter sobrevivido a quatro atentados, após ter visto o assassinato de dois anteriores ministros do Interior, Stolypin quis recusar o convite, mas acabou por aceitá-lo. Iniciou a sua actividade com a substituição dos lentos tribunais militares por tribunais marciais de campo. As matérias criminais deveriam ser apreciadas durante dois dias e as sentenças imediatamente executadas. Entre 1905 e 1907, no Império Russo ocorreram milhares de actos terroristas, que provocaram mais de nove mil mortos. A resposta foi dura: de 1906 a 1910, os tribunais marciais condenaram à morte 5735 pessoas por razões políticas, tendo sido executadas 3741. Sessenta e seis mil pessoas foram condenadas a trabalhos forçados. Os condenados à morte eram enforcados, e a forca passou a chamar-se «gravata de Stolypin». Desse modo, Stolypin conseguiu travar a onda revolucionária e alcançar alguma estabilidade.

Membros do Soviete de São Petersburgo presos com a acusação de terem apoiado uma rebelião armada em 1905. Trotski é o segundo à esquerda na fila de baixo.

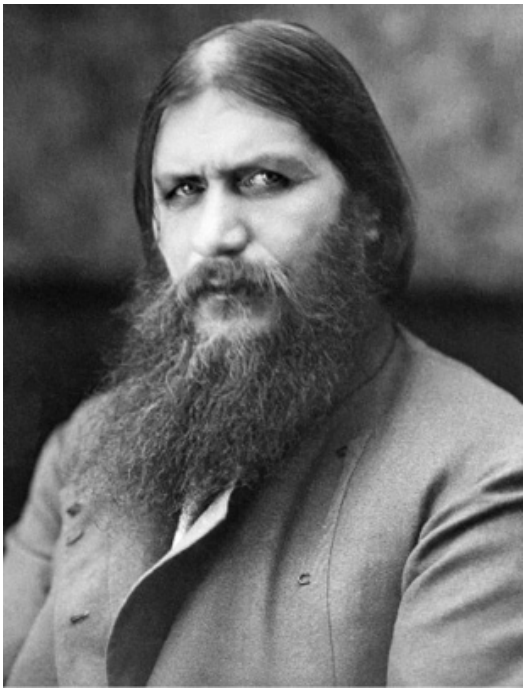
Paralelamente às medidas repressivas, o primeiro-ministro pôs em curso uma reforma agrária: os camponeses podiam abandonar livremente a comunidade rural, tendo direito a ficar com os seus pertences e as terras que cultivavam então. Se estes terrenos se situassem em lugares diferentes, o camponês podia exigir que fossem reunidos numa parcela. Esta medida permitiria afastar os agricultores dos revolucionários, interessá-los mais pelos resultados do seu trabalho e afastar a sua atenção das terras dos latifundiários. Além disso, o governo russo elaborou um programa de transferência de camponeses sem terra das regiões ocidentais para a Sibéria. Os voluntários ficavam isentos do pagamento de impostos durante cinco anos, a terra que recebiam passava a ser sua propriedade, tinham acesso a subsídios e ficavam livres do serviço militar. Cerca de três milhões de camponeses aderiram a este programa.

«Dêem ao país vinte anos de paz e não reconhecerão a Rússia, nem interior, nem exteriormente», afirmava Stolypin. Mas os terroristas de esquerda tinham outra opinião e assassinaram-o à 11.ª tentativa em 1911. A posterior falta de apoio aos camponeses levou a que a reforma agrária iniciada por ele não tenha sido concluída.

RASPUTIN: HOMEM DE DEUS OU DO DIABO?

Grigori Rasputin (1869-1916) é uma das figuras mais controversas da história russa, continuando a ser objecto de especulações e lendas.

Nascido na família de um cocheiro da Sibéria, esteve frequentemente enfermo quando jovem. Mais tarde, uma peregrinação a um mosteiro nos Urais mudou-lhe a vida, terá sentido o forte apelo da religião ortodoxa, a que se dedicou devotadamente, o que o fez visitar numerosos lugares santos na Rússia, Grécia e Jerusalém. Enquanto isso, ia estabelecendo contactos com sacerdotes, monges e peregrinos. Em 1890, casou-se com Praskovia Dubrovina, também peregrina, de quem teve duas filhas e um filho. Chega a São Petersburgo em 1903 e rapidamente granjeia a fama de «asceta», «homem de Deus», «santo», entre a alta sociedade russa. A sua fama chegou aos ouvidos do czar e da esposa, desesperados por encontrar uma cura para o filho Alexei, herdeiro do trono. O menino sofria de hemofilia – uma doença hereditária que afecta a coagulação do sangue –, e Rasputin revelou-se a única pessoa capaz de parar as hemorragias do príncipe sempre que ele se feria. Não tardou que corressem boatos sobre poderes mágicos ou de feiticeiro de que o homem disporia para curar Alexei, como sobre as orgias que ocorreriam no seu apartamento de São Petersburgo com mulheres de todas as condições sociais.



Grigori Rasputin (1869-1916).

A Igreja Ortodoxa Russa acusou-o de diversas heresias, mas a protecção da família real era mais forte. A longa permanência do «santo» na corte russa fez surgir o rumor da existência de um caso amoroso com a czarina Alexandra. Utilizava também a influência que tinha sobre a família real para fins pessoais e políticos. Alguns estudiosos afirmam que a Rasputin se deve a decisão de Nicolau II de recusar a participação na Guerra dos Balcãs, que teve lugar entre 1912 e 1913, adiando o início da Primeira Guerra Mundial. Aliás, manifestou-se contra a participação do seu país neste conflito. Depois, em 1916, um grupo de nobres, entre os quais se encontrava o príncipe Félix Yussúpov, o monárquico Vladimir Purichkevitch, o grão-duque Dmitri Pavlovitch e o oficial dos serviços secretos britânicos Oswald Rayner, conseguiu levar a cabo o plano de lhe pôr fim à vida, considerando que a sua actividade poderia pôr em causa a continuação da monarquia na Rússia. No dia 30 de Dezembro de 1916, Rasputin foi barbaramente assassinado.

> Enquanto eu estiver vivo, a dinastia viverá.
>
> Grigori Rasputin

A Europa nas vésperas da Grande Guerra

Nos finais do século XIX e no início do século XX, assiste-se na Europa a uma agudização da luta entre as grandes potências pelo controlo de fontes de matérias-primas e mercados para o escoamento de mercadorias, ou seja, pelo domínio no campo internacional. No Velho Continente destacava-se uma nova potência: a Alemanha que, tendo chegado atrasada à divisão de zonas de influência, pretendia alargar os seus domínios. Berlim tentava reforçar as suas posições nos Balcãs e no Médio Oriente, bem como privar a Grã-Bretanha do domínio nos mares. A França tencionava recuperar os territórios perdidos na guerra franco-alemã de 1870-1871. Em relação à Rússia, os alemães tencionavam conquistar a Polónia, a Ucrânia e o Báltico. A corte de São Petersburgo, por sua vez, queria ganhar mais influência nos Balcãs e controlar os estreitos do Bósforo e de Dardanelos, o que entrava em conflito com os interesses da Alemanha e do Império Austro-Húngaro. Neste contexto, em 1907, a Rússia e a Grã-Bretanha assinaram um acordo sobre a divisão de esferas

de influência no Irão, Afeganistão e Tibete. Após a assinatura da *Entente Cordiale* entre a França e a Inglaterra em 1904, a Rússia aderiu a essa aliança, formando a chamada *Entente*. A Europa dividiu-se em dois blocos: a *Entente* e a Tríplice Aliança (Alemanha, Áustria-Hungria e Itália). Nestas circunstâncias, ficaram reunidas as condições para o início de um conflito inédito e de grandes proporções no Velho Continente, com a participação de exércitos de outras regiões. Faltava apenas o rastilho para que o barril de pólvora rebentasse.

O DESASTRE RUSSO NO PRIMEIRO CONFLITO MUNDIAL

No dia 28 de Junho de 1914, em Sarajevo, um terrorista sérvio assassinou Franz Ferdinand, herdeiro da coroa austro-húngara. A Áustria declarou guerra à Sérvia e a Rússia anunciou a mobilização parcial das suas tropas. A Alemanha exigiu a suspensão dessa medida, mas declarou guerra ainda antes de receber a resposta de São Petersburgo. Nos primeiros meses do conflito, as tropas russas lançaram uma ofensiva na Prússia Oriental e os austro-húngaros sofreram pesadas baixas na Ucrânia Ocidental. Porém, no final do ano, a frente estabilizou-se, dando-se início a uma guerra de trincheiras. Em 1915, a Alemanha transferiu para a frente oriental as suas principais forças, abriu uma brecha na frente russa e obrigou a Rússia a deixar a Polónia, a Lituânia e parte da Ucrânia Ocidental. Em 1916, as tropas russas, sob o comando do general Alexei Brussilov, conseguiram romper a frente inimiga na Ucrânia Ocidental e na Bucóvina, mas foram incapazes de aguentar as posições, porque os alemães enviaram reforços e, à custa de um grande número de baixas, travaram o avanço russo. Em 1917, a já longa duração da guerra provocou uma profunda crise económica na Rússia e o aumento brusco do descontentamento entre a população. A agitação social obrigou o czar a transferir tropas da frente de combate para esmagar os levantamentos, mas os soldados, cansados da guerra, passavam para o lado dos revoltosos. A catástrofe estava iminente: as fábricas pararam, os transportes não circulavam, no campo não havia força de trabalho porque milhões de camponeses combatiam na frente, centenas de milhares de soldados foram mortos ou ficaram feridos.

A Primeira Guerra Mundial mostrou que o czarismo não soube preparar o país para um conflito tão longo e de dimensões nunca vistas. Por

exemplo, os generais russos não deram a importância devida às capacidades da artilharia, continuando a insistir na cavalaria. Por isso, 75% de todas as perdas nesse conflito mundial foram provocadas pela artilharia.

O fim inglório da dinastia dos Romanov

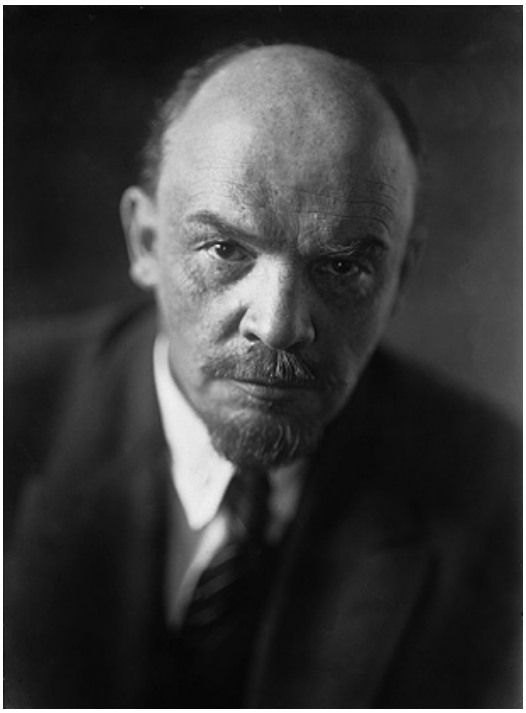
Se, no início da guerra, a propaganda oficial conseguiu criar uma onda de patriotismo na sociedade russa, essa tarefa tornava-se cada vez mais difícil à medida que o conflito se alongava e os desaires na frente se tornavam cada vez maiores. Além disso, ao assumir o comando directo das forças armadas russas em Agosto de 1915, Nicolau II passava a maior parte do tempo nas frentes de combate e era assim directamente responsabilizado pelas derrotas. A sociedade não compreendia o objectivo da guerra, os protestos multiplicavam-se rapidamente, e era cada vez mais frequente ouvir-se a palavra de ordem «Abaixo a autocracia!» Em meados de Fevereiro de 1917, na capital russa, que desde 1914 passara a chamar-se Petrogrado para russificar o seu nome, teve início uma greve geral. Os Sovietes de Deputados dos Operários ressurgiram com enorme força em Petrogrado, controlados pelos mencheviques e socialistas revolucionários, estando os bolcheviques em minoria. Em finais de Fevereiro, o descontentamento transformou-se em revolta armada e a direcção do Soviete de Petrogrado assumia cada vez mais o comando da situação.

No intuito de travar o avanço das forças socialistas radicais, a 1 de Março a Duma Estatal formou um Governo Provisório e, no dia seguinte, Nicolau II abdicou do trono, pondo, deste modo, fim à monarquia na Rússia. O novo governo comprometeu-se a convocar eleições para a Assembleia Constituinte até ao final de 1917, para que esta pudesse resolver os problemas mais urgentes do país: a definição de instâncias de poder, o estabelecimento de normas sobre a propriedade da terra e a implementação de uma paz verdadeira. A Revolução de Fevereiro não pôs fim à existência de dois centros de poder: o Soviete de Petrogrado e o Governo Provisório.

Revolução de Outubro, 7 de Novembro de 1917: guardas vermelhos invadem o Palácio de Inverno.

Teses de Abril

Quando se deu a queda da monarquia, Vladimir Lenine encontrava-se exilado na Suíça e tentou regressar ao país, o que veio a ocorrer a 16 de Abril. A viagem num «comboio selado» foi organizada e financiada pelas autoridades alemãs, que viam em Lenine e noutros bolcheviques que o acompanhavam políticos capazes de enfraquecer a Rússia e de a retirar da guerra. Chegado a Petrogrado, Lenine torna público o seu programa de acção denominado «Das tarefas do proletariado na presente revolução», que entrou na história como «Teses de Abril». Nesse enunciado, o dirigente bolchevique defendia o fim da guerra «sem anexações nem contribuições»; a transição da revolução burguesa para a revolução proletária; a renúncia ao apoio ao Governo Provisório; a entrega do poder aos Sovietes; a realização do programa socialista máximo: a nacionalização da terra e dos bancos, o fim da polícia, das forças armadas e, no futuro, a edificação do «Estado da comuna».



Vladimir Ilyich Ulianov, vulgo Lenine, Julho de 1920.

Os socialistas russos estavam a preparar-se para a eleição da Assembleia Constituinte e as propostas de Lenine confundiram todos esses planos. Até os seus camaradas do partido criticaram duramente essas teses, pois consideravam-nas não só radicais, mas irrealizáveis. O futuro ditador soviético José Estaline anunciou o seu apoio ao governo burguês, mas rapidamente mudou de ideias para alinhar com Lenine. O líder bolchevique, perante a inactividade do Governo Provisório e de amplos sectores da sociedade russa, vai ganhando cada vez mais apoiantes para as suas ideias.

> Imagino que nele [Lenine] haja traços de Savonarola, Marat e Bakunin.
>
> Georges Maurice Paléologue, embaixador de França na Rússia, 21 de Abril de 1917

Falar bem não chega para governar

Alexandre Kerenski (1881-1970) nasceu em Simbirsk, terra natal de Vladimir Lenine. Tal como este, formou-se em Direito, mas não emigrou, começando a tornar-se conhecido como advogado em processos políticos,

o que o levou duas vezes à prisão. Em 1912, foi eleito deputado e passou a dirigir o grupo parlamentar dos trabalhistas. Como líder revolucionário russo, desempenhou um papel primordial na queda do regime czarista. Foi um dos líderes da Revolução de Fevereiro, sendo nomeado ministro da Justiça do Governo Provisório. Nesse cargo, realizou uma série de reformas, incluindo a abolição da pena de morte, a instituição de liberdades civis básicas, como a liberdade de imprensa, a abolição da discriminação étnica e religiosa, o sufrágio universal. No início de Julho de 1917, soldados e operários, apoiados pelos bolcheviques, manifestaram-se para exigir a demissão do Governo Provisório e a entrega do poder aos Sovietes. Receando um levantamento armado, as autoridades esmagaram a manifestação. Kerenski passou a ocupar o cargo de primeiro-ministro, continuando à frente do Ministério da Guerra. Procurando uma postura de permanente conciliação tanto com a direita como com a esquerda, acabou por perder a popularidade e, em Novembro de 1917, o poder. Após a Revolução de Outubro, Kerenski fugiu de Petrogrado e emigrou para os Estados Unidos. Não abandonou o Palácio de Inverno vestido de mulher, como mais tarde afirmaram os comunistas soviéticos. Embora fosse um brilhante orador, esse atributo tribunício foi claramente insuficiente para dirigir um país à beira de um precipício económico, social e político.

O DUETO DA REVOLUÇÃO COMUNISTA

Se Vladimir Lenine foi o teorizador da revolta comunista de Outubro de 1917, Lev Trotski foi o seu organizador na prática. Exilado nos Estados Unidos depois da Revolução de 1905, em 4 de Maio de 1917 Trotski regressou a Petrogrado e ao seu trabalho de agitador no Soviete da capital russa, prestando especial atenção à propaganda entre soldados e marinheiros. Até Julho, dirigiu uma das muitas facções existentes no movimento socialista, mas, no VI Congresso do Partido Social-Democrático Operário da Rússia (bolchevique), decidiu juntar-se a Lenine.

Enquanto este se encontrava refugiado na Finlândia, que era parte do Império Russo, com autonomia suficiente para dar guarida aos políticos perseguidos pelo Governo Provisório, Trotski lançou-se nas tarefas de concretização da palavra de ordem lançada por Lenine: «Todo o poder aos

Sovietes!». No dia 12 de Outubro, quando já ocupava o cargo de presidente do Soviete de Petrogrado, Trotski formou o Comité Militar-Revolucionário de Petrogrado (CMRP), constituído principalmente por bolcheviques e socialistas revolucionários de esquerda, transformando-o no centro da organização do levantamento armado. Logo a seguir, conseguiu que a Guarnição da capital russa entregasse ao CMRP cinco mil espingardas.

Lenine defendia o avanço imediato para a tomada do poder, enquanto Trotski considerava ser necessário adiar a revolta até à convocação do II Congresso dos Sovietes de Deputados dos Operários e dos Soldados da Rússia (SDOSR) para que esta organização enfrentasse o fim da dualidade de poderes e proclamasse os Sovietes o órgão máximo e único do poder no país. A maior parte dos membros da direcção do partido dos bolcheviques apoiou-o, não obstante o nervosismo de Lenine. Entre 21 e 23 de Outubro, os bolcheviques realizaram numerosos comícios entre os soldados indecisos, e o CMRP ordenou que nenhuma ordem da Região Militar de Petrogrado fosse levada a cabo sem o seu consentimento. No dia 24 teve início a ocupação de edifícios e lugares estratégicos da capital pelos insurrectos e, no dia seguinte, os bolcheviques ocuparam o Palácio de Inverno e anunciaram a vitória na sessão de abertura do II Congresso dos SDOSR. Aí, Lenine, que regressara a Petrogado vindo da Finlândia, proclamou a passagem do poder para as mãos dos Sovietes. No dia seguinte, os delegados aprovaram o Decreto da Paz e o Decreto da Terra, apresentados pelos bolcheviques, e apoiaram a formação do primeiro governo soviético (Comité Executivo Central da Rússia), dirigido por Vladimir Lenine, ficando Lev Trotski à frente dos Negócios Estrangeiros.

Tudo correu bem aos bolcheviques: o Governo Provisório e a guarnição de Petrogrado não ofereceram qualquer resistência, a Revolução de 25 de Outubro/7 de Novembro de 1917 decorreu sem barricadas nem tiroteios, o que constituiu um bom motivo para Lenine exclamar no Congresso dos SDOSR: «Deu-se um milagre!»

> Todo o trabalho de organização prática da revolução teve lugar sob a direcção do camarada Trotski, presidente do Soviete de Petrogrado. Pode-se afirmar com certeza que o partido deve, antes de tudo e principalmente, ao camarada Trotski a rápida passagem da guarnição para o lado do Soviete e a organização habilidosa do trabalho do Comité Militar-Revolucionário.

José Estaline, «Golpe de Outubro», *Pravda*, 6 de Novembro de 1918

*

Não se pode negar que Trotski lutou bem em Outubro. Sim, isso é verdade. Trotski realmente lutou bem em Outubro. Mas nesse período lutou não só Trotski, não lutaram mal mesmo pessoas como os socialistas revolucionários que, então, estavam lado a lado com os bolcheviques. Em geral, devo dizer que, durante uma revolta triunfante, quando o inimigo está isolado e a revolta aumenta, não é difícil lutar bem. Nesses momentos, até os atrasados se tornam heróis.

José Estaline, *Trotskismo ou Leninismo?* 19 de Novembro de 1924

«A EXPROPRIAÇÃO DOS EXPROPRIADORES!»

Esta palavra de ordem lançada pelos marxistas retrata bem a situação criada após a vitória dos bolcheviques em Petrogrado. O novo poder, movido pelos ideais utópicos do comunismo, começou a destruir todas as bases da sociedade russa. Em apenas alguns dias, os bolcheviques desmantelaram as forças armadas e a polícia, libertaram todos os prisioneiros, incluindo os de delito comum, suspenderam a vigência das leis e liquidaram o sistema de justiça. Passaram a funcionar os «tribunais do povo» com base na «consciência proletária e revolucionária», que muitas vezes terminaram em linchamentos. O conhecido escritor russo-soviético Máximo Gorki descreveu nesses dias como a multidão apanhou um pequeno ladrão num mercado, o espancou e o afogou numa ria. Multidões vagueavam pelas ruas e pilhavam lojas e casas. Afinal foi Lenine que proclamou: «Pilha o pilhado!» Nem a adega do Palácio de Inverno foi poupada. Embora os bolcheviques tivessem declarado o fim da pena de morte, foram assassinados dezenas de polícias, oficiais, funcionários públicos, nobres, sacerdotes. Segundo Lenine e os seus camaradas, toda a anarquia tinha sido criada pela burguesia contra-revolucionária.

Mas porquê, comissário, porquê tribunal e não simplesmente justiça? Tudo porque só sob a protecção dessas palavras sacro-revolucionárias se pode marchar com tanta ousadia tendo o sangue pelos joelhos.

Ivan Bunin, *Dias Malditos*, escritor russo e Prémio Nobel da Literatura em 1933

A ESPADA DA DITADURA DO PROLETARIADO

A Comissão Extraordinária para o Combate à Contra-revolução e à Sabotagem (Tcheka, na sigla russa) foi o primeiro e o maior órgão repressivo criado pelo poder soviético no país, em 7 de Dezembro de 1917. Dirigida por Félix Dzerjinski, revolucionário fanático e implacável, essa organização foi criada não só para «liquidar a burguesia, os exploradores e os contra-revolucionários de todo o tipo», mas para combater todos os inimigos reais, potenciais e imaginários do regime comunista. Por combate à sabotagem compreendia-se a repressão de greves operárias, da resistência dos camponeses às requisições de produtos agrícolas e do descontentamento de funcionários públicos, médicos, professores, etc. O Decreto sobre a Imprensa veio pôr fim à liberdade de expressão na Rússia, enquanto os partidos políticos – com excepção do bolchevique – foram proibidos e a religião começou a ser brutalmente perseguida, tornando-se o ateísmo a doutrina oficial do «Estado proletário».

O poder da Tcheka foi-se estendendo a todo o território controlado pelos comunistas. Integrada tanto por bolcheviques e socialistas revolucionários de esquerda, como por pessoas com passado duvidoso e outras fanáticas e doentias, a Tcheka e os seus agentes passaram a agir com total impunidade. A expressão «ditadura do proletariado» passou a ser a principal fórmula ideológica que fundamentava a repressão. Em 1918, no período do chamado «terror vermelho», os tchekistas passaram a ter o direito e o dever de liquidar espiões e terroristas, todos aqueles que «violem a legalidade revolucionária», bem como os «participantes em organizações, conjuras e levantamentos dos guardas brancos».

Medalha de honra do 5.º aniversário da Tcheka-GPU, 1923.

Em Fevereiro de 1922, no dia 6, a Tcheka passou a chamar-se Direcção Política Principal do Comissariado do Povo do Interior (GPU), mas a prática repressiva manteve-se.

Segundo cálculos do historiador inglês Robert Conquest, a Tcheka teria fuzilado, em cinco anos, 140 mil pessoas. O historiador russo Oleg Mozokhin afirma que o número de vítimas dos tchekistas não vai além das 50 mil. Seja como for, estes números não têm paralelo na anterior história do país. Por exemplo, entre 1825 e 1905, os tribunais czaristas condenaram à morte por motivos políticos 625 pessoas, tendo sido executadas 191.

> A nossa arma fulminante contra um sem número de conjuras e atentados contra o Poder Soviético por parte de pessoas que eram infinitamente mais fortes do que nós.
>
> Lenine, sobre a Tcheka

«Controlo operário»

Com o intuito de ganharem o apoio das massas para a revolução, os bolcheviques prometeram «fábricas aos operários», «terras aos camponeses» e «paz aos povos».

O decreto de 14 de Novembro de 1917 visou substituir o controlo que os donos de fábricas e empresas tinham sobre a produção, a compra e venda de matérias-primas e mercadorias, e a actividade financeira no seu todo, pelo «controlo operário» regular. Nacionalizadas as fábricas, chegara a vez dos bancos. No campo financeiro, foram liquidados todos os tipos de empréstimos, o poder deixou de reconhecer as dívidas interna e externa, e impôs o monopólio no comércio externo. Em Dezembro de 1917 foi criado o Conselho Supremo da Economia com o objectivo de dar início à «construção do comunismo» na economia. Contudo, na Primavera de 1918 já se tornara claro que o «controlo operário» não passava de uma ficção: a produtividade do trabalho nas empresas desceu bruscamente, a produção industrial era de apenas 20% em comparação com o nível de 1913, os operários passaram a viver pior do que no tempo do czarismo e, nas suas reuniões, começaram a exprimir o seu desencanto com a política dos bolcheviques. Estes responderam com repressão, deixando claro que o movimento operário independente não podia coexistir com a «ditadura do proletariado».

«Terras aos camponeses!»

No seu programa, o Partido Social-Democrata Operário da Rússia (bolchevique) previa a nacionalização das terras como um dos objectivos da revolução, mas como os camponeses se inclinavam mais para a repartição dos latifúndios entre si (princípio defendido pelos socialistas revolucionários de esquerda), Lenine incluiu esse preceito no Decreto sobre a Terra, de Novembro de 1917. Em conformidade com esse documento, os camponeses começaram a ocupar terras, a apoderar-se do gado e das propriedades dos latifundiários. Em 1918, milhares de casas senhoriais foram pilhadas e queimadas, havendo diversos edifícios de carácter histórico que sofreram vários estragos, como por exemplo as quintas onde viveram os poetas russos Alexandre Puchkin e Alexandre Blok.

O sonho milenar dos camponeses russos de possuir parcelas de terra próprias parecia estar a concretizar-se. Porém, o novo poder começou a exigir-lhes que fornecessem produtos agrícolas às cidades em quantidades e preços nunca vistos. A ideia de Lenine era passar para «a produção e a distribuição comunista», ou seja, substituir o comércio pela troca directa

de produtos. Todavia, a desvalorização descontrolada da moeda e a falta de produtos industriais para troca com os agrícolas atiraram por terra a ideia do dirigente comunista, pois os camponeses não se sentiam incentivados a fornecer cereais. O poder soviético, mais uma vez, teve de recorrer à violência para confiscar os produtos ao campesinato.

> Porque sujam as casas senhoriais, tão queridas do nosso coração? – porque aí violavam e flagelavam as virgens, se não fosse na casa de um senhor, era na casa do vizinho. Porque destroem parques centenários?... se nós não respondemos pelo passado? – Nós somos o elo de uma só corrente. Ou será que os pecados dos nossos pais não caem sobre nós?
>
> Alexandre Blok, poeta russo

Paz aos povos

O fim da guerra entre a Rússia e a Alemanha e o Império Austro-húngaro foi um dos mais difíceis problemas que os bolcheviques tiveram de resolver. Todavia, a proposta bolchevique de paz «sem anexações nem contribuições» desmoronou-se perante a realidade. As conversações de paz começaram em Dezembro de 1917 em Brest-Litovski, sendo a delegação soviética dirigida inicialmente por Lev Kamenev e, depois, por Trotski. Este e os seus apoiantes estavam convencidos de que as negociações serviriam apenas para anunciar o fim unilateral do conflito. Por isso apresentou aos alemães a proposta apoiada pelo Comité Central do PSDOR: «Não fazemos a guerra, não assinamos a paz». Ora, a delegação alemã conhecia bem o estado das tropas russas e exigiu cedências territoriais significativas: Polónia, Lituânia, parte da Letónia e da Bielorrússia.

Esta relevante imposição provocou fortes discussões entre os bolcheviques. Trotski considerava que as cedências territoriais aos alemães não eram importantes na véspera da sonhada «revolução mundial», sendo necessário apenas prolongar as conversações. Os comunistas de esquerda – a ala mais radical dos bolcheviques – recusavam o compromisso com os «imperialistas» e defendiam a continuação da «guerra revolucionária». Nesta discussão, Lenine mostrou ser o político mais sensato. Desprovido de quaisquer sentimentos de patriotismo, céptico em relação à rápida vitória da «revolução mundial», e reclamando que a conservação do poder era o mais importante, defendia a necessidade

de assinar a paz com os alemães em quaisquer condições, pois para além de isso ir ao encontro da vontade da maioria dos soldados, operários e camponeses, significaria, de facto, o reconhecimento internacional dos Sovietes. Vladimir Lenine estava em minoria no Comité Central do seu partido, mas a ofensiva bem-sucedida dos alemães em Fevereiro de 1918 veio dar-lhe razão e a Rússia Soviética teve de assinar a paz em 3 de Março de 1918, mas em condições muito mais gravosas: além da perda dos territórios antes citados e de mais alguns (780 mil km^2), os bolcheviques foram obrigados a retirar as tropas da Ucrânia e da Finlândia e a comprometer-se a pagar aos alemães uma pesada contribuição.

> Se os alemães dissessem exigir o derrube do poder bolchevique, claro que, então, seria preciso combater.
>
> Vladimir Lenine, a propósito da Paz de Brest-Litovski

O FIM DO PARLAMENTARISMO

Depois de chegarem ao poder, os bolcheviques não ousaram renunciar à decisão de convocar uma Assembleia Constituinte, por ser um acontecimento há muito aguardado pela sociedade russa, que esperava poder ver finalmente eleito um parlamento capaz de encontrar uma fórmula de convivência política aceitável para todos. Entre 12 e 14 de Novembro de 1917 realizaram-se as mais livres eleições na Rússia do século XX. A vitória coube ao Partido dos Socialistas Revolucionários, que representava os interesses dos camponeses, com 40,4% dos votos, os bolcheviques conseguiram 24% e os partidos ditos burgueses 17%. A primeira e última sessão da nova Assembleia Constituinte aconteceu em 5 de Janeiro de 1918. Os bolcheviques propuseram que os deputados reconhecessem todos os decretos do Governo Soviético, bem como a «Declaração dos Direitos dos Trabalhadores e do Povo Explorado», escrita por Lenine, que proclamava a Rússia uma República dos Sovietes de Deputados dos Operários, Soldados e Camponeses, mas a maioria recusou-se a apoiar essas propostas. A discussão continuou pela noite dentro e, na madrugada do dia 6, o marinheiro anarquista Anatoli Jelezniakov, que comandava os 200 marinheiros encarregados de velar pela segurança dos deputados, subiu à tribuna e ordenou: «Peço que

abandonem imediatamente a sala, a guarda está cansada!» Nas ruas de Petrogrado, os bolcheviques esmagaram violentamente uma manifestação de apoio à Assembleia Constituinte, matando cerca de 50 pessoas e ferindo mais de 200. No dia 8 de Janeiro, um decreto do governo bolchevique pôs fim às poucas horas de parlamentarismo democrático na Rússia.

Panfleto sobre as eleições para a Assembleia Constituinte, 1917: «Não votem no N.º 5. São os bolcheviques!!»

*

> Na noite da dissolução da Assembleia Constituinte, Vladimir Ilitch [Lenine] chamou-me... De manhã, Ilitch pediu para repetir algumas coisas que foram contadas sobre a dissolução da Constituinte e, de súbito, começou a rir-se. Riu-se durante muito tempo, repetia para si as palavras do interlocutor e continuava-se a rir, a rir. Um riso contaminante, até às lágrimas. Ria-se às gargalhadas.
>
> Nikolai Bukharin, líder bolchevique

O TERROR VERMELHO

Os bolcheviques justificaram o «terror vermelho» como uma resposta ao «terror branco». Aquele fora desencadeado com o pretexto do assassinato de Moissei Uritzki, dirigente da Tcheka de Petrogrado, e o atentado contra Lenine, alegadamente levado a cabo pela socialista revolucionária Fanni Kaplan. Os «brancos» eram todos aqueles que não concordavam com os «vermelhos» (os comunistas). Porém, as razões destes antagonismos eram mais profundas. Na Primavera de 1918, os bolcheviques viram-se perante uma crise económica, política e até teórica. A sua aposta nas massas revolucionárias falhara. O «controlo operário» das empresas mostrou não

ser eficaz: a produtividade caiu, o pagamento de um salário começou a ser substituído pelo pagamento à peça, aumentou bruscamente o número de roubos de produtos nas empresas, alguns colectivos de trabalhadores decidiram vender equipamentos das suas empresas, o desemprego crescia.

Mas a fome era o principal problema. Entre Fevereiro e Março de 1918, algumas regiões do país receberam apenas 12,3% dos cereais que planeavam obter; nos centros industriais, cada pessoa tinha direito a uma ração diária que variava entre 50 e 100 gramas de pão, e nem sempre. Além de a Rússia ter sofrido enormes perdas com o Tratado de Brest-Litovski (ficando sem um terço da população do Império Russo, desapossada de mais de um quarto das terras cultiváveis, privada de 70% da produção de aço, de 90% da indústria do açúcar e do carvão e de 40% dos operários industriais), os camponeses não estavam interessados em vender os cereais a baixos preços ao Estado e a indústria tinha cada vez menos produtos para oferecer em troca.

Os bolcheviques responderam com uma ainda maior radicalização da sua política. Na indústria, por um lado, Lenine mandou parar as nacionalizações, exigiu mais controlo na produção e a introdução de métodos mais modernos de organização do trabalho, inspirados em alguns capitalistas (particularmente em Henry Ford). Além disso, tentou atrair os «especialistas burgueses» para colaborarem com o poder soviético. Por outro lado, defendeu métodos cruéis para conseguir esses objectivos. A gestão operária das empresas era cada vez mais substituída por uma direcção centralizada com poderes ditatoriais até «ao fuzilamento no local de um dos dez culpados de parasitismo». Começaram a surgir os primeiros campos de trabalho forçado. No meio rural, os camponeses eram obrigados a entregar todos os excedentes de cereais a preços fixos e muito baixos. O Comissariado do Povo dos Produtos passou a dispor de um verdadeiro exército com 80 mil homens para confiscar cereais aos agricultores. A tomada de reféns passou a ser uma prática de chantagem. Lenine ordenava sem rodeios: «fazer reféns entre os camponeses para que, se a limpeza da neve não for feita, sejam fuzilados».

O poder de decisão passava cada vez mais das mãos dos sovietes para o partido dos bolcheviques, todos os partidos políticos foram proibidos, incluindo antigos aliados como os socialistas revolucionários de esquerda ou os anarquistas.

Os tribunais militares não se regem e não se devem reger por quaisquer normas jurídicas. São órgãos punitivos criados num processo de intensa luta revolucionária.

Konstantin Danichevski, primeiro presidente do Tribunal Militar Revolucionário da Rússia Soviética

A GUERRA CIVIL (1917-1922)

A guerra civil na Rússia teve início no golpe de Estado comunista de Novembro de 1917. No III Congresso dos Sovietes, Lenine declarou: «Sim, fomos nós que começámos e conduzimos uma guerra contra os exploradores.» Territórios do antigo império como a Finlândia, Letónia, Lituânia e Estónia proclamaram a sua independência. A situação na Ucrânia foi bem diferente. Em 13 de Junho de 1917, a Rada (Parlamento) Central da Ucrânia derrubou o poder do Governo Provisório russo e declarou a independência do país. Porém, após a tomada do poder pelos bolcheviques em Petrogrado, estes, que até então tinham sido aliados dos independentistas ucranianos na luta contra Kerenski, apresentaram um ultimato a Kiev: a Rússia Soviética concordava com a independência da Ucrânia se a Rada reconhecesse o poder dos Sovietes nesse país. A Rada aceitou que fosse convocado um Congresso de Sovietes para discutir a questão, mas quando os apoiantes de Lenine verificaram estar em minoria, abandonaram a reunião, transferiram-se para Kharkov, na fronteira com a Rússia, e pediram ajuda militar a Petrogrado. Em Janeiro de 1918, as tropas vermelhas deram início, simultaneamente, a dois tipos de guerra: nacional e social.

A forma como a Rússia Soviética geriu as suas relações com a Ucrânia tornou-se um exemplo da futura política dos bolcheviques em relação aos povos e países vizinhos. Não obstante a «Declaração dos Direitos dos Povos da Rússia», aprovada pelo governo de Lenine em 2 de Dezembro se 1917, prever «a igualdade e soberania dos povos» e reconhecer «o direito das nações à autodeterminação livre até à separação e à criação de Estados nacionais», os bolcheviques só davam esse direito aos povos que aceitavam viver sob a sua tutela, transformando a independência numa ficção. No território da Rússia propriamente dito, a divisão dos cidadãos em «vermelhos», «brancos», «verdes», etc., levou a que muitas das pessoas que não apoiaram a Revolução de Outubro tenham pegado em

armas para responder à violência das novas autoridades. O primeiro centro de resistência branca foi organizado nas margens do rio Don, região cossaca onde os generais Mikhail Alekseev e Lavr Kornilov conseguiram criar o chamado Exército Voluntário, em Dezembro de 1917. Porém, um mês depois, perante a indiferença total dos cossacos, que já estavam cansados de combater, os bolcheviques infligiram pesada derrota aos brancos e, num dos combates, uma bala perdida pôs fim à vida do general Kornilov. O comando passou para as mãos do general Anton Denikin. Na Primavera de 1918, a situação mudou bruscamente em desfavor dos bolcheviques: a Alemanha ocupou a Ucrânia, pôs no poder em Kiev o «hetman» Pavel Skoropadski e lançou uma ofensiva contra Petrogrado. Na madrugada de 10 de Março, o governo bolchevique abandonou secretamente Petrogrado e foi instalar-se em Moscovo. Lenine receava que as tropas alemãs entrassem na capital e prendessem os dirigentes bolcheviques.

> A questão da transferência do governo para Moscovo provocou grandes atritos. Isto até parece a deserção de Petrogrado do fundador da Revolução de Outubro. Os operários não compreenderão... Lenine perdeu literalmente a cabeça ao responder a essas observações: «Podemos com semelhantes insignificâncias sentimentais esconder a questão do destino da revolução? Se os alemães tomarem Piter [Petrogrado] de uma golpada, a revolução morrerá. Como não vêem, não compreendem isso? Mas se o governo estiver em Moscovo, a queda de Petersburgo será apenas um rude golpe.»
>
> Lev Trotski, *As Lições de Outubro*

Nessa altura, a situação alterou-se no Sul da Rússia devido à crueldade dos soldados vermelhos contra os cossacos em particular e a população civil em geral. Verdade seja dita, os brancos e os verdes retribuíam na mesma moeda. Os verdes eram grupos armados de camponeses que combatiam contra ambas as partes ou se aliavam a qualquer delas para combater uma outra – dependendo das circunstâncias –, cujo caso mais conhecido é o do bando dirigido pelo anarquista ucraniano Nestor Makhno (1889-1934). Em Abril, os cossacos do Don revoltaram-se contra os bolcheviques e começaram a formar o Exército do Don, comandado pelo general Piotr Krasnov (1869-1947). Em Agosto, o general Denikin conseguiu reunir todas as forças anti-bolcheviques do Sul da Rússia.

Ainda mais radicais foram as mudanças a leste. No dia 25 de Maio, um corpo expedicionário checoslovaco – constituído por cerca de 45 mil soldados checos e eslovacos que tinham sido feitos prisioneiros por combaterem nas fileiras das tropas austro-húngaras durante a Primeira Guerra Mundial – viajava para Vladivostoque para daí regressar à Europa por mar. Em determinado momento os bolcheviques tentaram desarmar esses soldados, o que eles recusaram, pois o desarmamento não tinha sido acordado e receavam pela sua segurança num país mergulhado na guerra civil e na anarquia. Eram apoiados pelos mencheviques e por oficiais russos. As forças anti-bolcheviques passaram a controlar todo o território entre o rio Volga e o Extremo-Oriente. Lenine e os seus apoiantes dominavam apenas algumas regiões centrais da Rússia.

O fuzilamento dos Romanov

Depois da queda da dinastia dos Romanov, a mando do Governo Provisório o czar e a família foram enviados, por motivos de segurança, dos arredores de Petrogrado para Tobolsk, cidade siberiana. Mais tarde, os comunistas transferiram-nos para Ekaterimburgo, nos Urais. Em 17 de Julho de 1918, na cave da casa do comerciante Ipatiev, o czar Nicolau, a esposa, os seus cinco filhos, o médico da família, a criada de Alexandra, o cozinheiro e o criado foram sumariamente executados. O mesmo aconteceu a todos os outros Romanov que não conseguiram sair da Rússia.

Segundo vários testemunhos históricos, a ordem de fuzilamento teria sido dada por Vladimir Lenine e Iakov Sverdlov, que na altura dirigia o Comité Central Executivo dos Sovietes da Rússia, sob o pretexto de existir o risco de a família real russa ser resgatada pelas tropas brancas que se aproximavam daquela localidade. Em 2000, no meio de forte controvérsia, a Igreja Ortodoxa Russa canonizou Nicolau II, a mulher e os filhos.

Família imperial russa: Nicolau II, sua mulher Alexandra, e filhos Olga, Maria, Anastácia, Alexei e Tatiana, c. 1914.

O nascimento do Exército Vermelho

Em Setembro de 1918, Lev Trotski passou a chefiar o Conselho Militar Revolucionário, uma espécie de Ministério da Guerra. Pondo de lado quimeras revolucionárias traduzidas, por exemplo, pelos termos «povo armado», «guarda vermelha», «exército voluntário», «eleição de comandantes», Trotski optou pela criação de forças armadas regulares mobilizando operários e camponeses, bem como atraindo antigos oficiais czaristas. Em poucos meses, o novo Exército Vermelho operário-camponês passou a contar com um milhão de soldados, número que subiu até cinco milhões no fim da guerra. Trotski compreendeu bem as capacidades combativas da cavalaria e a mais-valia da utilização dos «internacionalistas», cidadãos de outros países que foram em ajuda da revolução comunista, esperando que ela se alargasse a todo o mundo. É também de salientar que as novas forças armadas eram dominadas – como numa cadeia hierárquica de chefia – por militantes comunistas de longa data. Sem estes, nenhuma ordem do comando militar podia ser concretizada. Desse modo, os bolcheviques controlavam os antigos oficiais czaristas. Se algum destes desertasse, era o próprio comissário que

podia ser fuzilado. Parte dos oficiais czaristas combatiam porque os bolcheviques mantinham familiares seus como reféns em prisões ou campos de concentração, mas foram muitos os que se aliaram ao novo poder para continuar a sua carreira.

As novas forças armadas baseavam-se numa rígida disciplina e comando único, sendo o fuzilamento a forma mais comum de castigo por actos de indisciplina.

Trotski, comissário da Guerra bolchevique, fala do topo do comboio blindado que foi o seu quartel-general durante a Guerra Civil, 1920.

*

> Não se podem construir umas forças armadas sem repressão. Não se podem conduzir multidões de pessoas para a morte se no arsenal do comando não existir a pena de morte. Enquanto as chamadas pessoas, macacos furiosos sem rabo, cheias de orgulho da sua técnica, irão organizar exércitos e combater, o comando irá colocar os soldados entre a possível morte na frente e a inevitável morte na retaguarda.
>
> Lev Trotski

*

O Outono de 1918 ficou marcado por uma série de vitórias vermelhas: a conquista de importantes cidades como Kazan, Simbirsk e Samara, mas não tardou a que a situação voltasse a ser desfavorável. A Alemanha perdeu a guerra e a Paz de Brest-Litovski deixou de proteger a Rússia Soviética do lado ocidental, os países da *Entente* enviaram numerosas

tropas para os portos russos do mar Negro e do Extremo Oriente do país para apoiar as forças anti-bolcheviques. Em 18 de Novembro, o almirante Alexandre Koltchak (1874-1920) proclamou-se, em Omsk (Sibéria), Governador Supremo da Rússia, o que foi aceite por todo o movimento branco.

Porém, por se encontrar longe dos palcos centrais da guerra, a sua direcção assumiu características demasiado formais, terminando em fiasco a tentativa de organizar todas as forças da oposição aos comunistas. Na Primavera de 1919, ao tentar juntar-se às forças brancas do Sul do país, Koltchak lançou uma ofensiva no Sudoeste da Sibéria, mas foi travado pelas tropas vermelhas sob o comando de Serguei Kamenev (1881-1936) e Mikhail Frunze (1885-1925), que, por sua vez, realizaram uma bem-sucedida contra-ofensiva e entraram na Sibéria. Só depois da derrota de Koltchak é que Denikin, tenente-general que serviu o exército imperial russo, deu início ao ataque contra Moscovo, mas foi derrotado, e o que restava do Exército Branco refugiou-se na Península da Crimeia. O novo comandante, general Piotr Wrangel, ainda tentou reorganizar um novo exército, mas em vão. No Verão de 1919, falhou também a ofensiva do general branco Nikolai Iudenitch (1865-1933) contra São Petersburgo.

No ano seguinte, tropas polacas invadiram a Rússia, mas foram derrotadas pelos soldados soviéticos comandados por Mikhail Tukhatchevski (1893-1937). Este atravessou a fronteira e tentou chegar a Varsóvia, mas foi travado pelos polacos. Finalmente, em Novembro do mesmo ano, Frunze, comandante do Exército Vermelho, ocupou a Crimeia e pôs fim à guerra civil.

As causas da vitória comunista

A enorme mobilização de recursos pelos bolcheviques foi uma das razões da sua vitória, o que só foi possível com a imposição do estado de sítio pelo poder soviético. Essa política de controlo estatal directo da economia em tempo de conflito entrou na história com a designação de Comunismo de Guerra.

Foi também muito importante a acção de Trotski e do Conselho Militar Revolucionário que, em pouco tempo, criaram novas forças armadas operacionais. A situação estratégica dos vermelhos, que ocuparam o Centro do país, com as regiões economicamente mais desenvolvidas, foi

outro factor do seu êxito. Por outro lado, os brancos actuavam de forma não sincronizada, tanto entre si como com as forças da *Entente*, o que permitia aos vermelhos transportar tropas de umas frentes para outras rapidamente, usando a rede de caminhos-de-ferro. As intenções dos generais brancos de restaurar uma «Rússia una e indivisível» assustavam os potenciais aliados na Polónia, nos países do Báltico, na Transcaucásia e na Ásia Central.

O movimento anticomunista perdeu também a guerra da propaganda. Os dirigentes brancos eram quase todos militares, com poucas competências políticas. Receando afastar monárquicos e partidos de direita, recusavam utilizar a fraseologia dos partidos socialistas moderados, perdendo assim uma forte arma de propaganda. Aliás, desprezavam socialistas e revolucionários, falavam apenas do renascimento das forças armadas, do restabelecimento da ordem, prometendo vagamente ao povo a possibilidade de escolher o seu próprio destino político. Aos olhos de diferentes camadas da população, o movimento branco era associado à restauração da monarquia. Os camponeses temiam perder as terras recebidas com a revolução e o regresso dos latifundiários, o que acontecia nas regiões ocupadas pelos brancos.

Os vermelhos, pelo contrário, souberam utilizar uma propaganda primitiva, mas acessível à maioria da população analfabeta. Não obstante a falta de papel, imprimiam e distribuíam pelo país os discursos dos líderes bolcheviques, os seus retratos, e também cartazes. Comboios de agitação e propaganda percorriam a Rússia e davam ao povo aquilo que ele há muito não via: espectáculo. Os bolcheviques não tinham pejo em recorrer a terminologia de ordem patriótica como «Pátria socialista» ou «Rússia-mãe» para ganhar adeptos.

É consensual entre os historiadores que na guerra civil de 1918-1922 morreram entre 15 e 16 milhões de pessoas. As baixas militares rondaram os 800 mil homens, 1,3 milhões foram vítimas dos terrores, do banditismo e de *pogroms*. Estes últimos, na Ucrânia e no Sul da Rússia, provocaram a morte a cerca de 300 mil judeus. Cerca de cinco milhões de vidas foram ceifadas por tifo, disenteria e gripe, 5,2 milhões de pessoas morreram devido às destruições provocadas pelo conflito, incluindo a fome.

A REVOLTA DE KRONSTADT

A partir do Verão de 1918, ocorreram no país, quase constantemente, revoltas camponesas contra o poder soviético. Mas, no início dos anos 1920, os levantamentos isolados transformaram-se em verdadeiras guerras camponesas. O campesinato não conseguia suportar mais as políticas repressivas dos bolcheviques. Nalguns casos, destacamentos de camponeses armados ocupavam cidades e distritos; noutros, actuavam como guerrilheiros, atacando inesperadamente para depois desaparecerem nos bosques e nas florestas. Entre essas revoltas destaca-se, pela dimensão, o levantamento camponês no Distrito de Tambov, sob o comando do socialista revolucionário Alexandre Antonov. A insurreição alargou-se a um enorme território e o que mais preocupava os bolcheviques eram as palavras de ordem reivindicativas que se ouviam: «Sovietes sem comunistas!», «Convocação da Assembleia Constituinte!», «Desnacionalização!», «Fim da requisição de cereais!», «Liberdade para os partidos políticos!» Moscovo lançou então os seus talentosos cabos-de-guerra Serguei Kamenev, Mikhail Frunze, Serguei Budionni e Mikhail Tukhatchevski à frente de tropas equipadas com artilharia, blindados, aviões e armas químicas para esmagar a revolta, o que foi feito com atestada crueldade.

Em Março de 1921, os marinheiros da base naval de Kronstadt, um dos principais apoios dos bolcheviques em Outubro de 1917, apresentaram reivindicações semelhantes às dos camponeses de Antonov. Nos seus navios continuavam içadas bandeiras vermelhas, mas aqueles homens pretendiam fazer uma «terceira revolução» contra a «autocracia dos comissários». Os comunistas reagiram, uma vez mais, de forma rápida e cruel. Depois de uma primeira investida, conseguiram tomar a base naval atravessando o gelado mar Báltico e esmagar mais esta rebelião. Foram fuzilados 2193 marinheiros, e seis mil foram deportados para campos de concentração do Norte da Rússia.

Nova Política Económica (NEP)

A guerra civil deixou a Rússia em ruínas. Não obstante a vitória militar dos comunistas, o descontentamento social aumentava entre todas as camadas da população e a política do Comunismo de Guerra, com todas as suas restrições, não podia continuar. A grave falta de alimentos no início de 1921, o incontrolável mercado negro, a redução consciente das áreas

cultivadas pelos camponeses para não produzirem excedentes, os levantamentos no campo e as greves operárias devido à diminuição brusca da ração alimentar, e a revolta de Kronstadt obrigaram Lenine a mudar uma vez mais de princípios ideológicos para se manter no poder. Em Março de 1921, no X Congresso do Partido Comunista da Rússia (bolchevique) – novo nome do partido dos bolcheviques – o dirigente comunista defendeu a necessidade de uma nova política económica: a substituição da requisição forçada de produtos agrícolas por um imposto fixo, o que permitia aos camponeses planear os seus trabalhos e não recear a pilhagem da parte do Estado; o estabelecimento da liberdade de comércio, que levou à desnacionalização do comércio a retalho, a recuperação da pequena indústria, tornando-a acessível ao capital privado; a autorização da criação de empresas com capital estrangeiro. Na indústria, os operários começaram a receber salário consoante a sua produtividade e qualificação. Surgiu todo um novo estrato de pequena burguesia, o sistema de senhas de racionamento foi abolido e nas lojas começaram a ser vendidos produtos e alimentos que há muito haviam desaparecido dos hábitos dos soviéticos.

Este conjunto de realidades gerou pânico entre os bolcheviques mais ortodoxos, mas Lenine acalmava-os repetindo que se tratava de «um passo atrás, dois em frente», defendendo que o principal era os comunistas deterem poder político suficiente para garantir a transição para o comunismo. Efectivamente, o Partido Comunista da Rússia (bolchevique) controlava a máquina do Estado, incluindo as forças armadas, tendo proibido todos os partidos no país. Do ponto de vista político, não houve qualquer tipo de liberalização. No próprio PCR (b) eram regulares as purgas internas. O X Congresso aprovou uma resolução secreta intitulada «Sobre a unidade do partido» que, na realidade, punha fim à democracia interna e proibia a formação de grupos ou facções.

O FIM DO PLURALISMO CULTURAL

No início do século XX, assiste-se na Rússia a um renascimento científico e cultural: o número de escolas de ensino superior aumentou, o nível de ensino também não parava de melhorar. Ivan Pavlov, fisiólogo, Nikolai Jukovski, pioneiro da aviação, Konstantin Tziolkovski, teorizador das viagens espaciais, são apenas alguns dos nomes de cientistas russos

que deram grande contributo para a ciência universal. Este período é também conhecido por Era da Prata da cultura russa, durante o qual se realiza, paralelamente ao desenvolvimento do realismo, a busca de novas formas de expressão artística na literatura: o simbolismo, o imagismo, o futurismo, etc. Ao lado de Tolstoi, Gorki e Tchekhov surgem nomes como Valeri Brussov, Alexandre Blok, Vladimir Mayakovski, Serguei Issenin. No campo da pintura, assistimos à mesma sede de procura e renovação protagonizada por artistas como Mikhail Vrubel, Issac Levitan, Valentin Serov, Konstantin Korovin, Kuzma Petrov-Vodkin, Kazemir Malevitch e Piotr Filonov, e no domínio da música nas obras de compositores como Alexandre Skriabin, Alexandre Glazunov, Igor Stravinski.

A atitude da intelectualidade russa perante a Revolução de Outubro de 1917 não foi de modo nenhum uniforme. Alguns poetas, escritores e pintores apoiaram o levantamento bolchevique, vendo nele não só uma profunda reviravolta social, mas também cultural. Outros viram nesse acontecimento político uma «catástrofe apocalíptica».

A reacção dos bolcheviques para com os intelectuais era a mesma que em relação a outras esferas da sociedade: quem não está connosco, está contra nós. A cultura devia estar sob o total controlo do Estado e do Partido Comunista. Logo a seguir à tomada do poder, os comunistas impuseram a censura na imprensa e, a seguir, na literatura. Em 1922 foi criada a Direcção Principal para a Literatura e a Edição (*Glavlit*), órgão que «protegeu das más influências» os cidadãos soviéticos até 1990. No Outono de 1922, Lenine expulsou do país, num barco que ficou conhecido por «navio dos filósofos», cerca de 200 conhecidos cientistas, médicos, engenheiros, escritores e filósofos russos. Este grupo de cidadãos podia considerar-se com sorte, porque muitos outros tiveram de passar por prisões e campos de concentração, enfrentar pelotões de fuzilamento. Em 1925, a resolução do Comité Central do PCR (b) «Sobre a política do partido no campo da literatura» confirmou a ditadura comunista no campo da cultura.

Cartaz de *O Couraçado Potemkin*

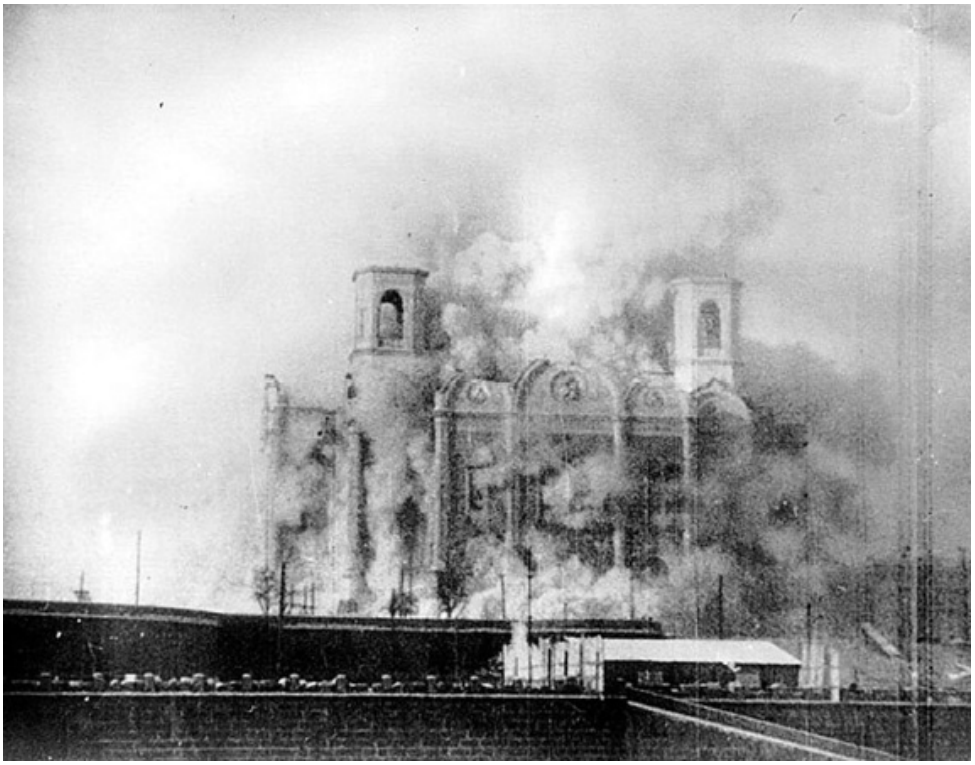
O Couraçado Potemkin é o título de um filme mudo realizado em 1925 por Serguei Eisenstein. Tratando-se de uma obra de propaganda política, o génio do realizador soviético (um dos pioneiros da arte cinematográfica) acabou por criar uma obra fulcral na evolução da linguagem cinematográfica, principalmente no que respeita à concepção de montagem e de ritmo, que aproximam o filme da realidade, apostando mais na faceta emocional em detrimento do linear e do cronológico. É considerado um dos melhores filmes da história do cinema.

«A RELIGIÃO É O ÓPIO DO POVO»

As confissões religiosas foram alvo de cruéis perseguições pelos bolcheviques, adversários da religião, que Karl Marx considerou «o ópio do povo». No dia 13 de Janeiro de 1918, foi decretada a separação da Igreja e do Estado, de que resultou o confisco das propriedades eclesiais. Muitos sacerdotes e membros das suas famílias foram feitos reféns, detidos e fuzilados. Segundo a propaganda bolchevique, não passavam de «exploradores» e «parasitas». Nos anos 1920 eram editados 33 revistas e 24 jornais anti-religiosos, mais de dois mil livros e brochuras, criado o Soviete Central dos Ateus da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Por outro lado, em Novembro de 1917, o Concílio da Igreja Ortodoxa Russa elegeu um patriarca, cargo que tinha sido extinto por Pedro, *o*

Grande, em 1700. Inicialmente, o Patriarca Tikhon absteve-se de se imiscuir na vida política, mas a atitude agressiva dos bolcheviques levou-o a excomungar o novo poder, o que não fez parar a ocupação de templos e mosteiros. Em 1921, quando a fome grassava na região do Volga, Lenine aproveitou a oportunidade para confiscar todos os bens da Igreja, nomeadamente os objectos de culto, o que aconteceu não obstante o Patriarca Tikhon se ter disponibilizado a ajudar as vítimas da calamidade. Em 1922, os comunistas fuzilaram mais de oito mil sacerdotes ortodoxos. Paralelamente, nesse mesmo ano, o sacerdote Alexandre Vvedenski (1889-1946), apoiado pelos bolcheviques, proclamou a criação da Igreja Viva, leal ao novo poder, e a liquidação do patriarcado. Tikhon ficou sujeito a prisão domiciliária até à sua morte em 1925. Durante essa campanha foram destruídos centenas de templos, alguns dos quais autênticas obras-primas da arquitectura russa como a Catedral de Cristo Redentor em Moscovo, mais tarde reedificada. Tiveram sorte as igrejas que não foram transformadas em pocilgas ou armazéns, mas em museus.



Demolição da Catedral de Cristo Redentor para se construir no seu lugar o Palácio dos Sovietes. Moscovo, 5 de Dezembro de 1931.

A religião é apenas o sol ilusório que gira em volta do homem enquanto ele não circula em torno de si mesmo.
Consequentemente, a tarefa da história, depois que o outro mundo da verdade se desvaneceu, é estabelecer a verdade deste mundo. A tarefa imediata da filosofia, que está ao serviço da história, é desmascarar a auto-alienação humana nas suas formas não sagradas, agora que ela foi desmascarada na sua forma sagrada. A crítica do céu transforma-se deste modo em crítica da terra, a crítica da religião em crítica do direito, e a crítica da teologia em crítica da política.

Karl Marx, *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*

---

1 As duas datas devem-se à diferença de calendários seguidos pelos ortodoxos e pelos católicos.

4.

UNIÃO SOVIÉTICA (1917/1922-1991)

A formação da URSS

No dia 15 de Novembro de 1917, foi publicada a «Declaração dos Direitos dos Povos da Rússia», assinada por Lenine e Estaline e que continha as bases da política do poder soviético no campo das relações entre os vários povos do país. Segundo este documento, os povos do antigo Império Russo tinham o direito à autodeterminação que poderia resultar na independência total. Em teoria, todos os povos deveriam desejar viver na nova Rússia socialista, atraídos pelo seu alto nível de vida e pela experiência da democracia popular. Na realidade, ficaram aqueles que não conseguiram resistir ao novo poder imposto pelas baionetas vermelhas. Depois da guerra civil, era necessário organizar administrativamente o que restava do Império Russo. José Estaline, que na altura dirigia o Comissariado do Povo para Assuntos Nacionais, defendia que não valia a pena criar um novo Estado, pois já existia a República Socialista Federativa Soviética da Rússia. As restantes repúblicas podiam aderir a ela, conservando direitos autonómicos na solução dos problemas locais.

Em boa verdade, tratava-se da criação de um Estado unitário. Receando reacções negativas ao nível local, Lenine defendia a criação de uma união de repúblicas iguais em direitos e deveres. Em 30 de Dezembro de 1922, representantes dos congressos de sovietes da Rússia, Ucrânia, Bielorrússia e Transcaucásia (que incluía a Geórgia, a Arménia e o Azerbaijão) assinaram o tratado que criou a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Em Janeiro de 1924 foi aprovada a Constituição da URSS, que reforçava esses princípios. Porém, embora no tratado tenham sido fixados os preceitos leninistas, na realidade imperaram os estalinistas: todo o poder ficou concentrado nos órgãos centrais do Partido Comunista de toda

a União (PCU (b)) e nos dirigentes das repúblicas, relegando para segundo plano os Sovietes. O número de membros da URSS aumentou à medida que os comunistas impunham à força o seu regime político: juntaram-se-lhe o Uzbequistão e a Turcoménia em 1925; o Tadjiquistão em 1929; o Cazaquistão e a Quirguízia em 1936; Estónia, Letónia, Lituânia e Moldávia integraram-na em 1940. Com o objectivo de anexar a Finlândia, foi criada a República Socialista Soviética da Finlândia-Carélia em 1940, que acabou extinta em 1956.

A POLÍTICA EXTERNA SOVIÉTICA

A diplomacia bolchevique tentava conciliar duas tendências contraditórias na política externa: por um lado, o desejo de alargar a revolução a novos países, transformando-a numa revolução mundial e, por outro lado, a necessidade prática de garantir a sobrevivência do novo regime entre os países capitalistas.

Logo após a Revolução de Outubro, esse paradoxo foi resolvido com a ajuda da teoria da «revolução mundial». Segundo esta tese, o regime soviético não estaria seguro até que a ameaça de intervenção imperialista fosse eliminada nos países ocidentais desenvolvidos por revoluções socialistas. Por isso, foi decidido criar a Internacional Comunista (Comintern) em Março de 1919. A realidade, no entanto, era mais complexa do que os postulados teóricos, e o enfraquecimento do movimento revolucionário no Ocidente obrigou Lenine a optar pela denominada «coexistência pacífica» com outros países.

De 1920 em diante, as grandes potências renunciaram aos planos de derrube do regime soviético. Moscovo assinou acordos de paz com os novos Estados resultantes da queda do Império Russo e, em 1922, concluiu com a Alemanha o Tratado de Rapallo, no qual Berlim reconhecia o Estado bolchevique e em que se dava início a uma cooperação entre os dois países, nomeadamente no campo militar. Milhares de especialistas soviéticos podiam ser vistos nas fábricas de armamento da Alemanha. Pelo seu lado, os alemães, para contornarem o Tratado de Versalhes, treinavam na URSS os seus pilotos de aviões que a Junkers montava em Moscovo. Os alemães construíam e testavam tanques em Kazan, e com especialistas russos criavam armas químicas e alguns

tipos de artilharia. No âmbito desta cooperação os comandantes militares soviéticos estudavam nas escolas alemãs.

Com países como a Inglaterra, a França e os Estados Unidos as relações foram bem mais complicadas, mas estas nações acabaram por reconhecer o Estado soviético. É de salientar que este processo decorreu nas condições exigidas pela URSS: por um lado recusou-se a pagar as dívidas externas do governo czarista e por outro não renunciou ao papel de centro mundial do movimento revolucionário. A dualidade da política externa soviética, que se caracterizava por manter relações estáveis com os países capitalistas e, ao mesmo tempo, pelas tentativas de os desestabilizar através dos partidos comunistas locais, significou uma verdadeira reviravolta nas relações internacionais.

Bandeiras dos Estados-membros da União Soviética: União Soviética, Arménia, Azerbaijão, Bielorrússia, Estónia, Geórgia, Cazaquistão, Quirguistão, Letónia, Lituânia, Moldávia, Rússia, Tajaquistão, Turquemenistão, Ucrânia, Uzbequistão.

A doença de Lenine e a luta pelo poder

Após o golpe de Estado comunista de 1917, Lenine concentrou nas suas mãos um enorme poder: era presidente do Soviete de Comissários do Povo e do Soviete do Trabalho e da Defesa, líder de facto do Bureau Político (BP) e do Comité Central (CC) do Partido Comunista da Rússia (b). Tratava-se verdadeiramente de um chefe indiscutível. No X Congresso do PCR (b), foi eleito dirigente do CC por unanimidade (479 votos), incluindo o voto que deu a si próprio. Porém, em finais de 1921, o trabalho constante, doenças antigas e o ferimento causado pelo atentado de 1918 provocaram-lhe o primeiro acidente vascular cerebral. O país passou a ser dirigido pelo BP do PCR (b), constituído por sete pessoas: Vladimir Lenine, Lev Trotski, Lev Kamenev, Grigori Zinoviev, José Estaline, Aleksei Rykov e Mikhail Tomski. Foi precisamente nesse período que Estaline, que ocupava o discreto cargo de secretário do CC do PCR (b), começou a colocar militantes que lhe eram fiéis em cargos fulcrais para a tomada do poder absoluto no país.

Estaline, Lenine e Trotski, Março de 1919.

Em Maio, Lenine achou-se parcialmente paralisado e deixou de falar, ficando Estaline a servir de ligação, ou mais precisamente de isolamento, entre ele e os restantes dirigentes soviéticos. Entretanto, na direcção do Partido Comunista iniciou-se uma luta feroz pelo «cafetã de Lenine», como se dizia na altura. Os dois principais pretendentes eram Trotski e Estaline. A favor do primeiro jogava o mérito de ter vencido a guerra civil, ser um dirigente experiente e um fervoroso orador. Era tão conhecido na URSS como Lenine, tinha milhares de apoiantes e adeptos.

Porém, Estaline tinha a seu favor o apoio de quase todos os membros do Bureau Político, que receavam as ambições políticas de Trotski e não anteviam em Estaline um candidato a senhor absoluto. Além disso, o secretário do CC era um mestre da intriga e da manipulação. Neste contexto, não foram ouvidos os apelos feitos por Lenine para que se procedesse à reorganização dos órgãos superiores do partido e do Estado, de aumentar o número de membros do CC e de afastar Estaline do cargo que ocupava.

Caiu também em saco roto a «Carta ao Congresso» escrita por Lenine em Dezembro de 1922. Considerada por alguns como o documento testamentário do dirigente soviético, nele é visível que o autor não pensava morrer a breve trecho nem nomear o seu sucessor. Pelo contrário, caracterizou de tal forma contraditória os pretendentes ao poder, que mais parecia uma indicação de que nenhum deles poderia incondicionalmente ocupar o cargo supremo do que uma tentativa de impor equilíbrio no BP durante a sua doença.

Refiro-me à estabilidade como garantia contra a ruptura num futuro próximo, e tenho a proposta de trazer aqui várias considerações de índole puramente pessoal. Creio que o fundamental no problema da estabilidade, deste ponto de vista, se deve a membros do CC como Estaline e Trotski. As relações entre eles, a meu ver, encerram mais da metade do perigo desta divisão que se poderia evitar, e cujo objectivo deveria servir, entre outras coisas, segundo o meu critério, a ampliação do CC a 50 ou até 100 membros.

O camarada Estaline, tendo chegado a secretário-geral, foi concentrando nas suas mãos um poder enorme, e não estou seguro de que irá sempre utilizá-lo com suficiente prudência. Por outro lado, o camarada Trotski, segundo demonstra a sua luta contra o CC devido ao problema do Comissariado do Povo das Vias de Comunicação, não se distingue apenas pela sua grande capacidade. Pessoalmente, embora seja o homem mais capaz do actual CC, está demasiado ensoberbecido e atraído pelo aspecto puramente administrativo dos assuntos.

Estas características de dois destacados dirigentes do actual CC podem levar sem querer à ruptura, e se nosso Partido não toma medidas para a impedir, a divisão pode vir sem que se espere.

Não continuarei a qualificar os demais membros do CC pelas suas características pessoais. Recordarei apenas que o episódio de Zinoviev e Kamenev em Outubro não é, naturalmente, uma casualidade, e que disto não se pode tão-pouco culpar Trotski pessoalmente pelo seu não bolchevismo.

Quanto aos jovens membros do CC, direi algumas palavras sobre Bukharin e Piatakov. São, a meu ver, os que mais se destacam (entre os mais jovens), e sobre eles dever-se-ia levar em conta o seguinte: Bukharin não é só um valiosíssimo e notabilíssimo teórico do Partido, mas é também considerado legitimamente o favorito de todo o Partido; porém as suas concepções teóricas muito dificilmente podem qualificar-se inteiramente marxistas, pois há

nele algo escolástico (jamais estudou e creio que jamais compreendeu por completo a dialéctica)...

...Depois vemos Piatakov, homem sem dúvida de grande vontade e grande capacidade, porém a quem atraem demais a administração e o aspecto administrativo dos assuntos para que a ele se possa confiar um problema político sério.

Naturalmente, uma ou outra observação são válidas apenas para o presente, supondo que estes dois destacados e fiéis militantes não consigam completar seus conhecimentos e corrigir sua formação unilateral.

V. Lenine. «Carta ao Congresso» (fragmentos)

Estaline é brusco demais, e este defeito, plenamente tolerável no nosso meio e entre nós, os comunistas, torna-se intolerável no cargo de secretário-geral. Por isso proponho aos camaradas que pensem a forma de passar Estaline para outro posto e nomear para este cargo outro homem que se diferencie do camarada Estaline em todos os demais aspectos, nomeadamente: que seja mais tolerante, mais leal, mais correcto e mais atento com os camaradas, menos caprichoso, etc. Esta circunstância pode parecer um disparate fútil. Porém eu creio que, do ponto de vista de prevenir a divisão e do que escrevi anteriormente sobre as relações entre Estaline e Trotski, não é uma asneira, ou trata-se de uma tolice que pode adquirir importância decisiva.

V. Lenine, adenda à «Carta ao Congresso»

*

Vendo-se cada vez mais isolado, Trotski, em Outubro de 1923, escolheu uma nova táctica de luta no interior do partido. Ele e um grupo de funcionários comunistas assinaram a chamada «Declaração dos 46», na qual se denunciava a crise no Partido Comunista provocada pela ausência de «democracia política interna», pela ruptura entre a «facção da maioria no Bureau Político» e as «massas do partido», bem como a prática de nomeação dos secretários das organizações locais do partido. Tratava-se de um ataque directo a Estaline, que dirigia a política de quadros. Além disso, este acusava Trotski de não partilhar da tese sobre a possibilidade da construção do socialismo num país e de defender a «revolução mundial». A resposta não se fez esperar. Na XIII Conferência do Partido Comunista da Rússia (b), em 16 de Janeiro de 1924, foi revelada a resolução secreta intitulada «Sobre a Unidade do Partido», proposta por Lenine e aprovada no X Congresso. Por isso, criticar a «maioria do Bureau Político» significava criticar a linha do partido e as ideias do dirigente comunista.

A «canonização» de Lenine

O primeiro líder da revolução soviética faleceu a 21 de Janeiro de 1924. O seu funeral transformou-se numa grandiosa cerimónia que acabou com a deposição do cadáver do novo «santo» comunista num mausoléu construído para o efeito em Moscovo. A pretexto do «enorme amor» do povo a Lenine e a «pedido dos trabalhadores», a direcção do PCU (b) decidiu embalsamar o cadáver. Estaline, não obstante os protestos dos familiares, criou um instituto de investigação científica que até hoje tem como objectivo conservar os restos mortais do «líder imortal». A deificação e o culto de Lenine constituíram uma importante etapa da afirmação do estalinismo, da sua ideologia ditatorial.

*

> Tenho um pedido importante a fazer-vos: não deixem que a tristeza por Ilitch se transforme no culto externo da sua personalidade. Não lhe construam monumentos, palácios com o seu nome, cerimónias pomposas em sua memória, etc. Durante a vida, ele prestava pouca atenção a tudo isso, era difícil para ele. Lembrem-se de quanta miséria e desordem existem no nosso país.
>
> Nadejda Krupskaya, mulher de Lenine, carta à direcção comunista

*

> Esta questão, segundo sei, também preocupa muito alguns camaradas na província... É preciso embalsamar o corpo de Lenine. Existem neste campo métodos moderníssimos para conservar Lenine por muitos anos. Isto também não contradiz o velho costume russo. Instalá-lo num jazigo especialmente equipado.
>
> José Estaline

A LUTA PELO PODER CONTINUA

Estaline juntou-se a Kamenev e Zinoviev para derrotar Trotski, mas esta aliança não durou muito tempo. Em Outubro de 1925, Trotski foi afastado do cargo de Comissário do Povo da Defesa e nomeado para controlar a qualidade da produção na URSS, uma despromoção clara e um sinal de que caíra em desgraça. Ainda no mesmo ano, Estaline, que se apresentava como um centrista, derrotou a «nova oposição», dirigida por Kamenev e Zinoviev. Esta, também conhecida como «desvio de esquerda», defendia o reforço da economia planificada, ritmos rápidos de industrialização e o ataque contra os camponeses abastados. Os dois camaradas, vendo-se cada vez mais marginalizados, juntaram-se a Trotski na Oposição Unida, mas acabaram derrotados no XV Congresso do PCU (b) em finais de 1927. É de salientar que estes combates verbais não passavam de uma forma de luta de Estaline para esmagar a oposição, e mostrou ser mais inteligente e

criativo do que os seus opositores. Por exemplo, depois de ajustar contas com os trotskistas, Estaline implementou logo a seguir a «ditadura da indústria», baseada na «industrialização acelerada», que recorria a medidas administrativas repressivas, e também o programa da «colectivização acelerada». Ambas faziam parte do programa dos trotskistas.

A INDUSTRIALIZAÇÃO

Nos meados dos anos de 1920, começaram a despontar sinais negativos na economia soviética. Na indústria pesada, as grandes empresas, a maioria das quais públicas, apresentavam resultados negativos, mas os bolcheviques jamais estariam dispostos a privatizá-las, receando o avanço do capitalismo na economia. As autoridades soviéticas apostaram em subsidiar a indústria pesada através do aumento dos impostos sobre os camponeses e da regulação dos preços dos produtos agrícolas, mas os meios obtidos eram insuficientes. A situação no campo, que sofrera as pesadas consequências da fome de 1921-1922, era agravada pela política de repressão sobre os *kulaks* (agricultores abastados) e de concessão de facilidades aos camponeses pobres e de médios rendimentos. Por isso, o campo apostava mais e mais na auto-suficiência e restringia os fornecimentos ao mercado, que, por sua vez, não conseguia prover produtos industriais aos camponeses. Era preciso tomar medidas para solucionar estes graves problemas e o XV Congresso do PCU (b), realizado em Dezembro de 1925, decidiu optar não pela posterior liberalização da economia, mas pelo reforço do papel do Estado em todos os sectores, nomeadamente enveredando pela via da industrialização acelerada à custa do campesinato e do aumento da repressão no país. Este processo começou com a abolição de todas as regulamentações da nova política económica.

No partido comunista formaram-se duas facções antagónicas. O «desvio de direita», dirigido por Rykov, Bukharin e Tomski, defendia o desenvolvimento da NEP, ritmos mais moderados de industrialização e colectivização, e considerava a posição de Estaline «aventureira». Este, por sua vez, defendia que era impossível realizar a industrialização acelerada com base na NEP, que a economia de mercado não tinha futuro na URSS, que o novo ciclo económico deveria começar pela extinção da

propriedade no campo e pela criação de *kolkhozes* (unidades de produção dirigidas pelos camponeses) e *sovkhozes* (unidades agrícolas do Estado).

Estaline limpou assim o partido comunista de qualquer tipo de oposição, procedendo, mais tarde, à liquidação física de todos os que se lhe opunham e dos que ele supunha oporem-se-lhe.

Em 1928 começou a ser realizado o primeiro Plano Quinquenal, que previa ritmos de industrialização nunca vistos. O ditador soviético, alimentando a ideia do perigo de uma invasão capitalista, afirmava que a URSS seria destruída se não construísse em dez anos o que a Europa construiu em cem.

A fim de financiar esta tarefa gigantesca, o poder soviético aumentou muito os preços dos produtos e os impostos sobre os empresários que tinham surgido com a NEP, começou a exportar madeira, petróleo, ouro, peles e produtos alimentares muito necessários no país. Os bolcheviques venderam ao desbarato obras de arte dos museus russos a compradores interessados, de entre os quais se destaca o nome de Calouste Gulbenkian. Em contrapartida, recebiam maquinaria e instrumentos industriais com que equiparam as gigantescas fábricas de automóveis, de metalurgia, de siderurgia, etc. Mas a industrialização foi cumprida principalmente à custa do campesinato, das violentas requisições de produtos agrícolas e graças à mão-de-obra vinda do campo. Era necessário um tão grande número de trabalhadores que a sua falta foi compensada pelos presos políticos e de delito comum sob a tutela da Direcção Principal dos Campos de Trabalho e Prisões (GULAG). Não se pode subestimar o papel da propaganda soviética na mobilização de jovens idealistas que estavam dispostos a passar por «dificuldades temporárias» para construir o novo mundo. O Plano Quinquenal, que, segundo a propaganda comunista, foi cumprido em quatro anos e três meses, conseguiu um dos seus principais objectivos: transformou a URSS no segundo país mais industrializado do mundo depois dos Estados Unidos.

«O Ano da Grande Viragem»

No jornal *Pravda*, órgão do CC do PCU (b), de 7 de Novembro de 1929, foi publicado o artigo «O Ano da Grande Viragem», escrito por Estaline, no qual afirmava:

O traço característico do actual movimento *kolkhoziano* está na afluência aos *kolkhozes* não só de grupos isolados de camponeses pobres, como acontecia até agora, mas também de massas de camponeses com alguns recursos. Isto quer dizer que o movimento *kolkhoziano* se transformou, passando de um conjunto de grupos isolados e de camadas intermédias de trabalhadores camponeses a um movimento de milhões e milhões de camponeses, das grandes massas camponesas.

Cartaz: A aritmética de um contra-plano industrial-financeiro:
2 + 2 + entusiasmo dos trabalhadores = 5.

A realidade era bem diferente. Naquela altura, os *kolkhozes* abrangiam menos de 10% dos camponeses e não eram rentáveis. Por isso, o PCU (b) decidiu lançar uma forte campanha com vista a obrigar os camponeses a participar nessas unidades de produção. As autoridades locais proibiram-nos de trabalhar nas suas terras e levaram o gado para os *kolkhozes*. Os agricultores responderam com a matança de gado (durante a colectivização, o número de cabeças diminuiu entre duas a três vezes) e com revoltas um pouco por todo o país. No dia 2 de Março de 1930, o ditador soviético publicou o artigo «A vertigem dos êxitos», no qual responsabilizava as autoridades locais pelos exageros cometidos. A reacção dos camponeses foi o abandono dos *kolkhozes*.

Porém, depressa se tornou claro que essa publicação visava apenas travar a onda de indignação dos camponeses. Meio ano depois começa uma nova onda de colectivização e Estaline aponta a Primavera de 1933 como meta para a «colectivização total».

A página mais trágica deste período é a chamada «liquidação dos camponeses abastados enquanto classe». Em poucos meses, centenas de milhares de famílias, que incluíam velhos e crianças, foram expropriadas de todos os seus bens, expulsas de suas casas e deportadas para regiões remotas da URSS. Segundo dados do Comissariado do Povo da URSS, nos anos de 1930 e 1931 foram deportadas um milhão e 200 mil pessoas, incluindo 454 mil crianças.

*

> O trabalho de confiscação... entre os *kulaks* começou e avança a todo o vapor. Agora realizamo-lo de forma que até a alma fica feliz; ajustámos contas com os *kulaks* segundo todas as regras da política moderna, tirámos-lhes não só o gado, carne, instrumentos, mas também as sementes, produtos alimentares e os restantes bens. Deixámo-los como quando as mães os trouxeram ao mundo.
>
> Relatório para Estaline sobre a Sibéria

A Grande Fome de 1933 (Holodomor)

A fome foi uma das mais pesadas consequências da «colectivização total». Entre 1930 e 1932, ao mesmo tempo que se observava uma queda brusca na produção agrícola devido à política estalinista nos campos, os *kolkhozes* viram-se obrigados a fornecer cada vez mais cereais ao Estado. Tendo a Ucrânia conseguido uma colheita de cinco milhões de toneladas de cereais em 1931, foi obrigada a entregar 7,7 milhões de toneladas para exportação. Para cumprirem o plano, as autoridades locais confiscaram todos os excedentes aos camponeses. O mesmo aconteceu no ano seguinte, não obstante as más colheitas. Como consequência, em 1933, milhões de pessoas começaram a passar fome e a vaguear famintas pelas ruas das cidades, registando-se numerosos casos de canibalismo. As autoridades possuíam um milhão de toneladas de cereais num celeiro dos arredores de Kiev, capital da Ucrânia, mas essa reserva não servia para fazer face às privações do povo, sendo antes utilizada para outros fins. Ao mesmo tempo, 112 mil militantes do PCU (b) e brigadas de agentes do NKVD (Comissariado do Povo para Assuntos Internos) vasculhavam as aldeias atingidas pela fome à procura de «excedentes de alimentos». Em

Agosto de 1932 foi introduzida a pena de morte por «roubo de propriedade dos *kolkhozes*». Segundo a nova lei, que ficou conhecida como Lei das Cinco Espigas, foram condenadas a várias penas de prisão mais de 50 mil pessoas e 2110 à pena capital.

É de salientar que não se tratou de uma operação especial para liquidar os ucranianos, porque a fome ceifou também milhões de vidas nas regiões russas do Volga, das Terras Negras e dos Urais, bem como no Norte do Cazaquistão. Ainda hoje não se sabe ao certo o número de vítimas dessa fome, mas variará entre quatro e dez milhões de pessoas.

*

> Também na nossa aldeia de Kudachovo aconteceu uma história terrível. Não obstante a fome, continuávamos a ser crianças. Íamos passear na mesma, mas só tínhamos forças para chegarmos às casas mais próximas. Certa vez, duas crianças vizinhas deixaram de aparecer. Fui com os meus amigos falar com os pais para saber o que lhes tinha acontecido. A mãe disse que não sabia onde estavam. E começou a tirar do forno um caldeirão. E nele estavam... oh... Foi o único caso na aldeia em que os pais comeram os próprios filhos.
>
> Piotr Khodak, sobrevivente do Holodomor

O CULTO DA PERSONALIDADE DE ESTALINE

Lev Trotski, depois de ter sido expulso do PCU (b), foi obrigado a exilar-se no estrangeiro já com os desvios de «esquerda» e de «direita» neutralizados, sem que as perseguições e repressões entre os comunistas terminassem, bem pelo contrário. A teoria de Estaline sobre a intensificação da luta de classes à medida que se avançava rumo ao socialismo foi a base de novas campanhas contra a oposição. Entre 1930 e 1933, foram esmagadas várias tentativas de afastar Estaline do poder. Em 1932, Martiminian Ryutin e um grupo de militantes comunistas escreveram e divulgaram nas fileiras do partido um manifesto a apelar ao derrube de Estaline, apelidando-o de «génio mau do partido», «coveiro da revolução». Mas tiveram o mesmo destino de muitos outros opositores, foram expulsos do partido e, depois, fuzilados.

Entretanto, havia uma intensa campanha para incentivar o culto de José Estaline. Começou em 1929, quando a URSS celebrou o 50.º aniversário natalício do líder comunista. Em 20 de Outubro do ano seguinte, o Bureau Político obrigou Estaline «a deixar imediatamente de andar a pé pela cidade». Em 1934, a sua biografia oficial é publicada em milhões de exemplares e traduzida para numerosas línguas. Nessa época, cidades,

vilas, ruas e praças, *kolkhozes*, fábricas e navios começaram a ostentar o nome do Grande Timoneiro. As paredes de gabinetes e escritórios encheram-se de retratos do ditador, que começara a dissertar sobre todas as ciências e todos os assuntos. Nada parecia escapar-lhe. Até o mais importante livro de culinária soviética, *Dos Alimentos Saborosos e Saudáveis*, cujas receitas pareciam retiradas de obras de ficção científica, foi publicado com um prefácio de Estaline. Em finais de 1949 surgiu mesmo a ideia de mudar o nome de Moscovo para Stalinodar, tal como aconteceu com São Petersburgo, que passara a chamar-se Leninegrado, mas a intenção não foi concretizada.

Cartaz de culto mostra Marx, Engels, Lenine e Estaline.

Por entre tempestades brilha para nós o Sol da liberdade,
E o grande Lenine ilumina-nos o caminho,
Estaline fez-nos crescer fiéis ao povo,
Inspirou-nos para o trabalho e actos heróicos!

Quadra do Hino da URSS (1943)

CONGRESSO DOS VENCEDORES OU DOS FUZILADOS?

Em Janeiro de 1934, o XVII Congresso do PCU (b) transformou-se numa apoteótica vitória de Estaline. No relatório apresentado, o dirigente russo fez um balanço dos resultados alcançados no Primeiro Plano Quinquenal, que dizia excepcionais, afirmando que a União Soviética «derrubou a sua imagem de atraso e medieval», que a economia do país

avançava em ritmo acelerado, que o país se transformara de agrário em industrial. Foi então que os dirigentes soviéticos começaram a comparar a situação económica e social da URSS com a do Império Russo em 1913, paralelo que permitia destacar os êxitos do socialismo, principalmente em áreas pouco desenvolvidas em vésperas da Primeira Guerra Mundial.

Nesse congresso, dirigentes da oposição como Bukharin, Tomski, Rykov, Zinoviev e Kamenev fizeram um verdadeiro acto de contrição, transformando-o no «congresso dos vencedores». Mas esse gesto não salvou a vida aos velhos camaradas de Lenine e Estaline. Aliás, o mesmo se pode dizer de numerosos delegados dessa reunião magna, que ficou conhecida por «Congresso dos Fuzilados».

Essa assembleia magna aprovou também a realização do Segundo Plano Quinquenal (1933-1937), que previa transformar a União Soviética «num país técnico-economicamente independente e no mais avançado Estado na Europa no campo tecnológico».

*

> Em conformidade com a terminologia oficial [soviética], foram «vítimas de repressão ilegal» 97 membros e candidatos a membros do CC do partido, eleitos no XVII Congresso (de um total de 139 pessoas), além disso, 5 suicidaram-se e 1 (Kirov) foi assassinado num atentado. Dos 97 liquidados (cerca de 70% do CC), 93 foram fuzilados entre 1937 e 1939. Eram frequentemente assassinados em grupos: mais de metade foram fuzilados em 8 dias.
>
> Mikhail Voslenski, autor do livro *Nomenclatura*

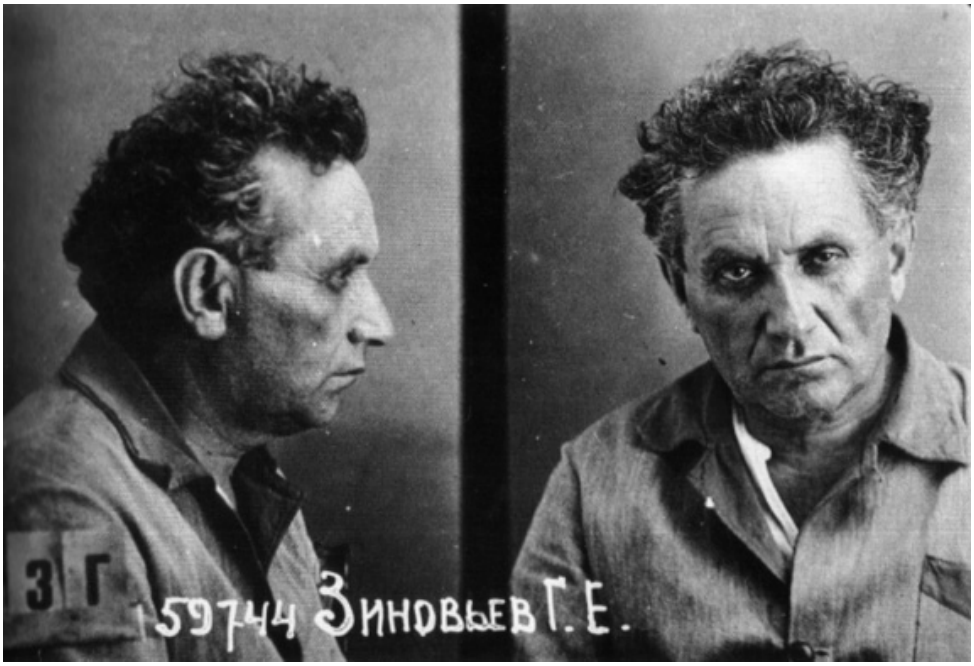
As grandes purgas

O terror foi uma constante da política comunista desde a tomada do poder na Rússia em 1917, mas entre 1937 e 1938 assistiu-se a uma onda nunca vista, que começou depois do assassinato de Serguei Kirov, dirigente da Organização de Leninegrado e membro do BP do PCU (b), em Dezembro de 1934. Até hoje não há unanimidade sobre os motivos que teriam levado o jovem Leonid Nikolaev – anteriormente expulso do partido e então desempregado – a matar a tiro um dos mais influentes dirigentes soviéticos, mas esse acontecimento foi utilizado por Estaline para mais e maior repressão. Nikolaev e mais 13 apoiantes de Zinoviev e Kamenev foram acusados desse crime, sumariamente julgados e fuzilados. Entre 1936 e 1938 realizaram-se três julgamentos de antigos dirigentes das várias oposições no interior do partido comunista, tendo sido a esmagadora maioria dos envolvidos fisicamente liquidada. Estes

julgamentos abertos ao público ficaram conhecidos por «Processos de Moscovo». Entre os fuzilados estava Guenrikh Iagoda, chefe do NKVD (Comissariado do Povo para Assuntos Internos) que caiu em desgraça por não ser suficientemente duro, o que foi pretexto não só para o substituir por Nikolai Ejov (1895-1940), mas também para fazer uma profunda purga entre os tchekistas.

*

> Aos camaradas Kaganovitch, Molotov e outros membros do BP do CC. Primeiro. Consideramos absolutamente necessária e urgente a nomeação do camarada Ejov para o cargo de comissário do povo para Assuntos Internos. Claramente que Iagoda não esteve à altura da sua tarefa de desmascarar o bloco trotskista-zinovievista. A Direcção Unida Política do Estado [OGPU, sucessora da TCHEKA] atrasou-se, neste assunto, quatro anos...
>
> Estaline. Jdanov (telegrama conjunto)



Fotografias de rosto de Zinoviev tiradas pela NKVD em 1934. Com o seu julgamento e condenação à morte em 1936 começa o Grande Terror.

A seguir, chegou a vez dos comandantes militares soviéticos. As purgas no Exército Vermelho afectaram pesadamente a alta hierarquia militar, liquidando três dos cinco marechais (equivalentes a generais de cinco estrelas), 13 dos 15 comandantes do exército (generais de três e quatro estrelas), oito dos nove almirantes. Em dois anos, 45 mil oficiais e

comissários políticos foram presos, tendo 15 mil sido executados. Entre as vítimas destaca-se o marechal Mikhail Tukhatchevski.

*

> Sem o ano de 1937, talvez não tivesse ocorrido a guerra em 1941. No facto de Hitler se ter decidido a começar a guerra em 1941 teve grande papel a avaliação do nível de destruição dos quadros militares que aconteceu no nosso país.
>
> Alexandre Vassilevski, marechal da URSS

*

O plenário de Fevereiro e Março do CC do PCU (b) foi o ponto de partida para a liquidação de mais ex-dirigentes comunistas. Depois do relatório de Estaline intitulado «Sobre as insuficiências no trabalho e as medidas de liquidação dos trotskistas e de outros hipócritas», soaram acusações de que Nikolai Bukharin teria organizado a chamada oposição «direita-esquerda» e estaria a planear actos terroristas contra o líder soviético. De nada lhe valeu o reconhecimento dos seus próprios erros: foi expulso do partido e entregue ao NKVD. Dos 72 militantes que intervieram nesse plenário, 52 foram fuzilados.

No dia 31 de Julho de 1937, o BP do CC do PCU (b) aprovou a ordem do NKVD N.º 00447 denominada «Sobre a operação de repressão de antigos *kulaks*, criminosos e de outros elementos anti-soviéticos» e, ao mesmo tempo, decidiu ampliar a rede de campos de concentração GULAG. As troikas (três juízes do NKVD) analisavam dezenas de processos numa só sessão e na ausência dos arguidos. Em conformidade com esta ordem do NKVD, foram julgadas 818 mil pessoas, 436 mil das quais foram condenadas à morte.

Também não escaparam às purgas comunistas estrangeiros que viviam na União Soviética ou trabalhavam em organizações como a Internacional Comunista, a Internacional Vermelha dos Sindicatos e a Organização Internacional de Ajuda aos Combatentes pela Revolução. Milhares de comunistas polacos, centenas de alemães, austríacos e húngaros foram encarcerados e fuzilados. Partidos comunistas como o polaco e o português foram dissolvidos por ordem de Moscovo. No caso do PCP, os soviéticos consideravam que estava infiltrado pela polícia política de Salazar.

*

> Foram adquiridas 900 cabeças de gado.[2] Abatemos para carne 280. O gado continua a chegar. Nos próximos 3 a 4 dias irão chegar mais de mil cabeças. Por conseguinte, até 10 de Março,

não terei tempo de abater o gado comprado.

Boris Kulvetz, adjunto do chefe do NKVD de Irkutsk (Sibéria), Informação ao seu chefe

O Arquipélago GULAG

O sistema de «campos de reeducação pelo trabalho» começou a formar-se em 1918-1920, tendo como base os primeiros campos de concentração soviéticos, principalmente o Campo Especial de Solovevetzki, criado no Norte da Rússia num antigo convento com o mesmo nome. A base ideológica desse sistema assentava na ideia do encerramento das prisões herdadas do regime czarista e na sua substituição por «campos de reeducação», cujo objectivo era transformar criminosos comuns e presos políticos em cidadãos fiéis à União Soviética através do trabalho. Na realidade, tratou-se da primeira experiência para liquidar os adversários políticos do regime com trabalhos forçados ou fuzilamentos.

O sistema GULAG formou-se nos anos de 1930 e rapidamente se tornou numa espécie de ministério de trabalho escravo. A primeira grande construção em que participaram presos políticos, 100 mil, foi a do canal que liga os mares Branco e Báltico. Com 227 quilómetros de comprimento, esta ligação foi construída em apenas dois anos e ficou quatro vezes mais barata do que o planeado, o que levou as autoridades soviéticas a alargar a rede de mão-de-obra escrava.

Para os campos de concentração eram também enviadas as esposas, filhos e outros familiares de dirigentes soviéticos próximos de Estaline, que este transformou numa espécie de seus reféns e de «inimigos do povo».

Segundo dados aproximados, entre 1937 e 1950 teriam passado por esses campos de concentração 8,8 milhões de pessoas, variando a quantidade de presos políticos entre 3,4 e 3,7 milhões.

Estudos realizados confirmaram a afirmação de Alexandre Soljenitzin, na sua obra *Arquipélago GULAG,* de que no início de 1938 foi dada uma ordem secreta ao NKVD para diminuir o número de reclusos dos campos de concentração, tendo sido eliminadas mais de 525 mil pessoas.

Mapa da localização dos GULAG.

*

> Hoje já se praticam penas de prisão de menos de um ano. Propomos desenvolver ao máximo um sistema de trabalhos forçados. Foram realizadas várias iniciativas para a utilização do trabalho de pessoas condenadas a mais de três anos, em trabalhos socialmente necessários, em campos especiais, em lugares distantes.
>
> Nikolai Krylenko, Comissário do Povo da Justiça, 1930

*

> Não sou historiador de campos de concentração... Escrevo sobre eles tanto como Exupéry escreveu sobre o céu ou Melville sobre o mar. […] O chamado tema dos campos de concentração é um tema vasto, onde cabem cem escritores como Soljenitzin, cinco escritores como Lev Tolstoi. E nenhum se sentirá apertado.
>
> Varlam Chalamov, escritor e poeta soviético que passou mais de 15 anos nos campos GULAG

A Constituição estalinista e a realidade

Em Dezembro de 1936 foi aprovada uma nova Constituição da URSS, que, pela primeira vez, reconhecia serem todos os cidadãos iguais perante a lei e poderem participar em eleições directas e livres. Tal como as anteriores, garantia, de acordo com o seu texto, numerosas liberdades e direitos, acrescentando ainda o direito ao trabalho, a inviolabilidade do indivíduo e do lar, postulados que contrastavam gritantemente com a onda de terror no país. Proclamava a propriedade socialista como a base da

economia, autorizando a «pequena economia privada» sem exploração do trabalho alheio.

Na realidade, a sociedade estava rigorosamente hierarquizada e ideologizada, regulamentada por leis bastante rígidas. Desde a mais tenra idade que as crianças soviéticas deviam percorrer um caminho: fazer parte da organização infantil Pioneiros, depois integrar a juventude comunista Komsomol e finalmente aderir ao partido. Se era obrigatório estar nas duas primeiras organizações, a adesão ao PCU (b) era extremamente complicada. O trabalho político era obrigatório, como compulsória era a pertença aos sindicatos e a participação em múltiplas reuniões e palestras de carácter ideológico. Em 1940, os trabalhadores e funcionários passaram a estar ligados ao seu local de trabalho como os membros dos *kolkhozes* estavam à terra. Se estes só podiam abandonar o local de residência depois de receber um passaporte interno, àqueles só era permitido mudar de emprego se a chefia lhes devolvesse a Caderneta de Trabalho, boletim no qual estavam registados todos os cargos e locais de trabalho, e, desse modo, fossem autorizados a mudar para outra empresa. O empregado era obrigado a mudar de residência se a empresa passasse a funcionar numa nova localidade, e poderia também ser julgado se chegasse atrasado ou faltasse ao trabalho.

Os intelectuais estavam organizados por actividades em «uniões», que eram inteiramente controladas por comunistas. Segundo os regulamentos, todos os cidadãos deviam estar registados na polícia. A nomenclatura, isto é, os altos funcionários do PCU (b), da Komsomol, dos sindicatos e das empresas (todos, sem excepção, membros do partido), bem como alguns intelectuais e cientistas, era a camada privilegiada da sociedade. Porém, se algum elemento dessa nomenclatura caísse em desgraça, ele e os seus familiares passariam a ter graves problemas, perdendo todos os privilégios: casas, rações alimentares especiais, etc.

Nos anos de 1930 surgiu toda uma geração nascida depois da Revolução de Outubro de 1917, educada no espírito dos «vencedores». A ciência e a tecnologia evoluíam rapidamente e muitos dos jovens dedicavam-se a esses domínios do conhecimento, tanto mais que o regime não poupava meios nessas áreas. Por exemplo, os pilotos de elite da Força Aérea poderiam tornar-se mais conhecidos do que estrelas do cinema e do teatro, e não por acaso foram as primeiras individualidades a ser condecoradas

com medalhas de Herói da União Soviética. No entanto, o controlo ideológico era muito apertado e as represálias em relação a cientistas e engenheiros muito frequentes. Por exemplo, Serguei Koroliov, pai da cosmonáutica soviética, e Andrei Tupolev, criador dos famosos aviões militares e civis homónimos, foram detidos antes da Segunda Guerra Mundial e realizavam o seu trabalho nas chamadas *charachkas*, centros de investigação criados em campos de concentração especiais.

O compositor Dimitri Shostakovitch ao piano, com o poeta Mayakovsky, o actor e director de teatro Meyerhold e o escultor Rodchenko em Moscovo, 1929.

A URSS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1941-1945)

A caminho da aliança entre Hitler e Estaline

Nos anos de 1930 a situação na Europa era complexa e explosiva. Vários países olhavam com grande apreensão para a política externa agressiva da Alemanha nazi, mas não conseguiram criar uma aliança para travar Hitler. As desconfianças entre as grandes potências europeias da época eram permanentes e cada uma tentava ocupar uma melhor posição à

custa das restantes. Por isso, as relações internacionais pautavam-se por manobras, declarações, conversações e acordos secretos. Nesse campo, a União Soviética não era excepção.

Nos finais dos anos de 1920, a direcção soviética dava mais importância ao combate à social-democracia do que ao fascismo, que começava a avançar na Europa. Nas resoluções aprovadas pelo VI Congresso da Internacional Comunista, realizado em 1928 em Moscovo, afirmava-se: «ao lado da social-democracia, com a ajuda da qual a burguesia reprime o movimento operário ou adormece a sua vigilância de classe, ergue-se o fascismo.» Esta luta inflamada contra a social-democracia foi uma das causas da ascensão de Hitler ao poder na Alemanha em 1933, o que parece não ter preocupado muito Estaline, como se pode verificar pelo que declarou no XVII Congresso do PCU (b), em 1934: «Estamos longe de ficar extasiados com o regime fascista na Alemanha. Mas aqui não se trata do fascismo porque, por exemplo, o fascismo em Itália não impediu que a URSS estabelecesse as melhores relações com esse país.» A seguir, a posição soviética alterou-se radicalmente e o VII Congresso da Internacional Comunista, realizado em Julho e Agosto de 1935, passou a defender a criação de frentes populares para travar o avanço do fascismo.

No entanto, a desconfiança entre os regimes democráticos ocidentais e a URSS não permitiu a criação de uma coligação antinazi, levando Moscovo a aproximar-se lentamente de Berlim. No dia 17 de Março de 1938, o Governo Soviético propôs a convocação de uma conferência internacional para analisar «medidas concretas contra o desenvolvimento da agressão e o perigo de uma nova guerra mundial». Esta proposta foi recusada por Londres porque «aumentava a tendência para a formação de blocos e minava as perspectivas de estabelecimento de paz na Europa». Perante esta posição, a União Soviética tentou aproximar-se da Alemanha e, em Março de 1938, concluiu com ela novos acordos económicos e retirou de Berlim o embaixador Iakov Surits por ser judeu e por essa circunstância susceptibilizar os nazis. A assinatura do Acordo de Munique – ratificado pela Alemanha, Itália, Grã-Bretanha e França, a 30 de Setembro de 1938, que permitiu a ocupação nazi da Checoslováquia –, que excluiu a URSS, e o Acordo de Não-Agressão – firmado entre Berlim e Paris em Dezembro do mesmo ano – foram interpretados como mais um passo para dirigir a expansão nazi para o Leste da Europa. Além do mais,

Moscovo teve de enfrentar a agressão japonesa na Ásia. Aí ocorreram duros combates que terminaram em Setembro de 1939 com a vitória das tropas soviéticas, então sob o comando de Gueorgui Jukov.

Considerando-se ameaçada por um cerco capitalista, a direcção da União Soviética aproximou-se ainda mais da Alemanha nazi, sem renunciar às conversações com as democracias ocidentais. Em Abril de 1939, o judeu Mikhail Litvinov foi substituído no cargo de Comissário do Povo dos Negócios Estrangeiros por Viatcheslav Molotov, o que significou mais um sinal de mudança da política externa soviética no sentido do melhoramento das relações entre Berlim e Moscovo. Em meados de Agosto de 1939, em resposta a mais uma declaração da URSS demonstrativa do desejo de cooperar com a Alemanha, Hitler, que se preparava para invadir a Polónia, enviou a Moscovo o seu ministro Joachim von Ribbentrop.

O Pacto Molotov-Ribbentrop

O ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha deveria chegar a Moscovo para concluir um acordo no dia 26 de Agosto, mas Hitler estava com pressa e a visita foi antecipada para dia 23. Nesse dia foi assinado um documento que ficou conhecido por Pacto Molotov-Ribbentrop, nome retirado dos apelidos dos chefes das diplomacias comunista e nazi, no qual as partes se comprometiam a não se atacar uma à outra e a manter a neutralidade caso uma delas fosse alvo de um ataque de países terceiros. Hitler e Estaline, os verdadeiros mentores deste pacto, acordavam não estabelecer relações de aliado com outros países se «elas fossem dirigidas, directa ou indirectamente, contra uma das partes» e determinavam «trocar informações sobre questões ligadas às partes interessadas». O acordo era acompanhado de um protocolo secreto, cuja existência a URSS negou até 1989. Segundo esse clausulado, a Alemanha dava à União Soviética «liberdade de acção» na sua zona de influência (Lituânia, Letónia, Estónia, Finlândia, parte oriental da Polónia e Bessarábia). Berlim ficava com as mãos livres para invadir e anexar a maior parte do território polaco.

Este documento provocou grandes preocupações nos países situados entre a Alemanha nazi e a União Soviética, bem como grande surpresa na opinião pública mundial. Não se esperava que a «pátria do socialismo»

renunciasse a princípios como a «defesa da paz» ou o «internacionalismo proletário» em prol de mero pragmatismo político.

O acordo foi visto por Estaline como um grande sucesso, pois garantia que a Alemanha não atacava a URSS, assegurando também os bons serviços de Hitler na normalização das relações soviético-nipónicas. Permitia, numa situação de grande turbulência internacional, redistribuir as esferas de influência e recuperar as províncias ocidentais do antigo Império Russo. Além disso, o pacto contribuía para a possibilidade de deflagração de uma guerra mundial que podia enfraquecer o mundo capitalista, incentivar a sovietização da Europa e, por fim, a vitória sobre a Alemanha e os seus adversários.

O general nazi Heinz Guderian e o general soviético Kriwoschin sorriem durante a cerimónia militar de entrega de Brest-Litovski às tropas russas, Setembro de 1939.

Camaradas! É do interesse da URSS, da Pátria dos trabalhadores, que a guerra rebente entre o Reich e o bloco capitalista anglo-francês. É preciso fazer tudo para que esta guerra se prolongue o mais possível com vista a esgotar ambas as partes... Precisamente por esta razão devemos concordar com a assinatura do pacto... A nossa tarefa consiste em que a Alemanha possa combater o mais longamente possível, com o objectivo de cansar e esgotar a Inglaterra e a França ao ponto de estas não estarem em condições de esmagar a Alemanha sovietizada.

Mantendo a posição de neutralidade e esperando a sua hora, a URSS irá prestar ajuda à actual Alemanha, fornecendo-lhe matérias-primas e produtos alimentares... Ao mesmo tempo, devemos realizar uma propaganda comunista activa, particularmente no bloco anglo-francês e principalmente em França. Se este trabalho preparatório for cumprido de forma devida, a segurança da Alemanha soviética estará garantida, e isso irá contribuir para a sovietização da França. Para que estes planos se realizem, é preciso que a guerra se prolongue o mais possível...

José Estaline, na sessão do BP do PCU (b) de 19 de Agosto de 1939

A AMIZADE REFORÇADA COM SANGUE

No dia 1 de Setembro de 1939, a Alemanha invadiu a Polónia, dando assim início à Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Duas semanas depois, tropas soviéticas ocuparam a parte desse país que ficara reservada à URSS nos protocolos secretos do Pacto Molotov-Ribbentrop. Varsóvia não conseguiu aguentar os ataques em duas frentes e, pouco tempo depois, os vencedores realizaram uma parada conjunta na cidade de Brest, actual Bielorrússia.

A propaganda soviética apresentava a invasão do Leste da Polónia como um acto há muito esperado de reunificação de bielorrussos e ucranianos, considerando que o início da guerra fora provocado por uma agressão das potências capitalistas contra a Alemanha.

A amizade dos povos da Alemanha e da União Soviética, reforçada com sangue, tem todas as razões para ser duradoira e forte.

Estaline, resposta às felicitações de Hitler por altura do seu 60.º aniversário

Na mesma altura, a URSS começou a exercer fortes pressões sobre os governos da Letónia, da Lituânia e da Estónia, obrigando-os a assinar «pactos de ajuda mútua». Em Junho de 1940, tropas soviéticas ocuparam esses três Estados para garantir «eleições livres» e a «adesão voluntária à URSS». Em Julho, o Exército Vermelho ocupou a Bessarábia, pertencente à Roménia, e criou aí a República Socialista Soviética da Moldávia. As coisas não correram tão bem em relação à Finlândia, pois Helsínquia recusou-se a fazer cedências territoriais a Estaline. Este ordenou às suas tropas que atacassem o país vizinho e, após grandes esforços, obrigou o Governo finlandês a satisfazer as exigências territoriais de Moscovo. Porém, a guerra soviético-finlandesa mostrou que o Exército Soviético

estava muito deficientemente preparado e equipado para novos conflitos militares, e essa foi mais uma das razões que levaram Hitler a ordenar aos seus generais que preparassem um plano de invasão da URSS: a Operação Barbarossa.

Entretanto, Moscovo cumpria escrupulosamente todas as condições do acordo económico soviético-germânico, fornecendo produtos agrícolas, petróleo e matérias-primas tanto de origem nacional como de países terceiros, o que era de primordial importância para a Alemanha, pois a Grã-Bretanha tinha-lhe declarado bloqueio económico.

Nos finais de 1940, Hitler convidou a União Soviética a juntar-se ao Pacto Tripartido, que reunia a Alemanha, a Itália e o Japão e visava redividir o mundo em novas zonas de influência. Moscovo apresentou uma série de exigências: reclamava o controlo dos Balcãs, a saída para os estreitos que separam o mar Negro do mar Mediterrâneo, o estabelecimento de bases militares nos Dardanelos, bem como o controlo de duas saídas do mar Báltico. A URSS pediu também a concordância da Alemanha para a continuação da guerra com a Finlândia, o alargamento da sua zona de influência no Médio Oriente, incluindo o Norte do Irão e do Iraque. Em suma, Estaline queria participar na partilha do Império Britânico quando esse fosse derrotado pelos nazis. No entanto, Hitler acabou por não dar resposta às exigências de Moscovo e começou a preparar-se para a batalha com Estaline. A partir de Janeiro de 1941, o Kremlin, através de numerosos canais, começou a receber informações sobre os planos de Berlim em relação à URSS, nomeadamente sobre forças e meios que se iam concentrando junto das suas fronteiras. Porém, Estaline considerava todos esses dados como provocações dos «capitalistas», dos «espiões» e «inimigos da URSS», não acreditava que a Alemanha ousasse combater em duas frentes, antes que o combate com a Grã-Bretanha iria prolongar-se e esgotar as forças dos nazis. Segundo os seus cálculos, o país estaria pronto para a guerra em 1942, mas as tropas hitlerianas anteciparam-se e lançaram uma ofensiva contra a União Soviética.

Segundo um antigo espião russo, Victor Suvorov, o ditador soviético preparava-se para invadir a Alemanha, concentrando nas fronteiras tropas e preparando reservas de combustível e armamento. Alguns historiadores põem em causa esta tese, mas os documentos que se vão tornando

públicos permitem afirmar que a asserção de Suvorov tem razão de existir. O marechal Semion Timochenko, comissário do povo da Defesa, dirigia-se a Estaline, em Maio de 1941, nas «Considerações sobre o plano de disposição estratégica das forças da URSS». Escrevia o marechal: «Tendo em conta que a Alemanha tem actualmente o exército mobilizado, com as retaguardas organizadas, pode antecipar-se a nós no posicionamento e desferir um ataque inesperado. Para o impedir, considero indispensável que em caso algum se dê a iniciativa de acção ao comando alemão, precisamos de nos antecipar ao adversário na colocação e atacar o exército alemão quando ele estiver na fase de organização... O primeiro objectivo estratégico das acções das tropas do Exército Vermelho consiste em derrotar as forças principais do exército alemão deslocadas a sul da linha Brest-Liublin e, no trigésimo dia da operação, chegar à frente de Ostroleka, dos rios Narew, Lowicz, Lodz... O objectivo estratégico seguinte consiste em lançar uma ofensiva da região de Katowice em direcção a noroeste, derrotar as grandes forças do centro e da ala setentrional do exército alemão, ocupar os territórios da antiga Polónia e da Prússia Oriental.»

Segunda Grande Guerra Pátria (1941-1945)

Assim foi chamada a Segunda Guerra Mundial na URSS, a fim de despertar o sentimento patriótico dos seus cidadãos, principalmente dos russos, lembrar-lhes que a Pátria estava em risco e era preciso salvá-la, como em 1812.

Na madrugada de 22 de Junho de 1941, as tropas hitlerianas invadiram o território soviético, mas só depois de terem avançado muitos quilómetros e de a aviação nazi ter bombardeado dezenas de cidades e destruído quase toda a aviação soviética nos aeródromos é que Estaline ordenou abrir fogo. Entretanto, unidades do Exército Vermelho tinham começado a oferecer resistência, sem esperar directrizes de Moscovo. Aliás, as ordens que começaram a sair de Moscovo nada tinham que ver com a situação nas frentes de combate. Na tarde de 22 de Junho, o marechal Timochenko ordenou às tropas soviéticas que passassem à ofensiva nas direcções principais, levassem os combates para território inimigo e o derrotassem. Claro que se tratava de uma missão impossível, pois os alemães eram mais numerosos e estavam mais bem equipados e começaram a cercar em

«caldeirões» as tropas soviéticas, que recuavam desordenadamente. Nas primeiras três semanas de guerra, a URSS perdeu as repúblicas do Báltico, a Bielorrússia e a parte ocidental da Ucrânia.

---

2 «cabeças de gado» significa «pessoas» (*N. do A*.)

Operação Barbarossa, 1941.

Entretanto, Estaline como que desaparecera. Os soviéticos esperavam pelo menos um discurso pela rádio no dia 22, o dia da invasão, mas apenas ouviram a voz de Molotov. Segundo recordou mais tarde Nikita Khruschov, sucessor de Estaline à frente do país, o ditador teria ficado desorientado e desesperado. Por fim, no dia 3 de Julho, pronunciou um emotivo discurso radiofónico com palavras e apelos pouco comuns para o povo: «Irmãos e irmãs!», proclamou Estaline, reconhecendo que o inimigo já ocupara parte significativa do território, apelou para a resistência e terminou assim: «A vitória será nossa!» Este discurso foi de vital importância para a mobilização dos soviéticos, que rapidamente se deram conta das consequências da barbárie nazi. As tropas alemãs foram vistas por muitos como a possibilidade de libertação do comunismo, mas as pilhagens, os fuzilamentos e a atitude de supremacia rácica dos nazis destruíram esse tipo de ilusões. Milhares de voluntários ofereceram-se para combater na frente e começaram a formar-se os órgãos de direcção militar: o Comando Militar Supremo e o Comité Estatal de Defesa, dirigidos por Estaline. Procedeu-se a uma nova mobilização, foram transferidas para o Leste da URSS numerosas fábricas, deixaram de se cumprir horários fixos de trabalho, acabaram feriados e férias, e foi introduzido o sistema de senhas de racionamento para a população.

A tragédia de Katyn

No Outono de 1941, quando as tropas nazis avançavam rumo a Moscovo, a URSS chegou a acordo com a Grã-Bretanha para a formação de tropas polacas, sob o comando do general polaco Wladyslaw Anders, no seu território. Estas tropas deveriam ser constituídas maioritariamente por alguns dos cerca de 250 mil soldados e oficiais polacos que tinham sido feitos prisioneiros pelo Exército Vermelho em 1939. Porém, verificou-se que desapareceram 15 570. Quando o comandante-chefe das tropas polacas perguntou a Estaline pelo seu paradeiro, o ditador respondeu que tinham fugido para a Manchúria. Em 1943, os alemães, que na altura ocupavam a cidade russa de Smolensk, divulgaram a notícia de terem encontrado na floresta de Katyn, perto daquela cidade, valas comuns de oficiais polacos fuzilados não antes de 1940. Depois da

reconquista de Smolensk pelo Exército Vermelho, peritos soviéticos anunciaram que teriam sido assassinados pelos nazis. Esta versão nunca convenceu os polacos, mas a verdade só foi apurada com o fim da URSS, quando o seu último presidente, Mikhail Gorbatchov, reconheceu publicamente que esse massacre fora obra do NKVD. Além dos 8400 oficiais, foram mortos com um tiro na nuca mil advogados, 300 médicos, centenas de professores, artistas, jornalistas, sacerdotes, num total de mais de 7200 pessoas. As investigações mostraram que alguns ofereceram resistência e foram mortos com golpes de baioneta. A matança foi organizada por Lavrenti Béria, chefe do NKVD, às ordens de Estaline.

A Batalha de Moscovo

Durante o Verão e o Outono de 1941, as tropas hitlerianas avançaram impetuosamente, bloqueando Leninegrado e chegando às portas da capital soviética. Mais de 3,9 milhões de soldados e oficiais soviéticos foram feitos prisioneiros. As causas desta catástrofe devem-se sobretudo a erros políticos e estratégicos de Estaline: a sua tentativa de ganhar tempo, de pensar que poderia enganar Hitler; a avaliação errada das capacidades do inimigo; a percepção inexacta de que o principal ataque dos nazis iria ser na direcção de Kiev, e não de Minsk e Moscovo. O Exército Vermelho não estava afinal preparado para uma guerra destas dimensões, ainda não tinha terminado a modernização do armamento, os comandantes não souberam aproveitar a sua supremacia relativamente aos carros blindados e aos tanques, e o moral das tropas foi abalado pela vã esperança de uma vitória fácil e pelos «caldeirões», tendo sido grande o número de desertores. Todavia, as tropas hitlerianas iam sofrendo pesadas baixas, falhara a táctica da «guerra-relâmpago» para tomar Moscovo, verificando-se também que não estavam equipadas para combater no Inverno rigoroso. Em Dezembro de 1941, quando os nazis se encontravam a poucos quilómetros de Moscovo, o Exército Vermelho lançou uma contra-ofensiva, empurrando a frente para 100 a 250 quilómetros da capital soviética. A primeira vitória estratégica levou novamente Estaline e o Estado-Maior das Forças Armadas Soviéticas a fazerem uma avaliação errada da situação.

*

> A nossa tarefa consiste em não deixar os alemães respirar, em expulsá-los rumo a ocidente sem parar, obrigar a gastar as suas reservas até à Primavera, quando iremos ter novas e grandes reservas... e garantir, desse modo, a derrota total das tropas hitlerianas em 1942.
>
> Estaline, directiva de 10 de Janeiro de 1942

A Batalha de Estalinegrado

O avanço em todas as frentes (Leninegrado, Crimeia e Kharkov) levou à dispersão de forças e a pesadas derrotas do Exército Vermelho. Em Junho de 1942, tropas alemãs, italianas, húngaras e romenas romperam as linhas de defesa soviéticas e dirigiram-se para o Volga e o Norte do Cáucaso. Um dos objectivos era cortar o acesso dos soviéticos ao petróleo do Azerbaijão e às zonas cerealíferas do Sul. A fim de evitar deserções e recuos, Estaline fez publicar o decreto «Nem mais um passo atrás!», acompanhado de duras medidas disciplinares. Foram criados destacamentos especiais para fuzilar todos os militares que recuassem das suas posições, organizadas companhias e batalhões de «transgressores da disciplina através da cobardia ou da hesitação», que eram atirados para a frente de combate em campos de minas para abrir caminho à infantaria ou para descobrir onde se encontrava a artilharia inimiga a ser neutralizada antes do ataque principal. Estes expedientes dificultaram a ofensiva nazi e, embora as tropas de Hitler tenham chegado ao rio Volga e içado uma bandeira com a cruz suástica em Elbrus, a mais alta montanha do Cáucaso e da Europa, não conseguiram ir mais longe. Entre Julho de 1942 e Fevereiro de 1943, teve lugar o maior dos confrontos militares da história, que ficou conhecido por Batalha de Estalinegrado, pois no centro da luta estava a cidade com o nome do ditador soviético. Após renhidos e sangrentos combates, o marechal alemão Friedrich Paulus rendeu-se com mais de 90 mil soldados. As tropas soviéticas perderam 1,2 milhões de homens, 4 mil tanques e 3 mil aviões; os nazis e aliados deixaram no campo de combate 1,5 milhões de homens, 2 mil tanques, 1500 aviões.

Soldados do Exército Vermelho combatem nos arredores de Estalinegrado, Outono de 1942.

*

Se fizessem ideia da rapidez com que cresce a floresta de cruzes! Diariamente morrem muitos soldados e penso sempre: quando chegará a minha vez? Já quase não restam soldados velhos...

Rudolf Tihla, oficial alemão, carta à mulher

A reviravolta na Batalha de Kursk

Em 5 de Julho de 1943, o comando militar alemão ordenou uma nova ofensiva nas regiões de Kursk e Belgorod – que ficou conhecida com o nome de Operação Cidadela – com o objectivo de cercar as tropas soviéticas em mais um «caldeirão». Porém, os generais nazis tiveram de enfrentar um adversário bem preparado e não conseguiram o objectivo. A operação acabou por ser suspensa por Hitler, que decidiu transferir tanques para Itália, onde os Aliados tinham desembarcado na Sicília. Além disso, os soviéticos lançaram uma grande contra-ofensiva que permitiu a libertação de numerosas regiões da Rússia, parte da Bielorrússia, o Leste da Ucrânia e Kerch, na Crimeia. No entanto, o Exército Vermelho sofria pesadas baixas não só devido à resistência dos alemães, mas também pelo desprezo dos generais soviéticos pelas vidas dos seus soldados.

No início de 1944, as tropas soviéticas conseguiram finalmente romper o cerco de Leninegrado, pondo assim fim ao sofrimento de milhões de habitantes da cidade, que esteve isolada durante 900 dias.

*

Mais de 641 mil habitantes morreram de fome e devido aos bombardeamentos.

Agência de Informação Ria Novosti, 8.9.2011

*

Em Dezembro de 1943, Estaline, Franklin Roosevelt e Winston Churchill reuniram-se em Teerão para coordenar acções futuras no conflito mundial em curso. Os líderes dos EUA e da Grã-Bretanha garantiram a abertura de uma segunda frente na Europa até ao Verão de 1944, o respeito pelos interesses no Leste do continente europeu. As tropas soviéticas, utilizando a crescente supremacia em armamentos e homens, a experiência dos combates anteriores, continuaram a ofensiva e entraram no território da Polónia. Quando se encontravam às portas de Varsóvia, na capital polaca rebentou uma revolta contra os nazis, mas Estaline recusou-se a apoiá-la não obstante o pedido dos Aliados. Não queria que a Polónia voltasse a ser governada por Stanislaw Mikolajczk, que se encontrava exilado em Londres. Por isso, só depois de as tropas hitlerianas terem esmagado aquele levantamento, o Exército Vermelho entrou na cidade e se procedeu à formação de um governo provisório polaco controlado por Moscovo. A seguir, foram libertadas do jugo fascista a Polónia, a Hungria, a Roménia, a Bulgária, a Jugoslávia, a Albânia e a Checoslováquia.

A Conferência de Ialta e divisão da Europa em zonas de influência

Em 4 de Fevereiro de 1945, Roosevelt, Churchill e Estaline voltam a encontrar-se, desta vez em Ialta, na Crimeia, para decidirem os destinos do mundo após a derrota do nazismo. Este foi talvez o maior triunfo diplomático do dirigente soviético. Os Aliados reconheceram o papel decisivo da URSS na guerra e fizeram cedências substanciais a Estaline na divisão de zonas de influência. A Grã-Bretanha, em troca da garantia da não ingerência da URSS nos assuntos da Grécia, reconheceu que a Bulgária e a Roménia eram «regiões dos interesses vitais» de Moscovo. Nesses e noutros países do futuro «campo socialista», sob a ocupação soviética, formaram-se governos obedientes a Estaline e aí foi realizada uma política já experimentada na Letónia, Lituânia e Estónia: a sovietização, mas sem a anexação territorial pela União Soviética. Quanto à Alemanha, deveria ser dividida em zonas, desmilitarizada e democratizada. A Prússia Oriental passaria a ser território soviético. Para

os Estados Unidos, era muito importante que, em troco de cedências territoriais no Extremo Oriente, a URSS declarasse guerra ao Japão. O sistema de relações internacionais criado em Ialta, baseado num mundo bipolar e na divisão da Europa, durou até 1989, com a queda do Muro de Berlim, mas alguns mecanismos e instituições fundados no pós-guerra, como a Organização das Nações Unidas, chegaram até aos nossos dias.

No dia 16 de Abril de 1945, o Exército Vermelho lançou a Operação Ofensiva de Berlim, que obrigou a Alemanha nazi a capitular no dia 9 de Maio, dias depois do desfecho da que ficou conhecida como a Batalha de Berlim. Em Agosto, a URSS declarou guerra ao Japão e derrotou o Exército de Kwantung. Em 2 de Setembro, Tóquio foi obrigada a render-se depois do lançamento de duas bombas atómicas norte-americanas nas cidades japonesas de Hiroxima e Nagasaki, em 6 e 9 de Agosto, respectivamente.

A perda total da população da URSS entre 1941 e 1945 foi superior a 52 812 milhões de pessoas. As perdas mortais devido à acção de factores da guerra são superiores a 19 milhões de militares e cerca de 23 milhões de civis. De morte natural faleceram mais de 10 833 milhões de militares e civis (nomeadamente 5,76 milhões de crianças em idades até aos quatro anos). Devido à guerra, morreram quase 42 milhões de pessoas.

Dados do Plano Estatal da URSS revelados por Nikolai Zemtsov, deputado da Duma Estatal da Rússia, Março de 2017

O COMANDO MILITAR SOVIÉTICO

Seria impossível enunciar aqui todos os nomes dos comandantes soviéticos que se destacaram na Grande Guerra Pátria, mas não se podem omitir os marechais Konstantin Rokossovski, Ivan Koniev, Leonide Govorov e Semion Timochenko, entre outros.

Gueorgui Jukov merece destaque. Nascido em 1 de Dezembro de 1898 na região russa de Kaluga, começou a combater na Primeira Guerra Mundial e, em 1918, alistou-se voluntariamente no Exército Vermelho. Em 1939, comandou as tropas soviéticas que derrotaram as nipónicas na Mongólia e foi condecorado com a Estrela de Herói da União Soviética. Durante a Segunda Guerra Mundial, no cargo de chefe do Estado-Maior e, depois, de adjunto do Comando Supremo, dirigiu a defesa de Leninegrado. Após estabilizar essa frente de combate, foi chamado para

coordenar a defesa de Moscovo e comandar a posterior contra-ofensiva soviética. Desempenhou também um papel importante na Batalha de Estalinegrado, bem como noutras operações militares. Em 9 de Maio de 1945, o general alemão Wilhelm Keitel assinou a capitulação total e incondicional na presença de Jukov, que foi nomeado Comandante Supremo do Exército Vermelho e comandou a Parada da Vitória de 1945, em Moscovo.

Depois da guerra, Jukov foi acusado de fazer pilhagens na Alemanha ocupada e apoderar-se de bens para fins pessoais. Além disso, foi acusado de «bonapartismo» e despromovido, sendo destacado para comandar a Região Militar de Odessa, na Ucrânia, e, depois, a dos Urais. Após a morte de Estaline, em 1953, quando ocupava o cargo de vice-ministro da Defesa, dirigiu a detenção de Lavrenti Béria, chefe do NKVD e um dos mais cruéis carrascos da história. Em 1954, Jukov comandou o primeiro teste da bomba atómica em «condições próximas das reais», no qual participaram cerca de 45 mil soldados e oficiais. Em Fevereiro de 1955, foi nomeado ministro da Defesa e, no ano seguinte, dirigiu o esmagamento da revolta anticomunista na Hungria. Porém, em 1957, foi acusado de violar os «princípios leninistas» e de tentar acabar com o controlo das Forças Armadas pelo Partido Comunista e pelo Governo Soviético, tendo sido afastado dos órgãos dirigentes do partido e mandado para a reforma.

Estaline não podia suportar o prestígio do comandante Jukov nas forças armadas e no país, o seu prestígio internacional. Por isso, depois da Parada da Vitória e de despir a farda de generalíssimo, não se esqueceu de Gueorgui Konstantinovitch [Jukov] e «empurrou-o», em 1946, para o comando da Região Militar de Odessa.

Margarita Jukova, filha do marechal soviético

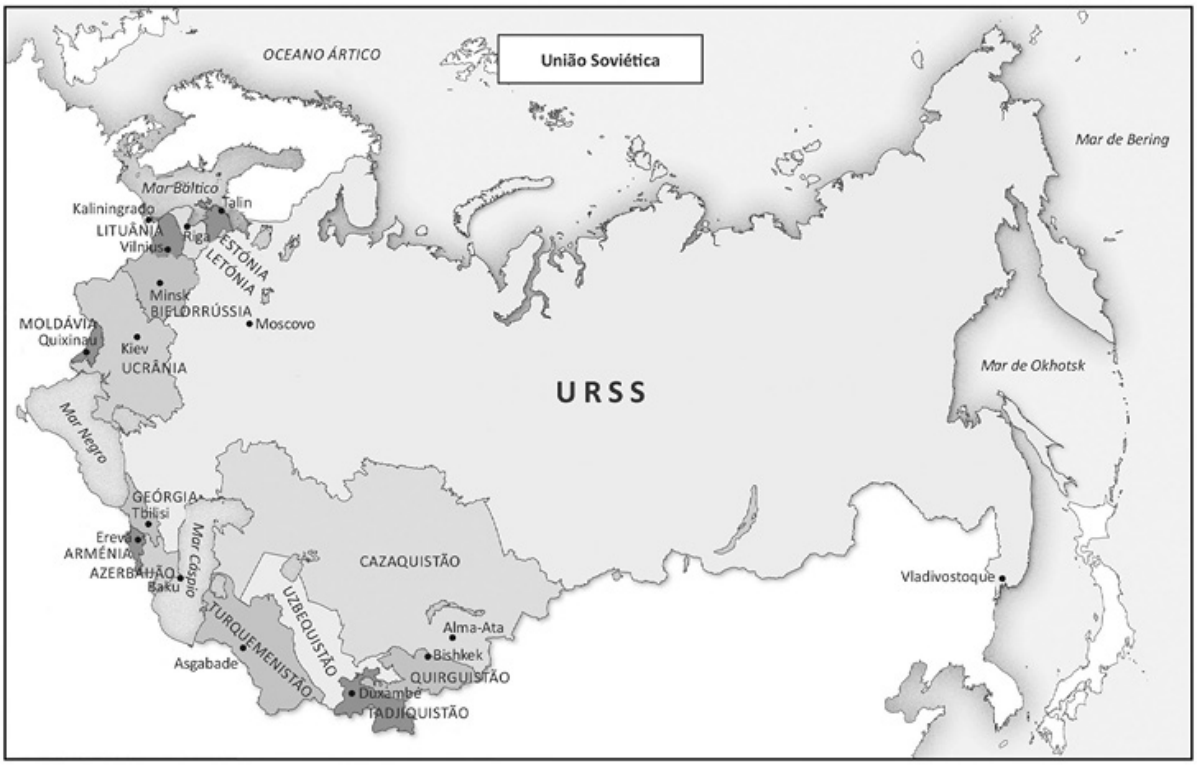
URSS NA GUERRA FRIA (1946-1991)

A construção da Cortina de Ferro

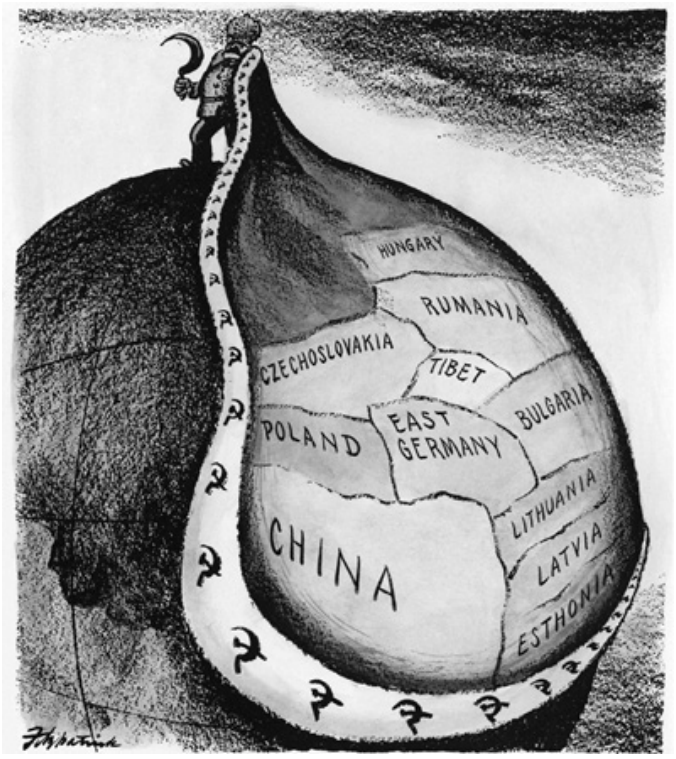
A vitória do Exército Vermelho fez com que a URSS se transformasse numa grande potência mundial e com que Estaline se tornasse líder do mundo comunista, que incluía os países da Europa do Leste e de parte da Ásia (os comunistas venceram na China, na Coreia do Norte e no Vietname). Além disso, as suas pretensões a novas zonas de influência continuavam a ser grandes, embora nem sempre bem-sucedidas. A URSS pretendeu o domínio da Líbia, antiga colónia italiana, mas sem êxito; apoiou a criação do Estado de Israel, esperando, através de numerosos judeus oriundos da União Soviética, reforçar a sua influência no Médio

Oriente, e também falhou. O ditador soviético continuava a sonhar com o controlo do Norte do Irão, das regiões setentrionais da Turquia, bem como dos estreitos do Bósforo e de Dardanelos. Esta política externa ofensiva, o aumento da repressão na própria União Soviética e nos países satélites, levaram à ruptura da coligação antinazi.

Em 5 de Março de 1946, no famoso discurso de Fulton, no estado norte-americano do Missouri, W. Churchill, ao falar de uma cortina de ferro que se reerguia na Europa, prenunciou que se aproximava um período de confronto entre os blocos ocidental e oriental, que ficou conhecido por Guerra Fria e que se caracterizou numa primeira fase pelo desenvolvimento crescente do armamento nuclear (em 1949, a URSS passou a dispor de armas atómicas), depois pelo envolvimento em conflitos regionais em vários pontos do globo, e até pelo confronto directo que chegou a pôr a humanidade a um passo do abismo, bem como pela realização de operações militares e policiais por parte das duas superpotências (EUA e URSS) nas suas zonas de influência.


União Soviética
OCEANO ÁRTICO
Mar de Bering
Mar Báltico
Kaliningrado
Talin
LITUÂNIA
Vilnius
Riga
ESTONIA
LETÓNIA
Minsk
BIELORRÚSSIA
Moscovo
MOLDÁVIA
Quixinau
Kiev
UCRÂNIA
URSS
Mar de Okhotsk
Mar Negro
GEÓRGIA
Tbilisi
Erevã
ARMÉNIA
AZERBAIJÃO
Baku
Mar Cáspio
CAZAQUISTÃO
Vladivostoque
Alma-Ata
Bishkek
TURQUEMENISTÃO
UZBEQUISTÃO
QUIRGUISTÃO
Asgabade
Duxambé
TADJIQUISTÃO

Em 1947, Harry Truman, presidente dos Estados Unidos, proclamou a sua doutrina de «contenção» da União Soviética em todo o mundo. A Crise de Berlim (1949), quando a URSS tentou bloquear a parte ocidental da cidade controlada pelos Aliados, e a Guerra da Coreia (1950-1953), foram os primeiros conflitos dessa nova era. É nesse contexto que surge em 1949 a Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO, na sigla original) e a resposta de Moscovo com a criação, em 1955, do bloco militar Organização do Tratado de Varsóvia, também chamado Pacto de Varsóvia. Dois anos antes, a URSS testara a sua primeira arma de hidrogénio, fruto de uma corrida ao armamento nuclear entre as duas superpotências.



Cartoon norte-americano com legenda «Rússia: o novo imperialismo», 1951.

Repressão em todas as frentes

Regressados da frente de combate, eram muitos os soldados e oficiais soviéticos que esperavam a melhoria da situação social no seu país, mas defrontaram-se com novas ondas de repressão. A pretexto de reconstruir a economia destruída pela guerra, continuaram em vigor as leis laborais

repressivas aprovadas nos anos de 1930. Para «defender a URSS dos ataques imperialistas», o regime insistiu no desenvolvimento da indústria pesada, principalmente no fabrico de novo armamento. A indústria ligeira voltou a ser esquecida. Em 1946 registou-se uma forte seca na parte europeia do país, que, no ano seguinte, provocou uma onda de fome que matou milhares de pessoas, tendo sido registados casos de canibalismo. As tentativas de pôr cobro ao atraso na agricultura através da agregação de *kolkhozes* e do aumento do controlo do partido e da propaganda não deram os resultados esperados. As colheitas foram mais fracas do que antes de 1917 e os camponeses não tinham estímulos para aumentar a produção. Estaline veio a ditar a receita para essas adversidades em *Problemas Económicos do Socialismo na URSS*, que mais não era do que uma réplica da política do Comunismo de Guerra. Os anúncios constantes de redução de preços dos produtos, muitos dos quais nem sequer apareciam nas lojas, não contribuíam para melhorar a vida dos cidadãos. A fim de prevenir qualquer tipo de contestação, os órgãos repressivos não paravam de fazer crescer o número de reclusos da GULAG.

Os intelectuais não tiveram melhor sorte. As decisões do CC do PCR (b) sobre as revistas *Zvezda* e *Leninegrado*, bem como sobre o cinema, teatro, música, etc. continham fortes ataques a conhecidos intelectuais russos: a poetisa Anna Akhmatova, o escritor satírico Mikhail Zoschenko, os compositores Aram Khatchaturian e Vano Muradeli. O jornal satírico *Krokodil* foi alvo de duas decisões do CC sobre «as insuficiências e as medidas para melhorar o trabalho». As ciências também não foram poupadas, tendo a genética, a cibernética e a mecânica quântica sido proibidas.

Voltaram os processos políticos, sendo os mais importantes o «Processo de Leninegrado», o «Processo do Comité Antifascista Hebraico» e o «Processo dos Médicos Assassinos», estes dois últimos direccionados contra os judeus soviéticos. Não fora a morte de Estaline, poderiam ter tido a mesma sorte que outros tiveram na Alemanha nazi. Milhares de pessoas foram condenadas a pesadas penas de prisão e à morte.

Akhmatova e Pasternak, 1946.

> Os escritores pensam que não se dedicam à política... Um homem escreve bem e basta. Mas na literatura há lugares maus, perniciosos, ideias que envenenam a consciência da juventude... Porque é que eu não gosto de pessoas como Zoschenko? Porque elas escrevem algo semelhante a pastilhas que provocam vómitos. Podemos tolerar no cargo dirigentes que permitem essas publicações?.. No nosso país, uma revista não é uma empresa privada... Ele [o autor] não tem o direito de se adaptar ao gosto de pessoas que não querem reconhecer o nosso regime. Quem não quer mudar, por exemplo Zoschenko, que vá para o diabo. Não temos de ser nós a adaptar as nossas ideias e sentimentos ao Zoschenko e à Akhmatova. Será que esta pode educar? Será que um tonto, um contador de treta, um escriva como Zoschenko pode educar?
>
> José Estaline

A morte do ditador e a luta pela sucessão

Alguns meses antes da morte, Estaline fez mais uma purga na direcção do PCR (b). A surpresa foi grande quando, em Outubro de 1952, no XIX Congresso do partido (que nessa altura passou a chamar-se Partido Comunista da União Soviética), os delegados viram o Bureau Político ser substituído por um órgão mais amplo, o Presidium do CC, e a ficarem excluídos antigos camaradas como Kliment Vorochilov, Anastas Mikoyan e Viatcheslav Molotov. O próprio Béria viu-se substituído por Serguei Ignatiev à frente do novo Ministério da Segurança Estatal. Nessa altura ocorriam purgas nos restantes países socialistas, onde os mais altos funcionários dos partidos comunistas e operários eram julgados e fuzilados sob os mais diversos pretextos. No entanto, estes processos não

tiveram continuidade na URSS, porque em 5 de Março de 1953 falecia o ditador soviético. Há numerosas lendas sobre a sua morte, mas vamos acreditar na certidão de óbito passada pelos médicos: «Acidente Vascular Cerebral.»

Depois de sepultado Estaline ao lado de Lenine no Mausoléu da Praça Vermelha, os mais altos cargos foram assim distribuídos: Gueorgui Malenkov substituiu o ditador à frente do Conselho de Ministros; Béria passou a ocupar o cargo de ministro dos Assuntos Internos e a dirigir a polícia política soviética; Molotov continuou à frente dos Negócios Estrangeiros e Khruschov, enquanto secretário do CC, dirigia os assuntos do Partido Comunista da União Soviética (PCUS).

Inicialmente, a coexistência entre os dirigentes foi pacífica e cada um deles tentava ganhar o apoio da sociedade. Malenkov conquistava o apoio do campesinato acabando com algumas taxas e impostos, ou reduzindo-os, nomeadamente sobre as hortas individuais, base da subsistência de milhões de famílias. O novo dirigente apelou ao desenvolvimento não só da indústria pesada, mas também das indústrias ligeira e alimentar, e para o aumento da construção de habitações.

Béria, não querendo ser ultrapassado, abriu as portas dos campos de concentração e libertou milhares de prisioneiros, principalmente criminosos de delito comum, embora também presos políticos condenados a curtas penas, inválidos, mulheres e menores. Manifestou-se contra as «deturpações da política nacional leninista-estalinista», defendendo que era necessário ter em conta as particularidades de cada povo e considerando errada a prática anterior de nomeação de russos para dirigentes dos partidos comunistas das repúblicas soviéticas. Béria declarou igualmente tencionar rever a política externa soviética, não impedir a unificação da Alemanha e restabelecer as relações com a Jugoslávia, rompidas na era de Estaline.

As propostas de Béria foram interpretadas por Khruschov e os seus apoiantes como uma tentativa de o carrasco soviético tomar o lugar de Estaline, o que poria em perigo as suas carreiras e até as suas próprias vidas. Khruschov não era visto como um funcionário comunista inteligente que tencionasse participar na luta pelo poder supremo, mas o facto é que conseguiu convencer Malenkov e os comandantes militares, principalmente Jukov, da necessidade de liquidar Béria. Numa reunião do

BP especialmente convocada para o efeito, Khruschov, depois de acusar o carrasco de crimes graves, carregou num botão e na sala entraram Jukov e outros oficiais armados. Apanhado de surpresa, Béria foi detido e encaminhado para um *bunker* militar. Em Dezembro, após ser julgado por querer organizar uma «conjura com vista a restabelecer o poder da burguesia» e por «espionagem», foi condenado à morte e logo executado juntamente com alguns dos seus homens mais próximos.

O XX Congresso do PCUS e a desestalinização da URSS

A sociedade soviética começava a entrar em efervescência. Os organismos do Estado e do partido recebiam milhares de pedidos de libertação e reabilitação dos «inimigos do povo» feitos pelos parentes das vítimas. Nos campos de concentração, os reclusos organizavam greves e levantamentos. Khruschov interpretou correctamente os anseios dos cidadãos e decidiu acabar com o culto da personalidade de Estaline. Para ele era também importante deslocar para a esfera do ditador grande parte das culpas colectivas, a fim de afastar as responsabilidades da sua pessoa e dos que o apoiavam. Numa sessão fechada do XX Congresso do PCUS, realizado em Fevereiro de 1956, o novo líder soviético revelou apenas as medidas repressivas contra antigos militantes comunistas, mas isso foi suficiente para conquistar o apoio da maior parte da população da URSS, tanto mais que, após esse histórico fórum comunista, milhares de pessoas foram libertadas e reabilitadas, vários povos deixaram de ser estigmatizados como «traidores». Esta luta contra o culto de Estaline foi também utilizada por Khruschov para erradicar da direcção do partido os seus adversários políticos. Molotov, Malenkov, Kaganovitch, Vorochilov e outros ainda tentaram derrubar Khruschov da direcção do país, mas o marechal Jukov veio em sua ajuda, transportando, em aviões militares, membros do CC do PCUS de todo o país que o apoiavam, e os seus adversários foram derrotados. Saliente-se que, pela primeira vez, não houve prisões nem fuzilamentos.

É de sublinhar também que Khruschov era um político contraditório, com vontade apenas de dar alguns retoques no regime, sem mexer na sua essência. Logo após o citado congresso, o CC do PCUS aprovou uma resolução especial na qual Estaline era considerado um «grande teórico e organizador» e os seus crimes eram mero «abuso do poder», afirmava-se

que a repressão não tinha alterado o carácter do regime soviético e o seu movimento rumo ao comunismo. Todavia, no início dos anos de 1960, no XXII Congresso do PCUS, fez novas críticas a Estaline, cujo cadáver foi retirado do mausoléu e enterrado num jazigo ao lado. Além disso, foram retirados os quadros do «grande timoneiro» das paredes das instituições públicas, enquanto numerosas estátuas e bustos desapareciam durante a noite.

Khruschov, secretário-geral do PCUS, discursa no XX Congresso do PCUS, Fevereiro de 1956.

A POLÍTICA INTERNA DE KHRUSCHOV

Nikita Khruschov era um político de impulsos e emoções, tendo prometido mostrar na televisão «o último padre ortodoxo» e a construção do «comunismo» para os anos de 1980. Além disso, considerava-se um grande especialista no sector agrícola, área em que tinha recebido uma herança particularmente pesada de Estaline. O novo líder proclamou a política da transformação de *kolkhozes* em *sovkhozes*, considerando que um maior controlo do Estado poderia melhorar a situação. Deu também início à exploração das terras incultas no Sul da Sibéria e no Cazaquistão, esperando com essa medida aumentar repentinamente a produção de cereais. Milhares de voluntários e grandes investimentos permitiram o aproveitamento de novos hectares de estepe e a obtenção de boas colheitas nos primeiros anos, mas, pouco tempo depois, as terras aráveis transformaram-se em desertos. Khruschov notabilizou-se também pelo

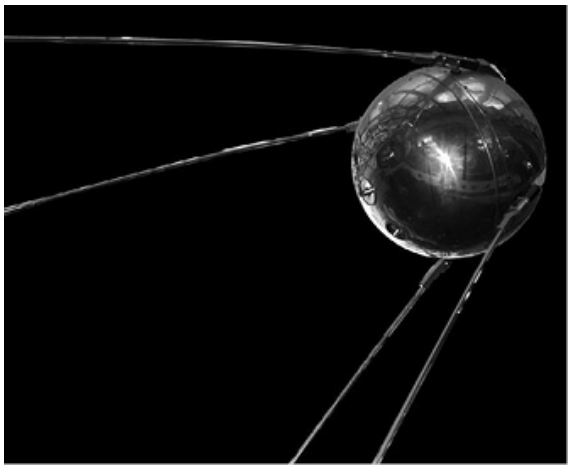
aumento súbito das áreas de cultivo de milho por todo o país. Depois de ter visitado os Estados Unidos e de ter visto os êxitos dos agricultores nesse sector, ordenou plantar milho até em terrenos perto do Círculo Polar Árctico. Tudo isso visava ultrapassar os Estados Unidos na produção de carne, leite e manteiga.

Selo de celebração dos 25 anos da Campanha das Terras Virgens.

Frustradas essas iniciativas, Khruschov fez uma última tentativa de dar um salto no campo agrícola, determinando o uso intensivo de produtos químicos, mas voltou a falhar. Foi a partir daí que a União Soviética passou a importar anualmente milhões de toneladas de cereais. O preço da carne e da manteiga aumentou entre 25 e 30%, a regra de produção nas fábricas aumentou um terço, mas sem qualquer compensação a nível salarial. Estas circunstâncias adversas provocaram uma onda de descontentamento que teve o seu ponto mais alto na greve na Fábrica de Locomotivas Eléctricas de Novotcherkaskyi (no Sul da Rússia) em 1962, esmagada com a ajuda de tanques e militares. Vinte e seis pessoas morreram e dezenas ficaram feridas. Dos 112 operários julgados, sete cabecilhas foram condenados à morte e 105 a pesadas penas de prisão.

No domínio da indústria pesada, a União Soviética registou êxitos importantes: o fabrico de materiais artificiais e de plásticos, a construção de centrais nucleares para a produção de energia, o fabrico de novos tipos de aviões. No campo da conquista do espaço, os cientistas soviéticos estavam na vanguarda, o que permitiu, em 1957, lançar o primeiro satélite

artificial da Terra (Sputnik), enviar ao espaço, em 1961, o primeiro homem (Iúri Gagarin) e começar a preparação de voos à Lua. Todavia, noutras áreas observava-se um atraso cada vez maior em comparação com os chamados «países capitalistas». O planeamento excessivo, os gastos exagerados com o sector militar, a falta de concorrência interna, a rotina e a burocracia fizeram com que a URSS não tenha conseguido dar o salto científico e tecnológico que se verificava em países como Estados Unidos, Japão e Alemanha, por exemplo.



Réplica do Sputnik 1. O Programa Sputnik e o voo espacial de Iúri Gagarin no Vostok 1 deram na altura à URSS a liderança da exploração espacial.

O carácter desportivo do processo tinha duas facetas. Primeiro, todos nós, que trabalhávamos na criação de aparelhos espaciais, sentíamos emoções semelhantes às dos desportistas: chegar primeiro à meta. Algo semelhante acontecia nos Estados Unidos e nós não queríamos ser ultrapassados pelos nossos colegas americanos. Era um sentimento de competição genuíno. Segundo, os resultados da competição tinham também significado político.

Boris Raushenbach, académico soviético sobre lançamento do primeiro satélite artificial

Khruschov realizou importantes reformas sociais, verificou-se uma liberalização do regime impensável na era de Estaline, os *kolkhozianos* passaram a dispor de bilhete de identidade, o que lhes permitia mudar de residência, foi instituído o salário mínimo e a idade de reforma, a construção civil crescia a ritmos nunca vistos. Nas grandes cidades cresceram os prédios de cinco andares (que ficaram conhecidos como *khruschoby*), com apartamentos pequenos mas bem mais cómodos do que

as *komunalky* (apartamentos colectivos com cozinha e casa de banho comuns). Em contrapartida, a indústria não dava resposta à necessidade de móveis, o que fazia com que os soviéticos passassem noites em filas para os conseguir adquirir.

Um exemplo de *Khruschoby*, na cidade de Tomsk.

A Crise das Caraíbas: no limiar do Armagedão

A política externa de Khruschov tinha tanto de improviso e extravagância como a interna. Foi o primeiro líder de uma grande potência a ser multado por «mau comportamento» na Assembleia Geral das Nações Unidas, por ter batido na mesa com um sapato durante o discurso de um primeiro-ministro inglês. A sua famosa ameaça de «mostrar a mãe de Kuskin» aos imperialistas continua a ser um quebra-cabeças para tradutores e historiadores. Por outro lado, é à direcção soviética dessa altura que se deve o termo «coexistência pacífica», que veio, nas palavras, substituir a «exportação da revolução», ou seja, coexistir com países do Ocidente até que as massas populares acabassem por derrubar o capitalismo. Esta nova atitude tornava-se necessária porque a União

Soviética e países como os Estados Unidos, Grã-Bretanha e França possuíam armas nucleares.

O Terceiro Mundo passava a ser o campo de batalha entre os sistemas socialista e capitalista. O apoio aos movimentos de libertação nacional transformaram-se num pesado fardo para a economia soviética. Em 1956, Moscovo ficou do lado do Egipto durante o conflito em torno do Canal do Suez e, mais tarde, apoiou qualquer regime que declarasse ser «anti-imperialista»: por exemplo, a Síria, o Iraque e a Argélia.

O processo de desestalinização chegou aos países socialistas, acabando por criar sérios dilemas à direcção soviética. Na Hungria, o primeiro-ministro Nagy Imre enveredou por um processo de democratização que foi esmagado pelos tanques soviéticos. A reacção ao fim do culto de Estaline foi diferente na China e na Albânia, levando os dirigentes destes regimes comunistas a manifestar-se contra essa política e a romper relações com a URSS. Khruschov esteve também ligado à construção do Muro de Berlim em 1961, edificado para impedir que os habitantes da Alemanha socialista (RDA) fugissem para o Ocidente. Mas o momento mais grave da era de Khruschov foi, sem dúvida, a Crise das Caraíbas, em 1962, também conhecida por Crise dos Mísseis. Depois da tomada do poder em Cuba por Fidel Castro, em 1959, a União Soviética passou a apoiar o regime castrista ante as ameaças dos Estados Unidos, instalando mísseis com ogivas nucleares em território cubano, a poucas milhas do território norte-americano. Perante o perigo de ataque nuclear, o presidente John Kennedy apresentou um ultimato exigindo a retirada dos mísseis em troca da garantia de não atacar a ilha. Após aturadas conversações, Khruschov retirou os mísseis.

O DEGELO INACABADO

Entre a morte de Estaline (1953) e a queda de Khruschov (1964), o mundo intelectual soviético viveu um período que ficou conhecido como *o degelo*, título de um conhecido romance de Ilya Erenburg, famoso escritor e jornalista. Nesse período parecia que o calor da criatividade intelectual poderia destruir a camada de gelo deixada pelo estalinismo. Revistas literárias como *Iunost* (Juventude) e *Novyi mir* (Mundo Novo) começaram a publicar muitas obras até então proibidas, onde se abordavam temas como a brutal repressão de Estaline ou problemas

actuais da sociedade soviética. Mas Khruschov traçou linhas vermelhas à intelectualidade. Segundo ele, a cultura, a literatura e a arte não eram mais do que uma forma de propaganda das ideias comunistas. Durante a luta contra os estalinistas no interior do PCUS, autorizou a publicação da novela de Soljenitzin *Um Dia na Vida de Ivan Denissovitch* (1962), mas quando as críticas passavam a ser mais profundas, a reacção era dura. O escritor e poeta Boris Pasternak foi amaldiçoado «por ter ousado» publicar no estrangeiro, sem autorização do PCUS, o romance *Doutor Jivago*, sendo obrigado a renunciar ao Prémio Nobel de Literatura que lhe fora atribuído. Vassili Grossman, outro grande escritor, viu algumas das suas melhores obram serem proibidas. O seu romance *Vida e Destino*, que muitos críticos consideram o *Guerra e Paz* do século XX, só foi publicado depois da queda do comunismo. É nesta época que aparecem os dissidentes que começam a publicar os *samizdat*: versos e prosa reproduzidos com a ajuda de papel químico e distribuídos clandestinamente. Khruschov não fuzilava nem enviava os seus autores para campos de concentração, internava-os antes em clínicas psiquiátricas. No fundo, para ele, não existia nem liberdade de criação, nem de pensamento. Daí também a campanha anti-religiosa por ele realizada. A fim de «mostrar na televisão o último padre», ordenou o encerramento de templos e mosteiros, fez uma limpeza das bibliotecas religiosas mandando queimar livros e proibindo a sua compra no estrangeiro, ordenou que a polícia impedisse os crentes de assistir a cerimónias religiosas e as peregrinações foram proibidas.

Alexandre Soljenitzin, prisioneiro nr. SHCH-262, acabado de chegar ao gulag Kok-Terek, Cazaquistão, Março de 1953.

> Porque é que o partido presta tanta atenção às questões da literatura e da arte? Porque elas desempenham um papel único no trabalho ideológico do nosso partido, na causa da educação comunista dos trabalhadores. O Partido Comunista considera os homens da literatura e das artes seus amigos fiéis, base firme na luta ideológica.
>
> Nikita Khruschov

A CAMINHO DA ESTAGNAÇÃO

No início dos anos de 1960, a sociedade soviética estava cansada dos malabarismos internos e externos da política de Khruschov. A nomenclatura comunista também queria uma vida mais calma e confortável, mais previsível. Por isso, em 1964, o BP do PCUS organizou um golpe palaciano que levou à substituição de Khruschov por Leonid Brejnev.

Com 58 anos, Brejnev era um funcionário comunista menos emocional e gostava de gozar o que a vida tem de bom: fatos elegantes, automóveis, caça, pesca e cigarros *Marlboro*. Ao mesmo tempo que cuidava da sua família, não se esquecia dos seus amigos da juventude, colocando-os em

cargos importantes. Politicamente cuidadoso, começou um processo de reabilitação de Estaline, recordando cada vez menos a sua política repressiva e sublinhando cada vez mais os seus méritos nos anos da guerra e da construção do socialismo. Formalmente, o poder encontrava-se nas mãos de um triunvirato: Brejnev, secretário-geral do PCUS, Alexei Kosyguin, primeiro-ministro, e Nikolai Podgornyi, presidente do Presidium do Soviete Supremo da URSS, mas, gradualmente, os dois últimos foram sendo afastados e o primeiro concentrou o poder nas suas mãos.

Em 1965, Kosyguin anunciou uma série de medidas que visavam criar estímulos para aumentar a produtividade do trabalho. Consistiam na descentralização do planeamento económico, na valorização do papel de indicadores como o lucro e a rentabilidade, e, por fim, no alargamento da autonomia das empresas. Estas disposições levaram a que o Oitavo Plano Quinquenal (1966-1970) fosse o que teve mais êxito na história do país, mas a omnipotência do Partido Comunista e da burocracia rapidamente fez com que tudo voltasse à «normalidade». Tentando ultrapassar a crise na agricultura, as autoridades soviéticas fizeram grandes investimentos na mecanização e em adubos químicos, mas a maioria dos *kolkhozes* continuava a sobreviver à custa de subsídios, e os *sovkhozes*, cujo número continuava a aumentar, eram incapazes de fornecer ao país cereais e outros produtos agrícolas em quantidades suficientes. Em 1982, o PCUS anunciou o Programa Alimentar que prometia abundância de produtos em 1990, o que não se veio a verificar.

A era de Brejnev, que ficou conhecida por ser de estagnação, continuava a política nociva de desenvolvimento extensivo da produção e, para suprir os défices económicos, recorria ao aumento do fornecimento de petróleo à Europa.

> Brejnev revelou talento único, indispensável a um dirigente comunista: a capacidade de dar indicações gerais sobre todos os problemas não sendo especialista em nenhum deles.
>
> Alexandre Nekritch, historiador soviético

A invasão da Checoslováquia e a «soberania limitada»

Na madrugada de 21 de Agosto de 1968, tropas de cinco países do Tratado de Varsóvia (Bulgária, Hungria, República Democrática Alemã e Polónia) invadiram o território da Checoslováquia a pretexto da «ajuda internacional», da «defesa da causa do socialismo», mas, na verdade, tratou-se de uma operação para travar o processo de democratização na Checoslováquia e a sua provável saída do Tratado de Varsóvia.

No final dos anos de 1960, a sociedade checoslovaca exigia mudanças radicais de democratização da vida política, económica e social. Em Janeiro de 1968, Antonín Novotný foi substituído no cargo de dirigente do Partido Comunista por Alexander Dubček, que deu início a uma série de reformas com vista a «democratizar o socialismo». Inicialmente, a URSS não se imiscuiu no processo, mas ficou preocupada ao verificar que o novo modelo de sociedade socialista (síntese das economias planificada e de mercado; alguma independência do poder de Estado e das organizações sociais em relação ao controlo do partido; reabilitação das vítimas da repressão estalinista; democratização da vida política no país) ia contra o marxismo-leninismo soviético.

A possibilidade de esta onda passar para outros países do campo socialista preocupava também os dirigentes desses países. Do ponto de vista geopolítico, poderia originar-se uma situação catastrófica para a URSS, pois arriscava-se a perder os seus países satélites. O Kremlin decidiu esmagar com tanques e 300 mil soldados a nova experiência democrática, mas deu de frente com a resistência popular na Checoslováquia. As forças armadas checoslovacas optaram por manter a neutralidade e a resistência foi rapidamente neutralizada. As tropas soviéticas mantiveram-se naquele país até 1990, realizando na prática a doutrina da «soberania limitada» de Leonid Brejnev, ou seja, não eram permitidas reformas que pusessem em causa o socialismo.

Tanques soviéticos durante a invasão. Praga, Agosto de 1968.

MOVIMENTO DISSIDENTE

A invasão da Checoslováquia ficou marcada por uma manifestação de protesto de oito soviéticos na Praça Vermelha, no coração de Moscovo. Este acto deu um novo impulso ao movimento dissidente na URSS. Fundamentalmente, os dissidentes eram intelectuais que estavam descontentes com o regime por várias razões. A esmagadora maioria conformava-se com a realidade absurda e fazia carreira política para sobreviver. Entre a minoria, formou-se um «movimento ecológico» que protestava contra a exploração descontrolada das riquezas do país, contra a construção de gigantescas barragens que destruíam florestas ou provocavam mesmo alterações ambientais, contra projectos megalómanos como o de, com a ajuda de 250 explosões atómicas de baixa intensidade, virar o curso de rios que corriam em direcção ao norte para o mar Cáspio ou a Ásia Central. Este movimento inspirava-se nas obras de escritores como Valentin Rasputin, Fiodor Abramov, Victor Astafiev ou Vassily Belov.

Mas o Comité de Defesa do Estado (KGB), sucessor do NKVD, estava mais preocupado com os dissidentes que lutavam pelos direitos humanos. Uns queriam o «verdadeiro marxismo», sem deturpações estalinistas, outros lutavam pelo regresso aos «valores cristãos» e uns terceiros,

conhecidos como «ocidentalistas», defendiam a aproximação ao Ocidente e aos seus valores democráticos. As autoridades respondiam com detenções, buscas domiciliárias, perseguições, internamento em hospitais psiquiátricos ou campos de concentração, expulsão do país. Em Fevereiro de 1974, Alexandre Soljenitzin foi enviado à força para a Alemanha. Outra forma de castigo era privar da cidadania soviética os seus cidadãos que não pretendiam regressar ao país: o músico Mstislav Rostropovitch e a sua mulher, a cantora Galina Vichnevskaya, o realizador de teatro Iúri Liubimov, entre outros.

Com Andrei Sakharov, o físico mundialmente conhecido, a situação era mais complicada. Os comunistas não o podiam expulsar do país, pois o pai da bomba de hidrogénio soviética levaria consigo muitos segredos científicos e atirá-lo para a prisão provocaria fortes campanhas internacionais. Por isso, quando Sakharov protestou publicamente contra a invasão do Afeganistão pelas tropas soviéticas, em 1979, foi decidido isolá-lo em prisão domiciliária na cidade de Gorki (hoje Nijni-Novgorod). Porém, os dirigentes comunistas não conseguiram que ele fosse expulso da Academia das Ciências da URSS pelos seus colegas.

> Os cidadãos que protestaram em Agosto de 1968 na Praça Vermelha contra a ocupação da Checoslováquia pelas tropas do Tratado de Varsóvia revelaram solidariedade humana e a maior coragem pessoal. Aprecio muito esse acto também porque eles sabiam bem ao que iam e o que podiam esperar do poder soviético. Para os cidadãos da Checoslováquia essas pessoas tornaram-se a consciência da União Soviética, cuja direcção, sem vacilar, realizou um vil ataque militar contra um Estado soberano e um aliado.
>
> Vaclav Havel, presidente da República Checa

O desarmamento nuclear e a Acta de Helsínquia

Ao contrário do seu antecessor, Brejnev conseguiu alcançar relações estáveis com as potências ocidentais, principalmente com os Estados Unidos. A base jurídica que o norteava consistia num sistema de acordos que previa um equilíbrio de forças entre as duas superpotências e o desejo das partes de prevenir um confronto com armas nucleares. Esta foi a época do chamado «desanuviamento», da «coexistência pacífica», quando as partes tinham consciência das consequências de um conflito nuclear para

toda a humanidade. Foram assinados acordos sobre a redução das armas nucleares (SALT-1 em 1973 e SALT-2 em 1979).

Suslov, Brejnev, Cunhal e Ponomariov, Moscovo, 28 de Fevereiro de 1976.

Em Agosto de 1975, a URSS e os seus satélites assinaram com os países europeus ocidentais, os Estados Unidos e o Canadá a Acta de Helsínquia, documento muito vantajoso para Brejnev. Ao mesmo tempo que previa o respeito pelos direitos humanos, reconheciam-se as fronteiras da URSS e dos países da área socialista. Mas se este último ponto foi respeitado pelo Ocidente, já o primeiro continuou a ser violado pela União Soviética.

Moscovo foi obrigada a avançar para uma política de desanuviamento devido aos graves problemas na economia não só da própria URSS, mas também de países como a Polónia. Também as relações com a República Popular da China eram tensas e conflituosas. No entanto, essa política não mudou a essência do regime soviético, nem a sua política externa. Brejnev declarou que «o desanuviamento não anula e não pode anular ou mudar as leis da luta de classes» e que o objectivo da URSS era a vitória do comunismo em todo o mundo. Por isso, não obstante a falta de estrutura económica e financeira, Moscovo continuava a alargar a sua influência a novos países em África, como Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, Etiópia, e na Ásia no Afeganistão.

Em 27 de Dezembro de 1979, um forte contingente militar soviético invadiu o Afeganistão a fim de derrubar Hafizullah Amin, dirigente de

uma das facções do Partido Popular Democrático do Afeganistão, força política que tomou o poder no país através de um golpe militar em 27 de Abril de 1978. Os militares soviéticos depararam-se com a resistência de numerosos destacamentos de guerrilheiros, apoiados pelos Estados Unidos. O conflito durou dez anos e, em Fevereiro de 1989, Moscovo foi obrigada a retirar o seu contingente militar. Esta aventura custou 13 830 mortos e 6669 inválidos entre os militares soviéticos, e mais de 1 milhão de civis afegãos perderam a vida.

Mikhail Suslov: «Gostaria de aconselhar-me. O camarada Tikhonov apresentou uma nota ao CC do PCUS sobre a perpetuação da memória dos combatentes que tombaram no Afeganistão. Propõe dar a cada família mil rublos para instalar um monumento nos túmulos. Claro que o dinheiro não é problema, mas se formos agora perpetuar a memória, iremos escrever sobre isso nos túmulos, e, em alguns cemitérios, serão vários os túmulos, o que não é completamente correcto do ponto de vista político.»
Iúri Andropov: «Claro que é preciso sepultar com honra, mas ainda é cedo para perpetuar a sua memória...»

Reunião do Bureau Político do PCUS

A gerontocracia no Kremlin

Leonid Brejnev não fugiu à regra no que respeita ao culto da sua personalidade. Enquanto a União Soviética se ia afundando na estagnação económica e a saúde do líder piorava, a direcção soviética não poupava meios para destacar os «feitos heróicos» de Leonid Ilitch. Parecíamos estar perante a figura mais importante da história soviética depois de Lenine. Era de leitura obrigatória nas escolas e universidades a trilogia de livros cuja autoria se lhe atribui: *Terra Pequena*, *Terras Virgens* e *Ressurreição*, em que são empoladas as acções de Brejnev durante a luta contra o nazismo e a reconstrução da economia soviética depois de 1945. Em 1975, foi agraciado com a Ordem da Vitória, a maior condecoração militar a ser entregue «a altos comandos do Exército Vermelho pela realização bem-sucedida de operações militares numa ou em várias frentes, que mudam radicalmente a situação a favor do Exército Vermelho». Entre estrangeiras e soviéticas, recebeu 64 ordens e medalhas. O estado decrépito de Brejnev no início dos anos de 1980 era como que uma radiografia do apodrecimento do regime comunista na URSS.

Brejnev faleceu em Novembro de 1982 e foi substituído por Iúri Andropov, até então chefe do KGB. Com 68 anos, mas já gravemente doente, dirigiu a URSS durante ano e meio. Ainda teve tempo de lançar uma campanha contra a corrupção e de afastar do poder homens próximos de Brejnev, mas a sua iniciativa de «reforçar a disciplina laboral» limitou-se a rusgas da polícia para verificar se os soviéticos não estavam nas filas ou não andavam pelas lojas quando deviam estar a trabalhar. Corria o boato de que Andropov, enquanto chefe dos serviços secretos e, por conseguinte, conhecedor dos problemas do país, pretendia dar início a um processo de reformas e de liberalização, mas ocorreu exactamente o contrário: os dissidentes foram alvo de forte repressão, as condições de vida dos presos políticos pioraram e o conflito no Afeganistão intensificou-se. As relações com o Ocidente atingiram um nível de confronto perigoso depois de a aviação militar soviética ter derrubado um avião de passageiros sul-coreano em Setembro de 1983.

Konstantin Tchernenko, que sucedeu a Andropov em Fevereiro de 1984, era ainda mais velho (73 anos) e estava ainda mais doente. A sua eleição para o cargo de secretário-geral do PCUS foi obra de altos funcionários comunistas que não queriam mudanças. O novo líder soviético apenas teve tempo de anunciar mais uma forma de salvar a agricultura soviética: a realização do projecto de desvio dos rios siberianos para a Ásia Central, que provocou fortes críticas dos cientistas e escritores. Faleceu em Março de 1985. A União Soviética viu-se perante um complexo dilema: ou a continuação de cortejos fúnebres, o que prejudicaria a imagem do regime e do país, ou a mudança de política. Foi decidido eleger Mikhail Gorbatchov, então com 54 anos secretário-geral do PCUS.

> Aumentavam os tons negros da estagnação total. A economia degradava-se. A agricultura perdeu definitivamente a capacidade de alimentar o país: um terço dos cereais era importado, fazendo esgotar as reservas de ouro e devorando grande parte dos petrodólares. A enorme dívida pública, que era escondida da população, ameaçava provocar a falência financeira numa altura em que desciam os preços mundiais do petróleo. As alavancas de governação falhavam. O quadro gritante da incompetência, do cinzentismo e da mentira, a degeneração dos dirigentes falidos, eram demonstrados nos relatórios dos ministros e secretários das organizações regionais do partido nas reuniões no Secretariado do CC do PCUS e no Bureau Político.
>
> Anatoly Tchernaiev, conselheiro de Mikhail Gorbatchov

MIKHAIL GORBATCHOV – O REFORMADOR UTÓPICO

Nasceu numa família soviética típica, em 2 de Março de 1931, em Privolnii, vila do Sul da Rússia. O pai, Serguei Gorbatchov, era mecânico numa unidade colectiva agrícola, quando, em Agosto de 1941, foi mobilizado para o Exército Vermelho, tendo combatido quase até ao fim da II Guerra Mundial. Nos finais de Maio de 1944, a família recebeu a notícia da sua morte na frente de combate, mas, algum tempo depois, uma carta do soldado desmentia essa informação. Regressado a casa, o pai voltou à actividade de mecânico, tendo transmitido ao filho o gosto pela profissão. Em 1949, Mikhail é condecorado com a Ordem da Bandeira Vermelha por «trabalho heróico na colheita de cereais». A mãe de Gorbatchov, Maria, dedicou toda a sua vida ao trabalho num *kolkhoze*. A família do futuro reformador, tal como milhões de famílias soviéticas, não escapou à máquina repressiva estalinista. Em 1937, o seu avô materno, Pantelei Gopkalo, foi detido como «membro de uma organização *trotskista* de direita e contra-revolucionária». Passou catorze meses na prisão, tendo sido sujeito a tortura. Salvo do fuzilamento por um ajudante do procurador do distrito de Stavropol, foi libertado em Dezembro do ano seguinte e eleito presidente do *kolkhoze* em 1939. O seu avô paterno, Andrei, viu três dos seus seis filhos morrer de fome devido à política agrícola do regime comunista. Em 1934 foi preso por não ter cumprido o plano de sementeira de cereais, pois nada tinha para semear, e foi desterrado para a região de Irkutsk, na Sibéria. Foi libertado dois anos depois, por bom comportamento, e regressou à terra natal.

Após terminar a escola secundária, Mikhail Gorbatchov ingressa, sem realizar quaisquer tipos de exames, na Faculdade de Direito da Universidade Estatal de Moscovo em 1950. Além da sua origem operária-camponesa, tinha sido condecorado e era candidato a membro do PCUS. É nessa universidade que Gorbatchov encontra o amor da sua vida: Raísa Titarenko, com quem se casou em Setembro de 1953. Regressado a casa, Mikhail Gorbatchov faz uma impetuosa carreira na Juventude Comunista Soviética (Komsomol) e no PCUS, realizando um intenso trabalho principalmente no campo da agricultura, um dos «calcanhares de Aquiles» do sistema económico soviético. Em 27 de Novembro de 1978, Gorbatchov é eleito, no plenário do CC do PCUS, Secretário do CC do PCUS, ficando novamente com a pasta da agricultura. Nas estruturas do

poder soviético, as pastas ligadas à agricultura não eram as melhores para fazer carreira, bem pelo contrário, devido ao estado desse sector económico. Porém, Mikhail Gorbatchov foi subindo na hierarquia do PCUS até ser eleito secretário-geral do partido em Março de 1985.

Gorbatchov e Reagan conversam com a Catedral de S. Basílio como pano de fundo. Moscovo, Maio de 1988.

A política do novo dirigente, por ele denominada «democratização», baseava-se em três pilares fundamentais: *perestroika* (reestruturação) e *glasnost* (transparência) na política interna, e «novo pensamento político» na política externa. No plano interno, deve-se a Gorbatchov a desmontagem do sistema comunista na URSS. No plano externo, o fim da Guerra Fria com os Estados Unidos. Os serviços à Humanidade trouxeram-lhe o Prémio Nobel da Paz, em Outubro de 1990, mas, no seu país, continuou a ser um político impopular. Entre os seus erros políticos, Gorbatchov destaca o de, em 1987, quando Boris Ieltsin, que ele trouxera da província para Moscovo, se revoltou contra a sua política, «não o ter enviado como embaixador para uma qualquer república das bananas».

Depois de ter abandonado o cargo de presidente da URSS, em Dezembro de 1991, o dirigente soviético criou a Fundação Gorbatchov e dedicou-se a obras sociais e humanitárias.

Perestroika, Glasnost, Novoe Michelenie

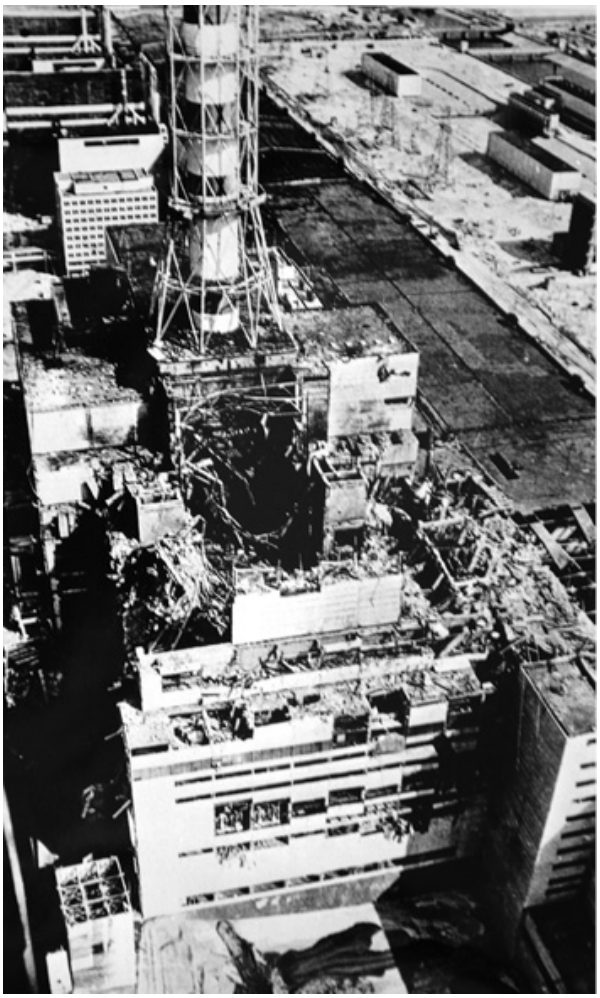
A eleição de Mikhail Gorbatchov para o cargo de secretário-geral do PCUS criou na sociedade soviética sentimentos de expectativa e esperança. O novo dirigente parecia mesmo querer tirar a URSS do pântano em que se encontrava. No meio de discursos cheios de palavras e frases desgastadas surgiam palavras novas: *perestroika* (reestruturação), *glasnost* (transparência) e *novoe michelenie* (novo pensamento).

Em traços largos, a *perestroika* pode ser dividida em três períodos. A primeira etapa (Março de 1985 a Janeiro de 1987) caracterizava-se pelo reconhecimento de algumas falhas do sistema social e político existente na URSS e por tentativas de as emendar através de grandes campanhas de carácter administrativo, que ficaram conhecidas pelo termo «*uskorenie*» (aceleração): a campanha de combate ao alcoolismo, a luta contra «os rendimentos ilícitos», a criação do controlo estatal da qualidade da produção e a luta contra a corrupção. É de salientar que estas medidas ainda se enquadravam no «sistema económico e político socialista». Porém, é nesse período que Mikhail Gorbatchov faz sérias alterações nos quadros dirigentes do país, nomeando novas figuras, como Alexandre Iakovlev, Egor Ligatchov, Nikolai Rijkov, Boris Ieltsin, Anatoli Lukianov, entre outros.

> Sem uma «pequena revolução» no partido nada conseguiremos, pois o verdadeiro poder encontra-se nas mãos dos órgãos do partido. O povo não pode carregar ao pescoço o aparelho, que nada faz para a *perestroika*.
>
> Milkhail Gorbatchov, sessão do Bureau Político de Abril de 1986

A segunda etapa (Janeiro de 1987 a Junho de 1989) é conhecida por «século de ouro» da *perestroika*, pois foram realizadas reformas de grande envergadura nas mais diversas esferas da vida da sociedade soviética, que entraram em choque com o próprio sistema comunista existente na URSS e nos países satélites da Europa Oriental.

É neste período que começa a política da *glasnost* (transparência), que ainda não aprova a liberdade de imprensa, mas permite abrir brechas na censura soviética e discutir temas anteriormente tabu, como é o caso dos crimes perpetrados por dirigentes comunistas como Vladimir Lenine ou José Estaline. Para este processo de clareza contribuiu fortemente a catástrofe na Central Nuclear de Chernobyl (na madrugada de 26 de Abril de 1986), cujas consequências levaram os soviéticos a exigir dos seus dirigentes uma informação aberta.



Reactor 4 da Central Nuclear de Chernobyl vários meses após a explosão.

Na central nuclear de Chernobyl ocorreu um acidente. Um dos reactores foi atingido. Tomam-se medidas para eliminar as consequências do incidente. Presta-se a ajuda necessária às vítimas. Foi criada uma comissão estatal para investigar o sucedido.

Agência de informação soviética TASS, 28 de Abril de 1986

*

A avaria na Central Nuclear de Chernobyl foi o testemunho mais evidente e terrível não só do desgaste da nossa tecnologia, mas também do esgotamento das possibilidades do anterior sistema. Ao mesmo tempo, e tal é a ironia da história, ela ecoou da forma mais pesada nas reformas por nós iniciadas, fez literalmente descarrilar o país.

Mikhail Gorbatchov, 25 de Abril de 2016

INÍCIO DO FIM DA URSS

No campo da economia, o monopólio da propriedade estatal foi abalado pela iniciativa privada, instalada sob a forma de cooperativas de produção e de comércio, assistindo-se à criação de empresas mistas com capital estrangeiro. A política externa soviética passou a basear-se na doutrina do *novoe michelenie* (novo pensamento), que renunciava à abordagem da luta de classes na diplomacia, optando por um melhoramento e aprofundamento de relações com o Ocidente.

Por outro lado, nesse período começaram a emergir questões, principalmente internas, que eram antes controladas pela repressão. Num país habitado por cerca de 200 povos diferentes, começou a quebrar-se o verniz da política comunista da propalada «amizade dos povos» e ocorreram os primeiros confrontos interétnicos. Um dos mais graves, que começou em 1989 e ainda continua, é a disputa entre a Arménia e o Azerbaijão em torno de Nagorno-Karabakh, enclave em território azeri onde a maioria da população é arménia.

*

Do ponto de vista do Direito Internacional, este conflito é um exemplo da contradição entre dois princípios fundamentais: por um lado, o direito do povo à autodeterminação e, por outro lado, o princípio da integridade territorial, segundo o qual só é possível a alteração de fronteiras por acordo mútuo.

Galina Starovoitova, deputada russa, 1989.

*

Além disso, a situação económica degradava-se, deixando cada vez mais evidente que o sistema planificado soviético não era reestruturável e a ideologia comunista não tinha capacidade de gerar novas ideias.

A terceira e última etapa (Junho de 1989 a Dezembro de 1991) teve início no I Congresso dos Deputados do Povo da URSS e terminou com o discurso de demissão de Mikhail Gorbatchov e a substituição da bandeira vermelha soviética pela tricolor russa no Kremlin. Tratou-se de um período de forte desestabilização na vida económica, política e social do

país. Não obstante as autoridades comunistas terem envidado grandes esforços para impor os seus candidatos no primeiro duelo eleitoral concorrente e plural, a campanha eleitoral para o Congresso de Deputados tornou-se num grande passo para a liberdade de expressão e num palco de luta política real. Nessa campanha foi eleito um grupo de conhecidos reformadores: o economista Gavrill Popov, o historiador Iúri Afanassiev, o advogado Anatoli Sobtchak, a socióloga Galina Starovoitova, o físico Andrei Sakharov, o membro do CC do PCUS Boris Ieltsin e outros. Após o citado congresso, começou a disputa com vista à eliminação do monopólio político do PCUS e à abertura da vida política a novas forças partidárias. As dificuldades económicas agudizavam-se, e as prateleiras completamente vazias das lojas soviéticas eram a mais fiel amostra dessa crua realidade. A euforia social provocada pelas perspectivas demasiadamente altas depositadas pelos soviéticos na *perestroika* e a sua subsequente desilusão fizeram crescer o sentimento anticomunista na sociedade.

Esse período caracterizou-se igualmente pelo aumento brusco dos confrontos étnicos em diversas repúblicas da URSS e entre elas próprias, dando origem ao que se convencionou chamar «parada das soberanias». Em 11 de Março de 1990, o Soviete Supremo da Lituânia proclamou a independência do país, tornando-se na primeira república soviética a dar esse passo. Moscovo respondeu, inicialmente, com sanções económicas, mas, em 11 de Janeiro do ano seguinte, decidiu recorrer ao exército, que provocou um banho de sangue (15 mortos e 600 feridos), o que impulsionou ainda mais os movimentos separatistas. No dia 30 do mesmo mês, o Soviete Supremo da Estónia proclamou o restabelecimento da república que deixara de existir em 1940. Este processo de desintegração tornou-se particularmente perigoso para o Kremlin depois de os apoiantes de Boris Ieltsin terem vencido as eleições para o Soviete Supremo da Federação da Rússia, o terem elegido dirigente desse órgão e aprovado leis que visavam dar a machadada final na União Soviética. Em 12 de Junho de 1990, o I Congresso dos Deputados do Povo da Federação da Rússia, com 907 votos a favor e 13 contra, aprovou a «Declaração da soberania estatal da República Soviética Federativa Socialista da Rússia (RSFSR). Esta decisão provocou uma guerra jurídica entre a Rússia e a

URSS, sendo de salientar, por exemplo, o «Decreto sobre a Soberania Económica da Rússia», aprovado em 1 de Novembro de 1990.

> A fim de manter as garantias políticas, económicas e legais da soberania da RSFSR, estabelece-se: o poder total da RSFSR quando da tomada de quaisquer decisões sobre a vida estatal e social, salvo as que forem voluntariamente entregues à URSS; a supremacia da Constituição e das Leis da RSFSR em todo o seu território; a vigência dos actos da URSS que entrem em contradição com os direitos soberanos da RSFSR será suspensa pela República no seu território.
>
> Declaração da soberania estatal da RSFSR

Na arena internacional, os países satélites, aos primeiros sinais de abertura, debandaram do campo socialista. Com a chegada ao poder de Mikhail Gorbatchov, a «Doutrina de Brejnev», que limitava a soberania interna e externa dos países satélites, foi substituída pela «Doutrina de Sinatra», assim chamada por ter ido buscar o seu nome à canção *My Way* do famoso artista norte-americano. Em 1988, o movimento anticomunista polaco Solidariedade, criado em 1980 por Lech Walesa, electricista no Estaleiro Naval Lenine de Gdansk, conseguiu, depois de promover várias greves, obrigar o general Woijciech Jaruzelski a sentar-se à mesa das conversações e a aceitar a realização de eleições parlamentares multipartidárias em Junho do ano seguinte. Dessas eleições saiu o primeiro governo polaco não comunista depois do fim da II Guerra Mundial. Nestas movimentações e neste desfecho não se pode deixar de sublinhar o papel de João Paulo II, o primeiro papa eslavo, nos processos políticos do seu país, onde a Igreja Católica manteve sempre raízes profundas.

Também em 1988, o Partido Operário Socialista da Hungria substituiu o seu dirigente Janos Kadar, e o Parlamento desse país aprovou um «pacote democrático de leis» que previa, entre outras medidas, o pluralismo sindical, as liberdades de reunião e expressão, a criação de partidos políticos e a realização de eleições multipartidárias. Paralelamente, ocorrem profundas alterações no Tratado de Varsóvia. Em 1987, os membros deste pacto aprovaram uma nova doutrina militar «puramente defensiva», que previa a redução unilateral de armamento até ao patamar da «suficiência sensata». O Muro de Berlim foi derrubado em 9 de Novembro de 1989.

Queda do Muro de Berlim nas Portas de Brandemburgo, Novembro de 1989.

A URSS começou também a perder terreno em relação ao Ocidente na política externa, fazendo cedências que só foram possíveis devido à candura política de parte dos dirigentes soviéticos. Entre os acontecimentos mais importantes neste domínio é de assinalar a assinatura, em 8 de Dezembro de 1987, em Washington, do Tratado de Armas Nucleares de Médio Alcance (INF, na sigla em inglês), que entrou em vigor em Junho do ano seguinte. Segundo esse documento, soviéticos e norte-americanos comprometiam-se a não produzir, testar e instalar mísseis balísticos e de cruzeiro de alcance médio (entre 1000 km e 1500 km) e de curto alcance (de 100 km a 500 km). Além disso, as partes deviam, no prazo de três anos, destruir todas as bases terrestres de lançamento de mísseis com raio de acção entre 500 km e 5500 km, incluindo os mísseis instalados tanto na parte europeia como na asiática da URSS. Este foi o primeiro tratado na História sobre redução real de armamento, prevendo ainda processos de verificação por inspectores.

Além de factores como os antes mencionados, a desintegração da União Soviética foi acelerada pela tentativa de golpe de Estado, de 19 de Agosto de 1991, organizada por comunistas ortodoxos para derrubar o presidente

Gorbatchov. Embora tenha fracassado, abalou seriamente o poder do reformador soviético e incentivou as tendências separatistas. A URSS, enquanto entidade política una, foi sucedida pela Comunidade de Estados Independentes, organização amorfa, mas que impediu males maiores na divisão do Império Soviético.

> Devido à situação criada com a formação da Comunidade de Estados Independentes, ponho fim à minha actividade de presidente da URSS. Tomo esta decisão por considerações de princípio. Manifestei-me firmemente pela autonomia, pela independência dos povos, pela soberania das repúblicas. Mas, ao mesmo tempo, pela conservação da União, da integridade do país. Os acontecimentos avançaram por outra via. Venceu a política de dilaceração do país e a desintegração do Estado, com a qual não posso estar de acordo.
>
> Mikhail Gorbatchov, 25 de Dezembro de 1991

5.

FEDERAÇÃO DA RÚSSIA (1991-actualidade)

BORIS IELTSIN – A SEDE DE PODER

Nasceu numa aldeia (Butka) dos Urais, em 1 de Fevereiro de 1931. Tal como Gorbatchov, o futuro presidente da Rússia nasceu e cresceu numa família tipicamente soviética. O pai, Nikolai Ieltsin, operário da construção civil, foi também vítima da máquina repressiva estalinista. A mãe era costureira. Na infância, uma granada rebentou-lhe nas mãos quando tentava desmontá-la, tendo perdido dois dedos, o que lhe permitiu, mais tarde, escapar ao serviço militar. Depois de terminar a escola, ingressou na Faculdade de Construção do Instituto Politécnico dos Urais em 1950, tendo-se formado em Engenharia da Construção Civil. Em 1961, Ieltsin aderiu ao PCUS, onde iniciou a sua carreira política que o iria levar a Moscovo. Porém, antes disso, em 1977, cumpriu uma decisão do Bureau Político do CC do PCUS de destruir a «casa de Ipatiev», onde a família real russa tinha sido fuzilada pelos comunistas em 1918.

Em Abril de 1985, por recomendação de Egor Ligatchov, Gorbatchov chamou-o para Moscovo e nomeou-o chefe da Direcção de Construção do CC do PCUS. Em Junho do mesmo ano, foi eleito secretário do CC do PCUS para a Construção. Em Dezembro, Ieltsin passou a dirigir o Comité da Cidade de Moscovo do PCUS, tendo-se notabilizado por acções populistas como viagens nos transportes públicos e inspecções nas lojas. No XXVI Congresso do PCUS, em Fevereiro de 1986, foi eleito membro suplente do Bureau Político do CC do PCUS. Ieltsin começou a tecer fortes críticas a alguns membros da direcção soviética, incluindo Gorbatchov e Ligatchov, acusando-os de não darem o ritmo necessário à *perestroika*, mas foi obrigado a retratar-se.

Em 9 de Novembro de 1987, foi internado devido a uma presumível crise cardíaca, mas Gorbatchov, Rijkov e outros dirigentes comunistas

soviéticos afirmam que se tratou de uma tentativa de suicídio. Dois dias depois, num plenário do Comité de Moscovo do PCUS, Ieltsin reconheceu os seus erros, o que não evitou ser afastado da direcção desse órgão, mas Gorbatchov nomeou-o vice-presidente do Comité Estatal de Construção da URSS. A posição de Ieltsin reforçar-se-ia seriamente depois de ter sido eleito deputado do I Congresso de Deputados do Povo da URSS, em 26 de Marco de 1989. Em Moscovo, conseguiu o apoio de 91,53% dos votos, infligindo uma derrota humilhante ao candidato comunista Evgueni Brakov. Gorbatchov tentou impedir a sua eleição para membro do Soviete Supremo da URSS, mas perdeu, pois um dos eleitos para esse órgão, A. Kazankin, cedeu-lhe o lugar.

Boris Ieltsin viu-se envolvido em escândalos e incidentes pouco claros. As autoridades comunistas atribuíam-nos ao álcool, mas essas acusações apenas contribuíram para o aumento da sua popularidade entre os russos. Em 16 de Maio de 1989, venceu as eleições para deputado do povo da Federação da Rússia e, no dia 29, foi eleito, à terceira tentativa, presidente do Soviete Supremo da RSFSR. Vendo o seu poder legitimado e reforçado, abandonou o PCUS no Verão de 1990 e, em 19 de Fevereiro de 1991, exigiu, numa intervenção televisiva, a demissão de Mikhail Gorbatchov e a entrega do poder ao Conselho da Federação, organismo que devia reunir os dirigentes das 15 repúblicas soviéticas.

Em 12 de Junho de 1991, Ieltsin, nas primeiras eleições presidenciais realizadas na Rússia, foi eleito com 57,30% dos votos, o que lhe deu uma legitimidade bem mais sólida do que a que detinha Gorbatchov. Quando o seu adversário político ficou isolado na tentativa de golpe de Estado de 19 de Agosto de 1991, Boris Ieltsin dirigiu a onda popular de descontentamento contra essa e outras medidas dos golpistas comunistas e, depois de os vencer, aproveitou também a oportunidade para se livrar de Gorbatchov ao enveredar claramente pela via do desmembramento da União Soviética.

Depois de várias tentativas falhadas de Gorbatchov para salvar o que ainda era possível da URSS, Ieltsin reuniu-se com os dirigentes da Ucrânia e da Bielorrússia e dissolveram a União Soviética. A perspectiva de que a independência política e económica da Rússia permitiria a solução dos numerosos problemas que o país enfrentava não se concretizou. Pelo contrário, a Rússia mergulhou numa profunda crise

económica e social, não obstante a terapia de choque realizada pelo primeiro-ministro liberal Egor Gaidar.

Afastado Gorbatchov, Ieltsin lançou-se num longo e duro confronto com o Soviete Supremo da Rússia, onde a oposição à sua política era forte. Por exemplo, em 10 de Dezembro de 1992, o presidente foi obrigado a substituir Gaidar por Victor Tchernomirdin à frente do Governo russo. As dissensões entre Ieltsin e o Soviete Supremo eram cada vez mais graves e transformaram-se num violento embate. Em 3 de Outubro de 1993, depois de destacamentos de apoiantes do Parlamento terem atacado vários edifícios em Moscovo, tanques das Forças Armadas da Rússia dispararam contra o edifício do Soviete Supremo, obrigando-o à rendição.

Ieltsin convocou eleições parlamentares e um referendo sobre a nova Constituição da Rússia para 12 de Dezembro, mas os resultados foram-lhe claramente desfavoráveis. A nova lei suprema foi aprovada por 58,4% dos votos, mas a Duma Estatal (câmara baixa) do Parlamento da Rússia passou a ser controlada por comunistas e nacionalistas. O presidente russo também foi incapaz de impedir a sangrenta guerra na Chechénia, o que não contribuiu para a sua popularidade. Esta era tão baixa que foi necessário falsificar os resultados das eleições presidenciais de 1996 para que fosse reeleito.

O poder concentrava-se cada vez mais nas mãos de um grupo de oligarcas que se tinham apoderado de forma pouco transparente dos sectores mais rentáveis da economia russa: extracção de gás e petróleo, metalurgia, siderurgia, etc. O baixo preço do petróleo e do gás, as dificuldades económicas cada vez maiores, os gastos com a guerra da Chechénia e a corrupção levaram o Estado a declarar falência no dia 17 de Agosto de 1998. Preocupada com a degradação da situação política, económica e social, a «corte do czar Boris» tentou encontrar uma saída: a demissão antecipada de Ieltsin do cargo de presidente e a sua substituição por um homem da sua confiança.

O patriarca de Moscovo Alexis II, o primeiro-ministro Vladimir Putin e o presidente Ieltsin no Kremlin, Dezembro de 1999.

No último dia do século XX, Boris Ieltsin demitiu-se e entregou o poder a um coronel pouco conhecido dos serviços secretos russos: Vladimir Putin, que poucos meses antes fora nomeado primeiro-ministro. Como foi possível verificar mais tarde, a aposta da oligarquia russa foi funesta para si mesma. Boris Berezovski, que se dizia o «descobridor» de Putin, fugiu para Londres, onde morreu de forma misteriosa, e Mikhail Khodorkovski, dono da petrolífera Yukos, foi preso e condenado a uma pena de dez anos de prisão. Os restantes magnatas tornaram-se obedientes. Isolado numa datcha presidencial, ou melhor, numa gaiola dourada nos arredores de Moscovo, Ieltsin faleceu em 23 de Abril de 2007.

O separatismo na Rússia

Paralelamente aos movimentos separatistas na União Soviética, surgiam movimentações idênticas no interior da própria Rússia, sendo o caso da Chechénia o mais sério. O território da Chechénia passou a fazer parte do Império Russo durante a Guerra do Cáucaso, que decorreu entre 1817 e 1864. Após a revolução comunista de Outubro de 1917, o Cáucaso foi alvo de numerosas alterações territoriais, realizadas ao sabor das experiências dos bolcheviques no campo das nacionalidades. Em 1942 e 1943, as tropas nazis ocuparam parte da Chechénia, então uma república autónoma da Rússia, que foi reconquistada pelo Exército Vermelho em 1944. Esse ano transformou-se num dos mais negros da história dos chechenos e de outros povos caucasianos. No dia 31 de Janeiro de 1944, o Comité de Estado de Defesa da URSS decidiu deportar todos os chechenos e inguches para a Quirguízia e o Cazaquistão,

alegadamente por terem colaborado com os ocupantes alemães. Em poucas semanas, foram deportadas cerca de 650 mil pessoas. A república autónoma foi desfeita e o seu território dividido entre a região russa de Stavropol, a Geórgia, o Daguestão e a Ossétia do Norte.

A reabilitação desses povos chegou em 1956 e a República Autónoma Socialista Soviética da Chechénia-Inguchétia foi restabelecida no ano seguinte. Com vista a compensar um dos muitos crimes do ditador comunista José Estaline, o seu sucessor, Nikita Khruschov, integrou na Chechénia dois distritos da região de Stavropol, mas à Inguchétia não foi devolvido o território entregue à Ossétia do Norte, o que originou um sangrento conflito armado em 1992, rapidamente controlado, mas ainda por resolver. Em Novembro de 1990, o Soviete Supremo da República Autónoma Socialista Soviética da Chechénia-Inguchétia aprovou a Declaração de Autonomia e, no ano seguinte, chechenos e inguches voltaram a viver em repúblicas separadas. Entretanto, na Chechénia, começa a destacar-se a figura de Djokhar Dudaev, general do Exército Soviético, de origem chechena, que prestou serviço militar na Estónia e regressou à sua república em 1991, para dirigir o Congresso Nacional do Povo Checheno (CNPCh).

É de assinalar que os dirigentes do movimento autonomista, e depois, separatista, na Chechénia, eram chechenos que fizeram carreira fora dessa república. A elite local estava integrada no sistema administrativo e burocrático soviético e não estava interessada em mudanças radicais. A base do nacionalismo e separatismo era constituída pelos chechenos que tiveram de abandonar a sua terra por falta de trabalho depois de terem regressado do exílio em 1956, bem como aqueles que continuavam a ser discriminados e não se integraram «na nova comunidade histórica de pessoas: o povo soviético».

O CNPCh começou, desde o início da sua actividade, a desenvolver esforços com vista à criação de estruturas paralelas de poder. Em 6 de Setembro de 1991, destacamentos armados do CNPCh progatonizaram um levantamento militar e dissolveram o Soviete Supremo da Chechénia, sob o pretexto de que a organização chechena do PCUS tinha apoiado os golpistas em 19 de Agosto de 1991. Em 27 de Outubro do mesmo ano, Djokhar Dudaev foi eleito presidente da República da Chechénia e, no dia 1 de Novembro, proclamou a independência, passo que não foi reconhecido pelas autoridades russas. Uma semana depois, o presidente da Rússia, Boris Ieltsin, assinou o decreto «sobre a imposição do estado de emergência na República da Chechénia-Inguchétia», mas essa decisão não foi apoiada pelo Soviete Supremo da Rússia, onde a maioria dos deputados eram opositores do dirigente russo.

Os três anos seguintes foram caracterizados por um reforço das posições dos separatistas na Chechénia e pela instabilidade nas relações com Moscovo. Em 3 de Março de 1992, Dudaev anunciou que a Chechénia só se sentaria à mesa das conversações com os dirigentes russos depois de Moscovo reconhecer a sua independência. No dia 12, o Parlamento da Chechénia aprovou uma nova Constituição, que a declarava um Estado independente laico. Esta situação de indefinição levou a que milhares de russos, voluntária ou involuntariamente, tenham abandonado a república, agravando as já difíceis condições sociais e económicas, uma vez que, por exemplo, 70% da população não tinha emprego. Além disso, a economia chechena tornou-se rapidamente um terreno de criminalidade, com todo o território da Chechénia a transformar-se num centro de tráfico de armas, venda ilegal de petróleo, lavagem de dinheiro e pilhagens de meios de transportes. Em 1993, registaram-se ataques contra 559 comboios e foram pilhadas 4000 carruagens. Entretanto, Moscovo tentou organizar a oposição chechena ao general Dudaev, com vista a «vietnamizar» o conflito.

A propaganda russa falava de um grande descontentamento no interior da república em relação à política de Djokhar Dudaev e, em finais de 1993, a oposição deu início a uma guerra de guerrilha e, no Verão do ano seguinte, pediu ajuda à Rússia. Em 26 de Novembro

de 1994, os órgãos de informação russos noticiaram que forças armadas da oposição a Dudaev, apoiadas por 40 tanques, entraram em Grozni, mas foram derrotadas. Constatou-se que os tanques que foram queimados ou capturados eram tripulados por militares russos contratados pelos serviços secretos nos quartéis dos arredores de Moscovo. Apesar da derrota, esta investida russa pode ser considerada a primeira operação de duas guerras (1994-1996 e 2001-2009) com um número incalculável de vítimas entre civis e militares.

Após a chegada de Vladimir Putin ao poder, em 1999, foi lançada uma forte e maciça operação para esmagar o movimento separatista, tendo sido liquidados os principais comandantes da guerrilha. À frente da República, o dirigente russo pôs um antigo guerrilheiro independentista, Ramzan Kadyrov, que governa a Chechénia com mão de ferro.

PUTIN, O SALVADOR

Em 30 de Dezembro de 1999, na véspera de ser nomeado presidente interino da Rússia, Vladimir Putin publicou na imprensa russa um artigo programático sobre o futuro do país, no qual prometeu entre outras coisas: «Para atingir o PIB *per capita* de Portugal ou de Espanha, que não são considerados líderes da economia mundial, precisaremos de cerca de 15 anos.» Com esta comparação, o líder russo sublinhava o estado de atraso em que se encontrava a economia do país.

Vinte anos passados, verifica-se que aquilo não passou de uma promessa. Não obstante as pesadas crises económicas que atravessaram Portugal e Espanha, aquela promessa de Putin não foi cumprida, tal como muitas outras.

Vladimir Putin começou a sua carreira política na cidade de Leninegrado (São Petersburgo), depois de ter trabalhado longos anos nos serviços secretos soviéticos.

Em 1996, depois da derrota do seu chefe Anatoli Sobtchak, presidente da Câmara de São Petersburgo, nas eleições municipais, Putin foi para Moscovo, onde passou a ocupar cargos de responsabilidade na Administração de Ieltsin. Em Julho de 1998, foi nomeado director do Serviço Federal de Segurança da Rússia. É a partir desse momento que começa a rodear-se de homens dos serviços secretos e de São Petersburgo. Em 16 de Agosto do ano seguinte, foi nomeado primeiro-ministro da Rússia e, nesse mesmo dia, o «czar» Boris anunciou pela televisão que o queria ver como seu sucessor.

Presidente russo Vladimir Putin, Março de 2018.

Anteriormente, de forma directa ou indirecta, o presidente já tinha nomeado vários sucessores, nomeadamente o liberal Boris Nemtsov, e, como um déspota cada vez mais senil, mudava de ideias, ou talvez seja mais plausível que a sua corte o tenha feito mudar de ideias. Boris Berezovski, oligarca e eminência parda do Kremlin, dizia ter sido um dos impulsionadores dessa decisão. As eleições parlamentares e presidenciais aproximavam-se e era preciso alguém que substituísse Ieltsin e continuasse a ser manipulado.

Estas manobras políticas coincidiram com o recrudescimento do conflito na Chechénia. Em várias cidades russas, como Moscovo, Buinaksk e Volgodonsk, ocorreram fortes explosões em edifícios residenciais, provocando 307 mortos e 1700 feridos. O terror e o medo pareciam apoderar-se novamente dos russos. Neste contexto, o Governo de Vladimir Putin lançou fortes ataques contra os separatistas chechenos, obrigando-os a abandonar Grozni e a refugiarem-se nas montanhas. A popularidade do jovem primeiro-ministro cresceu rapidamente. Em 31 de Dezembro de 1999, depois de se comprometer por escrito a garantir a

segurança da família Ieltsin, Putin recebeu dele o poder na presença de Alexis II, patriarca da Igreja Ortodoxa Russa. Terminava assim a era de um dos políticos mais demagogos e populistas da História da Rússia.

Desde o primeiro momento que Putin, a pretexto da luta contra o separatismo e o terrorismo, começou a edificar um sistema de concentração de poderes no Kremlin em prejuízo da democracia. É opinião corrente que o dirigente russo pôs fim ao regime oligárquico na Rússia, o que não passa de um dos muitos mitos criados pelos órgãos de informação controlados pelo Kremlin. Vladimir Putin criou uma nova espécie de feudalismo. Os lugares dos antigos oligarcas e os que ainda havia para preencher foram ocupados por fiéis agentes do KGB ou amigos de Vladimir Putin de São Petersburgo. É verdade que, na era de Putin, o nível de vida de grande parte dos russos melhorou, a classe média aumentou, mas isso deveu-se apenas à subida do preço do petróleo e do gás nos mercados internacionais. Logo que o preço dos combustíveis baixou no mercado externo, a economia russa ressentiu-se de imediato, nomeadamente porque Putin não cumpriu duas das suas mais importantes promessas: a modernização e a diversificação dos sectores de produção.

> E, agora, decidi revelar o nome do homem que, penso eu, será capaz de consolidar a sociedade, apoiando-se nas mais amplas forças políticas, garantir a continuação das reformas na Rússia. Poderá unir à sua volta os que deverão renovar a grande Rússia. Trata-se de Vladimir Vladimirovitch Putin, secretário do Conselho de Segurança, director do Serviço Federal de Segurança.
>
> Boris Ieltsin, Agosto de 1999

A aproximação à Europa

Inicialmente, tudo parecia encaminhar-se para uma maior aproximação entre a Rússia e o Ocidente, em especial após os atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001 nos Estados Unidos. Nessa altura, em que o chefe da diplomacia russa era Igor Ivanov, as autoridades russas tentaram reconquistar a sua influência geopolítica e aproveitar-se do dinamismo europeu para estimular o desenvolvimento nacional, ao mesmo tempo que a UE recorria cada vez mais aos fornecimentos de gás russo e via na Rússia um dos principais mercados para o escoamento dos seus produtos e serviços.

Além disso, o crescimento dos laços económicos ocorre numa base institucional, o que favorece esse processo. Em Maio de 2003, foi anunciada, na Cimeira Rússia-UE, a criação de quatro espaços: o espaço económico único; o espaço comum de liberdade, segurança e justiça; o espaço de cooperação na área da segurança externa e o espaço da ciência e da educação.

Todavia, acções como a invasão norte-americana do Iraque, realizada com o apoio de alguns países da União Europeia em 2003, reflectiram-se não só nas relações entre a Rússia e os Estados Unidos mas, também, no relacionamento com a Europa.

A UE continuava a alargar-se rapidamente. Em 2004, aderiram a esta organização nove países, oito dos quais antigos Estados do campo socialista, aumentando no Kremlin o receio de a Rússia ser marginalizada. Além disso, Moscovo viu, nas chamadas «revoluções coloridas» em antigos territórios soviéticos (Geórgia em 2003, Ucrânia em 2004 e Moldávia em 2009, 2013), formas de retirar esses países da esfera de influência russa e ensaios para derrubar o próprio regime de Vladimir Putin.

Oleodutos e gasodutos que ligavam a Rússia à Europa em 2013, mapa da U.S. Energy Information Administration*: «Toda, ou a maior parte, do crude e do gás transportados nos *pipelines* provém da Rússia.»

Do outro lado, o descontentamento da UE em relação ao Kremlin começou a aumentar com o início do segundo mandato do presidente Putin (2004-2008), mantendo-se por muitos anos. A UE acusava-o de violações sistemáticas dos direitos humanos, das liberdades cívicas e da imposição de um sistema autoritário. Além do mais, Bruxelas considera que a Rússia recorre, cada vez mais, aos fornecimentos de combustíveis como arma política de pressão.

Pelos vistos, quando chegou ao poder, e principalmente depois dos atentados de 11 Setembro de 2001, o dirigente russo esperava, a troco do

seu apoio à luta contra o terrorismo islâmico, ser recebido de braços abertos no mundo ocidental e na condição de o Ocidente reconhecer o espaço pós-soviético como zona de influência russa. Ora, isso não aconteceu. Em 2003, a despeito dos protestos do Kremlin (verdade seja dita, desta vez sensatos e justos), as tropas norte-americanas invadiram o Iraque sob o falso pretexto de o ditador Saddam Hussein deter armas de destruição maciça.

Esta nova política materializou-se em Agosto de 2008, quando tropas russas invadiram a Geórgia a pretexto de defender os interesses dos «cidadãos russos residentes na Ossétia do Sul», região separatista da Geórgia.

Então, a UE e os Estados Unidos limitaram-se a protestos verbais, o que levou o Kremlin a considerar que podia ir mais longe na política agressiva em relação aos países vizinhos. Se, quando a Rússia invadiu a Geórgia em 2008, o Ocidente tivesse exercido represálias efectivas, talvez Moscovo não ousasse invadir a Ucrânia nem anexar a Crimeia em 2014, mas o mesmo Ocidente ficou-se pelas palavras, uma vez mais, quando, em de Setembro de 2014, o Kremlin reconheceu a independência da Ossétia do Sul e da Abcásia em relação à Geórgia.

UCRÂNIA: O POMO DA DISCÓRDIA

No dia 21 de Fevereiro de 2014, tendo como pano de fundo grandes manifestações de protesto e pressionado fortemente pela UE e pelos Estados Unidos, Viktor Ianukovitch, então presidente ucraniano, assinou um acordo sobre a normalização da situação na Ucrânia, tendo como intermediários três ministros dos Negócios Estrangeiros de países da UE: Alemanha, Polónia e França. Entre outras questões, o documento previa uma reforma constitucional, no sentido de retirar poderes ao presidente a favor do Parlamento e do Governo, e a realização de eleições presidenciais antecipadas até Dezembro de 2014. Ora este foi um dos principais erros da União Europeia em todo este processo: se no acordo estavam as assinaturas de três ministros de países da União Europeia, Bruxelas deveria ter feito tudo para que ele fosse cumprido à letra, permitindo uma transição legítima do poder. Mas aconteceu exactamente o contrário. No dia seguinte à assinatura, Ianukovitch fugiu de Kiev e a

oposição tomou o poder sob os aplausos de numerosos políticos, ministros e parlamentares ocidentais.

Do ponto de vista político, o não cumprimento do acordo entre Ianukovitch e a oposição foi a primeira, e mais importante, justificação para a Rússia preparar terreno com vista a intervir directa e abertamente na crise ucraniana. O dirigente russo considerou que a Ucrânia escaparia à esfera de influência da Rússia e tenderia a integrar a NATO. Foi a partir desse momento que Moscovo lançou uma fortíssima campanha de propaganda, tanto dentro como fora da Rússia, alegando que os acontecimentos em Kiev não passaram de um golpe de Estado realizado por neonazis. Na mesma noite, Ianukovitch abandonou apressadamente Kiev e a explicação para essa decisão é simples: não quis ter o mesmo destino de outras figuras políticas conhecidas, como Ceaucescu ou Kadhafi, por exemplo. E, na realidade, seria esse o seu destino mais provável caso não fugisse a tempo.

Anexação da Crimeia pela Rússia

A Crimeia e os territórios adjacentes foram conquistados ao Império Otomano pela Rússia nos séculos XVIII e XIX, sendo os principais objectivos dominar o mar Negro e, se possível, controlar os estreitos marítimos que dão acesso ao Mediterrâneo. O segundo objectivo não foi conseguido, mas a Crimeia passou a fazer parte do Império Russo e, depois, da União Soviética. Em 26 de Abril de 1954, a fim de comemorar os 300 anos da Rada de Pereiaslav, em que parte da Ucrânia reconheceu o poder da Rússia, Nikita Khruschov, secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, decidiu alterar os dados: a Crimeia saiu da Federação Socialista Soviética da Rússia para integrar a República Socialista Soviética da Ucrânia, deliberação que foi aprovada pelo Presidium do Soviete Supremo da URSS, órgão máximo do país. Na altura, a decisão não provocou discussões, pois os dirigentes comunistas consideravam o seu poder eterno e, por isso, seria indiferente onde se integraria a Crimeia. A propósito, o cortar e recortar de fronteiras administrativas no interior da URSS foi uma prática comum até aos anos 1950 do século XX.

Aquando do desmoronamento da União Soviética, em Dezembro de 1991, os dirigentes da Rússia e da Ucrânia não levantaram a questão da pertença da Crimeia. Boris Ieltsin, então presidente russo, estava mais

concentrado em consolidar o seu poder e o da sua família do que discutir a revisão de fronteiras com o país vizinho, tanto mais que na Crimeia continuaram a existir bases navais russas. É claro que com regularidade se ouviam vozes a exigir a devolução da Crimeia, mas era difícil imaginar que Moscovo enveredasse pela invasão desse território. Porém, o Kremlin considerou que se em 2008 a UE e os Estados Unidos se resignaram com a invasão do território da Geórgia pelo exército russo, porque iriam mudar em 2014? Tanto mais que, presumivelmente, tudo seria feito com base em precedentes e em conformidade com o Direito Internacional.

Em 21 de Fevereiro, um grupo de manifestantes pró-russos organizou, junto do edifício do Soviete Supremo da Crimeia, uma manifestação anunciando o não-reconhecimento das novas autoridades de Kiev, e exigiu a separação da Crimeia em relação à Ucrânia e a criação de um Estado independente. Os opositores dessas reivindicações foram impedidos de se manifestar por cerca de cem jovens de um autodenominado Exército de Libertação Popular. No dia 26 de Fevereiro, os tártaros, povo autóctone da Crimeia, organizaram um comício com o objectivo de cercar o edifício do Soviete Supremo e de impedir a aprovação da decisão sobre a integração da Crimeia na Rússia. Os tártaros não se esqueceram da deportação para a Sibéria a que foram sujeitos em 1943 e as dificuldades que o poder comunista levantou ao seu regresso à terra natal depois da morte de Estaline, em 1956. Durante o domínio da Ucrânia, tinham espaço para lutar pelos seus direitos: devoluções de casas, terras, etc., mas receavam, e com razão, que o regresso à Rússia fosse o fim de muitas das suas aspirações.

No mesmo local, e paralelamente ao comício dos tártaros, realizava-se mais um comício pró-russo. Os confrontos entre manifestantes provocaram dois mortos e trinta feridos. Em 27 de Fevereiro, dois grupos de desconhecidos, mas fortemente armados e com boa preparação militar, ocuparam os edifícios do Soviete Supremo e do Governo da Crimeia, içaram bandeiras russas e barricaram todas as entradas. No edifício bloqueado do Parlamento, os deputados demitiram o Governo pró-ucraniano, nomearam um novo Governo pró-russo, e marcaram um referendo «sobre questões do aperfeiçoamento do estatuto e prerrogativas» da região.

Porém, os acontecimentos precipitaram-se rapidamente à medida que homens armados mascarados, sem qualquer identificação nos seus camuflados, mas fortemente equipados, começaram a ocupar postos estratégicos da península, cercando mesmo quartéis ucranianos. Inicialmente, Moscovo recusava-se a reconhecer nesses «homenzinhos de verde», como ficaram conhecidos pela sua farda, militares dos seus destacamentos especiais, mas, quando já era praticamente impossível esconder essa presença militar, tentou legitimá-la.

O novo Governo recusou-se a reconhecer as autoridades de Kiev, apelou à ajuda russa e antecipou a realização do referendo para 16 de Março com uma pergunta completamente diferente, mas mais precisa: sobre a saída da Ucrânia e a integração na Rússia. A maioria da população da Crimeia até poderia estar a favor da adesão à Rússia, mas a forma como o referendo foi feito, sob regime de ocupação militar e sem controlo internacional, fere-o na sua legitimidade. Contudo, para Moscovo, esse facto era irrelevante. Por isso, tendo conseguido o apoio de 96,77% dos votantes, o Governo da Crimeia declarou a independência da península e, no dia seguinte, foi assinado o acordo de integração da Crimeia na Rússia.

Vasos de guerra russos da Frota do Mar Negro. Sebastopol, Julho de 2020.

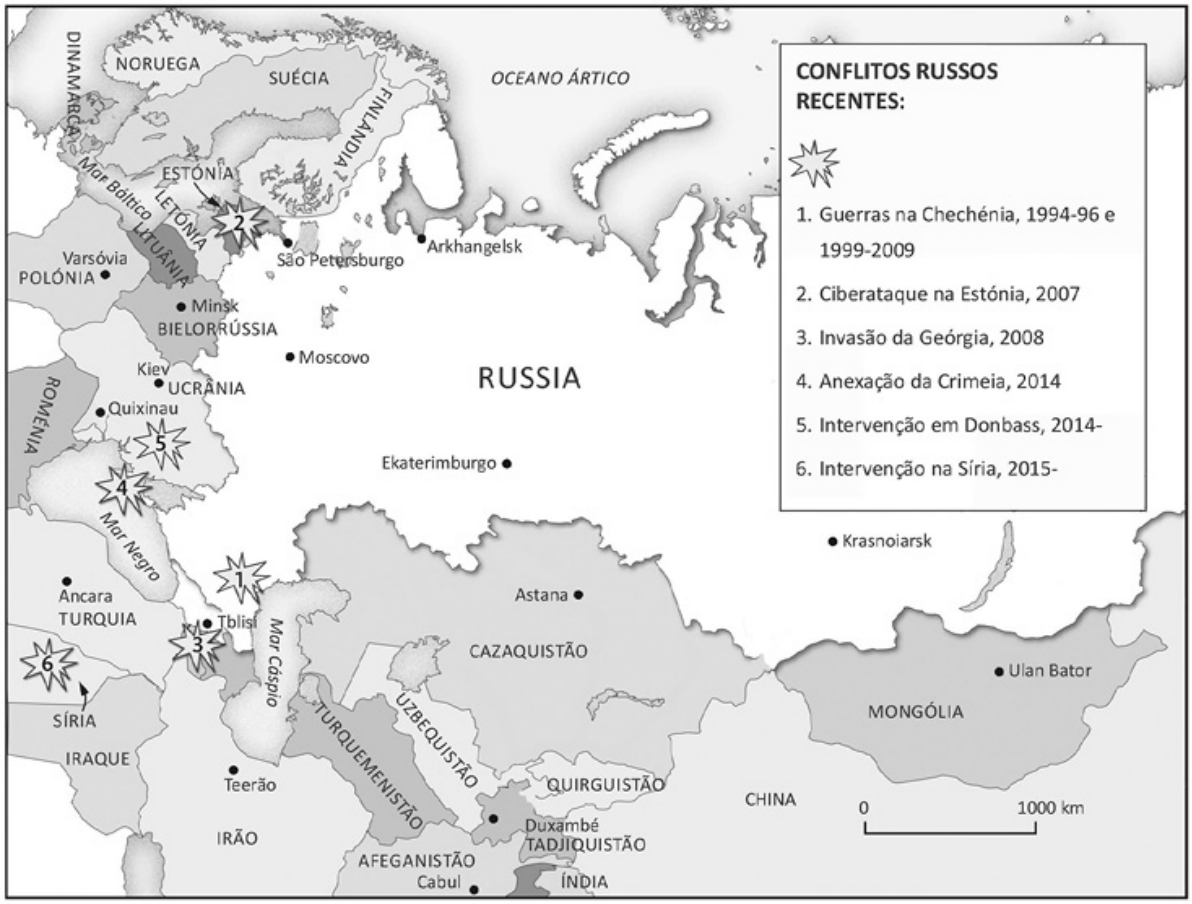
Uma das mais importantes explicações apresentadas por Moscovo para justificar a anexação desse território, entre várias, foi o chamado «precedente do Kosovo», uma tese claramente falsa, pois o Kremlin foi além desse precedente. Se o Kosovo se transformou num Estado independente, a Crimeia foi pura e simplesmente absorvida pela Rússia. Quanto à outra explicação, a «protecção da população russófona», não é convincente, pois a situação política na Crimeia era relativamente calma. Além disso, a Rússia violou um dos principais acordos internacionais do pós-Guerra Fria: o Acordo de Bucareste, de 1994. Segundo esse documento, as potências nucleares garantiam a integridade territorial da Ucrânia e do Cazaquistão, caso estes entregassem as armas nucleares que tinham herdado da URSS. Ao ocupar a Crimeia, Moscovo rasgou mais esse importante tratado.

SANÇÕES INTERNACIONAIS

A anexação da Crimeia determinou um ponto de viragem nas relações entre a Rússia e os Estados Unidos, por um lado, e entre a Rússia e a UE, por outro. Na circunstância, o Ocidente não começou de imediato a decretar sanções contra a Rússia, ameaçou apenas tomar medidas caso Moscovo anexasse a Crimeia. Todavia, desta vez, os países ocidentais reagiram com alguma firmeza e Moscovo foi surpreendida pela queda brusca do preço do petróleo nos mercados internacionais. Em meados de Março de 2014, depois da anexação da Crimeia, o chamado bloco ocidental (EUA, UE, Austrália, Nova Zelândia e Canadá) passou das palavras aos actos e decidiu o congelamento dos activos bancários e a proibição de concessão de vistos a um amplo grupo de políticos e funcionários públicos ligados à anexação da Crimeia. Além disso, foram impostas limitações a empresas ocidentais que mantêm negócios em diferentes sectores, nomeadamente no sector industrial e militar. A lista de sanções voltou a ser alargada devido ao apoio militar russo aos separatistas no Leste e Sul da Ucrânia e ao derrube do avião comercial malaio, em 17 de Julho de 2014, nos céus de Donetsk. A Rússia respondeu com a limitação da importação de toda uma série de produtos alimentares dos países que aprovaram sanções contra si. O país deixou de importar carne, peixe, vegetais, fruta e lacticínios dos EUA, da UE, da Noruega, da Austrália e do Canadá.

A ameaça de viragem para o Oriente

Nos últimos anos, e especialmente depois do início da crise da Ucrânia nos finais de 2013 e em 2014, muito se tem falado da possibilidade de o Kremlin se «virar de frente para o Oriente e de costas para o Ocidente». As sanções económicas e financeiras dos Estados Unidos e da UE atiçaram, ainda mais, esses ânimos entre determinados sectores da elite política próxima de Vladimir Putin. Neste contexto, é muito actual a questão da possibilidade de uma aliança estratégica entre a Rússia e a China, sonho alimentado pela propaganda do Kremlin. Efectivamente, é verdade que, nos últimos anos, as trocas comerciais e os contactos políticos entre Moscovo e Pequim têm registado avanços significativos. Além disso, e principalmente depois do início das sanções ocidentais contra a Rússia, devido à anexação da Crimeia, e ao apoio aos separatistas pró-russos no Leste da Ucrânia, o Kremlin assinou com Pequim um conjunto de acordos que pretendem mostrar que a Rússia pode dar-se ao luxo de virar as costas ao Ocidente e virar-se para o Oriente. Além disso, a guerra económica desencadeada por Donald Trump contra a China veio dar novo alento à ideia do reforço do eixo Pequim-Moscovo.


CONFLITOS RUSSOS RECENTES:
1. Guerras na Chechénia, 1994-96 e 1999-2009
2. Ciberataque na Estónia, 2007
3. Invasão da Geórgia, 2008
4. Anexação da Crimeia, 2014
5. Intervenção em Donbass, 2014-
6. Intervenção na Síria, 2015-
DINAMARCA
NORUEGA
SUÉCIA
OCEANO ÁRTICO
FINLÂNDIA
Mar Báltico
ESTÓNIA
LETÓNIA
LITUÂNIA
São Petersburgo
Arkhangelsk
Varsóvia
POLÓNIA
Minsk
BIELORRÚSSIA
Moscovo
RUSSIA
Kiev
UCRÂNIA
ROMÉNIA
Quixinau
Ekaterimburgo
Krasnoiarsk
Mar Negro
Ancara
TURQUIA
Tblisi
Astana
Mar Cáspio
CAZAQUISTÃO
Ulan Bator
MONGÓLIA
SÍRIA
IRAQUE
TURQUEMENISTÃO
UZBEQUISTÃO
QUIRGUISTÃO
CHINA
Teerão
IRÃO
Duxambé
TADJIQUISTÃO
AFEGANISTÃO
Cabul
ÍNDIA
0
1000 km

Putin e Xi Jinping cumprimentam-se durante uma cimeira bilateral em Brasília, Novembro de 2019.

No plano interno, Putin tomou uma série de medidas para se eternizar no poder, nomeadamente através de uma revisão constitucional que lhe permite ficar no poder para além de 2024. Desencadeou também uma gigantesca onda de repressão contra a oposição extra-parlamentar e contra os seus líderes, sendo de frisar a tentativa de envenenamento de Alexei Navalny em 2020.

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

As Publicações Dom Quixote fizeram todos os esforços para encontrar os proprietários dos direitos de autor das imagens que integram o livro e obter as respectivas permissões de utilização. A editora lamenta eventuais erros ou omissões na lista abaixo e rectifica-a em reedições e reimpressões futuras.

*

p. 23: *Slavs serving their Gods on the island of Rujan (Rigen, Rügen)*, autor desconhecido, reproduzido por PANONIAN / Wikimedia Commons CC0.

p. 25: *The Invitation of the Varangians: Rurik and his brothers arrive in Staraya Ladoga*, Viktor Vasnetsov, reprodução de Butko / Wikimedia Commons.

p. 27: Album / Fotobanco.pt

p. 31: *Vladimir II Monomakh, ruler of Kievan Rus' (1113 – 1125)*, autor desconhecido, reprodução de Musketeer88 / Wikimedia Commons.

p. 33: *Tale of Bygone Years*, de Nestor: Radziwill Letopis, fol. 14v Miniature: *Oleg of Novgorod's campaign against Constantinople (s. Rus'–Byzantine War 907)*, reprodução de Alexandar R. / Wikimedia Commons.

p. 34: Igreja da Intercessão no Nerl em Bogolyubovo, perto de Vladimir, Rússia, reprodução de A. Savin / Wikimedia Commons.

p. 40: Ícone de Alexandre Nevsky, autor desconhecido, reprodução de Shakko / Wikimedia Commons.

p. 46: *The Trinity*, Andrei Rublev, reprodução de Alex Bakharev / Wikimedia Commons.

p. 48: *Trinity-Sergius Lavra - Sergius of Radonezh blessing Dmitri Donskoi before the Battle of Kulikovo*, Ernst Lissner, reprodução de Alex Bakharev / Wikimedia Commons.

p. 49: *The Moscow Kremlin in the era of Dmitry Donskoy*, Apollinary Vasnetsov, reprodução de Bogomolov.PL / Wikimedia Commons.

p. 56: *Opritchniki*, Nikolai Nevrev, reprodução de Proktolog / Wikimedia Commons.

p. 57: *Yermak's Conquest of Siberia*, Vasily Surikov, reprodução de DcoetzeeBot / Wikimedia Commons.

p. 59: *Red Square in Moscow*, Fyodor Yakovlevich Alekseyev, reprodução de DcoetzeeBot / Wikimedia Commons.

p. 62: *Michael I of Russia, the first tsar of the Romanov-Dynasty (1613 - 1645)*, Johann Heinrich Wedekind, reprodução de Musketeer88 / Wikimedia Commons.

p. 68: Sovfoto-UIG/ AGE/ Fotobanco.pt

p. 70: *Barge Haulers on the Volga*, Ilya Repin, reprodução de Dmitry Rozhkov / Wikimedia Commons.

p. 74: *Peter I the Great*, Paul Delaroche, reprodução de Themadchopper / Wikimedia Commons.

p. 78: *Portrait of Anton Divier (1682 (?)-1754), the First General-Chief of St Petersburg Police*, autor desconhecido, reprodução de Ctac / Wikimedia Commons.

p. 84: *Empress Catherine II visiting Mikhail Lomonosov*, Ivan Feodorov, reprodução de Dmitry Rozhkov / Wikimedia Commons.

p. 91: *António Nunes Ribeiro Sanches*, autor desconhecido, reprodução de Pícaro / Wikimedia Commons.

p. 92: Sovfoto-UIG/ AGE/ Fotobanco.pt

p. 94: *View of the Palace Embankment,* Karl Beggrov, reprodução de Paul Kaganer / Wikimedia Commons.

p. 108: *Fire of Moscow*, Viktor Mazurovsky, reprodução de Hohum / Wikimedia Commons.

p. 112: *Tsarskoselskaya Railway*, Karl Beggrov, reprodução de Kapakopym / Wikimedia Commons.

p. 113: *The Siege of Sebastopol*, George Baxter, reprodução de Natox / Wikimedia Commons.

p. 114: *Portrait of Alexander Pushkin*, Vasily Mate, reprodução de Dmitry Rozhkov / Wikimedia Commons.

p. 119: *O Assassínio de Inês de Castro*, Karl Briullov, reprodução de Shakko / Wikimedia Commons.

p. 121: «Alaska Purchase, 1867, zoomable map, Frank Leslie's Illustrated», House Divided: The Civil War Research Engine at Dickinson College, https://hd.housedivided.dickinson.edu/node/46378.

p. 124: *Sophia Perovskaya*, autor desconhecido, reprodução de INeverCry / Wikimedia Commons.

p. 125: *Coronation of Emperor Alexander III and Empress Maria Feodorovna*, Georges Becker, reprodução de Ras67 / Wikimedia Commons.

p. 130: *Photograph of Leo Tolstoy and Anton Tchekhov at Yalta, 1900*, autor desconhecido, reprodução de Goszei / Wikimedia Commons.

p. 132: *Original cast of Tchaikovsky's ballet,* The Sleeping Beauty*, Saint Petersburg, 1890*, autor desconhecido, reprodução de Barrie / Wikimedia Commons.

p. 134: *Georgi Plekhanov*, autor desconhecido, reprodução de Spider / Wikimedia Commons.

p. 135: Sovfoto-UIG/ AGE/ Fotobanco.pt

p. 144: World History Archive/ AGE/ Fotobanco.pt

p. 146: *Grigori Rasputin* (1864-1916*)*, autor desconhecido, reprodução de AtomCrusher / Wikimedia Commons.

p. 150: Pictorial Press / Alamy Stock Photo/ Fotobanco.pt

p. 151: *Vladimir Lenin*, Pavel Semyonovich Zhukov, reprodução de Carl Ha / Wikimedia Commons.

p. 157: *HCP (KGB) of the USSR, a badge of honor to the 5th anniversary of the Cheka-GPU*, autor desconhecido, reprodução de Mickey32 / Wikimedia Commons.

p. 161: Colecção José Milhazes: direitos reservados.

p. 168: Giancarlo Costa/ Bridgeman Images / Fotobanco.pt

p. 169: *Leon Trotsky speaks from the Armoured Train during the Russian Civil War in 1920*, autor desconhecido, reprodução de Armenius Vambery / Wikimedia Commons.

p. 176: Battleship Potemkin *original movie poster*, Goskino Films, reprodução de GreatLakesShips / Wikimedia Commons.

p. 178: *Demolition, 5 December 1931*, autor desconhecido, Russavia / Wikimedia Commons.

p. 183: Shutterstock.

p. 185: Alpha Historica/ Alamy Stock Photo/ Fotobanco.pt

p. 193: *Yakov Guminer's 1931 propaganda poster reading: «The arithmetic* of *an industrial-financial counter-plan: 2 + 2 + Enthusiasm of workers = 5»*, Yakov Guminer, reprodução de M5 / Wikimedia Commons.

p. 197: *Raise Higher the Banner of Marx, Engels, Lenin and Stalin!*, Gustav Klutsis, reprodução da Universidade de Pittsburgh.

p. 200: *Police photographs of Zinoviev, taken by the NKVD after his arrest in 1934*, autor desconhecido, reprodução de Slick-o-bot / Wikimedia Commons.

p. 203: *Location map of Soviet Gulag system concentration camps*, Antonu / CC-BY-SA-3.0.

p. 206: Lebrecht Music Arts/ Bridgeman Images/ Fotobanco.pt

p. 210: *Common parade of Wehrmacht and Red Army in Brest at the end of the Invasion of Poland. At the center Major General Heinz Guderian and Brigadier Semyon Krivoshein*, Bundesarchiv, Bild 101I-121-0011A-22 / Gutjahr / CC BY-SA 3.0 DE.

p. 219: *Soviet soldiers attack*, RIA Novosti archive, image #44732 / Zelma / CC-BY-SA 3.0, reprodução de Hohum.

p. 227: Sarin Images/ GRANGER/ Fotobanco.pt

p. 229: Ria Novosti/ Fotobanco.pt

p. 233: *General Secretary Khrushchev speaking before the 20th CPSU Congress in 1956*, autor desconhecido, reprodução de Lui1815 / CC-BY-SA 4.0.

p. 234: *USSR postage stamp of 1979, celebrating the 25th anniversary of the Virgin Lands Campaign*, G. Komlev, reprodução de Grebenkov / Wikimedia Commons.

p. 235: *A replica of Sputnik 1, the first artificial satellite in the world to be put into outer space: the replica is stored in the National Air and Space Museum*, NSSDC, NASA, reprodução de NH2501 / Wikimedia Commons.

p. 237: *Brick khrushchyovka in Tomsk*, Svetlov Artem / CC-BY-SA-3.0.

p. 239: Effigie / Bridgeman Images.

p. 243: *During the Soviet invasion of Czechoslovakia, Czechoslovaks carry their national flag past a burning tank in Prague*, The Central Intelligence Agency, reprodução de Denarivs / Wikimedia Commons.

p. 246: Colecção José Milhazes: direitos reservados.

p. 251: Everett Collection/ Alamy Stock Photo/ Fotobanco.pt

p. 254: *The destroyed Chernobyl reactor, one of four units operating at the site in Ukraine in 1986*, IAEA Imagebank, Photo Credit: USFCRFC, reprodução de ChNPP / CC-BY-SA-3.0.

p. 259: *The Fall of the Berlin Wall, 1989. The photo shows a part of a public photo documentation wall at the Brandenburg Gate, Berlin*, autor desconhecido, reprodução de Lear 21 / CC-BY-SA-3.0.

p. 264: *The Kremlin, Moscow. President Boris Yeltsin with Patriarch Alexy II of Moscow and All Russia and Prime Minister Vladimir Putin*, Kremlin.ru, reprodução de Russavia / CC-BY-SA-4.0.

p. 270: *Vladimir Putin (2018-03-01)*, Kremlin.ru, reprodução de Roman Kubanskiy / CC-BY-SA-4.0.

p. 273: *Primary Russian Oil and Gas pipelines to Europe*, United States Department of Energy – DOE, reprodução de TLSuda / Wikimedia Commons.

p. 278: ITAR-TASS/ Alamy Stock Photo/ Fotobanco.pt

p. 282: Sputnik/ Fotobanco.pt

BIBLIOGRAFIA ACONSELHADA

ALEKSIEVITCH, Svetlana, *O Fim do Homem Soviético*, Porto Editora, 2015.

_____, *A Guerra Não Tem Rosto de Mulher*, Elsinore, 2016.

_____, *Rapazes de Zinco*, Elsinore, 2017.

ARUTUNYAN, Anna, *A Mística de Putin*, Quetzal Editores, Outubro de 2014.

ARENDT, Hannah, *Origens do Totalitarismo*, Cia. das Letras, São Paulo, 1989.

BULGAKOV, Mikhail, *O Mestre e Margarita*, Editorial Presença, 2015.

CARR, E. H., *A Revolução Bolchevique*, Afrontamento, 1984.

COHEN, Stephen, *Bukharin, Uma Biografia Política, 1888-1938*, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1990.

COURTOIS, Stephane, Werth; Nicolas; Panné, Jean-Louis; Paczkowski, Andrjei; Bartosek, Karel; Margolin, Jean-Louis, *O Livro Negro do Comunismo*. Quetzal, 1998.

DAVIES, R.W., *Censura e Falsificações na História da URSS,* Edições 70, 1989.

DEUTSCHER, Issac, *Trotski. O Profeta Banido*, Civilização Brasileira, 2006.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor, *O Idiota*, Relógio d'Água, 2014.

_____, *Crime e Castigo*, Editorial Presença, 2001.

_____, *Os Irmãos Karamazov*, Relógio d'Água, 2012.

FARQUHAR, Michael, *As Vidas Secretas dos Czares*, Texto Editores, 2014.

FERRO, Marc, *A Revolução Russa de 1917*, Dom Quixote, Lisboa, 1972.

_____, *Nicolau II, O Último Czar*, Edições 70, 2002.

FIGES, Orlando, *Crimeia*, Record, 2018.

_____, *A Tragédia de Um Povo. A Revolução Russa 1891-1924*, Dom Quixote, 2017.

_____, *Uma História Cultural da Rússia*, Record, 2017.

_____, *Sussurros: A Vida Privada na Rússia de Estaline*, Alêtheia Editores, 2010.

FITZPATRICK, Sheila, *A Revolução Russa*, Tinta-da-China, 2017.

FREEZE, Gregory L., *História da Rússia*., Edições 70, 2017.

GADDIS, John Lewis, *A Guerra Fria*, Edições 70, 2021.

GILBERT, Martin, *História do Século XX*, Vol. 2 (1914-1925), Dom Quixote/*Expresso*, Lisboa, 2013.

GOGOL, Nikolai. *Almas Mortas*, Assírio & Alvim, 2002.

_____, *Tarass Bulba, o Cossaco*, E-Primatur, 2017.

GONTCHAROV, Ivan, *Oblomov*, Tinta-da-China, 2019.

GORBATCHOV, Mikhail, *Perestroika: Novo Pensamento para o Nosso País e para o Mundo*, Publicações Europa-América, Mem Martins/Sintra, 1987.

GORKI, Máximo, *A M*ãe, Edições Avante, 2018.

GROSSMAN, Vassili, *Vida e Destino*, Dom Quixote, 2011.

_____, *Tudo Passa*, Dom Quixote, 2013.

LENINE, Vladimir Ilitch, *Obras Escolhidas de Lénine*, 6 Tomos, Editorial Avante, 1989.

LITVINENKO, Alexander; Felsdtinsky, Yuri, *Terror na Rússia*, Porto Editora, 2007.

LUGOVSKAIA, Nina, *Eu Quero Viver*, Casa das Letras, 2005.

KISSINGER, Henry, *Diplomacia*, Gradiva, 1996.

_____, *A Ordem Mundial*, Dom Quixote, 2014.

MANFRED, A.Z., *História do Mundo*, Edições Sociais, 1976.

MARINHO, José Sampaio, *Poesia Soviética e Russa – Século XIX e XX*, Labirinto, 2010.

MERRIDALE, Catherine, *Lenine no Comboio*, Temas e Debates, 2017.

MIGUENS, Silvia, *Catarina, a Grande*, Casa das Letras, 2012.

MILHAZES, José, *Angola: O Princípio do Fim da União Soviética*, Nova Vega, 2009.

_____, *A Mensagem de Fátima na União Soviética-Rússia*, Alêtheia, 2016.

_____, *dos Portugueses na Rússia*, INCM, 2012.

_____, *As Minhas Aventuras no País dos Sovietes*, Oficina do Livro, 2017.

_____, *Lavrenti Béria: O Carrasco ao Serviço de Estaline*, Oficina do Livro, 2018.

_____, *O Essencial sobre o Fim do Império Soviético*, INCM, 2009.

_____, *O Favorito Português de Pedro,* o Grande, Livros d'Hoje, 2015.

_____, *Os Blumthal, Uma História Real de Vidas Sacrificadas às Piores Utopias e Tiranias do Século XX*, Oficina do Livro, 2019.

_____, *Rússia e Europa: Uma Parte do Todo*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, Lisboa, 2016.

MILHAZES, José; DOMINGUES, João, *Antologia do Pensamento Geopolítico e Filosófico Russo, Século IX-XXI*, Dom Quixote, 2017.

MYERS, Steven Lee, *O Novo Czar: A Ascensão e o Reinado de Vladimir Putin*, Edições 70, 2016.

MONTEFIORE, Simon Sebag, *Os Romanov – Livro 1: Ascensão 1613-1825*, Editorial Presença, 2017.

_____, *Os Romanov – Livro 2: Declínio 1826-1918*, Editorial Presença, 2017.

PASTERNAK, Boris, *Doutor Jivago*, Publicações Europa-América, 2006.

PEDROSO, Z. Consiglieri, *Vinte Dias na Rússia, Impressões de Uma Primeira Viagem*, Feitoria dos livros, 2017.

PEREIRA, Carlos Santos, *A Gesta do Príncipe Igor*, Cotovia,1992.

PIPES, Richard, *História Concisa da Revolução Russa*, Record, 2017.

POLITKOVSKAYA, Anna, *A Rússia de Putin*, Pedra da Lua, 2007.

PRIESTLAND, David, *A Bandeira Vermelha – História do Comunismo*, Texto, 2013.

REED, John, *Dez Dias Que Abalaram o Mundo*, Europa-América, 1976.

SERGE, Victor, *O Caso do Camarada Tulaev*, E-Primatur, 2016.

SILVA, Rui Manuel, *O Lobo e a Hiena. O Plano para a Conquista da Europa*, Alêtheia Editores, 2017.

SOLJENITZIN, Aleksandr, *O Arquipélago Gulag*, Sextante Editora, 2017.

SOROKIN, Vladimir, *Novos Contos Russos*, Esconderijo dos livros.

TAUBMAN, William, *Gorbachev. A Biografia*, Desassossego, 2018.

TOLSTOI, Lev, *Guerra e Paz*, Saída de Emergência, 2017.
TROYAT, Henri, *Ivan, O Terrível*, Nórdica, 1982.
VOLKOGONOV, Dmitri, *Lenine – Uma Nova Biografia*, Edições 70, 2008.
_____, *Stalin: Triunfo e Tragédia*, Fronteira, 2004.
WERTH, Nicolas, *1917 – A Rússia em Revolução*, Quimera, 2003.
ZAMIATINE, Evgueni, *Nós*, Antígona, 1999.

«José Milhazes viu a URSS dar lugar à Rússia, chegou com Brejnev e saiu com Putin.» **NUNO PACHECO, PÚBLICO**

«Como leitor estou-lhe profundamente agradecido.»
JAIME GAMA

A MAIS BREVE HISTÓRIA *da* RÚSSIA

DOS ESLAVOS A PUTIN

José Milhazes